

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO
PUC-SP**

MARY YOKO OKAMOTO

DEKASSEGUI E FAMÍLIA: ENCONTROS E DESENCONTROS

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**SÃO PAULO
2007**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
SÃO PAULO
PUC-SP**

MARY YOKO OKAMOTO

DEKASSEGUI E FAMÍLIA: ENCONTROS E DESENCONTROS

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica sob a orientação da Profa. Doutora Rosa Maria S. de Macedo.

DOUTORADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

**SÃO PAULO
2007**

Banca Examinadora

RESUMO

Este trabalho refere-se a uma pesquisa realizada com famílias de *dekasseguis* (trabalhadores brasileiros que migram para o Japão) nas quais os avós permanecem no Brasil com a responsabilidade da educação dos netos. O objetivo do trabalho referiu-se à compreensão da estrutura e padrão de funcionamento familiar apresentado por tais famílias que possuem um modelo baseado na cultura japonesa, buscando perceber como tais aspectos influenciam na relação estabelecida entre avós-pais-netos. Foram realizadas quatro entrevistas com avós e netos, utilizando um referencial metodológico qualitativo numa abordagem familiar sistêmica e os resultados apontaram para a importância das crenças, dos padrões afetivos, da autoridade, da lealdade e do delineamento das fronteiras familiares para o enfrentamento da situação de separação do grupo ocasionada pela migração de alguns de seus membros.

PALAVRAS-CHAVES: *dekasseguis*, família, padrão de interação familiar, psicologia, teoria sistêmica.

ABSTRACT

This work refers to a research carried through with families of *dekasseguis* (Brazilian workers that migrate to Japan) in which the grandmothers remain in Brazil with the responsibility of the education of the grandsons. The objective of the work referred to the understanding of the structure and standard of familiar functioning presented by such families which possess a model based on the Japanese culture, searching to perceive how such aspects influence in the relation established among grandmothers-fathers-grandsons. Four interviews with grandmothers and grandsons have been carried through, using a qualitative methodological referential in a systemic familiar approach and the results have pointed to the importance of the beliefs, affective standards, authority, loyalty and delineation of the familiar borders for the confrontation of the situation of separateness of the group caused by the migration of some of its members.

KEY-WORDS: *dekasseguis*, family, standard of familiar interaction, psychology, systemic theory.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que sempre me apoiou e me acompanhou em todos os momentos decisivos da minha vida.

A todas as famílias participantes da pesquisa que aceitaram compartilhar e expressar todas as suas vivências em decorrência da emigração de parte de seu grupo ao Japão.

À Profa. Doutora Rosa Maria S. de Macedo pela orientação segura, sabedoria e dedicação a esse trabalho.

Alê, pelo companheirismo, atenção e colaboração nesse difícil momento.

Aos Profs. Doutores Ceneide M. Cervený e Francisco Hashimoto pelas valiosas contribuições no exame de Qualificação.

Ao Jonas Feltrin, pelo trabalho de transcrição das entrevistas.

A todos os meus amigos e colegas pelo apoio e incentivo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. A EMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL	3
1.1 As características da imigração nipônica	3
1.2 A vida dos imigrantes japoneses nas fazendas	18
1.3 A imigração após 1934	27
2. JAPÃO: ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS	33
2.1 Antecedentes históricos da Restauração <i>Meiji</i>	33
2.2 A Era <i>Meiji</i>	40
2.3 O <i>on</i> : obrigações e devoção nas relações interpessoais da cultura japonesa	44
3. A FAMÍLIA JAPONESA	49
3.1 A família japonesa tradicional	49
3.2 A família japonesa no estado de São Paulo	59
4. O MOVIMENTO <i>DEKASSEGUI</i>	66
4.1 Retrospectivo histórico	66
4.2 Características do movimento <i>dekassegui</i>	73
4.3 Dificuldades e problemas enfrentados no movimento <i>dekassegui</i>	81
5. FAMÍLIA E MIGRAÇÃO.....	96
5.1 Rompimentos de vínculo e cultura	96
5.2 Família e estrutura	101
5.3 Padrões interacionais na família	106

6. METODOLOGIA	114
6.1 Método	114
6.2 Procedimentos	115
6.3 Participantes	117
6.4 Entrevistas	118
6.5 Análise das entrevistas	118
7. ANÁLISE DOS RESULTADOS	120
7.1 Família da sra. Tsubaki	121
7.2 Família da sra. Sakura	135
7.3 Família da sra. Kiku	157
7.4 Família do sr. Momiji e da sra. Tsutsuji	173
8. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	188
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	200
10. REFERÊNCIAS	211
11. ANEXOS	218
11.1 Anexo I – Termo de consentimento.....	219
11.2 Anexo II – Roteiro de entrevista.....	221
11.3 Anexo III – Transcrições das entrevistas	224

INTRODUÇÃO

Nessa pesquisa buscamos investigar a estrutura das famílias nipo-brasileiras nas quais os avós são responsáveis pela educação e cuidados dos netos no Brasil durante a permanência dos seus filhos como trabalhadores *dekasseguis* no Japão. Interessamo-nos em compreender a constituição de tais famílias, levando em consideração os aspectos culturais e sociais que influenciaram sua formação. Nesse sentido, nosso caminho iniciou-se com a chegada dos japoneses ao Brasil, em 1908.

Para alcançar tal proposta, apresentamos no capítulo 1, um breve histórico a respeito do processo da imigração japonesa no Brasil, apontando as características e as causas que justificaram esse movimento, além dos contornos específicos delineados ao longo dos anos, especificamente com a II Guerra Mundial, fato que marcou a vida desses imigrantes e suas famílias.

No capítulo 2, apontamos algumas características históricas do Japão, buscando os motivos que causaram a necessidade do início dessa corrente migratória. Para isso, buscamos na literatura o período da Era *Meiji* e seus aspectos culturais, econômicos e sociais, em busca da compreensão das influências e do contexto que os imigrantes japoneses trouxeram ao aportar em terras brasileiras.

O capítulo 3 tratou das características da família tradicional japonesa predominante durante o período feudal da história daquele país. Encontramos informações importantes a respeito do funcionamento familiar nipônico que nos serviu de base para entender a constituição das famílias desses imigrantes no estado de São Paulo.

O movimento migratório dos *dekasseguis* é tratado no capítulo 4, com as peculiaridades e dificuldades encontradas tanto pelos trabalhadores como suas famílias.

Embora seu início tenha ocorrido de maneira tímida, atualmente, envolve uma parcela significativa da comunidade *nikey* que parte em busca dos mesmos objetivos de seus antepassados: a busca da prosperidade e enriquecimento.

No capítulo 5, temos o referencial teórico baseado na teoria familiar sistêmica, especialmente com relação à estrutura e modelo de funcionamento do sistema familiar. Utilizamos as contribuições de Minuchin (1989) e Cerveny (2000) para compreender as famílias de *dekasseguis* apontadas nesse trabalho. Além disso, apresentamos também a imigração enquanto processo que afeta o modo de relação na família, principalmente devido às rupturas e separações provocadas por esse movimento.

O capítulo 6 aponta a metodologia e procedimentos utilizados no desenvolvimento da pesquisa, que envolveu o método de pesquisa qualitativa através da utilização da entrevista como técnica de coleta de dados.

Os resultados encontrados na pesquisa são apresentados no capítulo 7, no qual demonstramos os dados referentes à estrutura e funcionamento de todas as famílias entrevistadas separadamente, além do resumo da história de vida de cada uma delas.

No capítulo 8, discutimos os dados apresentados anteriormente, em busca das comunalidades e peculiaridades percebidas nessa pesquisa. Pudemos notar a importância dos processos de separação e luto vivenciadas com a imigração e como tais aspectos influenciaram as relações e o funcionamento das famílias estudadas.

Por fim, no capítulo 9, realizamos nossas considerações finais, nas quais buscamos tecer os fios que servem de sustentação dessas famílias, seja do ponto de vista cultural e histórico como da constituição de cada grupo familiar.

CAPÍTULO 1: A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

1.1 As características da imigração nipônica

Para nos referir ao processo migratório vivido pelos *dekasseguis* é importante compreendermos inicialmente o processo de imigração japonesa no Brasil, pois essa imigração possui características peculiares que julgamos muito importantes para que possamos entender o processo de migração e a experiência vivida atualmente pelos descendentes *nikkeys* que fazem o caminho inverso de seus ancestrais: partem rumo ao Japão com o mesmo objetivo dos imigrantes, isto é, em busca de enriquecimento.

Oficialmente, a história da imigração japonesa iniciou-se no ano de 1908, mais precisamente, no dia 14 de junho desse ano, quando chegaram ao Brasil os primeiros imigrantes a bordo do navio *Kasato-maru*, num total de 781 pessoas. Esses imigrantes dirigiram-se ao Brasil devido a um processo de crise financeira pelo qual atravessava seu país de origem, tendo como objetivo, o enriquecimento rápido e fácil, conforme fora propagado no Japão para um posterior retorno ao seu país. A respeito do processo histórico pelo qual passava o Japão durante esses anos, trataremos adiante.

Os japoneses vieram ao Brasil iludidos de que aqui encontrariam as “árvores dos frutos de ouro”, alusão feita aos frutos do cafeeiro utilizada pela propaganda pró-imigração realizada no Japão.



Cartaz de propaganda utilizada no Japão para promover a imigração para a América do Sul.
Fonte: HANDA, op.cit., p. 59

Movidos pelo forte desejo de retorno, podemos ter uma noção dos esforços dispensados pelos japoneses em se submeter a situações de trabalho pesado e a impor-se uma qualidade de vida de grande sacrifício também aqui no Brasil que pudesse levá-los ao tão esperado sonho de riqueza e retorno. Toda essa

ânsia pela acumulação explica a vida itinerante que os japoneses levavam. Não queriam nada que os prendessem durante muito tempo em um mesmo local; tinham pressa em buscar trabalhos que os remunerassem melhor para assim retornar o mais rápido possível para a sua terra natal. (SETOGUTI,1999, p.100)

Após sua chegada, os imigrantes foram enviados à Hospedaria de Imigrantes, na cidade de São Paulo, na qual permaneceram cerca de 15 dias até dirigirem-se para as fazendas cafeeiras distribuídas pelo interior do estado de São Paulo. Como a viagem marítima durava cerca de 52 dias, até que os imigrantes fossem enviados às fazendas cafeeiras tiveram que aguardar cerca de 70 dias, desde a sua saída do Japão. Do total de imigrantes, 773 pessoas (586 homens e 187 mulheres) foram para as fazendas, enquanto os demais permaneceram na cidade de São Paulo. É importante frisar que a Companhia de Imigração enviou cinco intérpretes que acompanharam os imigrantes desde a sua chegada na Hospedaria até as fazendas para as quais foram enviados, na tentativa de facilitar a comunicação entre os imigrantes e os fazendeiros.

Ainda na Hospedaria de Imigrantes, os imigrantes japoneses causaram uma boa impressão, principalmente pela sua organização, higiene e hábitos considerados “dóceis” pelos brasileiros. Essas características foram descritas em reportagens do *Correio Paulistano*:

São muito dóceis e sociáveis, tendo manifestado uma grande vontade de aprender a nossa língua, e no refeitório não deixam cair um grão de arroz ou uma colher de caldo. Depois de cada refeição, que dura de uma e meia a duas horas, o pavimento do salão está como antes della. Os dormitórios quasi não precisam ser varridos, mal se encontrando de longe em longe um pedacinho de papel ou um phosphoro queimado, que algumas vezes são dos serventes da hospedaria. (HANDA, 1987, p. 9)

Os imigrantes japoneses desembarcaram no Brasil principalmente para ocupar postos de trabalho na lavoura cafeeira, no estado de São Paulo. Essa corrente imigratória foi concebida como um processo de importação de trabalhadores assalariados, organizada pelos próprios fazendeiros através de ação estatal. Segundo Cardoso (1998, p. 30), “A

organização desta imigração só foi possível através da constituição de um mecanismo de financiamento do transporte e da formulação de um novo tipo de trabalho, o colonato.¹

De acordo com o contrato de imigração celebrado entre a Companhia de Emigração Japonesa (*Kokoku Shokumin Kaisha* – Companhia Imperial de Emigração) e o Governo do Estado de São Paulo, os imigrantes assumiam a obrigação de trabalhar na colheita de café para amortizar os seus débitos, pois apesar de ter parte das despesas subvencionada pelo Governo do Estado, 40% da mesma deveria ser devolvida ao empregador. As despesas de viagem eram por conta de cada interessado. Dessa forma, esse contrato tinha duração de um ano agrícola.²

Porém, à época da chegada dos imigrantes, já havia decorrido a metade da época de colheita do café, o que significa que restava apenas a metade do tempo para obter os ganhos pela colheita segundo os dados do contrato, sendo que o trabalho restante resumia-se ao tratamento dos cafeeiros. Dessa forma, os imigrantes viram-se obrigados a realizar mais um ano de trabalho como colonos para cumprir o contrato. Soma-se a isso, o fato de que a colheita de café desse ano (1908), foi muito deficiente se comparado às dos anos anteriores. Como essas safras anteriores foram excepcionais, em 1908 vivia-se um momento crítico de excesso de produção e conseqüente queda da cotação do preço do café.

Além disso, o ganho propagado pela Companhia de Imigração Japonesa era de 9 a 10 ienes diários, por família de três pessoas. Porém, o ganho real obtido era de cerca 0,60 ienes, o que mal dava para cobrir as despesas da família, pois a colheita nesse ano foi

¹ Segundo Cardoso (1998), esse tipo de relação de trabalho caracterizou-se por uma combinação entre pagamento por tarefa, por participação na produção (participação mínima) e permissão de plantação independente em algumas partes de terra.

² Segundo Handa (op.cit.), nessa primeira leva de imigrantes, o custo com a viagem era de 150 ienes por pessoa, sendo que o salário de um professor primário substituto japonês na época era de 4 a 5 ienes. A maioria dos imigrantes necessitou emprestar dinheiro da família para custear a viagem. A preocupação com os ganhos, ao chegarem ao Brasil, também dizia respeito às dívidas contraídas no Japão para emigrar.

abaixo da expectativa e cada família não conseguia colher mais do que 1 ½ sacas de café diárias. Isso foi um dos grandes fatores geradores de insatisfação por parte dos japoneses, pois além das dívidas feitas por conta da viagem, começaram a perceber a dificuldade em obter a tão sonhada riqueza prometida.

Com relação às famílias nipônicas que migraram para o Brasil, é importante apontar que para cumprir a exigência imposta para emigrar – trazer mais de três familiares capacitados para o trabalho, isto é, acima de 12 anos - encontramos várias “famílias compostas”, ou seja, famílias que não contavam com esse número de mão-de-obra e que para cumprimento de tal exigência trouxeram parentes, amigos ou conhecidos compondo a família. Não era raro que casamentos fictícios fossem realizados às pressas para emigrar, além da utilização de adoções quando o casal ainda não possuía filhos em idade produtiva. (Hashimoto, 1995.)

Para Cardoso (op.cit.), essa exigência da política migratória brasileira, de que os imigrantes deveriam vir em grupos familiares, fez com que houvesse uma certa proporção entre a distribuição de japoneses por sexo e de várias gerações, não havendo uma predominância masculina e adulta.

Inicialmente, as famílias imigrantes eram compostas principalmente por indivíduos adultos em idade produtiva, enquanto no segundo período da imigração (1926 até o início da II Guerra Mundial) pode-se notar uma maior proporção de idosos e crianças.

Como o objetivo inicial dessas famílias era retornar o mais depressa possível para o Japão, inicialmente procuravam evitar em trazê-los, dando preferência aos homens e mulheres em idade jovem. Esses jovens que haviam assumido o compromisso, ainda no Japão, de possibilitar a vinda dos chefes de família ao Brasil, muitas vezes se separavam do grupo assim que se encerrava o contrato de trabalho. Porém, aqueles que no Japão eram

submissos ao irmão sucessor (primogênito) ou tivesse sido severamente advertido pelo pai, permaneceu na família composta, trabalhando como empregado doméstico da mesma.

Outra importante característica desse primeiro grupo de imigrantes foi quanto à ocupação que possuíam no Japão. Apesar de serem enviados para as lavouras cafeeiras, aproximadamente apenas 1/7 desses imigrantes constituía-se de lavradores no Japão, o que certamente dificultou muito o trabalho inicial realizado nas fazendas. Segundo Handa (op.cit.), a maioria das pessoas eram pequenos comerciantes falidos, mineradores, professores de ensino primário, estudantes, pescadores, funcionários públicos sem expectativas, artistas de teatro, jogadores, marinheiros desempregados, prostitutas.

Porém, de modo geral, ao longo de toda a história da imigração japonesa para o Brasil, Cardoso (op.cit.) caracteriza que de toda a população recebida pelo Brasil, 94% do total dos chefes de famílias constituía-se de agricultores.

Essa primeira leva de imigrantes foi enviada a seis fazendas cafeeiras do interior do Estado de São Paulo: **Fazenda Floresta**, na Estação Itu (atual cidade de Itu); **Fazenda Canaã**, na Estação Canaã da linha Mojiana (40 km da cidade de Ribeirão Preto); **Fazenda Dumont**, na Estação Dumont da linha Mojiana; **Fazenda Guatapará**, na estação Guatapará da linha Paulista; **Fazenda São Martinho**, na Estação Martinho Prado da linha Paulista (próxima da atual cidade de Pradópolis) e **Fazenda Sobrado**, na Estação Treze de Maio da linha Sorocabana (próximo à cidade de Botucatu e São Manoel).

Diante das grandes diferenças culturais, alimentares, de hábitos higiênicos, da língua e, principalmente da insuficiência de ganho financeiro, os imigrantes japoneses encontraram grandes dificuldades para a fixação nas fazendas, chegando ao número de 400 pessoas que, nessa primeira leva de imigrantes, abandonou o trabalho apenas 6 meses após sua entrada nas fazendas. Por isso, segundo NOVAIS (1998, op. cit., p. 238), esse grupo foi

o que apresentou a maior mobilidade entre os imigrantes que chegaram no país. “Descontentes com as fazendas onde estavam, fugiam à noite, às vezes mesmo sem ter completado um ano de trabalho, mas sempre com o apoio de toda a colônia.”

Devido a esses fatores, o relato a respeito dos primeiros imigrantes japoneses foi considerado como um fracasso, levando-se em consideração a grande mobilidade apresentada por esse grupo de imigrantes.

Handa (op.cit.) aponta os principais fatores que justificam tal fracasso, e que devem ser levados em consideração quando analisamos o processo de fixação dos japoneses no Brasil:

1. O pequeno número de lavradores que compunha a população, o que contribuiu para grande parte do abandono do trabalho, pois muitas pessoas não suportaram o trabalho pesado, levado de sol a sol sob a intensa fiscalização dos fiscais das fazendas.
2. O objetivo de realizar fortuna rápida, fez com que a maioria dessas pessoas contraíssem dívidas no Japão movidas pela ilusão de que no Brasil ganhava-se dinheiro fácil, o que não ocorreu na realidade.
3. A baixa colheita de café no ano da chegada dos imigrantes. Com isso, o ganho não chegava a $\frac{1}{4}$ do esperado, o que levava muitos chefes de família ao desespero, levando-se em consideração as dívidas citadas no item anterior.
4. A falta de cuidado na composição da família para emigrar. Levados pelo único objetivo de ganho financeiro, nessa composição familiar juntaram-se pessoas das mais variadas ambições e características, que inicialmente procuravam suportar todas as dificuldades para atingir seus objetivos.

Porém, ao se deparar com a dura realidade do trabalho e da vida nas fazendas, muitos componentes fugiram e mudaram-se, sem que os chefes de família pudessem evitar tal desmantelamento familiar.

5. Devido ao desconhecimento da culinária brasileira e do cansaço resultante do trabalho pesado, muitos japoneses apresentaram quadros de anemia e debilitação física, o que dificultava ainda mais a adaptação das famílias e o rendimento no trabalho.
6. O total desconhecimento das condições de vida e da língua somados à ineficiência dos intérpretes que também eram inexperientes.
7. O fato da convocação dos imigrantes ter sido realizada por empresas que desconheciam o Brasil foi um dos agravantes na desilusão vividas pelos imigrantes ao deparar-se com a realidade totalmente adversa que encontraram.

Apesar de todos esses fatores que marcaram principalmente os imigrantes do *Kasato-maru*, no dia 28 de junho de 1910 chegaram ao Brasil mais 906 japoneses, somando 247 famílias, a bordo do *Ryojun-maru*. E outras levadas de imigrantes chegaram ao Brasil até o ano de 1952, quando cessa essa corrente migratória.

O contrato realizado para essa leva de imigrantes foi de 2 anos de trabalho, com proibição a greves e abandono de emprego. Para garantir essas cláusulas, era necessário a assinatura de 2 fiadores por contrato.

É óbvio que não foi possível garantir que os imigrantes não abandonassem o trabalho, porém, em comparação com a população de imigrantes anterior, houve grandes diferenças entre elas. Inicialmente, os intérpretes já estavam mais habituados com o país, assim como os imigrantes veteranos que constituíram um apoio aos recém-chegados.

Além disso, a safra desse ano foi um sucesso, o que contribuiu para um melhor rendimento pelas famílias. Pode-se notar claramente que a estabilização desses imigrantes foi muito maior, se compararmos o número de abandono do trabalho: 225 ao longo dos primeiros nove meses de trabalho.

Podemos considerar que os pontos positivos apresentados por essa segunda leva de imigrantes foi muito superior aos apresentados pela anterior, porém, ainda haviam reclamações quanto às fazendas para as quais eram enviadas. Porém, como a imigração japonesa deu-se pela vontade e esforços dos fazendeiros de café que manipulavam grande parte da política migratória do Estado, era muito difícil excluir ou mesmo melhorar as condições de trabalho e de vida existentes nas fazendas que os recebiam.

Apesar de todas essas dificuldades vividas por essas primeiras populações de japoneses, o contingente de imigrantes nipônicos para o Brasil atingiu, até o ano de 1952, cerca de 190.000 mil pessoas, sendo inferior apenas aos italianos, portugueses e espanhóis que constituíram as maiores populações de imigrantes no Brasil.

Segundo dados relativos à imigração japonesa, SAITO (1982, p. 8) aponta que esse movimento apresentou 5 fases distintas:

1. De 1908 a 1924, fase experimental;
2. De 1925 a 1941, fase de maior intensidade;
3. De 1942 a 1952, fase de interrupção da corrente;
4. De 1953 a 1962, fase de imigração após guerra e
5. De 1963 a 1980, fase de transferência de empresas.

Na primeira fase, a imigração foi caracterizada como essencialmente agrícola, pois como já foi dito anteriormente, os japoneses foram enviados para as frentes de cafeicultura do estado.

Durante a segunda fase, o governo paulista recusou o pagamento dos subsídios para a viagem dos imigrantes, principalmente pelo baixo índice de fixação apresentado por essa

população. Dessa forma, inicia-se um novo momento da história dessa corrente imigratória, pois a partir de 1925, o governo japonês demonstra grande interesse pelo Brasil, principalmente por constituir-se no único país aberto aos nipônicos, passa a subvencionar os imigrantes. Durante esse período, notamos o maior número de entradas, que atinge quase 150.000 pessoas, correspondendo a mais de 75% dos imigrantes japoneses que chegaram antes da II Guerra Mundial.

Nessa etapa, “as atividades agrícolas ainda continuavam se mantendo como as principais entre os imigrantes, mas já despontavam algumas atividades consideradas economicamente independentes” (HASHIMOTO, 1995, p. 74), pois os japoneses puderam deixar de ser um grupo isolado, relacionando-se como os outros grupos étnicos. Além disso, os recém-chegados já podiam contar com uma rede de apoio e de infra-estrutura formada pelos conterrâneos que encontravam-se integrados ao país.

Em 1927, surge no Japão a Federação das Associações Ultramarinas cujo órgão representativo no estado de São Paulo é a Sociedade Colonizadora do Brasil (Bratac), com a finalidade de

recrutar e encaminhar imigrantes com algum recurso, que pudessem responsabilizar-se pela compra de um pequeno lote. A Bratac, a partir de 1928, adquiriu glebas de terra nos Estados de São Paulo e Paraná, para loteá-las e vendê-las aos colonos, formando núcleos agrícolas. (CARDOSO, op.cit., p.35)

A Bratac foi responsável pela criação dos núcleos de colonização³ de Aliança, Tietê (atual município de Pereira Barreto), Bastos e Três Barras (este núcleo localiza-se no norte

³ Segundo YOSHIOKA (1995), além desses núcleos de colonização organizados pela Bratac, encontramos outros dois tipos de núcleos no Estado de São Paulo. No primeiro tipo, temos aqueles organizados espontaneamente pelos imigrantes que agruparam-se entre os compatriotas, formando núcleos coloniais como os encontrados nos municípios de Mairiporã, Suzano, Mogi das Cruzes e Birigui. Encontramos também aqueles núcleos constituídos por pioneiros em torno de um líder que adquiriram áreas de terra revendendo-as em lotes de cerca de 10 alqueires. Temos os núcleos de Hirano (atual município de Cafelândia), Uetuska (atual município de Promissão), VaiVém (município de Santo Anastácio) e Brejão (município de Álvares Machado). Esses núcleos sofreram muitas dificuldades, principalmente o surto de malária responsável pela

do Estado do Paraná, atual município de Assaí), importantes pólos de imigração japonesa no Brasil.

Os imigrantes que se dirigiram para esses núcleos foram denominados “imigrantes de colonização”, contavam com um capital inicial, ao contrário dos demais que para cá vieram como assalariados. Os pioneiros também já haviam conseguido abandonar o colonato, transformando-se em lavradores independentes também aproveitaram as oportunidades oferecidas pelos núcleos. A Bratac era responsável pela infra-estrutura, saúde e educação nesses núcleos, facilitando a fixação das famílias.

Se esse período pode ser considerado o auge desse movimento migratório, o seu declínio teve início na próxima fase, pois em 1934, no governo Getúlio Vargas, uma série de medidas restritivas estabeleceram quotas para o contingente de imigrantes, limitando o número de entradas anuais de estrangeiros a 2% do total de entradas nos últimos 50 anos.

Considerando-se que a imigração japonesa foi a mais recente, foi também a maior prejudicada, diminuindo a importância dessa corrente migratória, que foi totalmente paralisada com a II Guerra Mundial.

Nesse período do governo Getúlio Vargas, surge o regime republicano que reprime as atividades sociais e culturais desenvolvidas pelos imigrantes nos núcleos de colonização. Essa política visava claramente a assimilação dos imigrantes, justificando a proibição de atividades culturais e sociais próprias de cada etnia, o que poderia enfraquecer o movimento de uma política nacional de unificação.

morte de muitos imigrantes japoneses, especialmente nos núcleos Hirano e Uetuska, geada e problemas relativos com a documentação das terras. Porém, eles são resultados do desejo de muitos imigrantes de tornar-se dono da própria terra e de alguns pioneiros que funcionaram como líderes desses grupos. É importante notar que a disposição geográfica da maioria desses núcleos acompanhou as estações da Estrada de Ferro Noroeste, iniciada em 1905.

Os imigrantes nipônicos reagiram a tal medida através de um forte sentimento nacionalista que enfatizava a ideologia da supremacia do Japão que perdurou até o final da II Guerra Mundial.

A permissão para a entrada de japoneses só foi retomada em 1951, com o fim da Guerra. Nessa fase, predominaram os imigrantes de colonização (43,6% do total de entradas) e os imigrantes isolados. Além do número reduzido apresentado nesse período (5.927 imigrantes entraram no Brasil após 1952), a maioria imigrou individualmente e não em família.

Na última fase, houve a transferência de empresas japonesas para o Brasil, pois caracterizou - se por uma nova relação entre os dois países.

Uma característica importante desse movimento migratório que ocorreu após o grande fluxo europeu, foi o seu direcionamento para a agricultura paulista que vivia um momento de grande expansão através da cultura cafeeira, responsável pela colonização e urbanização do interior do Estado, principalmente nas regiões noroeste, oeste e sorocabana.

A expansão da agricultura paulista resultou numa busca de terra novas e inexploradas, fazendo surgir uma rede de serviços, de comunicações e comércio, responsável pelo aparecimento de fazendas, estradas e cidades. No oeste paulista, as fazendas cafeeiras diferenciaram-se das lavouras do Vale do Paraíba, pois nessa região, a mão-de-obra inicial foi constituída de escravos. Ao contrário, nas regiões oeste, noroeste e sorocabana o trabalho empregado foi o assalariado, formado principalmente pelos imigrantes.

Portanto, o imigrante participou intensamente da colonização dessa região, não apenas como assalariado, mas como pequenos artesãos e comerciantes além de agricultores de pequeno porte, aproveitando as oportunidades que surgem nessas novas regiões. Foram

responsáveis pelas transformações que ocorreram no sistema econômico nacional, diversificando e dinamizando o mercado interno, tanto como consumidores como pequenos proprietários.

A seguir, apresentamos o mapa do Estado, para ilustrar a direção tomada pela imigração japonesa:



Fonte: HANDA, op.cit., p. 207.

Devido a todas as dificuldades encontradas pelos japoneses na fixação ao Brasil, após o período de desilusão do sonho de retorno à terra natal, o objetivo das famílias foi comprar uma pequena propriedade e ascender socialmente, “de modo que a família inteira pudesse trabalhar livre e alegremente e, sem desperdício de mão-de-obra, pudesse até pensar em juntar dinheiro.” (HANDA, op.cit.,p. 206.). Os imigrantes buscavam tornar-se proprietários de terra e cultivar o que é seu.

Por isso, cerca de 50% das famílias japonesas superaram a condição de colono num prazo inferior a 5 anos, considerado pequeno se levarmos em consideração que os mesmos vieram ao Brasil recebendo um baixo salário. Porém, “apesar da rapidez com que deixam de se colonos, a maioria dos japoneses não trocou imediatamente o campo pela cidade. Optou por um período mais longo como agricultores independentes (...)” (CARDOSO, op.cit., p. 57). Esse fato é importante, pois demarca uma característica importante a essa população formada de residentes predominantemente rurais e de pequenos agricultores.

Podemos compreender tais dados como resultantes da capacidade de poupar, presente nos japoneses, herdada das relações sociais desenvolvidas no Japão da época da imigração, pelas quais, grande parte de sua população (camponeses, comerciantes, artesãos) habituou-se a um baixo nível de vida e de salários, assim como a costumes sociais de submissão.

Apesar desse dado, entre os descendentes, diminui a proporção entre agricultores e não-agricultores, demonstrando uma mudança ocupacional no grupo relacionada ao processo de ascensão profissional e urbanização.

Essa característica rural da população japonesa predominou na colonização do interior paulista, principalmente nas regiões já citadas (noroeste, oeste e sorocabana). Porém, alguns imigrantes dirigiram-se para a capital do Estado, já na primeira leva, desiludidos com a vida de agricultor no país.

Da primeira leva de imigrantes, temos a descrição de cerca de dez deles que dirigiram-se diretamente para a cidade de São Paulo, segundo Handa (1987). Porém, esse número aumentou consideravelmente, atingindo o número de 130, levando em conta apenas as 2 primeiras levas de imigrantes,

Essas pessoas desempenharam a profissão de artesãos (carpinteiros, pintores e costureiros), copeiros, auxiliar de escritório e trabalhadores do comércio e serviços e instalaram-se nos arredores do bairro da Liberdade, onde podiam encontrar porões alugados a um baixo preço.

Foi também nesse bairro que temos o registro do funcionamento uma pensão destinada para pessoas que abandonavam as fazendas. Essa pensão foi de responsabilidade de um casal de japoneses contratados pela Comercial *Fujisaki* para preparar pratos japoneses, pois entre os artigos importados pela casa comercial, encontravam-se gêneros alimentícios destinados aos próprios funcionários da casa. “ Ali, os imigrantes que fugiam das fazendas sem destino certo e que finalmente chegavam a São Paulo, depois de muito perambular, podiam ter a satisfação de saborear a comida japonesa.” (HANDA, op.cit, p. 154).

Porém, nem todos os que se dirigiram para a cidade conseguiu uma ocupação, chegando a passar por privação de alimentos e perambulando pelas ruas da cidade, sem um destino certo.

A maioria dos imigrantes que buscavam a sorte na cidade de São Paulo era composta por solteiros, principalmente os que integravam a “família composta” por aversão à dura vida que levavam nas fazendas, sem perspectivas de ganhar dinheiro. Havia também casais nos quais a mulher geralmente empregava-se em serviços domésticos. Alguns imigrantes foram para a periferia da cidade e se fixaram na plantação de hortaliças.

Estas são as principais características desse movimento migratório, que frente à perda do sonho de enriquecimento rápido e retorno para o Japão, fixou-se no Brasil, onde educaram seus filhos de acordo com sua cultura de origem.

Apresentamos, a seguir, as dificuldades e os mecanismos encontrados pelos japoneses durante sua adaptação ao Brasil.

1.2 A vida dos imigrantes japoneses nas fazendas.

Nesse momento, apresentaremos um panorama das dificuldades vividas pelos japoneses durante a sua fixação no Brasil. É importante levar em consideração que analisando os dados referentes à corrente migratória brasileira, esse movimento que ocorreu no estado paulista diferiu da que ocorreu no sul do país, na qual eram os próprios colonos que construíram suas casas em meio à floresta, o que possibilitou um cunho pessoal e cultural no arranjo das moradias. O processo ocorrido no Estado de São Paulo diferiu desse citado anteriormente e nesse estado, os imigrantes foram enviados a

casinhas previamente construídas, ou mesmo velhas senzalas adaptadas, alinhadas longe da sede da fazenda e que em nada se pareciam com aquelas descritas pelos guias dos imigrantes. O espaço interno, onde não raro viviam famílias com quatro ou mais filhos, não passava de 36m² (...). NOVAIS (op.cit., p. 258)

Nessas moradias não existiam camas, tampouco mobiliário, cabendo a cada família adquirir ou mesmo fabricar os seus próprios móveis. Como nos referimos à contextualização e caracterização da imigração japonesa, além das condições de moradia relatadas anteriormente, cabe ressaltar que elas diferiam muito das habitações japonesas, o que dificultou a adaptação desses imigrantes com relação à arrumação interna de suas moradias. Desconheciam a divisão interna das casas, bem como os utensílios domésticos e mesmo os móveis aqui encontrados.

De modo geral, todo o modo de vida encontrado no Brasil divergia do estilo de vida japonês, o que pode ser considerado como um fator gerador das dificuldades encontradas pelos japoneses para a adaptação e fixação à nova terra. Além disso, movidos pelo forte

sentimento de enriquecimento rápido e retorno ao país de origem, os japoneses não poupavam esforços em economizar e por isso, adquiriam apenas o mínimo necessário para suas vidas pois o maior objetivo era abandonar o mais rápido possível a vida que levavam nas fazendas.

O pouco cuidado com que os japoneses arrumavam suas casas foi regra, mas só para os primeiros anos, sobretudo quando eles ainda pensavam em voltar para a terra de origem o mais rápido possível. Desesperados com a vida nas fazendas, nada similar à que viviam no país natal, os nipônicos não demonstravam qualquer apreço por suas moradias. (NOVAIS, op.cit., p. 260).

O único móvel que os japoneses providenciaram no início era o leito de madeira coberto com esteira, no qual dormiam e recebiam visitas. Com o tempo, passaram a construir mesas e cadeiras com restos de madeiras obtidos nas serrarias das fazendas.

A maior preocupação dos nipônicos era obter alimentos condizentes com os seus hábitos, e para isso não poupavam esforços, passando os finais de semana cultivando suas próprias plantações, não hesitando em abandonar suas casa para cuidar de suas hortas. Não encontrando alimentos próprios à sua alimentação, os imigrantes compravam os produtos oferecidos pelos armazéns: carne seca, bacalhau seco, toicinho e arroz, ou seja, suprimentos da cozinha brasileira.

Além do tipo de alimento, não havia quem ensinasse às mulheres japonesas o modo de preparação da comida, pois era impensável naquela época, alguma intérprete que pudesse oferecer aulas de culinárias às mulheres.

Assim sendo, no desconhecimento do preparo dos gêneros comprados a duras penas, comiam a carne-seca e o bacalhau assados. Nem desconfiaram, por algum tempo, que deviam deixá-los imersos na água para amolecerem. A comida brasileira que até então os imigrantes haviam provado não ia além de canja da Hospedaria de Imigrantes, do arroz gorduroso à brasileira e do feijão contendo toicinho que haviam comido na pensão ao chegar à fazenda. Mas, não quiseram de imediato imitar o preparo desses pratos: o que eles queriam era a comida japonesa, ainda que fosse arroz cozido, solto, e imerso em água quente. Queriam mastigar peixe salgado e comer arroz cozido imerso em água quente. (HANDA, op.cit., p. 37)

Como o maior objetivo das famílias era economizar não era raro que isso ocorresse também com a alimentação, por isso, muitas vezes, alimentavam-se mal e em conseqüência, apresentavam anemias.

Não descartamos que os imigrantes de outras nacionalidades não viveram semelhantes situações de dificuldades e desilusões na chegada ao Brasil. Porém em alguns aspectos, como a língua, a alimentação, os hábitos de higiene e a educação dos filhos, o grupo nipônico talvez tenha apresentado as maiores dificuldades de adaptação, justamente pelos hábitos e culturas tão diferentes da sua.

Os hábitos de higiene também foram um motivo de grande estranhamento. Os japoneses, habituados ao banho de *ofurô*⁴, buscaram uma forma de adaptação em suas casas para que pudessem obter uma banheira. Dessa foram, adaptavam quintos sobre armações nas quais queimavam lenha, ou utilizavam água previamente aquecida em latas de querosene para os banhos. “De qualquer maneira, porém, tinha-se um banheiro, que, mais do que qualquer outra coisa, servia para dar tranqüilidade e paz ao lar japonês.” (HANDA, op.cit.,p. 131)

As diferenças relativas à língua dificultaram as relações entre os japoneses e a população local. Muitas vezes, não conseguiam se expressar e por isso, compravam produtos inadequados, demoravam a compreender as ordens dadas pelos fiscais das fazendas, além de serem enganados nos armazéns, nos quais realizavam as compras de mantimentos e alimentos.

As relações sociais estabelecidas nas fazendas cafeeiras caracterizavam-se pela existência de diversas etnias, línguas e costumes, responsável por grande parte das

⁴ Banho de imersão, com água em temperatura quente, realizado em banheiras aquecidas e próprias para o banho.

dificuldades encontradas nessas relações. A noção de solidariedade intergrupar talvez tenha sido a que mais sofreu abalos, pois existiam incompatibilidades entre os grupos da mesma etnia, além do desconhecimento dos costumes e hábitos apresentados pelos “estranhos”.

Não eram raras situações de atritos e estranhamentos, fator que intensificou a união entre os membros da mesma etnia, sobretudo entre os japoneses.

A forte presença do sonho de retorno nesse grupo, acrescido de todas as dificuldades de adaptação e de ganho financeiro vividos intensificou a dificuldade de assimilação cultural dos japoneses, que aceitaram apenas hábitos referentes à alimentação, moradia e vestimenta que facilitaram sua maneira de viver. Vemos essa postura até o final da II Guerra, quando o sonho do retorno é vivido como impossível, levando os japoneses a aceitarem a assimilação.

Talvez a maior dificuldade de relação de vizinhança tenha ocorrido com os negros e caboclos que viviam nas fazendas.

Precisavam e se serviam dos conhecimentos destes, sobretudo nos primeiros tempos, para se adaptar ao novo país, mas, contraditoriamente, não hesitavam em menosprezá-los. Mesmo sofrendo toda espécie de preconceito por parte da elite brasileira, que via os imigrantes como sujos, mendigos que vieram procurar comida no Brasil, eles não tinham para com os brasileiros menos aquinhoados uma relação de igualdade; pelo contrário, sempre se julgaram superiores. (NOVAIS, op.cit.,p. 272).

Os japoneses durante os primeiros anos da imigração, necessitavam do conhecimento dos negros que, em troca da cabeça e das vísceras dos animais ensinavam a forma de tratar e matar os animais e de plantação, pois as técnicas trazidas pelos imigrantes muitas vezes mostravam-se inadequadas na nova terra.

Apesar disso, sua aparência, hábitos e costumes causavam-lhes estranheza e, posteriormente, quando os imigrantes passaram a educar seus filhos no Brasil, temiam que seus filhos se tornassem “caboclos”.

Esse temor marcou a principal preocupação dos imigrantes japoneses, a educação de seus filhos, sendo a principal responsável pela formação das Associações de Japoneses e dos Jovens nos núcleos de colonização e do ensino da língua japonesa em escolas criadas pelos próprios imigrantes nesses núcleos.

A necessidade prioritária era a construção de escolas que passaram a existir através da contribuição financeira e do trabalho de todas as famílias que formavam o núcleo. Esta era uma preocupação compartilhada por todas as famílias para que os filhos fossem educados aos moldes da sociedade japonesa. Todos os núcleos contavam com escolas e professores japoneses contratados pelas próprias famílias. Portanto, os filhos eram educados, inicialmente, na língua japonesa, pois “os sentimentos não se transmitem aos filhos que só falam português (...)” (HANDA, op. cit., p. 295).

Com relação aos jovens, como a maioria migrou durante a infância, geralmente tinham cursado o ensino primário, mas após a chegada no Brasil haviam interrompido os estudos para dedicar-se ao trabalho na lavoura. Como o núcleo dispunha apenas de professor da língua japonesa, essa foi a educação oferecida aos jovens que também falavam apenas o japonês, pois seus pais conservavam a conversação japonesa. O aprendizado da língua portuguesa ocorreu nas próprias relações cotidianas, sendo necessário para facilitar a integração social.

A “tarefa” que cumpria executar, custasse o que custasse, para o desenvolvimento e progresso do núcleo vinha a ser a educação. Ou, em outras palavras, não teria sido ela o objetivo máximo de um pai ao querer organizar uma comunidade? No momento em que, abandonando o espírito e preocupação de rápidos ganhos para retornar ao Japão, alguém se decide a enfrentar uma luta demorada, é preciso fazer algo pelos filhos abandonados sem educação. Há quem afirme que “entrou no núcleo por ouvir dizer que iria ter uma escola”. Mesmo que a muito custo se ganhe dinheiro e chegue o dia de retornar ao Japão com toda pompa, seria concebível fazê-lo levando filhos caboclos analfabetos? Por mais interessado que fosse pelo dinheiro, não havia quem se dispusesse a sacrificar os filhos a esse ponto. (HANDA, op.cit., p. 282)

O temor de que seus filhos tornassem-se “caboclos” era movido pelo medo de que os mesmos perdessem a condição de pertencer à raça japonesa à medida que se adaptassem aos costumes brasileiros. Consideravam seus filhos (os *nisseis*) sem sensibilidade e sem perspicácia, se comparados com os jovens educados no Japão, o que justificava a resistência de que fossem educados nas escolas brasileiras. Por outro lado, seus filhos, os *nisseis*, cobravam dos pais o desejo de estudar em escolas brasileiras e de trabalhar menos, o que gerava desentendimentos com seus pais, os *issei*.⁵

Hashimoto (1998, p. 117) aponta que para os *nisseis* (filhos dos imigrantes japoneses) essa vivência pôde se traduzir em esforços e lutas para alcançar conquistas na escola e no trabalho, pois “...por pertencer a outra etnia, eles tinham que marcar a sua presença nesses espaços, preservando a cultura de seu país de origem.”

Os *isseis* preocupavam-se muito com a formação dos filhos, temendo que sua aculturação pudesse mudar o clima existente na atmosfera da casa, baseada no sistema familiar japonês, no qual o pai é a figura máxima.

Com relação aos *nisseis* que se desenvolveram nos núcleos de colonização no período anterior à II Guerra Mundial, segundo Handa, a língua predominante era o japonês e como iniciavam o trabalho na lavoura desde uma idade precoce, eram esforçados e como o restante da família, trabalhavam muito.

Como o sistema no qual foram educados era o japonês, eram obedientes e respeitavam a autoridade da figura paterna, desenvolvendo uma consciência de pertencimento à raça japonesa e de identidade com o Japão.

⁵ O termo *issei* refere-se ao imigrante japonês, portanto, à primeira geração dos japoneses no Brasil. *Nissei* refere-se à segunda geração, isto é, aos filhos dos imigrantes japoneses.

Seus contatos sociais com os brasileiros eram restritos aos colonos que viviam nos núcleos e o conhecimento da língua portuguesa era suficiente apenas para lidar com situações cotidianas, não sendo suficiente para introduzi-los em leituras e aprimoramento cultural, vivendo afastados do contexto social, desenvolvendo um baixo nível de aspirações, sonhos e ideais. Por isso, apenas uma minoria chegou a freqüentar universidades, pois grande parte tornou-se um pequeno agricultor. Aqueles que possuíam um melhor domínio da língua portuguesa residiam na zona urbana e dedicavam-se ao comércio.

Hashimoto (1995), localiza essa preocupação dos imigrantes em educar seus filhos na cultura e tradição japonesa gerado pela possibilidade do retorno à terra natal também pôde ser verificada através das preocupações em manter os vínculos de sua prole com o Japão, pois era costume dos imigrantes registrarem seus filhos no Consulado Japonês, para oficializar esse vínculo.

É importante ressaltar também a formação dessas associações nipo-brasileiras, que inicialmente tinham o objetivo de confraternização e a união das famílias em prol do desenvolvimento do núcleo. Os japoneses se uniam para comemorar, para o trabalho coletivo de ajuda mútua (principalmente em casos de doença ou de morte de algum conterrâneo) e para a melhora de infra-estrutura dos núcleos, como estradas e pontes. A idéia presente nos chefes de família é a de que através da confraternização poderiam dedicar-se ao progresso e desenvolvimento do núcleo.

Em nosso trabalho desenvolvido no Mestrado, buscamos compreender o processo de formação e a função exercida pelas associações nipo-brasileira fundadas pelos imigrantes japoneses no Brasil. Nossos dados apontam que tais associações funcionaram como o local no qual as famílias nipônicas podiam compartilhar seu sofrimento e lutar

pelos seus objetivos de ascensão econômica e educar seus filhos sem perder suas raízes históricas e culturais. Os filhos dos imigrantes passaram a frequentar os sistema educacional brasileiro após a perda de seu sonho de retorno e, principalmente após a II Guerra Mundial, na qual o Japão sai derrotado e todas as esperanças de retorno são definitivamente impossibilitadas.

Além das associações funcionarem como um representante oficial das necessidades e reivindicações dos japoneses, cumpriam também a função de criar, dentro dos núcleos, uma hierarquia e o desejo de ascensão social alimentadas pela possibilidade que os chefes de família vislumbravam de tornarem-se um representante da associação de seu núcleo, levando-os a um maior desenvolvimento.⁶

De acordo com Vieira (1973), que descreveu o processo de formação da colônia japonesa no município de Marília, essas associações tinham inicialmente um caráter de manutenção e transmissão da cultura e tradição japonesa, constituindo-se em agremiações formadas exclusivamente pelo grupo étnico japonês e a ele restrito, o que favorecia "...a manutenção da exclusividade étnica com normas, valores e um sistema de status específico que contribui para a identidade particular que se opõe à identificação comum com o sistema social inclusivo." (VIEIRA, op. cit, p. 165)

Ao longo de sua existência, essas associações tenderam a sofrer uma transformação com o aumento progressivo e necessário dos japoneses na sociedade brasileira. Nesse aspecto, podemos apontar que puderam também funcionar como um canal de comunicação e troca com a sociedade brasileira, permitindo e facilitando a transformação do grupo e sua

⁶ SETOGUTI (1999) aponta que os imigrantes japoneses que migraram antes do contexto da II Guerra Mundial não haviam passado ainda pela ocidentalização pela qual passou o Japão, trazendo uma tendência a se ligar a grandes grupos sociais característica da sociedade feudal dominante no Japão na ocasião de sua partida, na qual a família representava a menor unidade da sociedade que se encontrava vinculada à idéia de

participação na sociedade brasileira, da qual passam a sentir-se integrantes apenas de forma lenta e gradual.

Surgia, concomitantemente, a associação de jovens, cujo objetivo principal se configurava na transmissão de valores e tradição, para que pudessem tornar-se conservadores, compartilhando e dando continuidade aos valores dos chefes de família. Nas Associações dos jovens, eram passadas questões que diziam respeito à educação moral e cívica, como o respeito aos pais e aos mais velhos, além dos aspectos culturais.

Nessas associações, realizavam-se além das atividades educativas, práticas e gincanas poliesportivas (*undokai*), a comemoração do Ano Novo (*Shinnen*) e do aniversário do imperador (*tenchôssetsu*) demonstrando seu papel para o desenvolvimento da teia social e a importância que tais associações assumiram na vida dos imigrantes.

Portanto, diante de todas as dificuldades encontradas na adaptação ao Brasil, os *isseis* encontraram através do agrupamento uma forma de vida social, além da possibilidade de lutarem por progresso e ascensão social. Mas, as associações nipo-brasileiras cumpriam outra grande função: a manutenção da cultura japonesa que seria transmitida aos seus filhos pois puderam encontrar nessas associações o amparo para

garantir que seus filhos seriam educados na tradição japonesa, e, portanto, seriam os portadores dos valores morais de origem japonesa. Puderam se assegurar de que suas gerações não ficariam perdidas sem uma referência psíquica: os pais (imigrantes) legaram às gerações futuras, a herança a ser transmitida e, desta forma, também se tranquilizaram, pois seus filhos não seriam ‘caboclos’. (OKAMOTO, 2000, p. 110)

Compreendemos que a educação dos *nisseis* ocorreu com forte predominância da cultura e ideologia japonesa, por ainda terem viva a possibilidade de retorno ao Japão além do temor de que seus filhos pudessem tornar-se “caboclos”. Como necessitavam adaptar-se

aldeia (*mura*). Por isso, a tradição dos japoneses em viver em comunidades, com fortes laços de solidariedade grupal.

à cultura brasileira, os *nisseis* encontravam muitas dificuldades pelas suas características nipônicas muitas vezes não serem compatíveis com a cultura nacional. Por isso, muitas vezes entravam em conflito com seus pais, buscando uma maior adaptação à vida e costumes brasileiros, a fim de tentarem uma adaptação e pertencimento social. Eram pessoas educadas na cultura japonesa, mas que sabiam falar o português, vivendo em terras brasileiras.

1.3 A imigração japonesa após 1934.

Através da análise da bibliografia utilizada, pudemos notar que os anos relativos ao governo Getúlio Vargas são um marco importante para a vida dos imigrantes japoneses, principalmente pela Lei dos 2%, datada de 24 de maio de 1934, que restringia a imigração futura para 2% do total de imigrantes ingressados nos últimos 50 anos. Os imigrantes viveram esse fato com pesar, pois sentiram que o número de novos compatriotas diminuiria e os japoneses “sentiam-se como se tivessem sido expatriados para uma ilha estrangeira.” (HANDA, op. cit, p. 618).

Nessa época, o Brasil já vivia um período no qual não necessitava mais de um grande número de importação de mão-de-obra, portanto, esse movimento de diminuição da imigração só tendeu a diminuir, desaparecendo com a Guerra.

Outro fator marcante para a colônia nipônica foi o decreto da proibição do ensino de línguas estrangeiras a menores de 14 anos, que ocorreu em 1938. O ensino passa a ser obrigatoriamente realizado por professores brasileiros, levando os professores japoneses a perderem seus cargos.

Esse fato marcou a vida da colônia japonesa, colocando em jogo a educação dos *nisseis* baseada no ensino da língua japonesa, gerando nos seus pais, os imigrantes, o temor de que seus filhos afastassem-se deles tornando-se *gaijins*.⁷ Além disso, colocava em questão o retorno ao Japão, pois, como seria esse retorno com seus filhos tão abasileirados?

Os *isseis* passam a se preocupar, principalmente com a transmissão da filosofia japonesa, baseada na fidelidade e na lealdade que não poderiam ser transmitidas por professores brasileiros.

Para os imigrantes, a ideologia do respeito aos pais e aos mais velhos constituía a base do pensamento de suas vidas. Caso o sistema japonês desmoronasse e os filhos não obedecessem a seus pais quando crescessem, a família não se desestruturaria e não ficariam todos separados? (...) Não só as palavras, mas também se perderia o espírito. E era justamente desse espírito que mais se orgulhavam, como sendo o espírito do melhor povo do mundo e o que sustentava suas vidas. Perdidos esses valores, poder-se-ia dizer que eram japoneses, ou descendentes de japoneses? (HANDA, op.cit., p. 621)

Em 1939, o governo brasileiro fechou as escolas primárias japonesas, atingindo 219 escolas, segundo Nogueira (1984), proibindo a impressão de crônicas, editoriais e principalmente de jornais e revistas estrangeiras, obrigando a sua tradução; tal medida também atingiu a importação de jornais e revistas japonesas, além dos próprios jornais publicados para a colônia japonesa no Brasil.

Todos esses fatos fortaleceram e intensificaram o discurso nacionalista japonês, constituindo-se na forma encontrada pelos imigrantes de expressarem seu amor ao Japão que se tornava impossível com todas essas medidas restritivas por parte do governo brasileiro. Tanto nas associações como na imprensa japonesa brasileira, os imigrantes exortavam a expansão continental do Japão e de um Estado japonês insuperável. Esse

⁷ Os imigrantes japoneses utilizam esse termo para referir-se aos brasileiros. Cabe lembrar que esse termo, na língua japonesa refere-se a estrangeiro. Portanto, os imigrantes consideravam o brasileiro um estrangeiro, no sentido do diferente.

movimento contou com a participação e colaboração dos professores japoneses, que com o fechamento das escolas tornaram-se desempregados e de uma minoria de jovens intelectualizados residentes na cidade de São Paulo.

Como o Brasil e o Japão tornaram-se inimigos, lutando em lados opostos na II Guerra, o clima de tensão no país tornou-se mais intenso, pois o governo brasileiro proibiu qualquer manifestação cultural japonesa. Com isso, em 15/01/1942, houve a suspensão do intercâmbio entre os dois países, interrompendo a chegada de revistas, jornais e livros japoneses, fortalecendo a sensação de “povo abandonado” no imigrante, pois tornava impossível qualquer tipo de comunicação com o seu país de origem.

Esse foi um momento de grande sofrimento para os imigrantes, somando-se a esse fato a preocupação já apontada a respeito da educação dos *nisseis* e da proibição de qualquer manifestação em língua japonesa.

No ano de 1942, navios brasileiros foram atacados por submarinos alemães, e o governo brasileiro intensificou a perseguição contra os súditos do Eixo, pois circulavam desconfianças do governo brasileiro de que os imigrantes japoneses eram informantes secretos da Alemanha.

As residências japonesas são invadidas e fiscalizadas, proibindo-se a propriedade de rádios e muitas vezes os imigrantes eram presos acusados de comandar ações clandestinas como espões.

O confisco das economias, a proibição de se reunir em grupos de mais de três pessoas, o fechamento dos jornais japoneses, a proibição de viajar, de andar armado e até de falar, tudo isso parecia ser o “insuportável” que o imperador havia pedido a seus súditos que suportassem. (MORAIS, 2000, p. 48)

Houve a paralisação e fiscalização de casas comerciais, cooperativas e bancos japoneses, além da impossibilidade em receber notícias sobre a Guerra, pois os rádios

forma confiscados das famílias nipônicas. Apesar de todo esse clima, os imigrantes ainda sonhavam com uma grande vitória do Japão na Guerra, instaurando assim, o seu domínio sobre toda a Ásia. Isso alimentava ainda mais o sonho do retorno, surgindo boatos sobre uma nova emigração para a ilha de *Hainan*, no sul da China.

Criou-se um clima de desconfiança no país tanto do governo quanto da população com relação aos imigrantes japoneses, considerados perigosos, o que ocasionou denúncias de práticas japonesas, como o ensino da língua japonesa que ocorria em alguns locais de forma clandestina.

Como tornou-se impossível acompanhar as notícias da guerra por rádios, devido à confiscação dos mesmos, isso só ocorria em alguns locais que mantinham clandestinamente o aparelho. Porém, a transmissão era pouco clara e sofria interrupções, que através da inserção de frases ou palavras para tornar-se mais inteligíveis resultava em distorções das mensagens transmitidas, gerando boatos e idéias distorcidas que rapidamente eram propagadas entre as colônias. Isso ocorreu com frequência durante a guerra, intensificando-se após a derrota do Japão.

A notícia da rendição do Japão pela rede de rádio nacional e na imprensa escrita foi considerada totalmente absurda e impossível de aceitar pelos imigrantes que não podiam acreditar na rendição do Imperador, pois o Japão era considerado invencível e a figura do Imperador como representante do país possuía um caráter divino. Por isso, não poderiam acreditar que a invencibilidade japonesa fosse dessa forma destruída, muito menos que o Imperador pudesse render-se aos americanos. Pensavam que as notícias veiculadas eram falsas, acreditando firmemente na vitória do Japão.

Essa posição diante da rendição do Japão gerou uma divisão na colônia, na qual apesar de muitos imigrantes acreditarem na falsidade das notícias veiculadas, alguns

acreditavam na vitória dos Estados Unidos. Todo esse processo vivido na colônia japonesa durante o período da Guerra foi responsável pela organização da *Shindo Renmei*.⁸ Essa seita pode demonstrar o tipo de sentimento reinante na colônia japonesa durante a Guerra, que culminou nesse tipo de associação com a derrota do Japão.

O fim da Guerra marcou uma importante etapa na história da imigração japonesa, pois a partir desse momento, o sonho de retorno ao Japão é abandonado, dando lugar a uma maior democratização verificada tanto na colônia japonesa como na sociedade brasileira. Talvez esse tenha sido o período no qual ocorre a modernização e a assimilação da colônia à sociedade brasileira, o que não havia ocorrido de fato até essa época.

A assimilação pode ser vista através da diversificação dos hábitos da colônia, sua maior inserção social, representada principalmente pelos *nisseis*, que atingiam a fase adulta.

Os dados apresentados por Hashimoto (1998) demonstraram que os *nisseis*, educados no sistema japonês, em muitos momentos de sua trajetória de vida encontraram dificuldades de adaptação ao modo de vida brasileiro, devido às diferenças existentes nesses sistemas educacionais. Porém, sempre existiu a necessidade de adaptar-se à

⁸ Não entraremos em detalhes a respeito dessa organização, mas cabe apontar alguns pontos a seu respeito de caráter elucidativo do clima vivido na colônia japonesa durante essa época. Encabeçada e iniciada em Bastos em março de 1946, a organização, formada pelos *kachigumis* (ou vitoristas), buscava eliminar os imigrantes considerados traidores da pátria japonesa por acreditar na derrota do Japão, os *makegumis*. Essa associação produzia notícias a respeito da vitória do Japão através da manipulação das notícias veiculadas, de modo que exaltavam a vitória do Japão. Consideravam as notícias contrárias mentirosas e editadas em terras americanas, e os compatriotas que compartilhavam com essas idéias eram considerados traidores. Segundo MORAES (2000), essa organização foi responsável por vários ataques a *makegumis*, resultando em mortes e diversos atentados. A presença da seita ocorreu principalmente na região noroeste e alta paulista e na cidade de São Paulo. O coronel Junji Kikawa, considerado o fundador da seita, explicou em depoimento traduzido na DOPS em 06 de janeiro de 1946, em que consistia a *Shindo Renmei*: “*Shindo* é uma sociedade para cultivar o *Yamatodamashii*, o espírito nipônico, e para unir os japoneses, sem criticar ou menosprezar o nome do imperador, como os japoneses derrotistas fazem. Queremos pedir à autoridade para proibir a propaganda que alguns patrícios fazem inutilmente dentro da colônia, pregando o derrotismo. Com essa propaganda judaica inescrupulosa, de pregar a derrota do Japão, os lavradores não trabalham direito e a economia do Brasil pode ir mal.” (MORAES, op. cit, p. 117). A *Shindo Renmei* teve 13 meses de duração e o saldo final de sua atuação é apontada por Novais: 23 mortes e 147 feridos., 381 denunciados e 80 expulsos do Brasil. Entretanto, nenhum deles chegou de fato a ser expulso do Brasil, pois através de recursos jurídicos, a execução de suas

sociedade brasileira. Pode-se dizer que viveram uma forte dualidade em sua formação: por um lado, a presença dos ideais japoneses e do outro a necessidade de adaptação ao sistema brasileiro.

Embora a ideologia nacionalista ainda pudesse ser observada de maneira mais branda, ela deixou de ser o alvo das preocupações dos imigrantes, empenhados agora, em fixar-se no Brasil, buscando a felicidade dos seus descendentes, mas mantendo algumas características importantes como a honestidade, a perseverança e a bondade, valores tão arraigados na sociedade japonesa. À partir de então, os imigrantes japoneses buscaram a fixação de suas famílias e o sucesso de seus filhos no Brasil.

penas foi protelada até meados dos anos 50. Em 1956, o presidente Juscelino Kubitschek colocou todos os

CAPÍTULO 2: JAPÃO - ASPECTOS HISTÓRICOS E CULTURAIS.

2.1 Antecedentes Históricos da Restauração Meiji

“*Sonno joi*” - reponham o Imperador e expulsem os bárbaros. (BENEDICT, 1972, p. 69)

Esse foi o grito de guerra que anunciou a mudança do sistema feudal para o moderno no Japão, que ao contrário de muitos outros países, não ocorreu de maneira revolucionária, mas sob o seguinte lema: “*Ishin*” – escavar o passado, reconstruir. (BENEDICT, 1972, p. 69)

A Restauração Meiji (1868 – 1912), marco simbólico da história japonesa deu início a um processo de profundas transformações que afetaram toda a sociedade japonesa, desde seus aspectos econômicos como em seu modelo de funcionamento social.

Do ponto de vista histórico, a Revolução Meiji insere-se nas mudanças que ocorrem durante o século XIX no mundo ocidental em função da expansão capitalista. As grandes potências mundiais dessa época (Grã-Bretanha, França e Estados Unidos) iniciaram um período imperialista, buscando novos territórios para sua expansão.

Esse período histórico pode ser caracterizado como

a expressão da forma japonesa de revolução burguesa, quando ocorre uma profunda realocação e redimensionamento das forças sociais no cenário político e econômico do país. Trata-se, portanto, de introduzir o Japão no circuito mundial capitalista, o que impõe um conjunto de mudanças institucionais na ordem política, econômica e social para colocar o Japão, em ritmo acelerado, em condições de inserção e competitividade no novo mercado mundial em formação. (SAKURAI, 2000, p. 27)

presos em liberdade.

A chegada do navio norte-americano em 1853, foi um marco que sinalizou a abertura dos portos japoneses ao mundo ocidental, após séculos de isolamento e sem relações comerciais com países estrangeiros. Os Estados Unidos tornaram-se o primeiro governo estrangeiro com representação diplomática no Japão, em 1857, dando início ao processo de abertura do Japão ao mundo.

Retomaremos alguns dados desse momento histórico japonês, dada sua importância para a compreensão da sociedade japonesa e sua influência na vida dos imigrantes nipônicos que vieram para o Brasil.

Durante mais de duzentos e sessenta anos, o Japão viveu sob o domínio da Era *Tokugawa* (1603 – 1868) após sua grande vitória sobre os demais feudos numa guerra civil, na qual *Ieyasu Tokugawa* saiu vitorioso e estabeleceu o *Shogunato*⁹ de *Tokugawa* durante o qual manteve o país num período de paz armada em regime de governo duplo, o do *Shogun* e do Imperador¹⁰. Estabeleceu o Castelo de *Edo* (proximidades da atual capital Tóquio) como a sede do seu governo e das famílias dos *daimios* (donos de terra) aliados.

Os *Tokugawa* mantiveram e fortaleceram a estrutura social feudal, visando a manter a paz e unificar o país que no período anterior havia vivido momentos de guerras civis e rivalidades entre os feudos, agora mantidos sob o domínio do *shogun*.

⁹ De acordo com Benedict (1972), *Shogun* significa “Generalíssimo dominador dos bárbaros”, título militar máximo que não possuía poder civil, mas militar e político, sendo o detentor da maior extensão de terras cultiváveis (25%) do país. Seu poder era exercido efetivamente no campo militar através das forças armadas que operavam sobre os feudos. Cada senhor feudal, o *daimio*, tinha sob seu comando os *samurais*, seus dependentes armados que possuíam o direito de empunhar as espadas para defender e manter a ordem no feudo ao qual pertenciam.

¹⁰ Durante o período de *Shogunato*, o Imperador torna-se uma figura impotente, mas detém poder civil e sua pessoa é considerada sagrada, por isso, inviolável. A Casa Imperial é denominada como “Aqueles que habitam acima das nuvens” (Benedict, op. cit., p. 55), e apenas seus descendentes podem ser imperadores.

Segundo Sakurai (2000), o sistema feudal japonês caracterizou-se por uma estrutura de poder baseada nos princípios de lealdade, do dever e do cerimonial e a estrutura social foi moldada num rígido sistema de castas. É justamente essa rigidez na estrutura social que fragilizou o feudalismo japonês, sendo um dos responsáveis pelo seu desmoronamento.

A estrutura social japonesa dessa época era constituída pela família imperial e os nobres que ocupavam o topo da hierarquia e em ordem decrescente, pelos *samurais*¹¹, os fazendeiros, os artesãos e comerciantes e os párias. (Benedict, 1972 e Hashimoto, 1995.)

O *Shogun* constituía o poder máximo da sociedade, porém, seu poder era exercido como o nomeado do Imperador, que juntamente com sua corte de nobres hereditários viviam isolados em *Kioto*, sede da Casa Imperial. Possuíam poder econômico insignificante e viviam, segundo Benedict (op. cit.), como uma espécie de prisioneiro estatal do general máximo e a ele cabiam as funções rituais, pois eram considerados Chefes Sagrados. Os próprios *shoguns* governavam o país em nome do trono privado e sagrado.

A nobreza era formada basicamente por dois grupos que diferenciam-se pelo poder e pela ligação de lealdade ao *shogun*. O topo da nobreza era ocupado pelos parentes do *shogun* e pelos senhores de terra (*daimio*) aliados aos *Tokugawa*. Segundo Sakurai (2000), eram detentores de 30% do território, possuíam poder de decisão e o controle da burocracia e residiam na região central do país, em torno da capital, *Edo* e de *Kioto*, a residência do Imperador. Os antigos senhores inimigos do *shogun*, constituíam o

¹¹ Os *samurais* surgiram no Japão entre os séculos X e XI (Hashimoto, 1995), constituindo-se na casta de guerreiros constituída por homens rudes e rústicos que manejavam as armas em defesa dos seus senhores, os *daimios*. Formaram a base de sustentação dos senhores de terra durante uma época dominada por lutas pela conquista de território. No *Shogunato* de Kamakura (1192 – 1333), os *samurais* ocupam posições políticas e no *Shogunato* de Tokugawa atingem o poder máximo, assumindo posições de administradores públicos e funcionários do governo. Como nesse período cessam-se as guerras internas e cada *daimio* passa a ter autonomia para a sua administração, agora controlada pelo poder central, os *samurais* não têm mais a função de guerreiros, mas mantêm seu prestígio e *status*, sendo sustentados pelo restante da população. Com a perda

outro grupo da nobreza, porém, não participavam das decisões nem da burocracia e habitavam as regiões sul, nordeste e oeste do país, mais distantes do centro do poder. Eram controlados a tal ponto, que até para o estabelecimento de matrimônios necessitavam do consentimento do *shogun*.

O controle de arrecadação de impostos da nobreza era extremamente rígido, devendo-se pagar impostos proporcionais à população que possuíam em seus domínios e à sua produção.

Os *samurais* constituíam outra parte da nobreza, e como em períodos anteriores possuíam pequenas extensões de terras, são mantidos com uma quota anual de arroz proporcional à parcela de terra que mantinham anteriormente e que foram obrigados a entregar ao seu senhor, restando-lhes apenas a autorização para manejar as armas. Isso dá origem a uma hierarquia dentro desse grupo, formado pelos *samurais* de alta estirpe (descendentes dos primeiros guerreiros japoneses, os antigos possuidores de terra) e os de baixa estirpe, originários da casta formada posteriormente.

Os fazendeiros, constituídos por cerca de 85% da população, formavam as famílias extensas e patriarcais que através do cultivo de terra e pagamento de impostos mantinham a estrutura do *shogunato*. Essas famílias organizavam-se no sistema de associativismo em torno dos *mura* (aldeias), nos quais os chefes de família respondiam pelas suas produções e pela arrecadação de impostos aos senhores dos feudos (*daimios*). Através desse sistema, pode-se perceber a rigidez da estrutura social, que mantinha todos ligados ao poder central através da lealdade expressa pela prestação de contas da produção.

de suas funções armadas, passam a desempenhar atividades artísticas e culturais, comerciais e muitos, a vagabundagem.

A eles era assegurada a posse de suas fazendas, o que lhes conferia *status*, porém sobre eles pesava uma alta taxa de impostos, de cerca de 40% que eram obrigados a pagar. Devido a essa pesada taxa, mantinham um tipo de vida humilde e assim como os *samurais*, suas famílias mantinham-se sempre em números limitados, diferenciando-se dos demais países asiáticos.

Os fazendeiros tinham clareza de suas obrigações e de sua condição social e todos respeitavam esse código de conduta, sob a condição de que sua desobediência responderia a severas punições. Eles tinham acesso aos *daimios* a quem poderiam levar reclamações e exigências que seriam detidamente examinadas. Quando o *daimio* não tomava conhecimento de suas reclamações, poderiam entregá-las para as autoridades do *shogunato*, e muitas vezes tinham os julgamentos a seu favor. Porém, mesmo nessa situação, quando a reivindicação era considerada justa e atendida pelo Estado, o fato de levá-la ao julgamento do *shogunato* constituía-se numa transgressão da rígida lei hierárquica, sendo condenados à morte.

A integridade de sua causa nada tinha a ver com o assunto. Até mesmo os camponeses aceitavam esta inevitabilidade. Os condenados eram seus heróis e o povo afluía à execução, onde os líderes eram fervidos em óleo, decapitados ou crucificados, não entrando em agitação, contudo, as multidões. Constituía isto a lei e a ordem. Posteriormente, eles poderiam erguer altares aos executados e venerá-los como mártires, mas aceitavam a condenação como parcela das leis hierárquicas sob as quais viviam. (BENEDICT, 1972, p. 62)

Durante esse período histórico, os comerciantes foram rebaixados socialmente através de leis que regulavam e limitavam seus hábitos e residências (não podiam morar em bairros de *samurais*, por exemplo). Esse rebaixamento ocorreu, principalmente, com o decreto de isolamento do Japão ao comércio externo, no século XVIII. Todo o comércio que havia sido estabelecido nos séculos anteriores com a Coréia e a China foi proibido. O

próprio comércio nacional foi restrito diante de medidas alfandegárias e controle de entrada e saída de mercadorias.

Essa tentativa de rebaixamento da classe comerciante é justificável num sistema feudal, pois o seu enriquecimento e fortalecimento poderiam colocar em risco todo o sistema social e econômico. O modelo de funcionamento social buscava fortalecer e manter estáveis as classes dos guerreiros e dos fazendeiros, consideradas as mais importantes para a estabilização e manutenção do feudalismo. Diante disso, o governo provocou o desarmamento dos camponeses e fazendeiros, atribuindo o uso exclusivo das armas aos *samurais*, que por sua vez não poderiam mais tornar-se fazendeiros, artesãos ou mesmo comerciantes. Portanto, os *samurais* transformaram-se numa classe social dependente, apesar do *status* e poder que passaram a assumir nesse governo. Dependiam da quantidade de arroz que cada *daimio* lhes conferia, tornando-se uma classe dispendiosa para os senhores de terra.

Apesar de toda rigidez que caracterizou essa estrutura social japonesa, existiam possibilidades legítimas de flexibilidade entre as castas. Existiam formas de enriquecimento na sociedade japonesa, e foi exatamente o que ocorreu em meados do século XVIII, quando ocorreu uma gradual transição de uma sociedade essencialmente agrária para outra estabelecida na indústria e no comércio.

Com o decorrer do tempo, no entanto, um esquema alternativo à agricultura, se apresenta a camponeses de alguns feudos. Uma industrialização regional se desenvolve dentro dos feudos, paralelamente à agricultura, tornando-se fator de desequilíbrio dentro do sistema, planejado basicamente sobre o monopólio agrícola. É uma indústria de preparação de matérias-primas para a indústria de tecelagem de algodão e da seda, que são manufaturadas em centros como Osaka. Essa produção regional alimenta o comércio e desenvolve uma circulação monetária não prevista. (SAKURAI, 2000, p. 31)

Paralelamente, ocorreu um aumento na produção agrícola através da utilização de técnicas como a irrigação e o arado que contribuíram para o incremento do comércio,

através da venda da produção excedente. Isso levou ao enriquecimento da classe dos comerciantes, que passaram a oferecer empréstimos aos *daimios*, que como os *samurais*, passaram a depender dessa classe.

Houve um outro fator responsável pelo fortalecimento da classe dos comerciantes, o costume de adoção de filhos pelas famílias japonesas. No Japão, era prática comum a adoção¹² de um filho que, no geral tornaria-se um marido da filha e atingiria a posição de “marido adotado”. Através desse dispositivo, os descendentes dos prósperos comerciantes uniram-se aos *samurais*, principalmente os de baixa estirpe, que conforme foi dito acima, tornara-se uma classe social dependente. Dessa forma, realizava-se uma aliança entre a emergente classe dos comerciantes e a dos *samurais*, considerados nobres. Esse sistema de movimentação de castas existentes na sociedade japonesa permitiu a ascensão da classe dos comerciantes sem que houvesse a deflagração de lutas e guerras entre a nobreza e a burguesia, através da utilização de um dispositivo legal que permitiu a mobilidade social. Esse foi o principal motivo pelo qual a aristocracia foi mantida no Japão no momento em que o feudalismo mostrava seu desmoronamento, pois não houve a necessidade de lutas armadas e a conseqüente derrubada do poder.

O empobrecimento dos *daimios* e dos fazendeiros devido à alta tributação gerou uma crise e um descontentamento nos feudos, ocasionando um aumento da tributação, o que levou os fazendeiros à miséria, assim como o próprio *shogunato* que encontrava-se igualmente arruinado.

Estabelecendo um quadro desse período de queda do feudalismo, pode-se perceber que o restabelecimento do poder imperial ocorreu através da união de classes sociais emergentes em busca da expansão dos negócios.

É nesse contexto que podemos compreender a importância da chegada dos ocidentais comandados pelo Almirante Perry, em 1853. A abertura do Japão ao mundo foi realizada “numa estratégia de lhes retirar lições de economia e política, de incorporar novas tecnologias, desenvolver o intercâmbio comercial e cultural (...)” (SAKURAI, 2000, p. 35). O acordo comercial estabelecido com os Estados Unidos não pôde ser recusado diante dessa situação de crise financeira pela qual o país atravessava, apesar da tendência populacional em manter o isolacionismo do país.

Todas essas mudanças que ocorreram no cenário político, econômico e social japonês favoreceram que este momento de término do feudalismo ocorresse sem guerras civis ou agitações sociais violentas, onde as

transformações foram ocorrendo gradativamente, proporcionando sua aceitação com poucos conflitos. A sociedade japonesa procurou manter-se coesa, através da obrigação recíproca, da lealdade pessoal e da colocação dos deveres acima dos direitos. (HASHIMOTO 1995, p.61)

Os últimos anos do *shogunato* favoreceram mudanças nas relações de produção, com a introdução de uma agricultura comercial e a expansão de empregos industriais, responsáveis também pelo desenvolvimento do comércio.

2.2 A Era Meiji

O novo governo estabelecido no país é formado pela união anteriormente descrita entre os *samurais* inferiores e os comerciantes, na qual aliou-se o conhecimento político da administração obtido pelos *samurais* que ocupavam cargos administrativos no *shogunato* e o conhecimento de técnicas produtivas e riqueza obtida pelos comerciantes. Os novos detentores do poder no Japão, traçaram a política revolucionária e executaram-na num

¹² A esse respeito, trataremos com mais detalhes, no capítulo denominado “A família japonesa feudal”.

esforço para que o país pudesse ocupar um lugar no circuito econômico e geopolítico mundial.

Apesar de todas as transformações no cenário econômico, político e social empreendidos pelo novo governo, os novos estadistas não derrubaram a ordem hierárquica que prevalecia no feudalismo, ao contrário, simplificaram-na, passando a ser exercida apenas pelo Imperador com a abolição do *shogunato*.

A obrigação tradicional para com os superiores que compunha o código de conduta e honra dos japoneses¹³ foi mantida com relação ao Imperador que tornou-se a maior força de convergência do Estado em relação à população. Segundo Benedict (1972), para o povo japonês, o Estado representa o bem supremo do país, e desde que cumpra o seu papel, todas as suas prerrogativas são respeitadas, pois as regras éticas e de deferência proíbem que a população despreze sua autoridade.

As mudanças propostas pelo novo governo ocorreram principalmente nos campos econômico e social, que descreveremos sucintamente a seguir.

Dentre as medidas econômicas, o governo operou uma centralização da economia através da construção, financiamento e administração de indústrias (principalmente as indústrias pesadas) que, após atingirem um período de prosperidade foram vendidas para

¹³ As regras de respeito, de conduta e a confiança na hierarquia compõem a visão de homem e de mundo do povo japonês, pois as obrigações tradicionais com os superiores precedem as exigências individuais. A hierarquia social é definida segundo a geração, sexo e idade ocupada, sendo que a aprendizagem e observação das regras de respeito e de hierarquia ocorrem na família. O devotamento filial constitui-se na mais elevada lei ética que conduz a posição e as atitudes assumidas por cada um na família. O chefe da família (pai) ou o irmão mais velho (primogênito) atuam como o mandatário de uma propriedade material e espiritual – legado familiar – e é necessário que todos os membros da família subordinem suas vontades para que se façam merecedores da honradez da casa, portanto, do seu legado.

“Os japoneses não aprendem em seus lares a dar valor à autoridade arbitrária, como também não é cultivado o hábito de submeter-se facilmente a ela. A submissão à vontade da família efetua-se em nome de um valor supremo para o qual todos se voltam, conquanto opressivas suas exigências. Ela se processa em nome de uma lealdade geral.” (BENEDICT, 1972, p. 53).

Portanto, o hábito de respeito à hierarquia é adquirido inicialmente na família, sendo posteriormente aplicado nos mais vastos campos da vida social, como nas relações com a vida econômica e produtiva e nas relações com o Estado.

grandes oligarquias financeiras, entre as quais destacam-se os conglomerados *Mitsui* e *Mitsubishi*. Essas indústrias contaram com o benefício da tecnologia ocidental, através da importação de técnicos estrangeiros e envio dos japoneses ao exterior para a importação tecnológica. Houve também investimentos na infra-estrutura de transportes e das comunicações.

No setor fundiário, os feudos foram abolidos e criaram-se as prefeituras, unindo e centralizando as decisões governamentais, seguidos da

revogação à proibição da venda de terras, seguido pela Regulamentação para a Reforma dos Impostos Territoriais (1873) que regulamenta a homogeneização dos impostos, agora em forma monetária. São esses impostos do setor agrário que vão alimentar os subsídios estatais à indústria que emerge. O que ocorre no campo, é uma tendência à concentração de terras em função da alta taxa de impostos sobre a propriedade fundiária. O número de arrendatários e de trabalhadores assalariados cresce significativamente nos anos finais do século XIX. (SAKURAI, 2000, p. 38)

O governo organizou e criou também alguns ministérios, como o Ministério do Trabalho, do Interior e da Agricultura e do Comércio, com a preocupação de estabelecer regras nítidas de funcionamento interno do país.

As Forças Armadas foram organizadas de uma forma independente do governo civil de maneira que não interferisse nos assuntos militares, pois o comandante supremo das Forças Armadas era o imperador, de modo que os chefes militares tinham acesso direto a ele, com orçamento também independente.

Na área social, ocorreu a quebra do antigo sistema de castas e todos passaram a constituir-se em cidadão com os mesmos direitos e deveres, inclusive com o direito de usar sobrenomes, pois até então, era o nome do senhor de terras que identificava as pessoas. Os *samurais* deixaram de constituir uma classe diferenciada, ao mesmo tempo em que foram indenizados para que pudessem participar da nova ordem econômica e social.

Em 1889 foi promulgada a Constituição do Império do Grande Japão, e no ano seguinte, o Edito da Educação. O conteúdo processado nesses documentos foi responsável pela normatização do papel desempenhado pelo imperador enquanto o centro do poder e pelos novos contornos sociais que se delinearam no país.

O imperador foi considerado uma divindade, um deus vivo ao qual todos deviam lealdade. Tornou-se o símbolo do povo japonês: o imperador e o povo japonês são inseparáveis. Isso explica o devotamento e a obediência do povo japonês às decisões imperiais.

A educação, por sua vez, passou a ser compulsória desde 1872 e o Edito sofreu influências do confucionismo¹⁴ e pregava a manutenção e a reprodução do “Nosso Império”. Afirmava a origem ancestral do povo japonês e ao lado da importância da educação revelava o poder moral como forças inseparáveis para a construção, a prosperidade e a manutenção do Império japonês. O Estado regulamentou a Educação por todo o país, por isso, as escolas tornaram-se homogêneas e independentes da autoridade local.

A organização estrutural da família também sofreu alterações, conforme será descrito posteriormente, com a promulgação de um novo Código Civil em 1896.

Porém, apesar de todo o avanço da indústria que ocorreu nesse período, o setor agrícola não acompanhou esse mesmo movimento de modernização, permanecendo com relações de produção semi-feudais.

¹⁴ O confucionismo foi introduzido no Japão através da Coreia em 404 d.C. Constitui-se numa doutrina de princípios éticos e políticos que busca regular as relações entre os homens, baseada na crença da relação entre as forças da natureza e a sociedade. Apesar de ter sido alvo de diversas interpretações e modificações, seus primeiros compiladores o definem como um sistema de pensamento no qual “a terra e tudo nela são concebidos como parte das leis dos Céus. A conduta de harmonia com as leis dos Céus asseguram a justiça, a bondade, a felicidade, e o governo benevolente.” (SAKURAI, 2000, p. 40). Afirma o compromisso aos deveres como obrigação universal na relação entre homens e a sociedade.

Durante os anos de 1868 e 1940, o desenvolvimento econômico no Japão durante o novo regime passou por oscilações responsáveis por alguns desequilíbrios financeiros. (Hashimoto, 1995). A primeira oscilação pôde ser percebida do início da era *Meiji* até 1882, fase na qual o governo investiu maciçamente na infra-estrutura, na instalação de novas indústrias e na introdução de novas tecnologias.

Um novo período de oscilação ocorreu até 1902, no qual foram realizados investimentos em sistemas de transportes, geração de eletricidade e em indústrias siderúrgicas, de construção naval, de armamentos e de fiação de algodão. Nesse período ocorreram revoltas no campo resultantes da Reforma que não proporcionou grandes benefícios nessa área. Ao contrário, os excedentes da agricultura foram utilizados em outros setores de produção, gerando fome e miséria no setor rural.

Entre 1902 e 1920, ocorreu um momento de crise no comércio da seda devido à Primeira Guerra Mundial. Essa situação é agravada pela crise mundial em 1929, e o país passou por um período de muitas dificuldades, até 1932, quando a crise mundial começou a emergir.

Diante dessas situações de crises econômicas, o governo nipônico recorreu à emigração, afinal, nem mesmo as migrações internas puderam conter o empobrecimento da população. É nesse contexto que a emigração passou a ser autorizada pelo governo e os japoneses se vêem obrigados a sair temporariamente do país em busca de melhores condições econômicas e materiais, mas com o objetivo de retorno à sua pátria.

2.3 O *On*: obrigações e devoção nas relações interpessoais da cultura japonesa.

A vida cotidiana do japonês está baseada no respeito à hierarquia, na ordenação das pessoas conforme sua classe, posição hierárquica, idade e sexo e pode-se afirmar que nessa cultura, a aceitação da posição que lhe cabe não ocorre por simples submissão no sentido da compreensão ocidental, não se trata de uma vontade individual, mas ao contrário, de um entendimento grupal no qual cada qual assume o seu lugar, desde o superior até o membro que ocupa o lugar de inferioridade nessa cadeia.

As virtudes universais dos japoneses são ensinadas e exercitadas na família e dela estendem-se a toda convivência social e tais regras sociais devem ser respeitadas, a despeito do despojamento dos interesses individuais. Nesse sentido, a

lealdade, devotamento e submissão aos interesses do grupo são aprendidos com os pais e, mais tarde, estas virtudes se transformarão facilmente em atitudes e até mesmo sentimentos que vão se estender aos superiores e ao Imperador. Não há diferença substancial entre as virtudes civis e familiares e, por isso mesmo, as últimas ganham grande importância porque definem o homem e o cidadão. (CARDOSO, 1998, p. 104)

A concepção japonesa do código de respeito e lealdade assume um caráter de obrigação individual inevitável e absoluta, e o seu desrespeito caracteriza a perda da honra, portanto, da posição que lhe cabe na rede de relações. Assim, a verdadeira virtude concretiza-se no reconhecimento e retribuição dos débitos que se tem com os superiores, sejam os pais, o imperador, ou patrão e professores. Os superiores constituem-se sempre em credores, são considerados benfeitores, a quem se deve respeito, amor e lealdade e o pagamento do *on*, que em todos os seus significados aponta sempre para o sentido de “carga, débito, ônus que se carrega o melhor que seja possível. Recebe-se o *on* de um superior e o ato de aceitar o *on* de alguém que não seja de fato um superior ou igual ocasiona uma incômoda sensação de inferioridade.” (BENEDICT, 1972, p. 88)

Portanto, o *on* caracteriza-se numa dívida que precisa ser paga, pois o seu pagamento é uma virtude que simboliza a gratidão pelo crédito recebido.

O sentido do *on* é sempre utilizado com o da devoção, e o maior deles caracteriza-se pelo *on* imperial, o débito para com o imperador a quem se deve obrigação e gratidão, devido a tudo o que ele representa para a sociedade japonesa.

Existe também o *on* filial, que coloca os pais em posição de autoridade em relação aos seus filhos, que devem empenhar-se em quitar o débito que têm para com os seus pais, devendo-lhes obediência. Esse *on* consiste

nos próprios cuidados e preocupações diárias de que são investidos os pais e as mães. A limitação japonesa do culto aos ancestrais, a antepassados recentes e lembrados, traz essa ênfase sobre a efetiva subordinação na infância muito avante nos seus pensamentos, considerando-se o truísmo bastante óbvio em qualquer cultura de que todo homem e toda mulher foi outrora um bebê indefeso que não teria sobrevivido sem o cuidado dos pais, e durante anos, até ser um adulto, foi provido de lar, alimentação e vestuário. (Benedict, 1972, p. 90)

A fidelidade e a devoção¹⁵ dos filhos para com os pais representam o afeto de todo o *on* recebido, o reconhecimento de todos os sacrifícios realizados pelos pais e a retribuição deste débito significa o amor filial. O pagamento do *on* aos pais também pode ser efetivado oferecendo-se aos seus filhos uma educação igual ou melhor àquela que recebeu de seus pais. O casamento também constitui uma forma de pagamento do *on* filial. Quando os pais escolhem a esposa ou esposo, os filhos aceitam sem discussão, e mesmo após o casamento, o pagamento continua, pois caso o filho seja o primogênito, deverá morar com os seus pais em sua velhice.

¹⁵ Apenas para ilustração do sentido e importância da devoção e fidelidade expressa no pagamento do *on*, iremos apresentar uma historietta apresentada por Benedict (1972, p. 89), intitulada “Não esqueça o seu *on*”, extraída de uma manual de leitura do segundo ano primário da escola japonesa.

“*Haichi* é um bonito cão. Ao nascer, foi adotado por um estranho e tratado como filho da casa. Por isso, até mesmo o seu corpo fraco tornou-se saudável e quando o dono ia para o trabalho todas as manhãs, acompanhava-o (ao dono) ao ponto dos bondes e à tarde voltava lá para esperá-lo.

No devido tempo, o dono morreu. *Haichi*, sabendo disso ou não, continuou procurando pelo dono todos os dias. Dirigindo-se ao habitual ponto, olhava para ver se o dono encontrava-se em meio ao grupo de pessoas que descia, quando o bonde chegava.

Desta maneira, passaram-se dias e meses. Passou-se um ano, dois anos, três anos, mesmo passados dez anos, a envelhecida figura de *Haichi* era vista todos os dias no ponto dos bondes, à espera do dono.”

Além do *on* imperial e filial, existe o *on* para com o professor e o patrão, que de alguma forma colaboraram para a formação e o progresso do indivíduo, que poderá retribuir futuramente, quando esses ou alguns de seus parentes encontrarem-se em algum tipo de dificuldade.

Como o *on* constitui-se num débito que deve ser retribuído, os seus pagamentos são diferenciados. O *gimu* constitui-se naqueles débitos de pagamentos ilimitados e que dificilmente serão quitados na íntegra. O *gimu* congrega dois tipos de obrigações, o pagamento do *on* ao imperador, denominado *chu*, e o *ko*, que refere-se ao pagamento da dívida aos pais. O *gimu* é considerado absoluto e faz parte do destino universal do homem, e o seu pagamento é compulsório.

A obrigação ao pagamento do *chu* é o dever máximo de toda a atitude moral do japonês, pois é considerada a pedra angular da arcada moral, sendo superior ao *giri*.

O *giri* “é efetuado considerando-se o cálculo matemático do favor recebido e, ainda, levando-se em conta o fator tempo.” (HASHIMOTO, 1998, p. 29), e possui duas divisões, o *giri* para o mundo e o *giri* para o nome. Segundo as regras, deve-se pagar estritamente aquilo que recebeu sem ultrapassar o prazo, pois do contrário, a dívida acumula e o seu não pagamento leva à desonra.

O *giri* para o mundo é constituído pelos pagamentos dos deveres aos semelhantes, como parentes, chefes e pessoas não aparentadas, e o *giri* para o nome resulta na obrigação japonesa em manter o nome limpo. Por isso, todo japonês deve respeitar as regras de etiqueta e polidez (cortesia), dominar as demonstrações de emoção e não admitir o fracasso profissional, impedindo que tais atitudes coloquem em risco a sua reputação. Além disso, deve-se limpar o nome diante de um insulto ou uma provocação, pois o ajuste de contas ou vingança, nessas circunstâncias, não é considerado agressão.

Mas talvez, a forma mais difundida de honrar o nome esteja voltada para o suicídio. Segundo BENEDICT (1972, p. 142), a “...ação agressiva mais extrema compreendida por um japonês moderno contra si mesmo é o suicídio. O suicídio adequadamente executado, de acordo com os seus princípios, limpa o nome e reabilita a memória.”

Diante do *giri*, percebemos a vulnerabilidade dos japoneses em situações de fracasso, rejeições e insultos, e antes da agressão externa, normalmente a agressão é auto-dirigida. Por isso, todo o sistema meticulosamente hierarquizado das regras sociais e do sistema familiar reduzem ao máximo a competição na vida dos japoneses, vivido como vergonha e desonra e caso ocorra, atinge o *giri* para o nome.

A existência do *on* e de seus devidos pagamentos, incide diretamente sobre a idéia de felicidade individual e de busca de satisfação dos desejos. Os japoneses consideram o cumprimento das próprias obrigações a tarefa primordial da vida e para atingi-la aceitam o fato de sacrificar seus desejos e prazeres pessoais, atendendo aos princípios nipônicos nos quais os sentimentos humanos não devem interferir no cumprimento de suas obrigações, separando o território pertencente ao prazer daquele das obrigações.

Sabem que suas vidas podem tornar-se difícil e dura para que possa atender a todas as prerrogativas do *chu*, *ko* e *giri*, porém, os japoneses são preparados para enfrentar as dificuldades, afinal, a força de vontade pode se considerada a virtude mais admirada no Japão. Para atingir o grau de virtude e cumprimento de suas obrigações, deve-se recorrer ao treino da autodisciplina para desenvolver a boa conduta.

Isso não quer dizer que não se entreguem aos prazeres, pois isso não se constitui em algo proibido. No Japão, a natureza humana é considerada boa e digna de confiança, mas é necessário limpar as janelas da alma para que se possa agir com a propriedade necessária

em todas as ocasiões. O prazer e a felicidade são momentos aos quais os japoneses se permitem quando podem, sem colocar em risco suas obrigações.

CAPÍTULO 3: A FAMÍLIA JAPONESA.

3.1 A família japonesa tradicional

Diante do estudo e análise das famílias japonesas constituídas no Brasil, nos deparamos com uma questão a respeito da organização dessas famílias, com relação às suas funções, os papéis desempenhados pelos pais e pelos filhos e aos valores que permeiam toda essa organização familiar, que no caso dos japoneses, assumem uma configuração peculiar e mostra-nos um universo bem diversificado se comparado ao contexto familiar ocidental, via de regra, o modelo predominante no Brasil.

Os imigrantes nipônicos que se instalaram no Brasil, carregavam em sua bagagem cultural e de valores, um modelo familiar que pode ser considerado um dos fatores que facilitou a expansão econômica dessas famílias nas décadas de 20 e 30 no nosso país, no qual “as relações de cooperação dentro do grupo e entre os vários grupos domésticos são altamente elaboradas, porém, mantêm uma flexibilidade que facilita seu ajustamento às novas condições de trabalho que encontraram nos países de imigração.” (CARDOSO,1998, p. 82)

A organização familiar da época *Edo* (1600-1867) permaneceu durante séculos no Japão e constituiu o que se denominamos a família tradicional japonesa. Este modelo tinha

como a célula de base o *ie*, ou casa, o “instrumento do poder e matriz da subordinação do individual ao coletivo, a permanência do *ie* em todos os níveis do edifício social garantia a estabilidade da ordem política e administrativa.” (BEILLEVAIRE, 1997, p. 203).

O *ie*¹⁶ constituía-se num grupo de filiação patrilinear que tinha em comum o culto aos antepassados permanente durante as gerações, cuja continuidade seria perpetuada através do nome, bens materiais e imateriais e títulos, através de uma linha de filiação real ou fictícia. Normalmente estava associada a uma rede de parentes e de vizinhança, que na prática, eram pouco diferenciadas entre si. O *ie* funcionava também como uma entidade social que englobava em seus domínios os aspectos de parentesco, econômicos e religioso.

Cabe notar que apesar do destaque para a filiação patrilinear, a maior ênfase do sistema familiar tradicional japonês não se referia à continuidade consangüínea, mas principalmente, à sua perpetuação enquanto um grupo corporativo, considerado como ponto fundamental. Portanto, a perpetuação genealógica consistia apenas numa linguagem que permitiria a criação e manutenção dos laços necessários para a ordenação e cooperação do grupo.

Tomamos como referência para tal afirmação, a existência da regra de adoção de um filho, que apesar de sacrificar a linguagem consangüínea, garantia a existência de um encarregado pela gestão dos negócios e perpetuação do grupo.

O chefe da casa constituía-se no poder principal do *ie*, e todos os seus membros deviam-lhe respeito e obediência, afinal, representava o sucessor da linhagem ancestral e encarnação da própria casa. Além disso, o chefe gozava de alguns benefícios em várias

¹⁶ A palavra *ie* tem o conteúdo aproximado ao da palavra casa em francês, significando, simultaneamente habitação, patrimônio e grupo humano que partilha o mesmo teto. Segundo a tradição chinesa e japonesa, o lar é concebido como o local que serve de mediação entre os seres humanos e as divindades. (Beillevaire, 1997)

atividades cotidianas como o privilégio de ocupar o lugar de honra (*yokoza*) na mesa, durante as refeições, o direito de banhar-se antes de todos os demais membros da casa e o de degustar pratos preparados especialmente para ele.

A regra de sucessão do *ie* baseava-se na primogenitura patrilinear, na qual apenas um filho, o primogênito, herdava a direção da casa e normalmente, a totalidade dos bens da família. Na ausência do primogênito ou quando este era julgado incapaz ou indigno de gerir os negócios e o nome da família, o chefe da casa poderia optar pelo sistema de adoção, no qual ele detinha o direito de escolher aquele considerado como o seu melhor sucessor.

O filho adotado constituía-se quase sempre num jovem ou adulto jovem e renunciava a toda a sua origem, inclusive o nome, devendo identificar-se com a casa adotiva e aceitar os cultos aos seus antepassados e as obrigações atribuídas pelo seu novo papel. Suas aptidões físicas e morais eram importantes, tanto que em alguns casos, podia-se optar por uma filiação adotiva ao invés da filiação real na sucessão familiar. A modalidade de adoção mais encontrada referia-se à adoção de um genro (denominado *mukuyôshi*), que seria o marido da filha do chefe da casa.

Independente da condição do sucessor, seja ele um parente de sangue ou um aliado, a estrutura patrilinear e genealógica do *ie* permitiam que ele ocupasse a condição de filho, cumprido as funções que lhe cabiam.

Se por um lado, a adoção significava para o adotado o abandono formal de sua pertença doméstica de origem, por outro lado, conferia novos laços com a casa adotante, pois as duas casas poderiam prestar auxílio mútuo nos trabalhos e nas festividades.

O papel da mulher¹⁷ nas casas era de total submissão aos pais, posteriormente ao marido e, por último, ao herdeiro. Talvez sua maior autoridade fosse exercida sobre a nora (*yome*), que deveria submeter-se às suas ordens antes de substituí-la. A nora passava por um período de “iniciação”, no qual deveria demonstrar seus dotes e capacidade para que fosse finalmente aprovada pela casa do marido. Além disso, as esposas eram responsáveis pelas tarefas de cuidado ao culto dos antepassados, como a limpeza do altar e renovação das oferendas e orações.

O culto aos antepassados limitava-se aos mais recentes e eram recordados no lar através da inscrição de um nome póstumo no *butsdan* (pedaço de madeira com a inscrição do nome, colocado sobre o altar). Segundo a tradição japonesa, o falecido atinge o verdadeiro estado de antepassado (*kami*) e perde sua identidade após cerca de trinta e três ou cinquenta anos após seu falecimento quando alcança o fim dessa etapa. Após esse período, a casa continua a prestar-lhe o ritual e cultos, porém, de forma anônima. A cerimônia do *Bon*, comemorado em meados do mês de agosto, é o culto de veneração por todos os mortos da casa, sejam os antepassados recentes, os mais antigos, as almas errantes e os anciãos, considerados antepassados vivos.

Entre os camponeses, podia-se encontrar uma relativa igualdade nos papéis desempenhados por homens e mulheres nas tarefas agrícolas.

Os casamentos também obedeciam a determinadas regras e rituais, até que fosse, finalmente, formalizado. Durante a época *Edo*, o casamento passou a ser patrivirilocal (o

¹⁷ No final do período *Kamakura* (1185-1333) e durante os séculos XV e XVI, devido a um período de sucessivos conflitos, os chefes das casas militares passaram a utilizar a transmissão integral da propriedade a um único sucessor, o primogênito, com a finalidade de fortalecimento e estabilização da estrutura fundiária. Até então, as mulheres tinham direito à herança e os casamentos não eram realizados em regime de comunhão de bens e a herança que a mulher recebia de seus pais era considerada sua propriedade particular, sendo livre para destiná-la aos filhos. Porém, sua parte na herança era menor do que a dos filhos e tinham um peso

casal residia com a família do marido) após a cerimônia de acolhimento da esposa (*yome*) na casa do marido (*yomeiri kon*).

Nas famílias pertencentes à classe dos militares, a figura do intermediário (*nakôdo*),

que tanto podia ser um “profissional” como um amigo ou parente – desempenhava um papel primordial nos preparativos do casamento, estabelecendo o contato entre as famílias, muitas vezes afastadas geograficamente, e responsabilizando-se pelo estatuto e ascendência de cada uma delas e até pelo angúrio da união. Esta só era confirmada depois de uma série de encontros protocolares, ao longo dos quais o empenhamento das partes interessadas devia ir-se manifestando de modo progressivo e ritualizado, mas onde os futuros cônjuges estavam ausentes. Era habitual que estes só fossem apresentados um ao outro durante a última reunião acertada pelo *nakôdo*, denominada *miai*, termo que significa literalmente “encontro”, mas que, na utilização vulgar, remete para a idéia de casamento ‘combinado’. (Beillevaire, 1997, p. 211)

Entre os camponeses, os casamentos normalmente eram realizados entre os membros da própria comunidade local e existia uma liberdade maior que permitia, inclusive, relações pré-conjugais. Por isso, em algumas regiões, o casamento era apenas uma formalização de uma relação já estabelecida, e o papel do *nakôdo* limitava-se a uma função formal. No caso dos herdeiros, existia um cuidado maior na escolha da esposa devido à sua importância na família. Tal escolha era importante, podendo colocar em risco os destinos da casa.

Como os casamentos cumpriam um papel contratual e a condição da mulher, no início do casamento era caracterizado por um período frágil, conforme foi descrito acima, alguns fatores poderiam justificar a revogação do casamento, resultando numa separação. O principal motivo para esse pedido consistia na infertilidade da mulher, seguido por doenças graves, adultério e sinais de incompatibilidade com a casa dos sogros durante o período inicial do casamento.

político menor. Nessa época, não era incomum a existência de mulheres gerindo propriedades rurais e empresas comerciais, como produção de saquê e distribuição de arroz.

Após o casamento do filho sucessor, o casal ocupava as dependências do *ie*, considerado o centro simbólico do grupo familiar que acolhia o altar do culto dos antepassados. O período de sucessão não era fixo e dependia do estado de saúde do patriarca, mas normalmente ocorria em vida.

Normalmente, o período de aposentadoria do chefe da casa era marcado pela saída do casal idoso para uma dependência da casa principal, e em locais nos quais havia um excedente de terras, o casal poderia partir para uma casa independente, onde cultivava sua própria terra. Poderia acontecer do casal partir juntamente com os filhos solteiros, embora a função do herdeiro constituía-se também no cuidado dos irmãos mais novos. O momento no qual ocorria essa separação geralmente coincidia com o nascimento do primeiro filho do casal herdeiro.

A casa estava sempre associada a uma rede de parentesco (*shinrui*) que normalmente se estendia até os primos em primeiro grau do chefe da casa. Com o casamento, a esposa ou o genro adotado mudavam de *shinrui*, e simultaneamente estabelecia-se entre ambas uma relação de *shinrui*. Existiam também relações com os aliados da casa (*engumi*) que obtinham a mesma importância que os parentes consangüíneos.

Juntamente com os *shinrui*, desenvolvia-se outro tipo de agrupamento, denominado *dôzoku* (mesma gente). O *dôzoku* pode ser definido como uma formação de várias famílias elementares, ligadas pelo mesmo nome e patrilinearmente relacionadas, ligadas por relações de obrigações recíprocas, de ordem genealógica e econômica. O princípio constitutivo do *dôzoku* ocorria com a concessão de uma parcela de terra ou instrumentos pela casa de origem (*honke*) para a formação de uma nova casa, denominada de casa-ramo (*bunke*), que poderia atingir uma vida doméstica independente.

Neste conjunto, o chefe a família principal é o administrador e centralizador de decisões, assim como o representante responsável por todo o grupo perante a comunidade. Cada casa, entretanto, tem a garantia de uma relativa independência, desde que cumpridas as obrigações impostas por sua submissão ao núcleo principal. (CARDOSO, 1998, p. 85)

Enquanto a casa de origem era habitada pelo chefe da casa e posteriormente pelo seu sucessor, as casas-ramos eram construídas para os irmãos do primogênito, incluindo-se as irmãs e os empregados. Por isso, em muitas unidades de *dôzoku*, a ascendência era cognática e não patrilinear, pois muitas filhas estabeleciam-se no *dôzoku*, através da adoção de um marido.

Para o estabelecimento no *dôzoku*, fazia-se necessária a aceitação e a honra do nome da linhagem, o culto dos antepassados e o cumprimento das obrigações econômicas e políticas que caracterizavam essa unidade corporativa, mesmo daqueles membros que não possuíam laços consangüíneos.

Os membros das casas-ramos eram ligados à casa de origem através de uma relação fictícia pais-filhos, na qual o chefe e a sua esposa eram denominados de pai e mãe e os seus filhos, de irmão mais velho e irmã mais velha. Essa mesma relação era estabelecida com empregados ou arrendatários, a quem havia a concessão de uma casa-ramo, pois na prática, a inexistência de laços consangüíneos não exprimia qualquer diferença. O que estava em jogo era a coesão e a participação do grupo nos rituais da casa de origem.

É importante frisar que alguns *zaibatsus* modernos (grandes monopólios empresariais) tiveram sua origem como *dôzoku*, que após um considerável crescimento econômico, puderam atingir meios para sua diversificação e independência da casa de origem. Temos como exemplos, grandes empresas como a *Mitsui*, a *Mitsubishi* e a *Sumitomo* que ainda hoje existem.

Diante de tudo o que foi exposto a respeito da família tradicional japonesa, podemos perceber que embora a relação de filiação fosse um critério de definição para a participação no sistema familiar produtivo, não tinha um critério exclusivo, e verificamos que o vínculo de filiação constituía-se tanto de modo biológico como social. Isso pode ser percebido através das adoções de filhos e maridos, pelo reconhecimento de empregados e aliados como membros do *dôzoku*, compartilhando do mesmo *status* dos membros que possuíam uma filiação consangüínea. Isso ocorria, uma vez que, a maior preocupação centralizava-se na continuidade da família, independente do seu contínuo genealógico.

Ao contrário do que ocorre na cultura ocidental, as características familiares não se constituíam como resultantes apenas da transmissão sangüínea, mas também da transmissão de símbolos sociais. Por isso, não existia distinção entre a prole de um filho ou de uma filha cujo marido fosse adotado e, desde que se cumprissem as obrigações e funções determinadas, todos eram considerados membros honrados do grupo familiar.

Com a Restauração *Meiji* (1868) ocorreram importantes mudanças que afetaram as dimensões políticas e sociais do país, refletindo também na família. Em 1890, é promulgada o Código Civil *Meiji* que só entrou em vigor no ano de 1898, devido a um longo processo de revisões que sofreu nesse período.

O Código reconheceu o *ie* como o elemento fundamental da sociedade japonesa e a “identidade pessoal continuava a ser principalmente definida pela pertença a uma casa e pela inscrição no registro doméstico, denominado *koseki*. “ (BEILLEVAIRE, 1998, p. 209).

Além disso, a figura paterna continuava a ocupar a posição de chefe da casa, com autoridade para decidir a respeito da entrada de novos membros na família ou pela exclusão daqueles julgados inaptos.

O papel da esposa era o de submeter-se às decisões do marido e à sua família, sendo que os seus bens pessoais seriam administrados também por ele.

A sucessão ao lugar de chefe da casa e a transmissão de bens passaram a ser distintos. Com relação à sucessão, a preferência recaía sobre o filho primogênito, que recebia a posse dos documentos genealógicos e os instrumentos utilizados no culto aos antepassados. Na falta desse ou caso ele fosse afastado da sucessão (em casos de deficiência física ou moral), o chefe poderia adotar um genro e na ausência de filhas, algum sucessor. O filho adotivo possuía os mesmos direitos e benefícios do filho biológico, devendo renunciar ao seu nome e seus antepassados e passar a usar o nome e o culto dos antepassados da família adotante.

Com relação à transmissão de bens, o Código previa que o sucessor não poderia *herdar* menos do que a metade do patrimônio familiar, sendo que a cota que caberia aos demais filhos dependia da escolha realizada pelo pai. As filhas e os secundogênitos contavam com a possibilidade de fundar uma casa-ramo, dependente da casa de origem, de acordo com as condições econômicas do grupo.

Embora o Código permanecesse fiel na maioria dos aspectos essenciais da vida familiar japonesa, a sua aplicação nacional teve o mérito de acentuar uma unidade cultural no país, independente do *status* econômico, pois até então as regras e costumes apresentavam uma diversidade entre as classes sociais e as regiões geográficas.

Deve-se apontar, por outro lado, a importância da família na esfera política do Japão. Considerada a pedra angular da ordem social, a propagação da ideologia nacionalista que passou a vigorar no país utilizou-se de uma analogia estabelecida entre família e Estado de tal modo que afirmava uma identidade entre essas duas realidades. O Estado japonês passou a ser descrito como a extensão da instituição familiar.

Confundindo-se a origem da nação com a da casa imperial, os antepassados divinos do imperador tornavam-se os do povo na sua totalidade. Esta homogeneidade, simultaneamente espiritual e racial, da sociedade japonesa justificava também que a piedade filial (*kô*) fosse encarada como a manifestação elementar da lealdade (*chu*) dos súditos para com a autoridade imperial e os representantes do Estado. Ao venerar os antepassados, cada súdito perpetuava os laços entre as gerações e assegurava assim a perenidade e a harmonia do país. Esta teoria do “Estado-família”, ou *kazoku kokka*¹⁸, levava deste modo a considerar-se a *família* como a própria matriz do Estado japonês e como a fonte do seu *ethos*. (BEILLEVAIRE, 1998, p. 212).

Não foi apenas para o conceito de Estado que a estrutura familiar foi utilizada. Podemos notar que na constituição das relações trabalhistas nas empresas modernas a gestão pode ser considerada como familiarista, fundamentando-se em vários pontos na estrutura familiar japonesa. Dessa forma, a empresa é considerada como uma casa, representada pelo seu chefe e os empregados devem se empenhar ao máximo, de uma forma solidária, para atingir os objetivos do grupo, tal como ocorre na família japonesa.

Alguns dispositivos empresariais reforçaram a implantação dessa ideologia, que de certa forma mantiveram longe das empresas japonesas as influências das idéias marxistas e sindicais. Dessa forma, o emprego é vitalício para grande parte dos cargos e a hierarquia baseia-se na cordialidade e no *giri* (obrigação) dos empregados.

A estrutura e o funcionamento do *ie* pode, portanto, ser equiparado a uma empresa, pois a sua flexibilidade nas estratégias de sucessão permitiu assegurar sua perpetuação e sua capacidade produtiva, configurando-se na base social do país.

O processo de transformação e modernização do Japão foi efetuado através da conciliação entre as novas idéias e o conceito de “alma japonesa” através da manutenção de todos os valores que discutimos anteriormente. Apesar de todo o processo de aceleração promovido pelo governo no sentido da modernização e implantação de novas idéias no país, na prática, os valores e os comportamentos legados do passado não se dissiparam na

¹⁸ O carácter *kokka*, Estado, origina-se do chinês e comporta em seu significado a dimensão de casa associada ao de país.

população, ao contrário, permaneceram durante muito tempo e continuaram a influenciar seus modos e valores, principalmente até o desfecho da II Guerra Mundial.

3.2 A família japonesa no estado de São Paulo.

A imigração japonesa para o Brasil iniciou-se em 1908, e nesse período, o Japão já passava pelas transformações políticas, sociais e econômicas ocasionadas pela Reforma *Meiji*. Dessa forma, o modelo de família, a relação com o estado e os valores trazidos pelos japoneses refletia o sistema de valores e de constituição social que nos ocupamos de discutir anteriormente. Além disso, lembramos o caráter temporário que caracterizou esse processo migratório. De posse dessas informações, iremos refletir, nesse momento, em que medida esses aspectos repercutiram na formação das famílias japonesas no estado de São Paulo que constitui o universo que buscamos contemplar nesse estudo.

Como nessa estrutura tradicional japonesa a família constituía uma unidade de produção e de consumo, as diferenciações e posições ocupadas pelos seus membros refletem a hierarquia familiar, podemos pensar que essa forma de organização trouxe algumas vantagens para a organização da vida dos imigrantes japoneses dentro das condições encontradas no Brasil. (Cardoso, 1998).

Inicialmente, podemos refletir que a possibilidade de atender à exigência da imigração em unidades domésticas só foi possível devido à existência de uma estrutura flexível de sucessão e de entrada de novos membros na família japonesa através do sistema

de adoção, responsável pela flexibilização do sistema familiar, o que facilitou a composição das “famílias compostas” que vieram para o Brasil. Pode soar estranho, mas atender a esse tipo de composição não trouxe grande mudança para a concepção de família nipônica.

Ao chegarem ao Brasil, as famílias imigrantes foram enviadas para as fazendas cafeeiras, nas quais mantiveram-se isoladas nas colônias desses locais. Isso facilitou a manutenção dos padrões de cooperação existentes nessas famílias, o que justifica uma maior facilidade apresentada pelos japoneses em aproveitar as oportunidades de sucesso que encontraram no Brasil, levando a uma considerável melhoria de vida num curto período de tempo, conforme os dados apresentados por Cardoso (1998), nos quais, do total de imigrantes (89.515) radicados no estado de São Paulo em 1930, apenas 25% eram colonos (a maioria deles ainda eram recém-chegados), enquanto 45 % deles já tinham superado a condição de assalariado, encontrando-se na posição de arrendatário ou pequeno proprietário. Segundo a autora, no prazo de 5 a 10 anos, 31% das famílias de imigrantes japoneses superaram a condição de colono.

O relato da história da fixação dessas famílias no estado de São Paulo tem uma trajetória em comum: ao chegar, dirigiram-se para as fazendas cafeeiras, onde trabalharam como colonos, passando, em seguida a arrendatários de terra, o que permitiu um maior ganho financeiro para, posteriormente, atingirem o nível de pequenos proprietários. Apesar de muitas famílias permanecerem na zona rural, aquelas que se mudaram para a cidade, normalmente o fizeram após atingirem a condição de pequenos proprietários agrícolas. Isso se deveu ao fato de que a tendência à urbanização só ocorreu quando a família conseguiu atingir um certo nível econômico, pois o trabalho agrícola exigia a participação de todo o grupo familiar para que se pudesse atingir maiores lucros. A busca pela vida na cidade

podia ser justificada principalmente pelas condições educacionais que poderia oferecer aos seus filhos.

Esses dados são confirmados através dos estudos de Saito e Vieira (1975), e embora não se possa afirmar que todas as famílias cumpriram todas essas etapas de mudança nas condições de vida citadas acima, pode-se afirmar que atingir o *status* de pequeno proprietário agrícola foi o principal objetivo das famílias.

Nesse sentido, a tradição familiar japonesa baseada na autoridade do chefe da casa como o centralizador das decisões e da coesão do grupo foi fundamental para que as famílias pudessem atingir o sucesso econômico. Os padrões de obediência, lealdade e dedicação aos mais velhos encontraram terreno fértil para a vida desses imigrantes no Brasil. Isso facilitou a união do grupo em torno dos objetivos de trabalho e busca pelo enriquecimento com a participação de todos os membros da família, além de facilitar a manutenção de padrões mínimos de sobrevivência, no quais todos na família buscavam colaborar, seja pelo trabalho ou pela economia para o sucesso do bem comum, sob a autoridade do pai.

Esses dados são confirmados pelo estudo realizado por Hashimoto (1998) a respeito das vivências da fase de maturidade nos *nisseis* (filhos dos imigrantes japoneses), que segundo o autor, percebiam a atitude de provisoriedade na perspectiva de vida de seus pais, o que dificultou muito as suas experiências de vida no Brasil, uma vez que esse caráter provisório de vida levou-os a viver aqui, sem que pudessem sentir a possibilidade de continuidade e permanência e a desenvolverem a vontade do “eterno regresso” que percebiam nos seus pais.

Como a vida nas fazendas era difícil e o trabalho árduo, a união da família foi um fato importante para fortalecê-los na luta pela sobrevivência e pelo sucesso.

“No convívio familiar experienciavam situações agradáveis de solidariedade, exemplos e lições de vida. Isso tudo os fortalecia, incentivando neles a vontade de aceitar, envolver-se e participar dos costumes da cultura japonesa.” (HASHIMOTO, 1998, p. 101)

Podemos notar, de uma forma geral, que os princípios da educação dos *nisseis* basearam-se nos padrões de educação nipônica firmada na honestidade, perseverança, respeito aos mais velhos, paciência, busca de aperfeiçoamento e sabedoria. (Hashimoto, op. cit.)

Como a maioria das famílias nipônicas vivia isolada na área rural e distante do contexto social, seus contatos restringiam-se aos vizinhos (também imigrantes, inclusive os de outras nacionalidades) e às associações que eles mesmo fundaram. HANDA (1987, p. 517), ao se referir à formação dos *nisseis* afirma que

nos primeiros dez ou quinze anos após a fundação dos núcleos de colonização, o fato é que ficaram muito afastados do resto da sociedade. Nesse sentido, pode-se afirmar que a formação da personalidade da maioria dos *nisseis* se deu sob forte influência dos seus próprios pais. Ou melhor, sob influência do ambiente social reinante nos núcleos de colonização.

É interessante notar o quanto esses padrões culturais e educacionais influenciaram a vida dos *nisseis*, chegando a constituir a expressão do seu pensamento. Segundo o mesmo autor, ao indagar aos *nisseis* em qual língua pensavam, alguns respondiam que pensavam ora em japonês, ora em português. Aqueles que foram mais fortemente influenciados pela cultura japonesa, diziam pensar basicamente em japonês. Essa foi a realidade vivida pela maioria dos *nisseis*, principalmente daqueles educados até 1941, antes do final da II Guerra Mundial.

Esse isolamento que caracterizou a vida das famílias nipônicas permitiu que os imigrantes japoneses fundassem as associações culturais que constitui a base da união das famílias e da transmissão cultural e tradicional japonesa. Podemos afirmar que essa

estrutura encontrada nos núcleos de colonização japonesa e nessas associações aproxima-se dos *dôzoku* que caracterizavam a estrutura familiar tradicional japonesa, funcionando como aglutinadores e mediadores entre a comunidade e o mercado mais amplo, além da existência da hierarquia e de um chefe que representava e defendia os interesses do grupo.

De qualquer forma, a educação dos filhos dos imigrantes foi marcada pela coexistência dos dois padrões culturais, o japonês e o brasileiro. Embora na maioria das famílias desse período relatado a língua predominante fosse o japonês, assim como os hábitos alimentares, culturais, de recreação e principalmente de valores, com a permanência das famílias ao Brasil, os *nisseis* passaram a freqüentar também o circuito social brasileiro, inicialmente através da escola. Os momentos de lazer e recreação eram mínimos, normalmente após o cumprimento das obrigações e do trabalho e restringiam-se às associações japonesas fundadas nos núcleos de colonização.

O que prevalecia era o trabalho e as obrigações, característica marcante das famílias nipônicas no Brasil que não mediram esforços para buscar melhorias nas condições de vida. Portanto, a vida dos *nisseis* foi marcada por conflitos no que diz respeito aos costumes e à cultura. Como participavam de momentos compartilhados com a cultura local, sentiam-se discriminados e inferiores, o que pode ser entendido como consequência das diferenças culturais e dos costumes entre o Brasil e o Japão. Porém, pode-se notar também nesse aspecto, a influência da educação japonesa.

A princípio, os *nisseis* sentiram-se tristes e desanimados, mas essa discriminação os estimulou a se esforçarem para superá-la, procurando se tornar os melhores nos estudos. E conseguiram o intento, fortalecidos pelos ensinamentos de seus pais. Esse modo de enfrentar a situação estendeu-se também, ao campo do trabalho. Desse modo, os *nisseis* assumiram a tarefa de 'serem os melhores' no estudo e no trabalho. (HASHIMOTO, 1998, p. 103).

O trabalho tornou-se o aspecto central da vida familiar japonesa e o pai (chefe de família), através de seu papel de autoridade agregava todos os seus membros para a busca

dos objetivos pelo bem comum, estimulado a vencer os desafios. Os filhos, por sua vez, respeitavam-no e eram submissos e leais à sua autoridade, reproduzindo as relações da família tradicional japonesa.

O ideal da “alma japonesa” sempre esteve presente na educação dessas pessoas movidas pela busca incessante de melhores condições de vida através do esforço e dedicação ao trabalho, que como já foi dito, sempre foi prioritário, enquanto o lazer e a diversão ficavam em segundo plano.

Os próprios *nisseis* avaliam e valorizam a educação japonesa que receberam e sentem orgulho ao perceber que o “povo japonês” é considerado esforçado, trabalhador e honesto e diante dessa situação, buscam passar esses ensinamentos a seus filhos, mas integrando as duas culturas.

Podemos notar que os ideais da cultura e da educação nipônica ainda permanecem presentes nas vidas das famílias japonesas que se constituíram no Brasil, e no nosso caso, no estado de São Paulo.

Partindo do contexto inicial da imigração japonesa, notamos que a vida dessas famílias foi marcada por uma forte resistência à assimilação cultural, principalmente pelo fato de que esses imigrantes tinham como objetivo o retorno ao Japão. Como a imigração japonesa no Brasil foi um processo de longa duração notamos uma ambigüidade em relação à integração cultural: notamos a presença de descendentes pouco integrados e assimilados à cultura local e aqueles que puderam viver uma experiência de vida mais diversificada e integrada à sociedade brasileira.

Dessa forma, o tipo de *nisei* comumente visto nos núcleos de colonização de antes da segunda guerra mundial era um produto resultante do processo de assimilação dos próprios imigrantes japoneses no Brasil. Um tipo que nascera do cotidiano dos velhos imigrantes *isseis* que, embora incorporando aspectos de um “macaco velho brasileiro”, estava submetido a um dia-a-dia monótono e culturalmente muito pobre. Era, enfim, em outras palavras, um produto dos próprios núcleos de colonização. Assim, à medida que a mata

virgem foi desaparecendo, a aragem manual e a enxada cedendo lugar à aragem mecânica, e aumentando o número de cursos superiores até mesmo nessas cidades do interior, aquele nissei caboclo tão comum no período anterior à guerra foi dando lugar ao nissei, digamos, 'moderno'. Aquele, no entanto, pelo fato de ter vivido os anos mais difíceis do início da imigração junto dos isseis, possui ainda hoje a postura daquele que desde jovem estava diretamente ligado à produção, ao mesmo tempo em que conseguiu incorporar o espírito, a nível mais refinado, do "macaco velho". Novamente, aqui, não podemos generalizar e dizer que hoje todos aqueles nisseis daquela geração sejam assim, mas podemos dizer que a sua maioria constitui hoje o núcleo mais ativo da colônia japonesa, como "nisseis de fibra". Ainda, como viveram sua juventude em tempos de guerra e, conseqüentemente, não puderam estudar em escolas brasileiras a contento, são educadores entusiasmados com relação a seus filhos, no sentido de que estes freqüentem as escolas brasileiras. Mesmo entre as nisseis há – principalmente entre aquelas que hoje são donas-de-casa – as que ainda dominam melhor o japonês do que o próprio português. Elas se dedicam, hoje, à educação dos nisseis e sanseis de modo a se adequarem aos novos tempos. (HANDA, 1987, p. 521).

Portanto, os *nisseis* que viveram o período inicial da imigração, antes da II Guerra Mundial foram fortemente marcados pela educação tradicional da família japonesa e apresentaram pouca integração à sociedade local.

CAPÍTULO 4: O MOVIMENTO *DEKASSEGUI*.

4.1 Retrospectivo histórico

Nesse momento, apresentamos algumas considerações e estudos realizados a respeito do movimento migratório denominado *dekassegui*. Devido aos múltiplos aspectos que envolvem esse processo, iniciamos esse capítulo caracterizando e apresentando o fenômeno e a população de emigrantes, para posteriormente demonstrar os diversos momentos que o compõe. Finalmente, apresentamos as principais dificuldades enfrentadas tanto pelos emigrantes como pelas suas famílias envolvidas nesse movimento.

Esse processo migratório iniciou-se em meados da década de 80, no qual nota-se que as relações migratórias entre o Brasil e o Japão invertem-se, pois agora são os *nikkeys* que migram para o Japão. Os descendentes de japoneses “começaram a trilhar o caminho inverso, retornando à pátria de seus antepassados, em busca do novo Eldorado, na busca do ‘pote de outro’ além do arco-íris.” (MORIYA, 2000, p. 63).

Este movimento migratório é denominado *dekassegui*, pois *de* significa sair e *kassegui* trabalhar, denominando aquele que vai trabalhar fora. Este termo foi utilizado originariamente no Japão, para designar o agricultor japonês que, habitando as ilhas do norte do arquipélago, migrava para as grandes cidades do sul durante o inverno rigoroso, em busca de trabalho temporário nas indústrias. Ao término da estação, ele retornava para o campo. Desta forma, o termo passa a designar qualquer trabalhador migrante temporário que deseja voltar à sua terra natal.

Porém, na década de 80, esta expressão começa a ser utilizada de forma pejorativa, passando a se referir ao trabalhador estrangeiro, descendente de japoneses nascido fora do Japão, que exerce o trabalho dos 3 K: *kiken* (perigoso), *kitsui* (pesado) e *kitanai* (sujo), trabalho este que os japoneses não queriam desempenhar devido ao alto grau de escolaridade alcançado pela população do país, e que normalmente são destinados aos imigrantes que vivem à margem da sociedade, ocupando os cargos menos especializados. Posteriormente, foram acrescentados mais 2 K ao termo: *Kibishi* (exigente) e *Kirai* (detestável). (Moriya, 2000 e Nakagawa, 2001).

Os dados quantitativos referentes à presença dos brasileiros no Japão somaram 312.979, em 2006, segundo os números mais recentes divulgados pelo Ministério do Trabalho do Japão. Constata-se um aumento de cerca de 11 mil pessoas em relação aos dados de 2005, quando contabilizavam-se 302.080 brasileiros. Nesse contexto, os *nikkeys* somam 15% da população estrangeira que habita atualmente no Japão, representando o terceiro país na lista de maior número de registros de residentes estrangeiros no Japão¹⁹.

Os dados mostram que a população estrangeira cresceu 47% em 10 anos. O aumento em relação ao final de 2005 foi de 3,6% (73.364 estrangeiros). A população de estrangeiros no Japão atingiu o maior número de todos os tempos como total de 2.805.000 pessoas. Isso corresponde à 1,63% da população japonesa, estimada em 127.770 milhões de habitantes.” (Jornal Nipo-Brasil, 6 a 12 de junho de 2007).

É importante ressaltar a dupla face que compõe esse movimento migratório iniciado na década de 80. Nesse período, o Japão apresenta uma grande aceleração na sua produção industrial, principalmente nos setores automobilístico e de eletro-eletrônicos, acarretando o problema da falta de mão-de-obra para os setores mais baixos da produção industrial, devido ao alto nível de escolaridade atingido pela sua população.

Diante dessa situação, o país passa a receber grande número de trabalhadores do Sudoeste asiático (Coréia, China, Paquistão, Bangladesh, Filipinas, Tailândia), e em menor escala, do Oriente Médio, atraídos pelos salários oferecidos pelo Japão. A maioria desses trabalhadores formava uma população de imigrantes ilegais²⁰, o que preocupava o governo e o povo japonês, habituados a uma concepção de homogeneidade estabelecida no país desde os tempos mais remotos.

Por outro lado, temos nesse mesmo período, uma forte crise econômica que trouxe como algumas conseqüências, altas taxas de inflação, o rebaixamento do poder aquisitivo e do padrão de vida da população brasileira e dos países da América Latina em geral.

Esse quadro constituiu o cenário principal para que o Japão buscasse a mão-de-obra estrangeira para abastecer a sua produção industrial, enquanto para muitos brasileiros, migrar passa a ser a grande saída para enfrentar a crise econômica instalada no país.

Porém, devido ao número de imigrantes ilegais que entravam no país aliado à necessidade de trabalhadores, em 1990 houve a reforma da Lei de Controle da Imigração e Reconhecimento de Refugiados do Japão. (Mizukami, 1998; Sasaki, 1999.) Nessa reforma na qual buscava-se principalmente o controle da entrada de imigrantes ilegais, houve também a reformulação “do *status* de permanência para os filhos e netos de japoneses.” (Shirai, 1998, p. 12).

Dentre as medidas estabelecidas encontram-se severas penalidades, como multas elevadas e penas criminais tanto para os empregadores como para os intermediários que

¹⁹ Os países que possuem as maiores populações no Japão são a Coréia (do Norte e do Sul) e a China, respectivamente.

²⁰ No geral, essa população de imigrantes ilegais era constituída por homens que se dirigiam para aos setores da construção civil e manufatureiro e por mulheres, contratadas como *bar hostesses* e *entertainers*, movimentando a indústria do sexo no país. (Sasaki, 1999)

contratassem imigrantes ilegais para as firmas japonesas. Por outro lado, os trabalhadores *nikkeis* passam a contar com algumas vantagens: “têm um acesso facilitado no Japão, dada a sua consangüinidade, a possibilidade de exercer atividades no Japão sem restrições, renovar o visto quantas vezes quiser²¹ e de vir a ser um residente permanente.” (Sasaki, 1999, p. 252)

Para YAMAMOTO (1998, p. 18), pode-se constatar que após essa reforma, que entrou em vigor em 1990,

o número de trabalhadores *nikkey* residentes no Japão, com registro de estrangeiro, saltou dum total de 72 mil em 1990 para um número superior a 220 mil em 1996, conforme um levantamento realizado pelo nosso Ministério²². Esse número não se refere somente ao contingente de nipo-brasileiros, pois ele engloba toda a população de estrangeiros de origem *nikkey*, ou seja, aqueles que têm ascendência japonesa. Com certeza, os nipo-brasileiros devem ocupar a grande maioria desses 220 mil²³. (...) E como se disse há pouco, esse contingente *nikkey* não sofre nenhuma restrição quanto à natureza do trabalho, diferentemente dos demais estrangeiros, podendo empregar-se em qualquer ramo de atividade.

Tendo em vista tal facilidade, a partir de 1990, o fluxo migratório dos trabalhadores nipo-brasileiros intensificou-se de forma clara, sendo que os *isseis* (imigrantes japoneses radicados em outro país – 1^a. geração) foram os primeiros a serem contratados pelas empresas japonesas, atraídos pelos altos salários²⁴ (se comparados aos padrões brasileiros) oferecidos pelos japoneses.

“O Japão virou para muitos *nikkeys*, panacéia para resolver suas dificuldades econômicas. Ficar desempregado, crise no comércio, lavoura, aumento do capital para empreendimentos, aposentados que querem ganho mensal extra e para outras inúmeras situações, procurar

²¹ O visto de reentrada foi promulgada na reforma de 1990, e permite que o trabalhador *nikkei* tenha um visto durante 3 anos para o *nissei* (2^a. geração) e de 1 ano para o *sansei* (3^a. geração), facilitando e intensificando as idas e vindas dos *dekasseguis* entre seu país de origem e o Japão.

²² A autora citada ocupava, nesse período, o cargo de Diretora da Divisão de Assuntos Relativos ao Trabalhador Estrangeiro, do Ministério do Trabalho do Japão.

²³ Embora a diferença quantitativa seja relevante, além do Brasil, o Peru é um outro país da América Latina que possui trabalhadores *nikkey* no Japão.

²⁴ Segundo Oliveira (1998), os salários dos trabalhadores giram em torno de 3 mil dólares com as horas-extras, enquanto das mulheres, em torno de 2.500 dólares, pois o salário das mulheres é relativamente mais baixo no país.

agenciadores e demandar para o Japão passou a ser a solução.” (YOSHIOKA e SAM, 1999, p.17)

Embora esse movimento tenha se iniciado timidamente, verificamos que durante o período de 1988 a 1991, houve uma grande massificação nesse fluxo migratório, devido ao crescimento da população emigrante nesses anos²⁵.

De 1987 para 1988, verificamos um crescimento de 84,84%. E nos dois períodos seguintes é ainda maior a taxa de crescimento de brasileiros presentes no território nipônico: a de 1988/89 foi de 24,31% e, maior ainda, a de 1989/90: 288,42%. Em outras palavras, o fim dos anos 80 e o início dos 90, sobretudo o período de 1989/90, foi uma época marcada pela grande ‘revoada’ de brasileiros rumo ao Japão. (SASAKI, 1998, p. 249)

Podemos averiguar que além do contexto vivido no Brasil durante esses anos citados anteriormente, a reforma e os precedentes presentes na nova lei de Controle de Imigração do Japão contribuíram para a intensificação da emigração dos nipo-brasileiros verificada acima. (Ver tabela 1, p. 70)

Convém destacar que essa reforma vislumbrou também um outro benefício para o governo japonês. Além de solucionar o problema da falta de mão-de-obra, a entrada de descendentes japoneses assegurava a valorizada manutenção da homogeneidade étnica e cultural no país, pois como os *dekasseguis* possuem a mesma ancestralidade do povo nipônico, imaginava-se que teriam maior facilidade de integração à cultura nipônica, pois têm a mesma origem do povo japonês.

TABELA 1

Estrangeiros registrados no Japão segundo nacionalidades de maior contingência.

1990 a 1994

País	1990	%	1992	%	1993	%	1994	%
Total	1.075.317	100,0	1.281.644	100,0	1.320.748	100,0	1.354.011	100,0
Coréia	687.940	64,0	688.144	53,7	682.276	51,7	676.793	5,0
China	150.339	14,0	195.334	15,2	210.138	15,9	218.585	16,1
Brasil	56.424	5,2	147.803	11,5	154.650	11,7	159.619	11,8
Filipinas	49.092	4,6	62.218	4,9	73.057	5,5	85.968	6,4
EUA	38.364	3,6	42.482	3,3	42.639	3,2	43.320	3,2
Peru	10.279	0,9	31.051	2,4	33.169	2,5	35.382	2,6
Outros	82.874	7,7	114.612	9,0	124.819	9,5	134.344	9,9

Fonte: Ministério da Justiça do Japão (1995) apud Sasaki (1999, p. 248)

Obs.: Dados do ano de 1991 não disponíveis.

²⁵ Esse considerável aumento na emigração dos *dekasseguis* nesse período relaciona-se à crise econômica vivida no Brasil e intensificada nos governos Sarney e Collor. Tal crise atingiu, principalmente, as camadas da classe média brasileira. (Kawamura, 2003; Sasaki, 1999, Oliveira, 1999).

TABELA 2

Estrangeiro no Japão por nacionalidade

País		1995	1996	1997	1998	1999	2000
Total	f	1.362.371	1.415.136	1.482.707	1.512.116	1.556.113	1.686.444
	f%	100	100	100	100	100	100
Coréia	f	666.376	657.159	645.373	638.828	636.548	635.269
	f%	48,9	46,4	43,5	42,2	40,9	37,7
China	f	222.991	234.264	252.164	272.230	294.201	335.575
	f%	16,4	16,6	17,0	18,0	18,9	19,9
Brasil	f	176.440	201.795	233.254	22.217	224.299	254.394
	f%	13,0	14,3	15,7	14,7	14,4	15,1
Filipinas	f	74.297	84.509	93.365	105.308	115.685	144.871
	f%	5,5	6,0	6,3	7,0	7,4	8,6
EUA	f	23.198	44.168	43.690	42.774	42.802	44.856
	f%	3,2	3,1	3,0	2,8	2,8	2,6
Peru	f	36.269	37.099	40.394	41.317	42.773	46.171
	f%	2,7	2,6	2,7	2,7	2,7	2,7
Outros	f	142.800	156.142	174.567	189.442	199.805	225.308
	f%	10,5	11,0	11,8	12,6	12,9	13,4

Fonte: Ministério da Justiça do Japão (1995 a 2001) apud Kubo (2003)

4.2 Caracterização do movimento *dekassegui*.

O movimento migratório não pode ser compreendido como uma exclusividade vivida pelo Japão e o Brasil. Ao contrário, com a globalização da economia e as conseqüências produzidas por esse processo, houve uma intensificação da migração internacional localizada em dois extremos: de um lado, os países ricos com necessidade de mão-de-obra, salários altos aliados a boas condições de vida de sua população, e de outro, o elevado desemprego, baixos salários e condições de vida precárias dos países pobres e em desenvolvimento. O fato é que localizamos necessidades nesses dois extremos que se cruzam e movimentam o fluxo migratório atual.

Se podemos localizar uma especificidade no movimento *dekassegui*, ela diz respeito à migração seletiva caracterizada nesse processo, que privilegia a população *nikkey* que vive no exterior. Focalizando os nipo-brasileiros nesse movimento, podemos nos questionar se tal emigração é considerada um retorno ou uma ida dessas pessoas ao seu país de origem.

Segundo Sasaki (1998), essa é uma questão polêmica, pois para respondê-la é necessário refletir qual seria o *homeland*²⁶ dos *dekasseguis* - o Brasil ou o Japão.

No caso de considerarmos o Japão como o *homeland* do *dekassegui*, podemos dizer que essa emigração constitui-se num retorno à terra dos seus antepassados, ao seu berço

²⁶ Esse termo é utilizado para designar o país de origem, o “lar” do migrante.

cultural. Porém, um retorno pressupõe uma ida anterior, o que não ocorre na maioria dos casos, pois muitos dos *dekasseguis* nunca haviam ido ao Japão antes de partir para o trabalho migrante naquele país.

Por outro lado, ao chegar ao Japão, o *dekassegui* depara-se com uma situação inesperada: apesar de sua origem nipônica, o trabalhador é marginalizado e vive uma condição de estrangeiro na terra de seus ancestrais. Isso ocorre devido às características da sociedade japonesa que mantém uma distância em relação ao estrangeiro e lhe reserva papéis diferenciados na estrutura social. Nesse sentido, o Brasil passa a ser sentido como o *homeland* e o emigrante pode resgatar o sentimento de pertencimento ao Brasil, ao entrar em contato com população japonesa.

Existe ainda uma outra possibilidade, na qual indaga-se que o *dekassegui* possui dois *homelands*: o Brasil e o Japão, ou seja,

Num primeiro momento, antes de partir, o país de destino é pensado pelo *dekassegui* como a terra de seus ancestrais e, em algum lugar no seu imaginário, ele tem um sentimento de pertencimento em relação ao Japão, bem como a possibilidade do mito de retorno à sua origem étnica. Mas, num segundo momento, quando ele chega ao Japão e, mesmo sendo um japonês radicado no Brasil (ou um descendente), percebe-se como um estrangeiro. Nesse caso, o país de origem (ou o *homeland*) é o Brasil. (SASAKI, 1998, p. 254).

A existência desse ‘mito do retorno’ é percebida como uma característica que confere peculiaridade a esse movimento migratório, tanto para os japoneses como para os nipo-brasileiros.

Com relação aos japoneses, isso fica implícito no favorecimento encontrado pelos *nikkeys* para sua entrada como emigrante estrangeiro no país, isso era visto pelo governo japonês como uma forma de não ferir a sua necessidade em manter os padrões de homogeneidade de sua sociedade. Para os nipo-brasileiros, esse fato criou uma expectativa

de que, na condição de descendentes nipônicos, seriam bem recebidos no país e tratados como verdadeiros japoneses, devido à sua origem ancestral em comum. Talvez esse fato tenha sido um dos responsáveis em gerar nessas pessoas o ‘mito do retorno’. Porém, na realidade, não é isso que ocorre, pois, se

por um lado os nipo-brasileiros têm uma posição privilegiada em relação aos outros trabalhadores estrangeiros, por outro lado situam-se, assim como os outros trabalhadores estrangeiros, na periferia do mercado de trabalho no Japão, empregados em trabalho temporário não qualificado. A grande maioria trabalha como operário, apesar de não ter nenhuma experiência nessa função no Brasil. (KUBO, 2003, p. 13)

Aliado a esse fato, podemos assinalar que a existência desse mito dependeu em muito da maneira como ocorreu formação cultural dessa população no Brasil, que nos primeiros anos da imigração japonesa, viveu isolada nas fazendas cafeeiras e nos núcleos de colonização, fortemente influenciada por valores da tradicional cultura nipônica, basicamente da época *Meiji*, trazidos pelos japoneses quando emigraram para o Brasil. Esses aspectos foram apresentados nos capítulos anteriores desse trabalho.

Levando em consideração o número de brasileiros presentes no Japão atualmente, os dados apontam que grande parcela desse contingente migratório é constituída por uma população heterogênea, tanto com relação à sua influência cultural japonesa quanto à experiência profissional no Brasil. Em comum, essa população apresenta uma faixa etária jovem (em torno de 18 a 45 anos de idade) com grande potencial produtivo e praticamente nenhuma experiência operária anterior, e pertencem, em sua maioria, à 3^a. e 4^a. geração de *nikkeys* no Brasil, isto é, são *sansei* e *yonseis*. Ao contrário dos *nisseis* (2^a. geração), a formação cultural dessa população difere dessa geração, sua educação é resultante de uma maior miscigenação dos aspectos culturais tradicionais japoneses trazidas pelos imigrantes e da cultura brasileira.

Os *nisseis* viveram, no geral, em pequenas cidades do interior do país, principalmente do estado de São Paulo e em áreas rurais e foram fortemente influenciados pelas comunidades e associações nipo-brasileiras que se formaram nesses locais, nas quais privilegiava-se as práticas culturais (músicas e danças), esportivas e de valores japoneses.

A maioria teve contato direto com os costumes do Japão tradicional (Era Meiji) trazidos pelos pais, principalmente na família, que se constituía no principal núcleo de vivência, ao lado das associações comunitárias aqui criadas pelos japoneses e descendentes. Os próprios pais japoneses (ao menos um deles) usavam a língua de origem; adotavam os costumes de alimentação e ornamentação dos japoneses; participavam de festivais e comemorações típicas; seguiam os rituais trazidos do Japão, em casos de nascimento e falecimento; aderiam a práticas religiosas japonesas; e assim por diante. (KAWAMURA, 2003, p. 85)

Além desses aspectos culturais, houve a forte influência de valores nipônicos, como a valorização da educação escolar, da disciplina e do controle das emoções, além da importância da família (respeito à hierarquia e aos mais velhos). Apesar da forte influência desses valores recebida pelos *nikkeys*, eles também receberam a influência da sociedade local, apresentando uma dupla influência que permitiu que desenvolvesse formas culturais miscigenadas, vivendo em dois mundos: o nipônico e o brasileiro, apesar da influência maciça do primeiro.

Por outro lado, a experiência dos *sanseis* e *yonseis* (3^a. e 4^a. geração), diferem daquela apresentada pelos *nisseis*. Como são filhos desses últimos, a influência que receberam da cultura e valores japoneses pode ser considerada reduzida, com exceção daqueles que permaneceram na comunidades nipo-brasileiras das cidades do interior²⁷ e em áreas rurais. No geral, após a década de 60, muitos deles migraram para as grandes cidades em busca de melhores empregos e de cursos superiores, levando à desarticulação e enfraquecimento das antigas associações nipo-brasileiras.

²⁷ Na pesquisa apresentada as famílias entrevistadas são residentes de cidades do interior do estado, fazendo parte desse universo citado, ainda com forte influência dos costumes nipônicos.

Se compararmos a população *nikkey* à brasileira, de modo geral, pode-se dizer que eles conseguiram atingir posições econômicas e sociais consideradas intermediárias na sociedade local, e na década de 80, sofreram as mesmas dificuldades que atingiram a classe média brasileira, como a queda nos níveis de vida e de trabalho.

De acordo com os dados apresentados por Kawamura (2003, p. 91), segundo o “Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, quase 60% dos trabalhadores brasileiros recebiam, antes de embarcar para o Japão, cerca de um a cinco salários mínimos, e 30% de aproximadamente de cinco a dez salários mínimos, o que os situava abaixo da média dos salários do Brasil.”

Nesse momento, temos a confluência das necessidades por mão-de-obra para as indústrias no Japão e a busca da população brasileira por melhores condições de vida e de salários. Portanto, para muitos *nikkeys*, assim como para muitos outros brasileiros, a migração foi a solução encontrada. Por isso, à partir da década de 80, os nipo-brasileiros dirigiram-se para o Japão atraídos pelos altos salários oferecidos pelo país, somando-se a isso, o fato da ancestralidade em comum já apresentada anteriormente. Sasaki (1999), considera que o movimento *dekassegui* pode ser dividido em três períodos em sua trajetória.

No primeiro momento, que engloba o início do movimento, em meados da década de 80, a migração inicia-se lentamente, em termos numéricos. Os primeiros emigrantes eram os *isseis* (1^a.geração), que normalmente apresentava a nacionalidade japonesa ou dupla nacionalidade, tinha domínio da língua japonesa, possuía idade média avançada (18 a 60 anos) e era pai de família. Nesse período, o termo *dekassegui* tinha um cunho pejorativo e rinha o significado do trabalho dos 3K (*kiken*, *kitsui kitanai*, que significam perigoso, penoso e sujo, respectivamente). Esse significado existia também para a população nipo-

brasileira, tanto que era comum as famílias não externalizarem o fato de que alguém havia migrado para o Japão. Além disso, a emigração era temporária, pois havia a predominância de homem e mulheres que migravam sozinhos deixando a família no Brasil, com expectativa de permanecer 1 ou 2 anos e retornar ao Brasil.

Nesse período, registram-se salários em torno de 5.000 dólares para os homens e 3.000 mil dólares para as mulheres. Verificamos também o surgimento dos intermediários e dos agenciadores que contratavam mão-de-obra para as pequenas indústrias japonesas, que através da exploração dos trabalhadores atingiram grandes lucros com o recrutamento e encaminhamentos dos trabalhadores brasileiros.

O segundo momento, que ocorre no final da década de 80 e início dos anos 90, é marcado pela intensificação e massificação do movimento, na qual verificam-se as maiores taxas de crescimento da população brasileira no Japão. (Ver Tabela 2 e 3) Temos que lembrar que tal aumento ocorre também em virtude da promulgação da reforma da Lei de Controle de Imigração no Japão (1990) e do visto de reentrada, que facilitou a emigração.

Tabela 3
Taxa de crescimento anual de brasileiros registrados no Japão – 1985 a 1994

Ano	No. de brasileiros	Taxa de crescimento (%)
1985	1.955	-
1986	2.135	9,21
1987	2.250	5,39
1988	4.159	84,84
1989	14.528	249,31
1990	56.429	288,42
1991	119.333	111,47
1992	147.803	23,86
1993	154.650	4,63
1994	159.619	3,21

Fonte: Ministério da Justiça do Japão (1995), apud Sasaki (1999).

Nesse período, existe uma mudança no perfil do trabalhador, constituído principalmente por uma faixa etária mais jovem (entre 18 e 45 anos), constituída por *nisseis* e *sanseis* (2^a. e 3^a. gerações), solteiros e recém-casados (com ou sem filhos), pois muitos emigravam com a família. A familiaridade com a língua é menor nesse período a percebe-se também a presença de não-descendentes entre os *dekasseguis*, resultado de casamentos interétnicos.

Com o aumento da população brasileira no Japão, desenvolvem-se também as redes sociais na sociedade receptora, para atender a tais imigrantes, com a criação de agências (atualmente contabilizam cerca de 600 órgãos) de informações, orientação e apoio aos trabalhadores no Brasil e no Japão (em 1992 é criado, na cidade de São Paulo, o CIATE – Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior, órgão ligado ao Ministério do Trabalho do Japão²⁸, que oferece informações e orientações relativas às questões empregatícias do Japão, além de lojas e restaurantes especializados em produtos brasileiros no Japão (normalmente esses negócios são montados pelos próprios *dekasseguis*).

O terceiro momento é delineado a partir de meados da década de 90, no qual notamos que, em termos numéricos, não existe um aumento expressivo como no período anterior. Esse fato, talvez se deva ao caráter de idas e vindas das mesmas pessoas, proporcionado pelo visto de reentrada.

O que se percebe nesse período é que muitos trabalhadores passam a fixar residência no Japão, alterando o caráter de migração temporária verificado no início do

²⁸ Em 1991, foi passado a funcionar, em Tóquio o Centro de Assistência de Emprego para Nikkey de Tóquio, um centro de apoio e informações para os trabalhadores *nikkeys*. Em 1993 foi inaugurado na cidade de Nagoya (Japão) um escritório da CIATE e em 1996, na cidade de Presidente Prudente (SP), o CIATE Oeste

processo. Além disso, pode-se notar que, em muitos casos, os *dekasseguis* acabam funcionando como um ‘pêndulo’, não se fixando nem ao Brasil nem ao Japão, mas permanecendo durante anos nesse movimento de idas e vindas. Isso acarretou uma outra característica ao movimento que se refere ao nascimento de filhos desses trabalhadores no Japão e também de crianças e jovens que acompanham a família e por isso, necessitam de uma rede educacional que atenda às suas necessidades, pois surge uma questão no que diz respeito a esse aspecto, sobre qual tipo de educação essas crianças e jovens devem receber, a japonesa ou a brasileira.

A presença da família no Japão representa maiores gastos relativos à educação, moradia, alimentação, lazer, que somados ao alto custo de vida encontrado no país, representa uma dificuldade para o acúmulo financeiro objetivado na partida para o exterior. Isso gera um efeito dominó, pois à medida que o acúmulo diminui, os *dekasseguis* permanecem um período mais longo no Japão e, por sua vez, também intensifica o movimento de idas e vindas. Com relação à vida familiar e afetiva, esse dado deve ser levado em consideração pois traz repercussões diretas quanto ao tempo de permanência dos filhos no Japão e/ou separados dos pais, no Brasil.

Com relação ao tipo de atividade desenvolvido pelos trabalhadores nipo-brasileiros, apesar de uma parcela significativa ainda pertencer a empregos não-qualificados, parte dessa população passou a desempenhar tarefas nos setores de serviços (hospitais, ramos de alimentos, etc.)

Não pretendemos esgotar a caracterização desse movimento, pois como um processo migratório é dinâmico, sua mensuração é complexa, envolvendo diversos

Paulista. Porém, esse último escritório encerrou suas atividades por falta de procura da população. (“Dekassegui” – 10 anos de história e suas perspectivas futuras, 1998)

aspectos e atores. Buscamos apenas demarcar algumas características visíveis nessa distinção cronológica, sem descartar a diversidade e o todo que envolve o movimento.

Como em todo processo migratório, os nipo-brasileiros têm se deparado com dificuldades e problemas tanto no enfrentamento do cotidiano como em curto e médio prazos. Trataremos das principais dificuldades apontadas na literatura, a seguir.

4.3 Dificuldades e problemas enfrentados no movimento *dekassegui*

Diante das dificuldades vividas ao longo dos anos que compõe o movimento, abordaremos o assunto organizando-os nos aspectos referentes à identidade, à adaptação, às famílias, à saúde mental e às leis que regulam o trabalho dessas pessoas.

A identidade dos *dekasseguis*

Com a ida ao Japão, os nipo-brasileiros que até então eram considerados japoneses no Brasil passam a se perceber brasileiros, portanto, um estrangeiro no Japão. Essa constatação é efetuada quando o *dekassegui* entra em contato com os japoneses e percebem-se e são percebidos como diferentes deles, apesar de toda a construção de uma identidade considerada japonesa no Brasil. As semelhanças fenotípicas e de origem não são suficientes para que os *nikkeys* sintam-se japoneses no Japão. Ao contrário, o contato com a sociedade japonesa os faz perceber as diferenças que existem, afinal, temos que considerar que, embora a educação dessas pessoas tenha sido baseada no sistema cultural e de valores nipônicos, aquele Japão que os descendentes conheceram através de seus pais e avós não existe mais. Justamente por isso, os japoneses rejeitam-nos, pois sua língua, seus

comportamentos, códigos morais e de conduta causam estranhamentos e não aceitos socialmente.

A idéia de semelhança com os ancestrais (ou pelo menos a possibilidade de) pode estar embutida no “mito de retorno” e provavelmente foi construída no imaginário da comunidade brasileira no Brasil, passada aos *nikkeis* brasileiros e posta em causa no momento da experiência migratória. Talvez o “outro” japonês também tivesse o mesmo raciocínio: já que são filhos e netos de japoneses, não devem ter problemas culturais. Mas o encontro não é tão tranquilo assim, pois “parece mas não é”. O jogo de diferenças ocorre pelo fato de o brasileiro com o rosto de japonês não ter o mesmo espírito, valores e condutas socioculturais que os do japonês do Japão. (SASAKI, 1997, p. 269)

Neste sentido, segundo a autora, o trabalhador *nikkey* pode ser entendido como uma “população liminar”, ou seja, uma população que opera uma negociação das identidades, das diferenças existentes entre o *nikkey* estrangeiro e o japonês do Japão.

O *dekasegui* acaba vivendo a situação de liminaridade num sentido duplo, na qual inicialmente se confronta com os brasileiros (não-japonês) e nesta relação ora considerava-se japonês, ora brasileiro. Num segundo momento, quando migra para o Japão se depara com a outra situação liminar, pois sua ilusão se desmorona já que sua certeza identitária é posta em xeque no contato com o japonês nato, apesar de apresentar algumas semelhanças na sua aparência, consangüinidade e etnicidade, existem diferenças que os afastam entre si e que são vividas pelos *dekasseguis* durante sua estada no Japão. Nota-se, portanto, uma situação de ambigüidade e de indefinição na constituição da identidade do *nikkey*, o que possivelmente levaria a tal situação de negociação identitária.

Nesse contato, muitas vezes crítico, os descendentes de japoneses passam a resgatar valores brasileiros, mesmos que tais valores da sua identidade estivessem encobertas ou ausentes no Brasil. Dessa forma, nas questões relativas à alimentação, vestuário, formas de expressão afetivas e emocionais, músicas, os *dekasseguis* reproduzem ações tipicamente brasileiras. A alimentação é um exemplo disso, pois em suas casas, come-se o arroz, feijão e salada, isto é, comida típica aos padrões de vida brasileiros.

Sem dúvida, enquanto essas pessoas estão no Japão, onde as classificações fenotípicas brasileiras não prevalecem, o Brasil assume uma outra importância dentro daquele contexto. Enquanto estão no Japão, essas pessoas não se questionam em relação ao fato de serem ou não brasileiras. Lá, elas sabem que são. (OLIVEIRA, 1999, p. 299)

A questão da identidade está relacionada ao “mito do retorno”, que comumente é discutido nesse movimento migratório e apontado como um dos motivos que levam tal população a migrar para seu país de origem.

Com relação aos motivos que levam esta população a emigrar, o fator econômico surge como o elemento principal, mas não é o único fator, e segundo Galimberti (2002), existe a constatação de que fatores culturais e subjetivos tenham grande importância na decisão do *nikkey* de emigrar para o Japão.

Carignato (2002), buscando uma resposta à pergunta do por quê deste movimento migratório, demonstra que nos emigrantes *nikkeys*, além da busca pelo dinheiro, existe também uma busca por um novo sentido às suas vidas, propondo que o movimento deve ser entendido como um “regresso” à pátria idealizada que se tornou uma potência econômica. Segundo a autora, este regresso constitui-se numa regressão psíquica que busca restabelecer uma ligação direta com a pátria cultuada pelos seus ascendentes, numa ligação narcísica pela terra natal idealizada e provedora. Além disso, a autora revela o rompimento vivido pelos imigrantes japoneses que não retornaram ao Japão e se integraram à sociedade brasileira. Neste não retorno existem dívidas simbólicas com seus pais e familiares que permaneceram no Japão. Assim, neste retorno dos *dekasseguis* ao Japão se promove a reconstituição simbólica dos laços então rompidos. Desta forma, pode-se considerar que os *dekasseguis* partem para o Japão não apenas em busca do dinheiro, mas de algo que os imigrantes japoneses abandonaram e não puderam resgatar, ou seja, a pátria perdida e idealizada que tentaram reconstruir aqui no Brasil.

Essas questões apontam a ambigüidade da identidade nipo-brasileira e da relação que os trabalhadores estabelecem com o Japão, pois a visão que os descendentes têm do país até a sua partida foi construída a partir do que recebeu de seus pais e avós, na qual o Japão surge como um local idealizado, e segundo MIURA (1997, p. 93),

Talvez tenha sido necessário o retorno ao Japão para mostrar uma certa “artificialidade” na atribuição de duas culturas aos descendentes. O choque com o Japão real mostrou aos *dekasseguis*, por contraste, o quanto são brasileiros. Em todo o caso devem ter percebido que há “dois Japões”: o da realidade e o da fantasia; como o Japão da realidade não os recebe, é mais seguro ficar com a identidade do Brasil real.

Adaptação dos *nikkeys* ao Japão.

Ao entrar em contato com os costumes e hábitos da vida cotidiana japonesa, os *dekasseguis* percebem as grandes diferenças e dificuldades resultantes desse encontro. Inicialmente, a língua pode ser considerada como um grande obstáculo, devido ao fato da maioria dos trabalhadores pertencer às gerações mais novas, geralmente eles não têm domínio da língua japonesa. Quando possuem, a língua japonesa a qual tiveram acesso em sua educação familiar é antiquada e também traz dificuldades para a sua adaptação, sendo discriminados pelos japoneses.

Um outro fator de dificuldades refere-se aos comportamentos e modo de agir apresentados pelos nipo-brasileiros. Apesar de sua educação no Brasil ter sido predominantemente nipônica, ela difere dos padrões japoneses, a ponto dos *nikkeys* perceberem os japoneses como frios e distantes emocionalmente. São percebidas nítidas diferenças na expressão afetiva, tais como “carinhos”, formas de comunicação (o tom de voz e a “forma descontraída” no trato com as pessoas são percebidas como estranhas aos japoneses), manifestações públicas de afeto, tanto com relação a parceiros, amigos e filhos, maneiras essas diferentes das nipônicas.

Isso leva a um estranhamento da população local, intensificando a discriminação com relação aos trabalhadores *nikkeys* que normalmente busca, como uma forma de solução dessa dificuldade, o convívio entre brasileiros e um distanciamento nas relações com os japoneses. Essa evitação também ocorre no sentido contrário, pois a população local também sente as diferenças e o convívio passa a ocorrer apenas para as situações de trabalho, sem trocas afetivas. Com base nessa situação, Kawamura (2003) diz que todos os encontros e desencontros vividos nessa convivência geram um “imaginário” sobre o outro, que baseia-se em idéias preconcebidas que são difundidas entre as pessoas e que podem tanto facilitar como dificultar as relações sociais.

Se por um lado os brasileiros sentem que deveriam ser recebidos e tratados como pessoas que fazem parte da mesma cultura e da mesma origem, para os japoneses

esse segmento de brasileiros é considerado *estrangeiro*, por mais semelhanças físicas e culturais que possam existir entre ambos os grupos; no entanto, tendem a ser vistos pelo senso comum como *ovelhas desgarradas* e, nesse sentido, teriam a *obrigação* de conhecer previamente a língua, costumes e valores da cultura japonesa. (KAWAMURA, 2003, p. 173)

Essas diferenças de convivência também são sentidas no trabalho, onde a exigência por disciplina, o clima altamente regrado e o ritmo de trabalho imposto geram nos *dekasseguis* a sensação de aprisionamento imposto, que entra em choque com os seus padrões mais “ocidentais” de comportamento.

Existem também dificuldades com relação à moradia, hábitos de alimentação e de higiene pois as instalações físicas das moradias japonesas diferem tanto no que diz respeito ao tamanho como em relação aos hábitos de banho, uso de sanitários, pois existe um tipo de vaso sanitário e o banho é em estilo de *ofurô*, além da existência de *tatames* no lugar das camas para dormir.

Como existem grandes dificuldades para se alugar moradias, além do alto custo de aluguel das mesmas, é comum que os trabalhadores estrangeiros sejam alocados em alojamentos (*ryoo*) cujo aluguel é descontado mensalmente da folha de pagamento.

Na tentativa de amenizar essas diferenças, tem-se formado uma extensão rede social no Japão, com comércio de produtos brasileiros específicos para atender às necessidades dessa população, casas noturnas, restaurantes, locadoras, *shopping centers*, inclusive escolas brasileiras que abriram alguns estabelecimentos no Japão para atender os filhos dos *dekasseguis*. Essa rede proporciona o reforçamento dos laços de solidariedade e de apoio grupal, através da convivência e identificação de seus pares, intensificando a relação entre os brasileiros.

Porém, as dificuldades de adaptação não se limitam ao Japão, mas também ao Brasil, no retorno dos nipo-brasileiros. Como viveram durante anos em outra cultura, houve uma modificação em sua bagagem cultural, que pode ser sentida no retorno ao seu país. Dessa forma, muitos aspectos da sociedade brasileira não são mais facilmente tolerados nesse retorno, dificultando sua readaptação. Um dos aspectos centrais dessas dificuldades refere-se à questão econômica, pois esses brasileiros habituaram-se a um padrão salarial no Japão que dificilmente será encontrado no Brasil, levando-se em consideração o tipo de atividade exercida. Muitos *dekasseguis* ao tentarem abrir seu próprio negócio têm dificuldades de adaptar-se às características do mercado brasileiro e muitos deles acabam falindo e perdendo o dinheiro investido.

Além desse aspecto, existe também a questão da segurança e da organização da estrutura de vida, como as condições dos transportes coletivos, de higiene e limpeza de vias públicas, respeito no trânsito. A questão da segurança, que talvez antes da ida ao Japão não

era percebida, no retorno passa a ser vivida como uma fragilidade, pois o Japão é um país que possui baixos índices de violência, ao contrário do Brasil.

Essas dificuldades de adaptação ao Brasil têm sido responsável pelo movimento de idas e voltas desses trabalhadores, que apesar de sentirem que esse é o seu país e demonstrarem o desejo de morar no Brasil, sentem grandes dificuldades no seu retorno e acabam por voltar ao Japão. Isso tem levado a uma diversidade nessa experiência migratória, pois temos brasileiros que optam por fixar-se no Japão definitivamente, outros que permanecem nesse movimento de idas e voltas durante anos.

De acordo com o que foi exposto, podemos pensar que nessa experiência migratória, os *nikkeys* desenvolvem uma formação bicultural, constituído por um amálgama formado pelas dimensões culturais brasileira e japonesa, integrando esse aspectos na busca por uma maior flexibilidade cultural que possibilite a convivência nesses dois universos tão diversos.

Questões familiares

Quando nos remetemos às dificuldades vividas nesse movimento migratório, um aspecto importante a ser levado em consideração diz respeito às famílias dos *dekasseguis*, isto é, as conseqüências familiares resultantes deste movimento migratório, que não dizem respeito ao ganho financeiro obtido por essas pessoas, mas as demais conseqüências e impactos que tal emigração tem causado, principalmente para a família, seus filhos e a comunidade *nikkey*.

Em pesquisa realizada com adolescentes, filhos de *dekasseguis*, Moriya (2000), constatou que a situação vivida por esses adolescentes e pelas famílias são heterogêneas, sendo que no que se refere aos cuidadores, a maioria vive com avós já com idade avançada

e de origem nipônica que demonstram dificuldade em assumir o papel de responsabilidade sobre a educação dos netos.

Além disso, percebe-se uma importante influência cultural no que diz respeito à reação apresentada por esses jovens na ocasião da partida dos pais, pois a maioria demonstrou uma impossibilidade de expressar o sofrimento ou mesmo sentimentos de perda com a emigração dos pais. É importante ressaltar também a existência, nestes adolescentes, de uma visão idealizada da família que difere muito da família real e vivida, caracterizada pela separação. Segundo o autor, parece que a maior expectativa encontrada nesses adolescentes se traduz no desejo do reencontro familiar, principalmente através do retorno dos pais ao Brasil.

Em outra pesquisa realizada por Nakagawa (2001), com crianças (filhos dos *dekasseguis*), os dados são alarmantes e demonstram a necessidade de uma reflexão com relação à experiência vivida por essas crianças, tanto aquelas que vivem no Japão acompanhando os pais como aquelas que permanecem no Brasil sem o pai, ou a mãe e, em alguns casos, sem ambos os progenitores.

No caso das crianças que moram no Japão, constata-se que em idade precoce, tais crianças tendem a negar a cultura e língua brasileira, tornando-se “japonesinhas”, frequentando a escola japonesa, passam a se comunicar na língua japonesa, o que muitas vezes causa dificuldade na relação com os pais, pois estes não possuem domínio da língua. A criança adaptada passa a agir como japonesa e sente vergonha dos pais que quando

utilizam a língua japonesa o fazem de uma forma arcaica²⁹, além de possuírem costumes diferentes dos japoneses.

Por outro lado, a situação é diferente quando se fala de crianças maiores (acima de 10 anos) e dos adolescentes. Diante da dificuldade do ingresso na escola japonesa, a maioria destas crianças e adolescentes não aprende a língua japonesa, e por isso não consegue acompanhar o ensino, o que leva ao abandono dos estudos na maioria dos casos. Com relação às crianças mais velhas, estas tentam se adaptar ao Japão, desvinculando-se de seus valores e aceitando aqueles que lhes são impostos, negando ser brasileiras e valorizando o Japão. Porém, diante das dificuldades de acompanhar o ensino e devido ao preconceito que sofrem, o *ijime*³⁰, é comum que essas crianças abandonem os estudos.

Além disso, devido a pesada carga de trabalho realizada pelos pais, resta pouco tempo para desempenhar as demais tarefas cotidianas, como o cuidado com a casa, alimentação e com os filhos. Segundo pesquisa apresentada por Kitagawa (1998), os filhos dos *dekasseguis* que residem no Japão, além de apresentarem dificuldades no desempenho escolar, não conseguem acompanhar o conteúdo apresentado nas escolas (principalmente aquelas crianças que têm origem brasileira e emigraram acompanhando os pais), sentem-se abandonadas pelo pouco tempo dispendido pelos pais em seus cuidados, pois existe uma limitação no contato, inclusive no físico (carinhos), o que leva a uma sensação de fragilidade e instabilidade emocional.

²⁹ Isto ocorre pois os *nikkeys* aprenderam a língua japonesa do período da imigração, estando, portanto, defasada.

³⁰ Isto ocorre entre as crianças, nas escolas japonesas, que se reúnem para maltratar, humilhar e às vezes até agredir fisicamente aqueles considerados diferentes, como é o caso dos brasileiros. É importante assinalar que isto não ocorre apenas com os brasileiros, mas inclusive entre os próprios japoneses, estando entre as causas de muitos casos de suicídio que ocorrem entre os adolescentes japoneses.

No caso dos adolescentes, percebe-se que estes geralmente se rebelam, não conseguem acompanhar as aulas e, como a idade os impede de trabalhar, ficam sem ocupação. Diante das dificuldades de relacionamento entre amigos japoneses e com a própria família que possui uma carga de trabalho muito grande, estes adolescentes acabam por se distrair com disque-sexo, disque drogas e, muitas vezes, apresentam comportamentos delinquentes e infrações. Diante da desadaptação vivida, estes jovens se envolvem em “gangues” brasileiras, cometendo delitos o que tem elevado o número de violência e criminalidade entre os jovens brasileiros.

Esse problema envolvendo jovens brasileiros tem ocorrido com frequência, sendo noticiado tanto pela imprensa japonesa como na nipo-brasileira. Tem-se notado o aumento no número de jovens enviados a casa de detenção ou reformatórios de menores, principalmente naqueles egressos das escolas que formam grupos e entram em choque com os grupos de delinquentes japoneses. (Kitagawa, 1998)

Existe ainda uma outra situação vivida pelos filhos de *dekassegui* que diz respeito às crianças que retornam ao Brasil após viver alguns anos de sua infância no Japão. Estas crianças apresentam muitas dificuldades de readaptação, negando uma das culturas, principalmente a brasileira, afinal, a constituição de sua identidade é baseada na cultura japonesa, por isso desenvolveram traços diferentes das crianças brasileiras, sendo mais tímidas, passivas, retraídas na expressão dos sentimentos, o que acaba reforçando suas dificuldades de adaptação, pois suas características pesam negativamente no relacionamento social com as crianças brasileiras.

Com relação às crianças que ficam no Brasil, na ausência de um ou ambos os pais nota-se uma grande mudança na configuração familiar após a partida dos pais, não sendo

raro que seus cuidados fiquem sob a responsabilidade dos avós ou apenas da mãe. Estas crianças têm apresentado sintomas como medo, pesadelos, descontrole de esfínteres, retraimento, dificuldades de fala e de aprendizagem. Nota-se que nestas famílias é muito comum um isolamento social, resultante de fator cultural, pois tais famílias não procuram auxílio para suas dificuldades, devido à vergonha que pesa sobre a educação japonesa. Desta forma, se isolam, não participando de grupos religiosos, sociais, e normalmente, o único canal de contato com a sociedade se faz através da escola e do trabalho. Existe também um distanciamento da família do(a) cônjuge, principalmente se este não pertencer à etnia japonesa. (Nakagawa, 2001, Moriya, 2000).

Além disto, a distância geográfica, muitas vezes também propicia o distanciamento afetivo, sendo que na maioria das famílias nas quais o pai é quem se ausenta existe um grande distanciamento e muitas vezes o seu desaparecimento. O número de brasileiros desaparecidos no Japão é grande, e além da perda do contato, o envio de dinheiro para a educação dos filhos também é interrompida. Desta forma, a mãe torna-se a única responsável pela educação e sustento dos filhos, e quando isto é insuficiente, recorre-se às parentes (avós e tios.)

Essa desarticulação familiar é vivida de formas diferentes em relação aos que ficam no Brasil e os que partem para o Japão. Na busca pelo sonho de enriquecimento, os emigrantes efetivam novas estratégias de sobrevivência no Japão, submetendo-se a uma carga pesada de trabalho que muitas vezes podem ocasionar problemas de saúde e enfraquecimento da vida social. Por isso, é comum o relato de isolamento também no Japão, o que leva muitas pessoas a buscar alternativas que excluem a família, resultando em novas uniões conjugais.

A família que permanece no Brasil também tende a estabelecer novas formas de sobrevivência, contando com os parentes e familiares no auxílio de suas dificuldades e mesmo de solidão.

De qualquer forma, a experiência migratória tem-se refletido na família independente dos contornos que resultam. Por isso, faz-se necessário refletir sobre formas de atenuação do sofrimento vivido por essas famílias, pois verificamos que em todas as gerações vivem-se os impactos da separação temporária provocados pela emigração.

A saúde mental

Nota-se que esse movimento migratório está longe de ser considerado apenas em seu aspecto positivo relacionado ao ganho financeiro, pois muitas vezes não é o que ocorre. A existência de fatores subjetivos envolvidos nesse movimento tem sido responsável pela presença de sintomas de distúrbios mentais, pois as

necessidades, objetivas e/ou subjetivas dos nikkeys brasileiros de migrar para o Japão têm sido, muitas vezes, mais fortes que suas condições psicológicas, o que tem levado um número muito grande desses trabalhadores a sofrer desconfortos emocionais durante sua estada no Japão e/ou após seu retorno ao Brasil, com comprometimentos, muitas vezes, graves. (GALIMBERTTI, op.cit., p. 135)

Segundo dados apresentados por Nakagawa (1998), cerca de 3% da população que migra para o Japão adoece ou apresentam sintomas de problemas mentais. Baseado em sua experiência no atendimento a essa população que adoece, o autor aponta a necessidade de diferenciar o quadro apresentado pelos *dekaseguis*, denominado por ele como “síndrome do regresso”, observado nos brasileiros que retornam do Japão. De acordo com o autor, a

síndrome atinge, em maior ou menor grau, quase a totalidade desse grupo de pessoas que permaneceram por mais de 6 meses no Japão. A “síndrome do regresso” tem o seu início ainda no Japão e eclode na chegada ao Brasil ou até 3 meses após o retorno. Inicia-se com irritabilidade, perda de concentração e forte ansiedade. Não existe prevalência de sexo nem de faixa etária nessa síndrome. Em sua forma atenuada, ela tende a ser transitória e caminha para a remissão espontânea num período entre 6 e 24 meses. Ela se caracteriza pelo estado dispersivo, distanciamento afetivo, desânimo, sensibilidade aumentada para diferenças,

tendência autodestrutiva e inclinação a reiniciar outra viagem para o Japão. (NAKAGAWA, 1998, p. 40)

Muitas pessoas apresentam reações psicóticas e paranóides pois essa síndrome apresenta algumas analogias com os quadros de distúrbios mentais clássicos. Porém o psiquiatra alerta para que seja realizada uma diferenciação no quadro apresentado pelos *dekaseguis* para que não seja diagnosticado como um quadro crônico, pois deve-se levar em consideração o sofrimento vivido por essa população, decorrente do processo migratório.

A preocupação também existe em relação ao surgimento de sintomas no Japão, pois o sistema de atendimento psiquiátrico no país difere do nosso, pois o tempo de internação mínima naquele país é de 500 dias. Por isso, o autor preocupa-se com a diferenciação do quadro apresentado pelo *nikkey*, pois a “síndrome do regresso” tem uma remissão mais rápida do que os quadros psiquiátricos crônicos.

De qualquer forma, os autores revelam a presença de distúrbios mentais em muitos emigrantes verificada no seu retorno. Porém, devido às características culturais apresentadas por essa população, muitos deles não recebem tratamento adequado pois não procuram ajuda especializada, o que pode levar a maiores dificuldades tanto para os *nikkeys* como para suas famílias.

Questões trabalhistas

Os *nikkeys* que trabalham no Japão, geralmente são encaminhados para empresas que fornecem matérias-primas para as grandes indústrias japonesas. Por isso, o recrutamento desses trabalhadores é efetivado através de intermediários, isto é, “empreiteiras” que se encarregam da seleção, recrutamento e contratação dos trabalhadores.

Geralmente, essas empreitadas financiam desde a passagem aérea do trabalhador, que já parte ao Japão com uma dívida decorrente do financiamento da passagem e dos custos com o visto de passaporte. Esse valor é descontado mensalmente do salário, e como não existe um vínculo empregatício entre o trabalhador e o empreiteiro, depende-se da boa fé desses últimos. Por isso, é muito comum a cobrança de taxas e descontos abusivos, na qual o valor cobrado pode girar em torno de 2 a 3 vezes o valor real.

Além disso, muitas vezes esses agenciadores não repassam o valor descontado do Imposto de renda e seguro saúde, apesar do desconto na folha de pagamento do trabalhador, gerando dificuldades no atendimento médico dos *dekasseguis*, não sendo raro a presença de problemas de saúde e acidentes de trabalho advindos do tipo de ocupação desempenhada pelo *dekassegui*. Devido a inúmeros problemas existentes nas relações trabalhistas do trabalhador *nikkey*, o governo japonês criou Centros de Informação e Apoio ao trabalhador estrangeiro, já citado anteriormente.

Com isso, busca-se minimizar os problemas enfrentados pelos estrangeiros que podem buscar esses locais para informar-se e buscar ajuda oficial em casos de abusos ou cobranças indevidas.

Devido à extensão desse problema vivido, ele tem sido alvo de vários trabalhos (Kawamura, 2003; Sasaki, 2002; Yamamoto, 1998, Yoshioka, 1995), pois um dos aspectos para uma solução dessa dificuldade seria uma ampla rede de comunicação a respeito da ação desses agenciadores, na busca de uma conscientização tanto dos empresários japoneses como dos próprios *dekasseguis*, pois segundo YAMAMOTO (1998, p. 20),

quando uma empresa cumpre todos os deveres como empregador de mão-de-obra, pagando todas as contribuições sociais e seguros de emprego, existe a tendência a fazer com que os salários líquidos pagos pareçam mais parcos aos olhos dos trabalhadores *nikkey*. Em outras

palavras, quanto mais justa e honestamente agem os empregadores, menos atraentes (pelo menos aparentemente) tornam-se os empregos oferecidos.

Ou seja, por esse fato, a maioria dos trabalhadores é atraída pelos maiores salários e dessa forma, tornam-se alvos fáceis para a ação dos intermediários. Quando agem de má-fé, essas empreiteiras geram grandes dificuldades e sofrimento na vida dos brasileiros, principalmente quando envolve a saúde dessas pessoas.

Diante de tudo o que foi exposto, podemos perceber algumas peculiaridades nesse processo migratório, inicialmente pelo fato da repetição e semelhança vivida pelos imigrantes japoneses no que diz respeito ao objetivo da emigração, às dificuldades encontradas na socialização e adaptação à nova terra, além da educação dos filhos.

De qualquer forma, parece que essa história que tem se constituído desde o início da imigração japonesa no Brasil caracteriza-se por grandes rompimentos de vínculos, da cultura e tradição, sempre em busca da tão almejada riqueza econômica.

CAPÍTULO 5: FAMÍLIA E MIGRAÇÃO

5.1 Rompimentos de vínculo e cultura

A experiência migratória provoca durante sua experiência, a ruptura dos vínculos e da rede social de apoio das pessoas e famílias envolvidas nesse processo. Isso significa que, com a partida para outro contexto, parte da rede de relações interpessoais é rompida, e com isso, as satisfações afetivas deixam de ser efetuadas por aqueles vínculos conhecidos, levando a uma sobrecarga dos vínculos que restam ou que são preservados com a migração.

Segundo Sluzki (1997, 2003), o rompimento dessa rede social pessoal está relacionado a uma elevação do nível de *estresse* vivido pela família e pelos indivíduos, sendo associado a um crescimento no aparecimento de problemas psicossomáticos, de saúde mental e acidentes, cuja incidência pode ser localizada como consequência da perda dessa rede, responsável por muitas funções vitais para as pessoas, que no contexto migratório se vêem desprovidos desse apoio e função exercida pela rede pessoal, que se mantém no local de origem.

Como principal consequência, verificamos a sobrecarga das relações que se mantém, pois as funções previamente efetuadas pela rede ampliada, como amigos, colegas, parentes, é perdida, levando o indivíduo a buscar o preenchimento desse vazio naquelas relações que restam, levando a tal sobrecarga. Esse aumento na expectativa e nas necessidades podem acarretar numa maior insatisfação, caso tais necessidades não sejam atendidas, resultando em queixas, ressentimentos e afastamento entre as pessoas envolvidas.

Por outro lado, diante dessa sobrecarga, a indisponibilidade e o acúmulo de insatisfações aumenta, gerando conflitos e queixas entre as pessoas envolvidas.

Como o processo migratório ocasiona uma experiência disruptiva na família é natural que haja uma reconstrução da rede social, pois ela configura-se num sistema dinâmico que evolui através do tempo e do espaço. Nesse sentido, novos membros podem ser incorporados e/ou eliminados, as relações e funções desempenhadas também podem se modificar e com isso, um novo mapa relacional pode se configurar, contendo tanto os membros da rede que se mudaram juntos (como casal, o casal e os filhos, etc), pessoas remanescentes da rede anterior e novos vínculos que são gradativamente incorporados de acordo com as situações e circunstâncias vividas.

Porém, mesmo com a possibilidade dessa nova configuração da rede social, muitas vezes, se

comparada com a anterior, durante um período considerável de tempo, a nova rede tenderá a ser de tamanho menor, apresentará uma distribuição em quadrantes mais irregular, terá menor densidade e um repertório mais estreito de funções; será menos multidimensional, recíproca e intensa. Tudo isso caracteriza uma rede insuficiente, que tende, portanto, à sobrecarga – mais expectativas depositadas em menos relações – e à descompensação – crises pessoais e individuais. (SLUZKI, 1997, p. 91)

Percebemos, com tudo o que foi exposto, as conseqüências acarretadas pela migração no contexto familiar, o que aponta para a necessidade de entendimento e compreensão desse processo, para que não sejam realizados diagnósticos errôneos e patologizantes tanto com relação aos indivíduos como à família que experenciam um processo migratório.

Um aspecto importante a apontar, com relação às possibilidades de reconstrução das relações refere-se às características da sociedade hospedeira, que pode facilitar ou dificultar a recomposição dos vínculos sociais dependendo da receptividade do ambiente social

exercida nesses novos contextos e da estrutura social existente, representado pelo sistema de saúde, educacional, de bem-estar social, etc.

Nesse sentido, de acordo com Sluzki (2003), é importante entender o contexto pré e pós-migratório, isto é, verificar o grau de traumas e perdas vividos antes e durante a migração, através de questões que apontem o motivo que ocasionou a decisão, o que aconteceu aos membros da família, quais os membros que foram deixados, como foi a saída das pessoas. Essas questões são importantes pois indicam o grau de sofrimento vivido pela família, além das ferramentas existentes para a adaptação e superação da situação deflagrada pela migração.

Além disso, é importante verificar os ganhos acarretados pela imigração, seja econômico, educacional, profissional, etc, uma vez que tais características podem ser importantes instrumentos para o fortalecimento familiar, já que no contexto migratório as perdas vividas são inevitáveis.

A importância desses fatores deve-se, principalmente, às conseqüências que acarretam, pois caso a separação da família implique no abandono dos filhos na terra natal, isso ocasiona um aspecto de *estresse* elevado, devido ao nível de sofrimento ocasionado aos pais, aos filhos que ficam e aos responsáveis pela educação e cuidados desses membros da família.

Quando a migração tem caráter temporário isso pode dificultar o processo de adaptação da família, pois diante disso, os esforços para estabelecer novos contatos sociais fica limitado, afinal, o provisório é vivido de uma forma mítica, no qual o retorno é visto como algo mais próximo temporalmente do que realmente é. Isso vale também para os membros que permanecem na terra de origem, pois diante do retorno esperado, muitos

aspectos da vida social não são substituídos, levando em consideração a volta dos membros que partiram.

Além disso, a expectativa do retorno pode impedir os esforços da família para adaptar-se à nova situação, vivendo um enclave étnico no qual negam-se a aprender a nova língua e novos padrões culturais locais, enrijecendo e dificultando a adaptação cultural da família e dos seus membros.

As perdas vividas pelas famílias de migrantes não se restringem às questões relativas à rede social, mas temos que levar também em consideração o processo de desenraizamento vivido pelas famílias que buscam uma nova terra, pois segundo Mock (2003), as perdas referem-se inclusive, aos bens culturais, *status* social e outras fontes de identidade como a etnia, por exemplo. Tais perdas podem acarretar a distorção, destruição ou interrupção dos padrões de ciclo de vida da família, das normas e valores familiares que passam a ser questionadas e desafiadas diante das novas circunstâncias de vida impostas pela separação, provocando níveis de ajustamentos e aculturação diferentes daqueles vividos pela família até o momento da separação, afetando o processo de identidade cultural nos membros da família envolvidos no processo migratório.

Na terapia familiar, o conceito de cultura veste-se de importância à partir do momento em que compreendemos que nossas narrativas pessoais e familiares são definidas por narrativas culturais mais amplas, que adquirem significado e atribuem significado pessoal dentro do contexto histórico ao qual pertencemos, o que confere o caráter dinâmico à cultura, pois entendemos seu caráter dinâmico e mutável. Nesse contexto, compreendemos cultura como

uma construção individual e social, um conjunto de significados em constante evolução e mutação, que só pode ser entendida no contexto de um passado narrativo, um presente co-

interpretado e um futuro desejado. É sempre contextual, emergente, improvisada, transformadora e política; acima de tudo, é uma questão de lingüística e de linguagem, de discurso. (Laird, 2003, p. 33)

Portanto, é na interação com o contexto mais amplo e com as pessoas inseridas nesse conceito, podemos construir o nosso significado e o dos outros presentes nessa interação, de forma que a cultura constitui-se num ingrediente dessa experiência que nos fornece matéria-prima para realizarmos essa co-construção.

Quando falamos em co-construção queremos dizer que os aspectos culturais não são responsáveis apenas pela constituição de significados, mas também pela construção de novos significados que podem ser representados nessa co-relação entre cultura e indivíduo. Assim, “a cultura mais ampla, o grupo étnico, a família, nos oferecem símbolos, estereótipos e narrativas a partir das quais podemos escolher a forma em que nós, como numa *bricolage*, vamos nos constituir e reconstituir.” (Laird, 2003, p. 32)

Segundo McGoldrick (2003), a etnicidade diz respeito aos padrões desenvolvidos e construídos, ou seja,

nossa maneira de pensar, nossos sentimentos e nossos comportamentos de maneiras tão óbvias quanto sutis, desempenhando um papel preponderante na determinação do que comemos, como trabalhamos, como nos relacionamos, como celebramos os dias santos e rituais, e como nos sentimos sobre a vida, a morte e a doença.” (MCGOLDRICK, op. cit., p. 25)

A cultura e a etnia são fatores que contribuem para a constituição pessoal, pois tanto o indivíduo como a família pertencem a um determinado contexto cultural e histórico que, nesse processo de co-construção nos fornece lentes com as quais podemos significar a realidade e, principalmente, a nós mesmos nessa realidade.

Num contexto migratório, principalmente naqueles em que o indivíduo passa a fazer parte de uma realidade cultural e étnica muito diversa daquela original, existe a ruptura com aquele contexto conhecido que conferia as lentes da realidade, levando a uma perda dos

mecanismos que promovem a identificação cultural, levando ao desenraizamento e perda de referência internas e externas temporárias, até que a família possa acionar mecanismos de adaptação à nova realidade e se restabelecer nessa nova situação gerada pela migração.

5.2 Família e estrutura

Utilizaremos as valiosas contribuições de Minuchin (1982), que através de seu rico trabalho de intervenção clínica com famílias, propõe um modelo estrutural da família, levando em consideração tanto as qualidades das transações da família com seus membros quanto da família em relação ao seu exogrupo. Nesse modelo, pressupõe a existência de estruturas de hierarquia e de regras que fundamentam tais transações familiares. Dessa forma, segundo o autor, o homem não é constituído apenas de acordo com a sua individualidade, mas a sua constituição apóia-se na existência de uma matriz familiar com seus padrões interacionais que influenciam o funcionamento interno do indivíduo.

Nesse conceito, as mudanças na estrutura familiar podem resultar em alterações nas posições ocupadas por seus membros, pois as ações dos indivíduos são reguladas pelas características do sistema familiar ao qual deve se adaptar. Portanto, nessa adaptação, o indivíduo busca ações através das quais influencia o contexto e ao mesmo tempo é por ele influenciado, o que não significa descartar a importância do indivíduo e suas características. Nessa visão, o contexto é visto como um sistema e levado em consideração como o contexto de vida do sujeito, que inclui tanto o seu passado como o seu presente, sendo que o

presente do indivíduo é o seu passado mais as suas circunstâncias do presente. Parte de seu passado sempre sobreviverá, abrangido e modificado pelas interações atuais. Tanto o seu passado como as suas qualidades singulares constituem parte de seu contexto social, que influenciam tal como o contexto o influencia. (MINUCHIN, 1982, p. 23)

Portanto, nessa abordagem, o passado manifesta-se no presente, o que nos leva de encontro à existência de repetições de padrões interacionais que, embora sejam uma repetição do passado, não necessitam ser vividas exatamente da mesma forma como foram com os antepassados, pois cada indivíduo tem a capacidade de reatualizar tais padrões de forma a viver suas experiências de maneira diferenciada, através de modificações nas experiências atuais.

A estrutura familiar é o conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem. Uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais. Transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar e esses padrões reforçam o sistema. (MINUCHIN, 1982, p. 57)

Para compreender a importância dessa estrutura familiar, apontamos que a família tem funções específicas enquanto um sistema social, ou seja, tem a função de proteção e socialização de seus membros através da adaptação e transmissão da cultura para os mesmos.

Apesar de todas as transformações sociais que temos assistido que impõem mudanças no funcionamento da família, é necessário que a mesma cumpra sua principal tarefa, de proteger e socializar seus membros, de forma a criar indivíduos diferenciados e enraizados o suficientes para adaptarem-se ao contexto presente.

Por isso, família e identidade são dois elementos inseparáveis, uma vez que é na família que ocorre a constituição da identidade dos indivíduos que pressupõe a existência de dois elementos: o pertencimento e a individuação.

O desenvolvimento do pertencimento depende da existência de uma estrutura familiar e relações transacionais consistentes que possibilitem às crianças, os membros mais jovens da família, uma acomodação e um sentimento de pertencer a uma família

específica com seus padrões relativamente estáveis de funcionamento que confere estabilidade e reconhecimento de pertencer a um grupo conhecido e estável.

Por sua vez, a individuação ocorre através da participação em outros grupos, externos e diferenciados do contexto familiar, e é nessa relação que a criança irá utilizar seus modelos de autonomia e independência, sentindo-se parte de uma cultura e de uma sociedade que vai além das fronteiras de sua família. Porém, esses dois elementos se cruzam pois a identidade é resultado do sentido conferido por ambos, de forma que um alimenta o outro.

Dessa forma, o princípio fundamental da família pode ser realizado, isto é, a necessidade de manter-se fiel aos seus princípios e fundamentos que a constituem. Princípios esses que nos remetem ao passado e seus padrões de interacionais que são reatualizados a cada nova geração que surge, de forma a perpetuar alguns padrões e renovar outros, de acordo com o contexto no qual a família vive e está inserida.

Portanto, a família é compreendida como um sistema aberto, inserida num contexto social, em constante evolução e transformações que requerem reorganizações constantes. Nesse conceito, o conceito de família engloba três componentes: a) sua estrutura enquanto um sistema aberto que engloba seus padrões de funcionamento; b) as circunstâncias e *estresses* que exigem a reorganização do sistema para garantir sua continuidade e c) as transformações decorrentes dos estágios e momentos pelos quais a família atravessa ao longo de seu desenvolvimento que pressupõe reestruturações constantes. Utilizaremos o conceito de estrutura familiar desenvolvido por Minuchin (1982), entendido como o

conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem. Uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais. Transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar e esses padrões reforçam o sistema.” (MINUCHIN, 1982, p. 57)

Tais padrões reguladores do comportamento dos membros que constituem a família mantêm-se através de sistemas de repressão: o genérico, que envolve as regras genéricas e universais que regulam a vida familiar, como a hierarquia de poder existente entre seus membros e as funções desempenhadas por cada um. O sistema de repressão idiossincrático é composto pelas expectativas mútuas dos membros da família e tem origem nas negociações que compõem o contrato existente entre os membros da família. Nesse contrato, impõem-se padrões de funcionamento utilizados para manter o sistema que é construído através da história de cada família e suas peculiaridades.

Como o sistema familiar é composto por diferentes indivíduos que possuem funções, esse sistema é organizado e diferencia-se através dos subsistemas e são compostos por critérios como a geração, interesse, função, sexo. Como exemplos de subsistemas temos os cônjuges, os filhos ou díades que se formam como a mãe-filho. Cada indivíduo pertence a um ou vários subsistemas na família e em cada um, desempenha uma função específica. A organização desses subsistemas é importante para conferir o treinamento necessário para que os indivíduos possam desempenhar o exercício e as funções necessárias para a manutenção de sua identidade e de experiências que possam desenvolver habilidades interpessoais no jogo de relações familiares.

Os subsistemas são protegidos e diferenciados através das fronteiras, que constituem as regras que definem os participantes e a forma de cada subsistema. Para que o funcionamento seja otimizado, é importante que tais fronteiras sejam nítidas, pois isso define o nível de diferenciação de cada subsistema e de interferências que ocorrem na relação entre os sistemas, sendo um parâmetro útil para que o funcionamento familiar seja avaliado. Tais fronteiras funcionam num continuum que abriga em seus extremos a

fronteira desligada e emaranhada, nas quais o funcionamento é extremamente rígido ou difusa e indiferenciada, respectivamente. Nesses tipos de funcionamento, a comunicação fica prejudicada, bem como o desenvolvimento de funções e habilidades.

Em circunstâncias estressantes e diante do impacto causado por fatores externos, é necessário que ocorra algum tipo de reorganização e transformação no funcionamento da mesma, para que se possa garantir a continuidade do sistema. Podemos elencar quatro fontes de estresse familiar: o contato estressante de um membro ou de toda a família com forças extrafamiliares, o estresse em momentos de transição familiar e com problemas idiossincráticos.

Pode ocorrer de um membro da família sofrer estresse, o que causa a mobilização do grupo, seja total ou parcial, para o apoio dessa pessoa que sofre. Quando ocorrem situação de crises financeiras, mudanças de situação (migração, por exemplo), condições inadequadas de vida, toda o sistema familiar pode sofrer e apresentar uma sobrecarga, acarretando em crises, sofrimentos que acarretarão alterações em suas funções como forma de enfrentamento das dificuldades.

Além disso, é natural que durante momentos da própria evolução natural da família ocorram crises que demandam negociações e novas formas de diferenciações necessárias para que ocorram as mudanças e resolução dos conflitos.

Por fim, o sistema familiar pode sofrer com problemas idiossincráticos, como problemas de saúde, incapacidades de um de seus membros que também podem sobrecarregar o sistema, exigindo uma adaptação à situação.

Em todas as situações expostas anteriormente, tanto o funcionamento dos subsistemas como das suas fronteiras estão expostos a novas exigências, necessitando de uma reorganização para a adaptação, e por isso, é necessário que as fronteiras sejam firmes,

porém flexíveis o necessário para que as mudanças possam ocorrer sem colocar em risco o sistema.

5.3 Padrões interacionais da família

O sistema familiar possui padrões de interação que integram regras, limites, hierarquias e outros aspectos que trataremos a seguir que podem ser considerados modelos utilizados pelos seus membros nas relações interpessoais e de si mesmos.

Concordamos com o trabalho desenvolvido por Cerveny (2000), que aponta os aspectos que constituem os padrões de interação familiares (comunicação, regras familiares, hierarquia, mitos, triangulações, seqüências, padrões de afetividade e lealdades) assim como com as contribuições teóricas que apontam a repetição de tais padrões ao longo da história familiar.

Quando dizemos que o sistema familiar repete padrões de interação, isso nos remete às contribuições de Bowen (1991) que desenvolveu a idéia de transmissão de características familiares entre gerações, denominado ‘processo de transmissão multigeracional’, no qual as pautas familiares são transmitidas através das gerações, apontando para a importância do passado para o funcionamento familiar.

Boszormenyi-Nagy (1973) também aponta para o peso da carga do passado para a vida das novas gerações. Segundo o autor, a estrutura básica de existência dos indivíduos é marcada e determinada pelos débitos não saldados do passado, que dizem respeito ao conceito de dívida existencial que coloca exigências e expectativas sobre os novos membros da família mesmo antes que tais obrigações tornem-se conscientes para o indivíduo. Nesse sentido, as pautas de interação nos remetem aos padrões desenvolvidos

pelas gerações anteriores que se renovam nas novas gerações através da cobrança do débito existencial de cada um e que são aprendidas de acordo com o código familiar apoiado na vinculação genética e histórica da família.

Portanto, é através do sistema familiar que as gerações passadas se fazem presentes e onde pode ocorrer a transmissão dos padrões de interação que possibilitarão à família a sua continuidade através do tempo.

Embora essa repetição de padrões constitua a matriz familiar que confere significado às funções desempenhadas por cada membro da família, de acordo com CERVENY (2000), não é o passado que determina o que será repetido no presente, mas é o “sistema que seleciona do passado o padrão repetitivo que vai incluir na sua própria história” (p. 45). Dessa maneira, os padrões e modelos interacionais das famílias de origem encontram-se presentes no sistema familiar atual, que pode tanto repeti-los sem a percepção desse processo ou pode reatualizá-los e adaptá-los à nova realidade.

A comunicação é um dos meios que possibilitam a transmissão dos modelos interacionais familiares e de sua repetição, podendo ser considerado o veículo que transmite os códigos, as informações e os significados atribuídos à comunicação, responsável pelo entendimento e relação promovido entre o emissor e o receptor nesse processo.

Como a comunicação envolve o trabalho da relação emissor/receptor, podemos dizer que ela afeta o comportamento dos indivíduos envolvidos além de definir o tipo de relação que se estabelece entre as partes envolvidas. Essa afirmação ocorre graças ao sistema de retroalimentação no qual o comportamento e a comunicação de cada indivíduo envolvido no processo comunicacional afeta e são afetados pelos seus pares.

No trabalho com famílias, a comunicação não se restringe a comunicações verbais, mas principalmente ao não-dito e ao comportamento numa situação interacional, considerados mensagens, pois segundo Watzlawick (1973), é impossível a não-comunicação assim como o não-comportamento. A família possui inúmeras maneiras de se comunicar, seja através do olhar, do silêncio, dos segredos, das lealdades, dos mitos, dos movimentos.

Os modelos comunicacionais familiares ocorrem desde o início das relações estabelecidas, o que significa que tais modelos definem o tipo de relação comunicativa será adotada, de forma de cada família desenvolve um código peculiar de comunicação conhecido e compartilhado pelos seus membros através das gerações, transmitido intergeracionalmente.

As regras familiares constituem outro padrão interacional da família, e segundo Cerveny (2000, p. 61), são consideradas como “o conjunto de acordos explícitos e implícitos que é compartilhado e conhecido por um grupo familiar, que faz parte da história da família e se mantém por meio do uso”

A importância dessas regras foi apontada por vários autores e Jackson (1965, apud Cerveny, 2000) refere-se ao papel de delimitação e organização da conduta dos membros da família efetuada através da prescrição dessas regras. O funcionamento estável da família depende da existência de regras que possam reger esse sistema.

Para Minuchin (1982), a família engloba a existência de regras universais e específicas que regem o funcionamento do grupo, definindo quem e como se participa do sistema. Apesar da existência dessas regras gerais e universais, elas adquirem características e valores específicos que dependem da cultura na qual a família está inserida.

Nem sempre as regras são compartilhadas por todos os membros da família, mas mesmo nesse caso, pode-se dizer que são implicitamente conhecidas por todos mesmo que não seja de uma forma consciente.

As regras funcionam como guias que servem para determinar o comportamento dos membros da família em busca do crescimento mesmo quando não é aceita por alguns de seus componentes. Ela colabora para que o grupo atinja a homeostase, por isso muitas vezes percebe-se resistências para acatar mudanças a padrões conhecidos.

O funcionamento familiar constitui-se, além desses aspectos citados anteriormente, de mitos, definidos por Ferreira (1963, apud Cervený, 2000) como um conjunto de crenças sistematizadas e compartilhadas por todos os membros da família que dizem respeito aos seus papéis e natureza da sua relação nesse grupo. Segundo o autor, tais crenças não são contestadas pelos membros da família, apesar do caráter irreal que muitas vezes assumem. Além de conter as regras da relação e das rotinas de vida da família, podem cumprir com a função defensiva, promovendo a homeostase e a estabilidade das relações familiares.

De acordo com Bozormenyi-Nagi e Spark (1973), a trama mítica configura a trama de lealdade multipersonal que implica nas expectativas existentes no grupo em torno das quais os membros da família assumem um compromisso, transmitidas através das gerações que determinam o aparecimento e a configuração dos mitos familiares. Os mitos contabilizam os débitos e méritos de todos de acordo com o seu cumprimento ou não.

Para KROM (2000), o “mito constitui em sua essência a concepção de mundo própria da família, onde se cria a realidade familiar e o mapa do mundo individual” (p. 32), que pode constituir um segredo, uma crença ou uma atitude compartilhada e aceita através das gerações que perpetuam e determinam as respostas e condutas da família.

Os segredos familiares sustentam os mitos, na medida em que com o passar do tempo muitos segredos transformam-se em mitos familiares que estabelecem crenças compartilhadas e transmitidas entre as gerações.

Nem sempre os segredos constituem-se em ações inaceitáveis e vergonhosas do ponto de vista social. Nesse caso, podemos pensar que a função dos segredos seja de proteção da família em relação aos demais grupos sociais, e a sua revelação poderia incidir negativamente na auto-estima e imagem da família. Além dessa função, os segredos familiares diferenciam o grupo familiar dos demais, afinal, o seu conteúdo é característico daquele grupo específico.

Os mitos promovem rituais apresentados através de atos e comportamentos estabelecidos pelas regras familiares que marcam o comportamento cotidiano das pessoas como uma forma de transmitir valores, atitudes e modalidades ligados aos mitos. Por isso, os rituais, assim como os mitos, são repetidos e compartilhados pela família pois remetem à história da família, com seus significados e símbolos.

Nesse ponto, pode-se notar uma confluência entre mitos, segredos, rituais e comunicação na qual a comunicação pode ser considerada o meio que possibilita a transmissão e manutenção desses aspectos na vida familiar ao longo das gerações.

A experiência migratória contribui para a mobilização do poder mítico nas famílias, uma vez que pode ser considerada uma situação estressante que fragiliza os vínculos familiares e nessa situação, os conteúdos míticos que conferem sentidos à vida familiar e à própria vida são reavaliados, minimizados ou acrescentados.

Os padrões interacionais da família são repetidos através das gerações, causando as seqüências, compreendidas como o encadeamento de condutas repetidas

intergeracionalmente. Através da sinalização dessa seqüência de modelos, podemos localizar a repetição dos modelos através das gerações.

A afetividade na família também é considerada um padrão de interação, considerando que as formas como se estabelecem as relações e como estas se expressam influenciam de alguma forma todos os membros da família. Os modelos afetivos são experienciados na família de uma forma aceita e permitida pelo sistema e servem de mediador para que o indivíduo possa expressar seus sentimentos e pensamentos de acordo com a modalidade de comunicação específica de cada grupo familiar.

A flexibilidade e a permissão das modalidades de expressão afetiva são produtos da interação estabelecida no sistema familiar, levando em consideração a flexibilidade transacional além dos valores, regras e modalidades de comunicação pertinentes a cada sistema familiar.

Nesse sentido, o padrão afetivo da família associa-se

à confiança mútua, à reciprocidade de papéis, à competição e cooperação, à consideração e à desconsideração, à qualificação e à desqualificação, à inflexibilidade nas transações, à instabilidade no relacionamento, ao apego, à proteção, ao acordo quanto a crenças e valores, ao diálogo, à agressividade, à comunicação aberta ou bloqueada, aos conflitos abertos ou disfarçados. (CERVENY, 2000, p. 79)

É importante levar em consideração os padrões culturais no estabelecimento dos padrões afetivos, uma vez que cada cultura possui sua forma peculiar de expressar afetividade e limites do que é considerado aceitável e tolerado.

As triangulações constituem outra modalidade de padrão interacional na família que envolve o estabelecimento de alianças baseadas em interesses em comum ou em coalizões entre duas ou três pessoas. No caso das triangulações por coalizão, é comum notar a união de duas pessoas contra um terceiro, muitas vezes buscando sua exclusão.

Para Minuchin (1982), a triangulação é entendida como um problema de fronteira, pois quando existe uma flexibilidade e nitidez das fronteiras do sistema familiar, os subsistemas podem negociar buscando a solução das questões, impedindo a formação de tríades rígidas.

Quando a triangulação ocorre no sistema, isso afeta a hierarquia familiar, na medida em que o filho passa a integrar o subsistema dos pais, atingindo outro grau de hierarquia e poder.

A triangulação pode ser utilizada como uma forma de enfrentamento de perdas, como podemos perceber numa situação familiar na qual as perdas vividas pelos cônjuges levam a uma ligação excessiva desse progenitor ao filho, por exemplo.

O sistema familiar organiza-se em hierarquia que estabelece uma nítida divisão geracional que diferencia os papéis e fronteiras estabelecidos entre pais e filhos.

A hierarquia relaciona-se com o poder exercido pelos membros da família e dentro da cultura ocidental, normalmente esse poder é centrado no subsistema parental. O não-estabelecimento da hierarquia ou confusões podem ocasionar o surgimento de sintomas pois segundo Minuchin (1982), isso remete à destruição da estrutura familiar.

As organizações hierárquicas familiares levam em consideração os padrões culturais para determinar a distribuição do poder entre os subsistemas, sendo que em cada cultura privilegia-se um determinado nível geracional como o detentor do poder maior.

Por fim, temos a lealdade familiar que constitui-se numa modalidade de padrão de repetição interacional familiar que pode ser transmitido intergeracionalmente, padrão esse de lealdade que a família disponibiliza aos seus membros que podem selecionar entre os modelos propostos aqueles que serão adotados o não.

As lealdades invisíveis configuram-se em relação à natureza da relação pais/filhos e à intensidade e profundidade com que esses laços familiares são estabelecidos. A pessoa que nasce recebe expectativas em relação ao cumprimento dos mandatos familiares, gerando movimentos na família que podem levar ao estabelecimento de alianças e reciprocidade para o seu cumprimento, como uma forma de saldar a dívida existencial que todos contraímos à partir do momento que somos gerados.

A delegação é uma forma de lealdade pois o cumprimento dos mandatos é uma forma de provar a sua lealdade com relação à família, num movimento de reciprocidade. Cerveny (2000) aponta que a existência de mandatos familiares é responsável pela necessidade de cumprimento dessa dívida e o seu não cumprimento enfraquece o sistema, sobrecarregando as relações pois não existe a compensação dos benefícios recebidos e contabilizados no livro familiar.

CAPÍTULO 6: METODOLOGIA

6.1 Método

A base de levantamentos de dados utilizada nessa pesquisa foi a entrevista semi-dirigida, composta por um roteiro que possibilitou a investigação das questões relacionadas à estrutura e funcionamento familiar envolvidos no processo de emigração dos *dekasseguis*, particularmente nas famílias nas quais os avós ficam encarregados dos cuidados dos netos no Brasil durante a permanência de seus pais no Japão. Numa pesquisa qualitativa, tal diversidade pode contemplar a subjetividade, aqui compreendida como uma construção histórica e social através da qual buscamos a construção de significados atribuídos por cada sujeito à sua experiência vivida. (Denzin & Lincoln, 1994).

Neste sentido, não buscamos encontrar uma verdade absoluta e universal que pudesse explicar as experiências vividas por tais famílias. Ao contrário, numa pesquisa qualitativa, nosso olhar volta-se para a co-construção dos significados atribuídos à realidade do pesquisado que permite ao pesquisador compreender tal experiência.

Dentro desta perspectiva, a metodologia da pesquisa qualitativa é considerada uma *bricolage*, uma construção através da articulação das diversas “peças” que surgem do discurso e dos significados atribuídos pelos sujeitos entrevistados ao problema sugerido na pesquisa. Tais peças constituem o material enredado para a construção da experiência vivida por estas famílias e que podem nos apontar a forma como vivenciaram tal experiência de ruptura familiar e suas repercussões.

Escolhemos a entrevista como a forma para abordar os significados da experiência migratória, pois segundo Kvale (1996), a conversação é um modelo privilegiado que permite, através das perguntas e respostas formuladas, saber das experiências, sentimentos, motivos, esperanças e do mundo vividos por essas famílias, num processo intersubjetivo que, através das questões formuladas no encontro entre os seus participantes fazem emergir tópicos para construção de conhecimentos.

As entrevistas enfocaram a história familiar da imigração desde a 1^a. geração familiar (emigração do Japão: motivo e circunstâncias da emigração, educação recebida pelos avós, constituição da família no Brasil. Emigração dos *dekasseguis*: decisão e circunstâncias da emigração, tempo de permanência dos pais no Japão, motivos para a permanência dos filhos no Brasil), a estrutura e padrão familiar desenvolvidos na experiência dos avós e netos diante da emigração dos pais, a experiência dos avós na educação dos netos e dos netos educados pelos avós, as perspectivas de futuro da família e de retorno dos pais. O roteiro de entrevistas encontra-se no Anexo II.

6.2 Procedimentos

A seleção dos participantes foi realizada pelo processo de bola de neve, em uma amostra de conveniência, em função da especificidade dos casos pesquisados.

O critério para a escolha da família levou em consideração a idade dos netos, acima dos 10 anos, pela adequação ao método utilizado. Outro critério utilizado foi o tempo de permanência dos netos aos cuidados dos avós, e nesse sentido, optamos por famílias cujos netos vivem há mais de 5 anos com os avós.

Dado o caráter específico da situação vivida pelas famílias, a escolha das mesmas foi feita por indicação de pessoas ligadas ao círculo de conhecidos da pesquisadora, que realizou um contato com os avós para a apresentação dos objetivos e solicitação de sua participação e se seus netos na pesquisa. Após o consentimento livre e esclarecido dos avós, agendamos os encontros necessários para a realização da pesquisa.

Após esse contato inicial, agendamos um encontro com os avós para realizar um resumo da história de vida da família, desde a vinda de seus pais para o Brasil.

Num segundo momento, realizamos a entrevista apenas com os avós (roteiro em anexo), para a investigação de suas experiências, medos e conseqüências dos cuidados na educação dos netos.

Num terceiro momento, realizamos a entrevista com os netos, na presença dos avós, respeitando a necessidade do acompanhamento dos responsáveis, principalmente pela idade (menores de 18 anos) dos entrevistados. Buscamos investigar como vivem a experiência da separação dos pais e o cotidiano vivido com os avós, os projetos de futuro e a expectativa de retorno dos pais. O roteiro encontra-se em anexo.

Todas as entrevistas foram realizadas em suas respectivas residências, como uma forma de facilitar o acesso dos participantes, devido à idade e dificuldade de locomoção dos mesmos.

Nesta pesquisa, consideramos que a metodologia qualitativa foi de suma importância para possibilitar um material, que após sua análise e interpretação nos permitiu ter acesso à toda riqueza de experiência vivida por tais famílias que se encontram neste

peculiar processo de separação, sem desconsiderar e recortar seu processo de desenvolvimento e sua singularidade.

6.3 Participantes

Para atender aos objetivos propostos, realizamos entrevistas com 4 famílias compostas por avós e netos.

Denominamos as famílias através de nomes de plantas e flores conferidos aos avós. Apenas uma família participante contou com a participação do avô, sendo que as demais avós eram viúvas e um avô encontrava-se acamado devido a um problema de saúde.

A sra. Tsubaki é residente do município de Bastos/SP, tem 68 anos, é casada, foi a primeira participante. Ela cuida de seu neto há 6 anos.

A segunda entrevista foi realizada com a sra. Sakura, com 77 anos, residente em Dracena/SP, viúva, cuida dos netos há 7 anos. Há dois anos submeteu-se a uma cirurgia no fêmur, e devido à osteoporose, encontra-se acamada.

Posteriormente, entrevistamos a sra. Kiku, residente no município de Dracena/SP, com 73 anos e viúva. O neto vive com ela há 12 anos.

O sr. Sr. Momiji: e a sra. Tsutsuji, são casados, residentes na zona rural do município de Tupã/SP, e têm 79 e 75 anos respectivamente. O tempo que cuidam dos netos é variável, pois seus filhos foram ao Japão mais de uma vez. Num total de tempo, cuidam dos netos desde 1998, entre as idas e vindas dos filhos ao Japão.

6.4 Entrevistas

Após o consentimento por escrito dos participantes, as entrevistas foram gravadas e transcritas, buscando resguardar o sigilo e a ética envolvidos num processo de pesquisa. As transcrições encontram-se no Anexo III.

Esse procedimento busca atender às normas éticas previstas na Resolução 196/1996 do Ministério da Saúde, sobre “Pesquisa envolvendo seres humanos”.

Do ponto de vista ético, a pesquisadora disponibilizou-se ao atendimento clínico ou encaminhamento dos casos, caso fosse necessário. Houve a preocupação em possibilitar orientações e encaminhamentos às famílias de acordo com as características verificadas nas entrevistas. Porém, não foi verificada a necessidade da utilização de nenhum desses procedimentos, levando em consideração as entrevistas realizadas.

6.5 Análise das entrevistas

A análise das entrevistas foi realizada utilizando-se do paradigma interpretativo no qual, através da leitura do material levantamos temas de análise do material coletado. Utilizamos inicialmente temas que compõe a estrutura e os padrões de interação familiar, de acordo com a literatura a esse respeito. Esses temas formam eixos levantados a priori e tratam das fronteiras familiares, comunicação, mitos, hierarquia, regras familiares, afetividade e lealdade.

Na leitura das entrevistas, esses grande eixos foram desenvolvidos e explicitados e a partir deles, outros aspectos foram surgindo e ampliando a temática, como por exemplo, as crenças, costumes, valores e rituais familiares; sentimentos pela perda dos pais, sobrecarga

dos subsistemas familiares causado pela imigração e o tipo de comunicação apresentado pela família.

CAPÍTULO 7: *DEKASSEGUIS* E FAMÍLIA

Pretendemos realizar a análise e discussão das entrevistas e histórias de vida coletadas nessa pesquisa, apresentando o material de cada família separadamente, apesar de possuírem uma história e um passado que, embora em muitos aspectos apresentam pontos de intersecção entre si optamos por destacar primeiro a singularidade de cada história para posteriormente realizarmos uma leitura das comunalidades e singularidades que marcam as histórias de vida às quais tivemos acesso. Nessa análise buscamos compreender a estrutura familiar e os padrões de interação desenvolvidos pelas famílias e a repercussão desses modelos no desenvolvimento dos netos.

Nesse contexto de análise compreendemos que a emigração causa um impacto sobre a família, sobretudo no que diz respeito às fronteiras e ao funcionamento dos subsistemas, pois a ausência de membros da família exige uma reorganização do sistema para que este possa continuar a garantir o funcionamento e a estabilidade do grupo.

7.1 Família da sra. Tsubaki. Neto: Kazê.

Resumo da história de vida

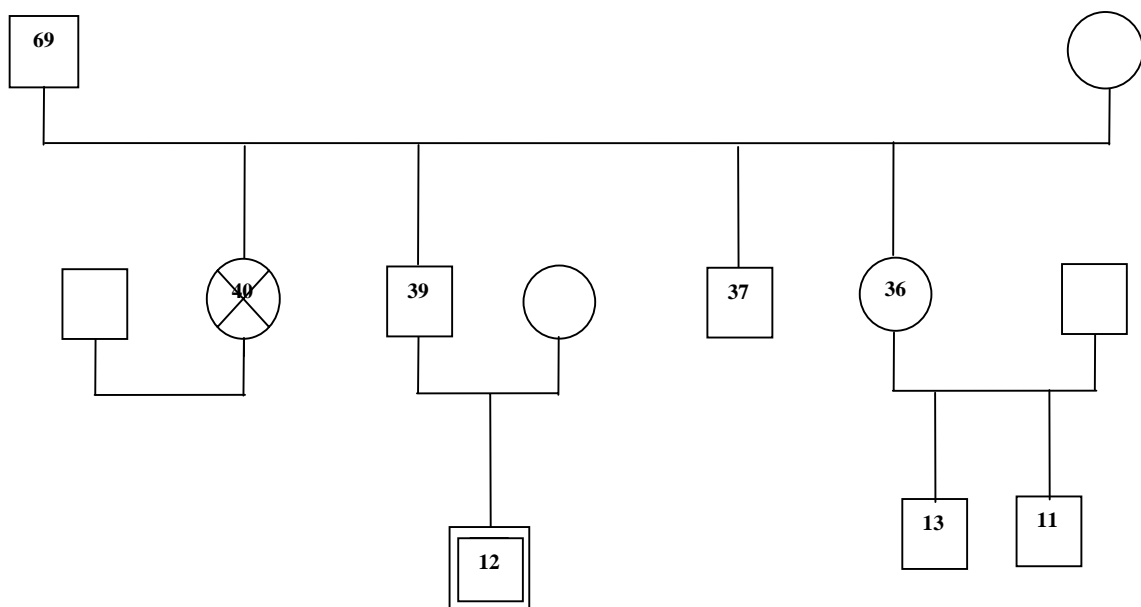
Sra. Tsubaki

Idade: 69 anos

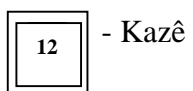
Naturalidade: Bastos/Brasil

Estado civil: casada

Genograma:



Legenda – neto:



Segundo o relato da sra. Tsubaki, seu pai é natural de Hiroshima/Japão e sua mãe, de Yamagata/Japão. Eles migraram com 14 e 19 anos, respectivamente. A família paterna era de lavradores e seu pai ajudava a família na lavoura. Sua mãe, não tinha a mesma origem e trabalhava na indústria de fiação de seda, viajava todos os dias para a cidade na qual trabalhava. Diz não saber muito a respeito das histórias das famílias de seus pais, pois isso não era contado. Com relação ao motivo da emigração, diz que as famílias de seus pais vieram ao Brasil acreditando na propaganda feita no Japão, na qual dizia-se que em 3 meses era possível ficar rico aqui. Porém, essa propaganda era enganosa e embora os pais pensassem em retornar para o Japão, após a II Guerra perceberam que isso não era possível, pois “trabalhava, trabalhava e nunca conseguia juntar dinheiro. Como que dava para voltar?” (sic).

Os pais não migraram juntos, mas conheceram-se na fazenda de café na região da Mogiana, local ao qual onde foram inicialmente enviados. Casaram-se quando o pai tinha a idade de 21 anos, e o casamento foi realizado através do *miai*. Permaneceram nessa região até o nascimento da primeira filha, no ano de 1936, e depois vieram para Bastos, inicialmente num arrendamento, onde tiveram criação de bicho da seda onde posteriormente plantaram algodão e amendoim. Depois da Guerra, o pai comprou uma propriedade e continuou com as mesmas culturas.

A sra. Tsubaki nasceu no ano de 1939 e relata que recorda-se que até por volta de 5 anos, a família tinha a criação de bicho da seda. A família ganhou muito dinheiro até a II Guerra, pois o preço do fio era muito bom nessa época, porém, após a Guerra, o preço teve uma queda e a família passou a cultivar algodão e amendoim.

Relata que sempre trabalhou muito, desde a idade de 7 anos. Enquanto sua irmã mais velha ficava em casa e cuidava dos afazeres domésticos, ela, sua mãe e seu pai iam para a roça e sempre trabalharam juntos. Nessa idade passou a freqüentar a escola, ia pela manhã às aulas e quando retornava, almoçava e fazia a tarefa e logo após o cumprimento dessa responsabilidade saía para o trabalho. Aos 10 anos se formou na 4^a. série e depois disso, ia o dia todo para a roça.

Ela sempre gostou muito de estudar, pretendia ter continuado os estudos, gostaria de ser professora e insistiu muito com o pai para não largar a escola. Porém, a sra. Tsubaki não conseguiu prosseguir os estudos, sua mãe lhe dizia que não era a única filha, que deveria pensar nos irmãos mais novos que eram muitos e por isso, ela não poderia estudar sozinha e deixar os outros irmãos para trás. Além disso, com a entrada do Brasil na II Guerra Mundial fecharam-se as escolas na zona rural.

Relata que sofreu muito quando precisou largar os estudos, e diz que embora o pai fosse autoritário e nervoso, às vezes era difícil aceitar tudo e em alguns momentos brigava em função de discordar das idéias de seu pai, mas sempre acatava suas decisões.

A mãe ensinou a língua japonesa em casa, uma vez que as escolas de língua estrangeiras foram fechadas durante a Guerra. Com isso, aprendeu a ler e lia os livros em língua japonesa apenas em casa, por isso, tem muita dificuldade em escrever.

Seus pais só utilizavam a língua japonesa na família e ela e sua irmã mais velha só conversavam com os pais nessa língua, ao contrário dos irmãos mais novos que entendiam o japonês mas falavam em português com os pais. Refere que essa diferença deve-se ao motivo de que todos os seus irmãos mais novos tiveram a oportunidade de estudar, freqüentando o ginásio e a faculdade. Pensa que por esse motivo, aprenderam a conversação em português, pois conviveram muito com os brasileiros na escola. Como ela

e a irmã abandonaram os estudos mais cedo, não tiveram essa convivência, ficavam apenas em casa e conversavam em japonês.

Como os irmãos mais novos não precisavam cuidar da família puderam prosseguir os estudos, e a sra. Tsubaki refere que possui uma irmã professora da Universidade Federal da Paraíba. Apenas os dois irmãos, além dela continua a residir em Bastos, e como seus pais sempre moraram na cidade, os irmãos vinham todos os anos visitar a família.

Seu pai faleceu em 1964, com 47 anos, em decorrência de problemas cardíacos, fumava muito e tinha “tosse comprida”. Sua mãe faleceu no ano de 1983, apresentava hipertensão e após um derrame, ficou acamada durante anos. Não sabe dizer a causa de sua morte.

A sra. Tsubaki casou-se no ano de 1964, através do *miai*, pois essa prática era comum naquela época. Seu marido, o sr. Matsu, é natural de Bastos e seus pais migraram casados, compraram um lote de 10 alqueires na cidade e vieram diretamente para o local. Sempre cultivaram algodão, café e bicho da seda e ao contrário de sua família, tiveram criação até o ano de 2000, quando seu marido sofreu o acidente e a família mudou-se para a cidade.

Relata que seu marido estudou também até a 4^a. série, era filho único e por esse motivo imagina que para ele a vida deva ter sido mais difícil. Era sozinho para cuidar das responsabilidades da família e também trabalhou desde criança. O casal sempre residiu com a família do marido, na propriedade rural da família, até o acidente sofrido pelo sr. Matsu. Após esse fato, mudaram-se para a cidade e ela relata que conseguiu adaptar-se à vida urbana e atualmente sente maior comodidade e facilidade, pois como não dirige, tem acesso facilitado aos locais morando na cidade.

De acordo com a sra. Tsubaki, seus filhos sempre gostaram de estudar e foram os melhores alunos na escola. Apenas a filha caçula não frequentou o ensino superior. Seu filho primogênito e as duas filhas trabalham atualmente no Japão. A filha mais velha morou no Japão também e faleceu em 2005 quando residia na cidade de Mogi das Cruzes e a morte foi causada em virtude de um acidente de carro, quando dirigia-se para seu emprego, em São Paulo.

A sra. Tsubaki trabalhou no Japão durante 2 anos e meio. O motivo de sua partida, em 1989, foram as dívidas da família. Inicialmente, pensaram na ida do marido, mas ela não conseguiria tocar os negócios da família sozinha, e combinaram que ela iria primeiro e depois o marido também iria. Porém, quando veio buscá-lo, ele não teve coragem de largar tudo, a terra e a família, e o casal permaneceu no Brasil. Relata que gostou muito do Japão e preferiria viver naquele país ao Brasil, não queria voltar. Acha que o país é mais organizado, limpo, seguro e sentiu-se atraída pelo salário. A família conseguiu saldar sua dívida e todos os seus filhos, com exceção do segundo, já trabalharam no Japão. O filho primogênito já foi 3 vezes entre idas e voltas. Trabalhava no escritório de uma granja em Bastos, mas pretendia comprar carro, casa, e com o salário isso não seria possível. Por isso, partiu para o Japão e atualmente a sra. Tsubaki cuida de seu neto e reside na casa construída por esse filho.

Notamos que nesse sistema familiar, a emigração pode ser sentida principalmente pelas repercussões acarretadas nas **fronteiras entre os subsistemas** avós, filho e neto. No **padrão intergeracional de hierarquia** presente desde a geração da sra. Tsubaki enquanto filha, o respeito aos mais velhos definia claramente os papéis de pais e filhos e a fronteira entre os subsistemas parentais e filiais. Nesse padrão de hierarquia presente na cultura nipônica, a fronteira entre os subsistemas constituídos entre os pais e avós, filhos e netos é

clara e nítida, o que confere o respeito ao funcionamento dos papéis e funções desempenhados e as fronteiras existentes entre os sistemas. Isso gera segurança nos indivíduos, garantindo o seu lugar no grupo e o desempenho de seus papéis.

A sra. Tsubaki aponta, em suas falas, dificuldades para a educação de seu neto devido a um afrouxamento na fronteira entre o subsistema pais/filho, o que traz como conseqüências dificuldades e dúvidas para que ela possa estabelecer as regras e normas de funcionamento na relação com o neto e que este, por sua vez, as respeite.

1. Fronteira difusa

<p>Sra. Tsubaki Não existe fronteira nítida entre o subsistema pais/filho.</p>	<p>“Bom, nasceu aqui, mas cresceu com os pais lá no Japão. Eu falei para mandar na creche, e é bom, mas não quis mandar. Ficou com o pai, a mãe trabalha de dia, aí a mãe volta, o meu filho vai à noite. Então é assim, deixou muito mimado, deixa fazer tudo o que ele quer, quando voltou era difícil, viu?”</p> <p>“Porque a mãe (nora) foi educada assim, os pais dela não davam muito valor na escola né. Quando voltou queria faltar, então mãe deixava.”</p> <p>“(…) mais o meu filho tem que aprender educar, quando é pequeno ainda é criança, isso é que não pode, mas quando é criança tem que dar tapinha, senão, não tem medo do pai, não pode, não é?”</p>
<p>Sra. Tsubaki Dúvidas para educar o neto devido à fronteira difusa.</p>	<p>“Já mudou bastante do meu tempo, dos meus estudos, eu não posso obrigar mais, mas será que é assim?”</p>

Diante da fronteira difusa, a avó busca estabelecer um **padrão de regras e normas** mais rígidas e claras, de acordo com o padrão vivido em sua educação familiar. Seus pais

eram rígidos e ela também educou seus filhos num sistema onde prevalecia a hierarquia e a obediência às normas. Porém, percebe que atualmente, não existe entre o seu filho, a sua nora e o seu neto esse tipo de padrão hierárquico.

2. Normas e hierarquia.

<p>Sra. Tsubaki</p> <p>Tentativa de estabelecimento de fronteira, normas e hierarquia como no seu tempo.</p>	<p>“Seis anos já, hoje ele foi lá no, na avó da parte da mãe, lá no Esmeralda, da parte da mãe. É sempre bom né, eu também sempre ia à casa da mãe, né. Agora, eu sou mais brava, né, eu falo para o bem dele (neto) porque ficar do jeito que ele tava não pode né, olha, faz a tarefa, lá era largado, né?”</p> <p>“(…) eu fico preocupada, esses dias teve festa, teve que fazer o aniversário do primo, aí ele saiu com um amigo, mas...volta logo, eu falei! Mas ficô até o fim e a noite inteira eu não posso mais esperar, não é?”</p> <p>“Não sei se tá certo isso, mais no meu tempo mudou, não foi igual no meu tempo. Mas então, morando aqui assim, não tem o que fazer além de estudar, no meu tempo eu mandava eles na roça quando voltava da escola, depois de fazer a tarefa ia ajudar na roça ou no rancho, eu mandava eles ajudar. Mas aqui na cidade não tem como trabalhar, já tá grandão assim, sem fazer nada...Acorda assim: pelo menos o seu quarto você limpa, eu falei. Eu falei pra ele e ele limpou o armário, falei: passa esse aqui, óleo de peroba. Mandei fazer isso, pelo menos nas férias você tem que limpar seu quarto!”</p>
--	--

Essa falta de respeito à hierarquia familiar e às regras deixam a sra. Tsubaki preocupada com relação aos **valores** desenvolvidos pelo neto, como os valores moral e

material. Além disso, percebe que o neto não devolve respeito nem gratidão pelo que os pais fazem por ele.

3. Preocupação com os valores do neto

<p>Sra. Tsubaki</p> <p>Preocupação com os valores morais do neto.</p>	<p>“Agora ele sai na rua, não sei não sei com quem brinca e eu não posso ir atrás dele, então, é melhor os amigos dele vir aqui. Sai na rua, né, começar a fumar, drogas, né? Prefiro que fica aqui, né, tem que voltar cedo, eu sempre falo.”</p> <p>“Aí ele começou a falar que queria ir no estadual (escola pública), porque aqui (escola particular) é muito puxado (...). Ele pensa assim, então ele queria mudar para estadual e começou a falar, não é? Mais eu ouvi dizer que na estadual os alunos na frente do professor ta trocando drogas, diz que é assim, mas um dia talvez aqui também vai ser assim, não é? É perigoso!”</p>
<p>Sra. Tsubaki</p> <p>Preocupação com os valores materiais do neto.</p>	<p>Não dá valor, não, quando ela (mãe) voltou e traz alguma coisa assim, em vez de agradecer a mãe que trouxe, não é, do Japão? Em vez de agradecer , já ta cheio então, não acha valor, então ficou bravo. Em vez de agradecer a mãe que trouxe o brinquedo tudo, ficou bravo com a mãe: eu não sou mais criança!"</p>

Por outro lado, parece que o padrão de **afetividade** percebido nesse sistema familiar baseia-se na compra material, na economia e no valor dado aos bens materiais. A sra. Tsubaki preocupa-se com economia, demonstrando a importância dada ao sacrifício para o acúmulo material enquanto seu filho e nora estabelecem um padrão de afetividade através

da compra de presentes em abundância como forma de compensação afetiva pela ausência parental. O neto, por sua vez, reproduz tal modelo que coloca em risco o retorno ao Brasil.

Kazê demonstra solidão na ausência dos pais e sente falta de relações de afetividade baseados no estar com a família unida, no lazer com os pais, por isso valoriza a presença de pessoas para brincar, como na casa da avó materna, onde possui primos e por isso gosta de freqüentar a casa dessa avó, para ter companhia e maior afinidade social ao invés de ficar só como na casa da avó paterna.

Talvez a não obediência às regras impostas pela avó seja uma forma de demonstrar que sente-se relegado e que gostaria de receber a atenção recebida durante o tempo no qual foi cuidado pelos seus pais.

4. Afetividade: bens materiais.

<p>Sra. Tsubaki</p> <p>Pais compram produtos em excesso para o filho (compensação afetiva)</p> <p>Retorno ameaçado devido ao gasto excessivo.</p>	<p>“ Quando ele tava aqui (filho) comprô muita roupa pra ele (neto) e eu não preciso gastar, na roupa não precisa, mas o sapato usa todo dia, estraga, não é? Aí precisa comprar! Mas ele (filho) manda (dinheiro) para eu comprar! E como a mãe também trabalhava lá e tava com dinheiro abundante, comprou muito brinquedo assim que...ele não faz valor nos brinquedos, a maioria faz. Muito brinquedo demais quando era pequeno! Agora compra caderno, rasga, joga fora, caneta também joga por aí.(...)”</p> <p>“Ah, não sei não! Porque a mãe do Kazê gasta demais! (...) Gasta bastante, ela compra umas roupas que não precisa! Bom, prá ela fala que precisa, mais prá mim acho que não precisa, compra muita roupa, gasta muito.”</p>
<p>Kazê</p> <p>Solidão pela ausência dos pais no Japão.</p>	<p>“(No Japão) De noite eu dormia com minha mãe porque meu pai trabalhava de noite, aí de manhã minha mãe ia trabalhar e eu ficava sozinho em casa, ou, às vezes, ficava com a vizinha. Assim, né, meu pai chegava de manhã</p>

Solidão pela ausência dos pais no Brasil.	depois de tarde minha mãe voltava, aí de noite meu pai voltava trabalhar de novo.” “Ah, sei lá, às vezes eu me sentia sozinho. (...) Ficava lembrando deles, ainda sinto. “
Mudança no padrão de afetividade quando os pais estão no Brasil.	“Ah, muda! (...) É, eu passeio um pouco...sei lá, fico mais alegre, mais contente.”
Avó materna: companhia social.	“(...) lá (casa da avó materna) eu tenho primo para brincar. (...) Ah, tem um que é mais velho e um pequeno, e tem um que é mais velho que tem dezoito anos. (...) Ah, sei lá, lá pelo menos eu brinco, aqui eu não brinco. (...) Ah, não tem ninguém pra brincar. (...) Ah, só fico no quarto.”

Existe uma valorização da **união da família** nesse sistema. Além de Kazê que demonstra a necessidade da união da família, a sra. Tsubaki também refere a importância da união da família para o desenvolvimento dos filhos. Seu filho demonstrou essa preocupação de duas maneiras: inicialmente, quando emigrou levou o filho para o Japão, depois trouxe-o de volta para o Brasil, para que esse pudesse frequentar o sistema educacional brasileiro, pois o projeto da família é o de morar no Brasil. Para isso, é importante que seu filho seja educado no seu país de origem.

5. Crença: união da família

Sra. Tsubaki Filho busca a união da família: no Japão e no Brasil.	“(Kazê) nasceu aqui, (filho) deixou a mulher e foi, né? Depois que nasceu, depois de um ano levou o neném, ela também foi. Nesse tempo ficou sem trabalhar né, tinha que cuidar, depois arrumou emprego e a mãe trabalha de dia, meu filho volta, fica com ele. (...)”
Neto no Brasil para educação	“(O neto ficou no Brasil) Porque ele (filho) não gosta de

<p>brasileira e união da família</p> <p>Família unida com alguém presente para educar o neto.</p>	<p>morar no Japão, além de ganhar bem ele gosta mais do Brasil e quer morar no Brasil, então, para morar no Brasil, filho tem que educar no Brasil.”</p> <p>“Ah, eu acho que melhor coisa é a família morar junto, não é? Só que levar ele (neto) também não é bom, porque fica trabalhando e não fica com o filho, não é? Tem que deixar largado lá, então porque a mãe e o pai fica trabalhando tem que ficar, fica largado mesmo. Ele ficando aqui ele tem colega bom, lê ele também tem colega, sempre vai ter colega, mas não tem quem cuida, não é? Então, é melhor eu que não estou trabalhando ficar aqui e cuidar dele. Mas a melhor coisa é ficar junto, então eu sempre falo pros meus filhos: trabalha, economiza bastante pra voltar logo, definitivo! Senão, vem aqui e gasta, vai pra lá de novo, volta, vai de novo, então nunca dá certo.</p>
<p>Kazê</p> <p>Prefere morar com os pais, seja no Brasil ou no Japão.</p>	<p>“(…) Acho que preferia morar com meus pais aqui (Brasil). (….) (Se os pais o chamassem no Japão) Bom, acho que eu iria. (...) Ah, ficar um pouco com meus pais. (Falta dos pais) Se faz...muita falta!”</p>

A conquista da **prosperidade** através do trabalho é uma crença presente na família desde a imigração dos bisavós (1ª geração) , que vieram do Japão em busca da promessa de enriquecimento rápido divulgado no Japão. A sra. Tsubaki (2ª. geração) também emigrou para o Japão em busca de prosperidade financeira, tem grande preocupação com a necessidade de poupar e seu filho (3ª. geração) emigrou para o Japão em busca de melhoria financeira. Portanto, esse é um padrão de valores que pode ser caracterizado como intergeracional.

6. Crença: prosperidade familiar.

<p>Sra Tsubaki</p>	<p>“Eu fui (para o Japão) porque era bicho-da-seda, era muito</p>
--------------------	---

Mito da prosperidade: 2. ^a geração	trabalho puxado, né? Primeiro marido queria ir, mas se marido ir eu não sei como tocar roça sozinha, aí eu vou primeiro para pagar dívida e depois vamos junto, combinou assim para ir junto e largar o sítio. Mas ele não teve coragem de ir. (...)”
Mito da prosperidade: 3. ^a geração	“ (Filho) Trabalha na granja, no escritório, mas ele ganhava bem, mas, mas achô que era melhor ir para o Japão, comprar carro, né. Não, carro ele já tinha, só que não era carro bom, então decidiu ir e foi quando era solteiro. (...)”

Percebe-se que a sra. Tsubaki valoriza o **estudo**, demonstrando que gostaria muito ter prosseguido nos seus estudos mas seu pai não permitiu. Com relação aos seus filhos, deu-se um padrão familiar de contra-modelo, uma vez que ela sempre os estimulou ao contrário do que fez seu pai. Todos os seus filhos fizeram curso superior e sempre foram bons alunos e ela não permitia que os filhos faltassem às aulas. Seu filho repetiu o padrão que valoriza o estudo, tanto que trouxe o filho de volta do Japão e oferece uma boa escola para que possa ter acesso a uma boa educação. Para ele, a garantia do futuro é associada ao estudo. Por sua vez, o neto não tem o mesmo bom desempenho esperado, o que talvez possa ser explicado como uma forma de atrair a atenção de seus pais que encontram-se distantes (Japão) ou até mesmo numa supervalorização do dinheiro, que no caso de seus pais, não depende do resultado de seus estudos. Nesse sentido, por imaturidade, ainda não percebeu a importância desse aspecto para o seu futuro.

7. Valor dos estudos.

Sra. Tsubaki	“O meu filho nunca faltou à aula, nunca faltou, nem que
--------------	---

Importância dos estudos. Pai valoriza os estudos	tiver com febre, nem que tiver machucado, nunca faltou!” “Primeiro ele (pai) quis pôr no escola particular. (...) desde o começo tem que mandar na boa escola pra ... senão depois lá não é igual.“
Kazê Não gosta de estudar.	“ Não (gosta) muito (de estudar). (...) Não muito, mas eu tô começando a me interessar, a gostar assim. “

Percebemos na fala da sra. Tsubaki a existência da **lealdade familiar**, em todas as gerações. Ela e o seu marido moravam com os pais dele, dando continuidade aos negócios da família e cuidando dos pais até a sua morte. Ela refere que o neto deve também cumprir a missão de devolver aos pais o sacrifício realizado pela sua educação, mesmo que para isso tenha que ir para o Japão.

8.Lealdade: filhos devem retribuir os cuidados recebidos pelos pais.

Sra. Tsubaki Retribuição	“Eu não sei se vai (neto) até a faculdade, mais vamos ver...se ele também não vai para o Japão trabalhar. (...) Acho que vai acontecer porque, agora troca, não é? Os pais fica aqui e o filho vai! A gente pensa assim, agora se dá faculdade, entra em alguma coisa que paga bem, aí não precisa talvez, né? Mas do jeito que ele num gosta de estudar, num sei não...”
-----------------------------	---

Outra questão que pode ser levantada é com relação à **constituição da identidade**. Apesar da valorização da cultura nipônica através da língua dos pais e avós e dos costumes, a identidade parece constituída através da noção de pertencimento ao Brasil.

Tanto o pai como o filho preferem morar no Brasil, sentem-se brasileiros e Kazê não demonstra interesse em aprender a língua japonesa.

9. Identidade: brasileira.

<p>Sra. Tsubaki</p> <p>Identidade do filho e neto é brasileira.</p> <p>Neto não se interessa pela língua japonesa.</p>	<p>“Melhor ele (neto) fazer faculdade e morar aqui, não é? (...) Porque ele é brasileiro, os pais também gostam de morar aqui, trabalhar aqui e morar junto aqui! Se ele gostar do Japão, tudo bem, mas...”</p> <p>“(...)Então, a gente tá falando: você tem que aprendê um pouco de japonês! Tem aula de japonês aqui, tem que ir! Pra isso eu pago! Mas o kazê acha que já sabendo inglês já não precisa, será que é assim?”</p>
<p>Kazê</p> <p>Identidade brasileira</p> <p>Não se interessa pela língua japonesa.</p>	<p>“Ah, eu gosto! (do Brasil). Ah, acho que preferia morar aqui. (...) Porque foi onde eu nasci, sei lá...”</p> <p>“Acho que não (aprenderia a língua japonesa). (...) Acho que é meio complicado.”</p>

7.2 Família da sra. Sakura. Netos: Yamá e Hi.

Resumo da História de Vida

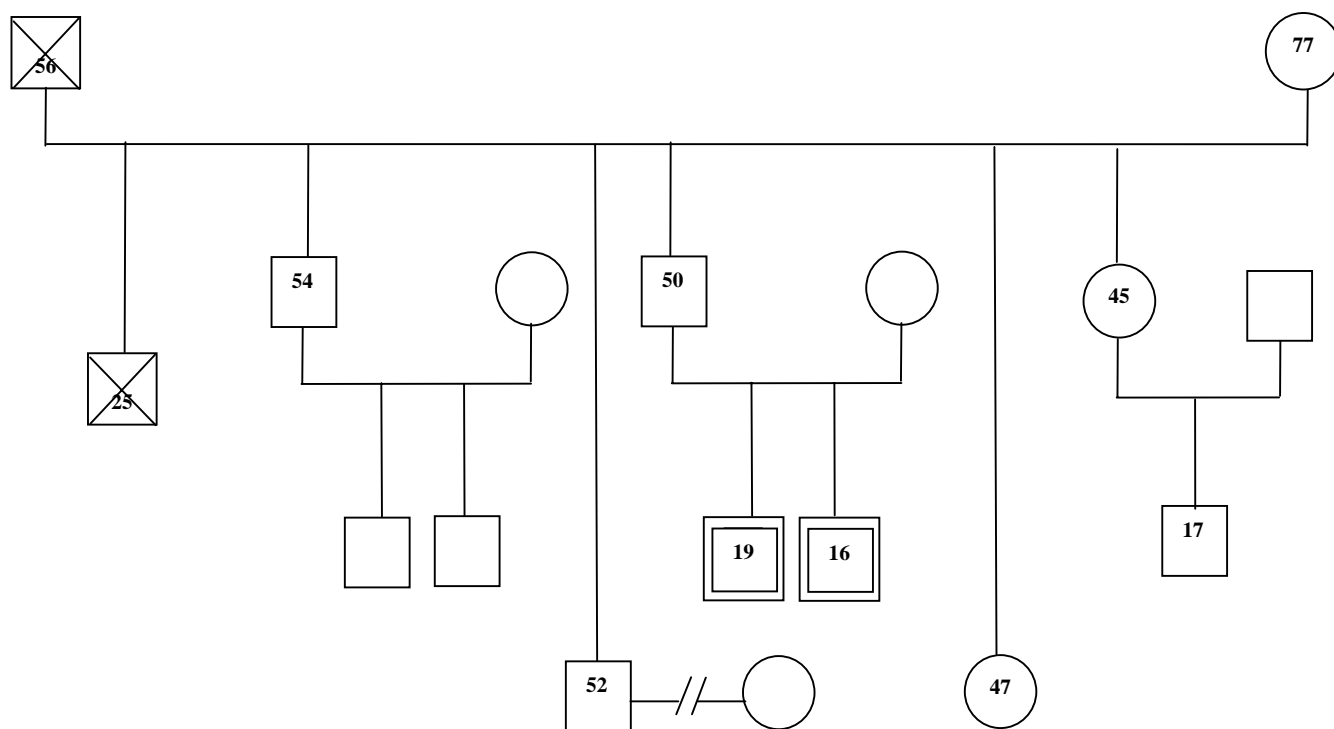
Sra. Sakura

Idade: 77 anos

Naturalidade: Tóquio/Japão

Estado civil: viúva.

Genograma:



Legenda – netos:

- Yamá

- Hi

Segundo relato da sra. Sakura, o pai migrou para o Brasil no ano de 1934, quando ela tinha 4 anos. Vieram para o Brasil o seu pai e dois tios paternos casados (um tio e uma tia), cada um com um filho cada, ela e a irmã mais velha, que tinha 7 anos no ano da emigração. A sua mãe desistiu da viagem, pois segundo seu relato, ela era estudada e não quis vir para o Brasil. Porém, o pai não desistiu da viagem e saiu com a promessa de ficar algum tempo, cerca de 2 anos e voltar para buscar a esposa. O pai deixou mais 1 irmão e 3 irmãs no Japão. Quando chegaram ao Brasil, dirigiram-se para a região Mogiana numa fazenda cafeeira.

Com relação à sua mãe biológica, diz não conhecê-la nem por fotos, pois segundo o relato de uma tia, seu pai rasgou todas as fotos da mãe para “não ficar lembrança” (*sic*). A única informação que tem é a de que era filha de um prefeito de uma comarca da cidade de Tóquio, dono de uma fábrica de cerâmica e pensa que por isso não quis emigrar para o Brasil, uma vez que sua família tinha boas condições financeiras. Nunca perguntou para o pai sobre a sua mãe, sempre respeitou a sua posição, se ele não queria falar, devia ser melhor assim. Também não sabe dizer o motivo pelo qual os pais perderam o contato, só sabe relatar que durante algum tempo, corresponderam-se por cartas e depois esse contato foi perdido. Acredita que a mãe tenha casado-se novamente, mas nunca teve notícias dela.

Seu pai era estudado, para aqueles tempos, sabia, inclusive, ler inglês. Trabalhava como chefe de estação de trem em Tóquio. Migrou para o Brasil movido pelas idéias propagadas no Japão e pensou que pudesse ficar muito rico em pouco tempo. Por isso, resolveu tentar a sorte no Brasil, mas pretendia voltar logo, porém nunca retornou. Seu avô paterno também era prefeito de uma comarca, por isso seu pai era estudado.

Quando a sra. Sakura tinha 5 anos, o pai casou-se novamente, no Brasil, com a sra. Missako. Ela chama-a de mãe, pois foi ela quem as educou. Gostava muito dela, pois era muito boazinha. Ela faleceu quando a família morava em Gália e trabalhava com bicho da seda. Adoeceu e a sra. Sakura ajudou a cuidar dela até sua morte, ficando acamada durante cerca de 3 meses. Pensa que a mãe tinha um tumor no coração, por isso adoeceu. Na época da morte de sua mãe, a sra. Sakura tinha 14 anos e sentiu muito a sua falta. Desse casamento, seu pai teve 4 filhos, 2 homens e 2 mulheres.

Após a morte da sra. Missako, a família mudou-se para Tupã e o pai ficou cerca de 2 anos sozinho. Casou-se novamente, com uma viúva, com 5 filhos e 15 anos mais nova. A sra. Sakura teve pouco contato com essa esposa do pai, pois casou-se nesse mesmo ano.

No Brasil, o pai trabalhou como colono, depois, quando a situação melhorou um pouco, trabalhou como meeiro e arrendatário. Em Tupã, comprou um sítio e trabalhou com plantação de café. Como o pai foi arrendatário durante muitos anos, a família mudava-se freqüentemente e eles tinham que acompanhar o pai.

A sra. Sakura relata que freqüentou a escola até o 2º. ano, quando morava em Gália, mas como moravam longe da escola e tinha que trabalhar, precisou abandonar os estudos. Enquanto seu pai arrendava terras e desmatava, a família cuidava do bicho da seda. Na língua japonesa, aprendeu apenas o básico, em sua casa, não freqüentou aulas.

Ela relata que sempre trabalhou muito na roça e ainda ajudava nos serviços domésticos. Sua educação sempre foi no sistema japonês, até casar-se, falava apenas a língua japonesa em casa e seu pai não aceitava falar o português. A comida também era só japonesa. Conta que o seu pai sempre foi muito rigoroso e exigente “prá não aprender as coisas ruins, ele ensinava jeito de comer, de cumprimentar, de sentar, de vestir” (*sic*), pois o pai queria que os filhos fossem como japônês. Mas diz que tudo que aprendeu de bom foi

com o pai, a cumprimentar, pegar no garfo, e aprendeu também o respeito e a trabalhar duro, nunca teve preguiça. Foi graças ao pai que aprendeu a costurar, pois ele comprava livros e pagava uma mulher para costurar suas roupas e as da sua irmã e ela aprendeu olhando os livros. Sempre se interessou por isso, também aprendeu crochê, bordado, tricô, tudo sozinha, com livros.

Casou-se com 15 anos, com sr. Matsu, com quem teve 5 filhos. Seu casamento foi realizado através do *miai* e foi seu pai quem escolheu seu marido. Ela aceitou, afinal, esse era o costume. Ele era rico e faleceu há 22 anos, de infarto. Diz que sentiu muito a sua falta e ficou sozinha para cuidar de todos os filhos. Ele também era filho de imigrantes japoneses e embora tivesse uma boa situação financeira no início do casamento, perdeu muito dinheiro com a compra de terras em Santo Anastácio, devido ao endossamento de documentos para amigos que não pagaram. Depois disso, trabalhou como caminhoneiro, até seu falecimento. A sra. Sakura trabalhou como costureira e reside em Dracena há 50 anos.

Também educou seus filhos no sistema japonês e até seus filhos ingressarem na escola só falavam o japonês em casa. Diz que houve uma pequena mudança em seus hábitos alimentares, faz pratos japoneses e brasileiros, como o feijão, por exemplo. Com relação ao respeito, diz que é muito diferente do brasileiro, foi educada no sistema japonês.

Seus filhos nunca lhe deram trabalho, sempre a respeitaram e obedeceram, por isso acha que foi fácil educá-los apesar da difícil situação financeira. Relata que seus filhos puxaram seu pai, são esforçados no trabalho e não perdem tempo. Tem dúvidas com relação aos netos, diz que são diferentes, afinal, o sistema mudou e os tempos também. Atualmente não é possível educar seus netos da mesma forma que educou os filhos, o respeito é diferente.

Estudaram até o 2º grau e dois deles fez curso técnico. Diz que seus filhos não puderam estudar por falta de condições financeiras e sempre trabalharam e estudaram.

Com relação ao pai, diz que este mudou-se para a cidade de São Paulo no ano em que as filhas se casaram. Em São Paulo, o pai foi feirante e ganhou muito dinheiro que daria para retornar para o Japão durante essa época, mas como tinha muitos filhos no Brasil, preferiu ficar. Ele morreu de “velhice”, aos 84 anos.

Com relação à irmã, soube que teve quatro filhos, mas perdeu o contato há muitos anos, desde que esta também mudou-se para a cidade de São Paulo após o casamento. Perdeu o contato inclusive com o pai. Durante algum tempo, tinha contato através de cartas, mas não sabe por que nunca mais escreveu. Com relação aos outros irmãos, também não mantém contato, sabe que dois deles são diretores de escola em São Paulo.

Quando é questionada a respeito de lembranças sobre o Japão, diz lembrar-se muito pouco de lá. Recorda-se de sua casa, diz que era muito diferente das casas do Brasil, tinha o jardim diferente e as portas da casa eram de correr. Relata que se lembra dos bondes que passavam em frente à sua casa e que haviam postes de energia elétrica, diferente das fazendas no Brasil. Achava as casas do Japão mais bonitas e estranhou as fazendas brasileiras.

Apesar de tudo, acha que valeu a pena a família ter emigrado para o Brasil, nunca voltou para o Japão e agora, isso é impossível, pois quase não pode mais andar, passa o dia praticamente inteiro acamada. Nunca pensou em voltar para lá.

Foi muito difícil colher o relato da sra. Sakura, devido a seu estado de saúde. Ela sentia dores na cirurgia, ficou confusa com alguns dados, por isso, a entrevistadora preferiu não questionar muito.

A emigração dos filhos nessa família provocou uma experiência *estressante* para todo o sistema que afetou o funcionamento e as **fronteiras** dos subsistemas avó/netos e do subsistema familiar da filha (Olga) que encarregou-se dos cuidados de Yamá e Hi. Tal **sobrecarga** ficou mais evidente após uma briga entre o filho (Luís) que emigrou e sua irmã, responsável tanto pelo cuidado do dinheiro enviado pelo irmão para as despesas dos sobrinhos como em auxiliar a mãe (sra. Sakura) a educar os netos. Após tal briga, o subsistema dos netos também vive uma sobrecarga, pois Yamá passa a ser o responsável pela administração do dinheiro enviado pelo pai. Para a sra. Sakura, essa briga significou uma quebra de lealdade do filho, uma falta de reconhecimento por todos os cuidados dispendidos por ela e pela filha aos filhos de Luís.

1. Emigração: sobrecarga dos subsistemas.

<p>Sra. Sakura</p> <p>Sobrecarga nas funções do subsistema devido à emigração do filho e à responsabilidade do cuidado dos netos.</p>	<p>“É, como eu posso, quem educou mais é a filha porque eu não mexia com dinheiro nada e ela que trazia as coisas, aqui na despesa dentro de casa, das despesas eu que comandava, mas assim, fora assim, foi minha filha, e minha filha foi...Olha, de tanto cuidar eles dois aqui, minha filha, às vezes faltava de cuidar do filho dela porque ela tem um, e o filho tem vez que falava assim: Ô mãe, eu sou filho seu, o Hi não é seu filho!” Porque o Hi tava apegado muito à tia, qualquer coisa era a tia, e o filho achava que estava largando ele, viu?” (...) De tanto cuidar esses aqui, e faltou pra cuidar também, deixou de lado um pouco pra cuidar. Mas depois ele (Luís) fala que não ta bom e tal, eles brigaram.”</p>
<p>Briga entre o filho (Luís), a irmã (Olga) e a mãe.</p> <p>Rompimento na lealdade, falta de reconhecimento por</p>	<p>“É, no começo que discuti com filha, lá eu pedia sempre ajuda, porque ta assim, assim, eu falava. Mas agora já não falo mais nada não porque o meu filho ofendeu bastante comigo e com ela, então...Tanto que nós fez para esses</p>

<p>todo o sacrifício feito pelos seus filhos.</p> <p>Devido à briga, houve sobrecarga para o sistema dos netos.</p>	<p>meninos, tanto, tanto que olha, só Deus que sabe! Mas ele (Luís) não entende isso daí, então, foi difícil para mim e para ela também.”</p> <p>“ (...) porque não é só eu que peguei prá cuidá deles, foi a minha filha também, a Olga,ela e o marido. Mas como nesse tempo eles discutiram com o Luís, então ela já entregou tudo e agora, quem ta tomando conta é o Yamá e o pai ta controlando de lá. Eu acho que está sendo muito duro eu acho, porque Yamá ainda é muito...está com dezenove anos, assim, não tem muita noção de fazer as coisas.”</p>
<p>Yamá</p> <p>Sobrecarga de responsabilidade devido à ausência dos pais.</p>	<p>“(…) Porque antes tava minha tia, só que não dá certo fica com parente assim e meu pai falou: não, você vai agora tomar conta (do dinheiro enviado)! Ele (ordem do pai) vem de uma vez, veio de uma vez e eu: não vou agüentar não! Aí, ta dando tudo certo agora!”</p>

Nesse contexto, a briga pode ser considerada uma situação de perda, pois provocou mudança e transformação no funcionamento dos subsistemas organizados desde a emigração. A **briga** foi motivada por gastos excessivos no Brasil, e talvez a tentativa desse novo arranjo na forma de administrar o dinheiro seja o corte de gastos dos filhos que permanecem no Brasil.

2. Motivo da briga

<p>Sra Sakura</p> <p>Motivo da briga: excesso de gasto.</p>	<p>“Não estava bom! Mas ele (Luís) não via as coisas que a gente faz, eles pensa de um jeito e aqui é outro, nós fala daqui pra eles e eles não entende aquilo lá. (...) Não gostaram que...eu acho que eles, é...porque Yamá começou a estuda e o dinheiro, despesa dele, despesa daqui tem que economizar que não dá, e eles, os meninos aqui pedem as</p>
---	--

<p>Diminuição dos gastos, após a briga.</p>	<p>coisas boas, marcas boas, camiseta, calça, tudo bom, eles não usam esses comuns não, tudo é caro. Mas eles (pais) acham que não podia ter comprado, gastado, mas agora ele ta vendo, o tanto que ele mandava ele achava que, ele achava que dava pra passar comendo, o dinheiro, acho. Mas agora está vendo, agora ele está vendo.”</p> <p>“Bom, agora parou porque o pai falou que não é para gastar, então agora parou, mas no começo gastava sim.”</p>
---	--

Devido a uma característica de **padrão comunicacional** existente na família, no qual não se fala a respeito das dificuldades e do sofrimento, percebemos como o não-dito interfere nas experiências vividas pelo sistema. Questões como a emigração, a expectativa do retorno, as dificuldades encontradas na vida cotidiana são vividas mas não são faladas. Este padrão pode ser considerado intergeracional, pois repete-se através das gerações, é um padrão percebido desde a relação do pai da sra. Sakura com seus filhos.

3. Comunicação: não se fala

<p>Sra. Sakura Pai não falava a respeito de questões familiares.</p>	<p>“Nunca perguntou para o pai sobre a sua mãe, pois sempre aceitou sua posição, se ele não queria falar, devia ser melhor assim. Também não sabe dizer o motivo pelo qual os pais perderam o contato (...). Com relação à irmã, soube que teve 4 filhos, mas perdeu o contato, pois esta também mudou-se para a cidade de São Paulo após o casamento. Perdeu o contato inclusive com o pai. Durante algum tempo, tinha contato através de cartas, mas não sabe dizer porque nunca mais escreveu.”</p>
<p>Sra. Sakura, seu filho e seus netos não falam a respeito de questões familiares</p>	<p>“Então, agora eu não sei quando ele volta, eles não falaram nada disso e nós também não pergunta quando que volta, mas...e o Yamá está fazendo faculdade, faculdade pago</p>

	<p>porque não conseguiu do Estado, então precisa muito dinheiro, não é? (...)”</p> <p>“ (...) e quando o pai e a tia discutiu ele sentiu tanto que ficou uns dois meses, três meses, dois meses, mais ou menos calado, não falava quase comigo também, eles ficaram os dois. Mais agora voltou, agora quando sai: <i>batian</i> (avó), eu vou em tal lugar! <i>Batian</i>, cheguei! Sempre fala isso, mais isso aí tinha deixado de falar.”</p> <p>“Não conta não, conta não! Eu pergunto às vezes mas fala só um pouquinho, e agora eu não sei por que, mas eu também não interesse saber muita coisa não, se está bem, ta bom.”</p>
<p>Hi</p> <p>Não fala certas coisas para avó, como forma de proteção.</p>	<p>“(...) porque se fala pra minha avó ela fica preocupada, e minha avó pela idade dela não tinha, não pode ficar muito preocupada com as coisas.”</p>
<p>Yamá</p> <p>Os pais não falam a respeito das decisões.</p> <p>Não fala sobre a tomada de suas decisões para os pais.</p>	<p>“Ah, fica (triste) não é? Primeiro é o dia inteiro junto, aí chega uma hora e fala: a mãe vai embora, e vai e deixa você aí. (...) Foi uns dois meses, meu pai pediu as contas no serviço, estavam mexendo as coisas mas não tinha falado, e depois ele falou: ó, nós ta indo! (...) Ele falou assim mais ou menos. (...)Falou que nós ia tirar passaporte e visto. Ainda, então, a gente ia tudo junto, mas aí veio de lá que eles não podiam levar nós.”</p> <p>“Eu escolhi sozinho (o curso universitário), eu sempre gostei, assim, aí me chamou pra estudar e eu falei: eu vou fazer odonto. (...) Eles (pais) achavam que eu ia fazer um curso mais fácil, porque eu não gostava de estudar, aí eu cheguei assim: eu passei em odonto! Eles ficaram contente, mesmo que é particular eles falaram: não, vai fazer! (...) Eu só avisei quando eu passei, nem tinha falado o que ia fazer, só falei: passei em odonto lá!”</p>

Esse padrão comunicacional está relacionado com a cultura nipônica, na qual existe uma valorização pelo respeito aos mais velhos, a **posição hierárquica** ocupada no sistema, portanto, não se questiona nem se coloca em dúvida as decisões dos membros mais velhos do sistema familiar. A sra. Sakura foi educada nesse sistema e o utilizou para a educação de seus filhos e dos netos, assim, os filhos (netos da sr. Sakura) não questionaram a decisão do pai sobre o rompimento com sua avó.

4. Hierarquia.

<p>Sra. Sakura Respeito à hierarquia</p>	<p>“ (...) o seu pai sempre foi muito rigoroso e exigente “pra não aprender as coisas ruins, ele ensinava o jeito de comer, de cumprimentar, se sentar, se vestir. (<i>sic</i>).”</p>
<p>Sra. Sakura Seus filhos sempre respeitaram a hierarquia.</p>	<p>“(…) Os filhos nunca deram trabalho, sempre a respeitaram e obedeceram, por isso acha que foi fácil criar os filhos, apesar da difícil situação financeira.”</p> <p>“Meu filhos, olha, eu sempre fui pobrinha, trabalhando e vivendo, mas meus filhos não deram trabalho não, deu não, trabalharam desde pequeno e estudou a noite e...não deu trabalho não. (...) Não reclamavam, o que tem estava bom!”</p>

Porém, a sra Sakura percebe a diferença que ocorre com relação aos seus netos, educados em outro sistema. Refere-se à diferença com relação ao respeito e obediência hierárquica, pois os netos, educados pelos pais num sistema menos rígido, não obedeciam. Após a briga relatada acima, esse respeito começou a ser percebido pela avó. Essa **mudança no padrão interacional** pode ser atribuída ao fato de que os pais passaram a

exercer a autoridade de forma mais clara, mantendo as fronteiras do sistema familiar mais nítidas, o que facilita o exercício de normas e regras e do respeito às mesmas.

5. Mudança no padrão interacional: respeito à hierarquia.

<p>Sra.Sakura Netos não obedecem. Não respeitam a hierarquia.</p>	<p>“ Obedecer, obedece. Ainda bem que esses dois meninos não são tão ruins. Agora também, eles não são de bagunça na rua não, né? (...) Mas foi duro mesmo, agora que parece que eles entendeu que <i>batian</i> (avó) está doente assim, que os pais não dá pra vir embora mesmo, então já, então eles estão adaptando agora. (...) Foi difícil, é...foi que eu falei, foi duro deles entender o que a gente fala, o que a gente explica, não ponhava na idéia, e assim foi indo até chegou aqui. (...) Antes era mais rebelde assim, sabe?” “Reclamavam que queriam, isso que já fica um pouco velho e não quer usar aquele lá e encosta tudo, o guarda-roupa está cheio de roupa e quer comprar mais. Foi assim, mas agora não! E nós ensinava isso viu, falava que não pode estragar o dinheiro, se a calça está boa ainda, não precisa comprar. “</p>
---	--

A sra. Sakura sente essa diferença, pois não foi a educação recebida nem a transmitida para os seus filhos. Porém, percebemos nas suas falas que ela atribui essa dificuldade à falta dos pais, devido à emigração. Ou seja, se as fronteiras na sua educação eram rígidas, a **fronteira entre seus netos/ pais e avó é difusa**. Falta firmeza e por isso os netos não respeitam a hierarquia. Para a sra. Sakura essa falta de firmeza é justificada pela separação ocasionada pela emigração, pois a distância entre pais e filhos e o seu tempo de duração são fatores que dificultam o respeito e obediência à hierarquia. Por outro lado, o seu papel de autoridade enquanto a figura responsável pela educação dos netos ficou enfraquecida e desqualificado devido à briga de seu filho e a conseqüente perda do controle

do dinheiro enviado por Luís para os gastos no Brasil. Podemos notar também a presença da hierarquia invertida nesse sistema, no qual a influência cultural do filho é preponderante sobre o papel da sra. Sakura, apesar de sua idade.

6. Fronteiras: rompimento.

<p>Sra. Sakura</p> <p>Ausência dos pais: fronteira difusa.</p>	<p>“Foi, foi muito difícil porque é uma idade que precisa da mãe e do pai naquela idade. A gente falava, explicava mais é <i>batian</i> (avó), né, então não é como pai e mãe falando, eles não entendiam direito não. (...) Porque eles é...porque precisa do pai e mãe ali e não tinha, acho que foi duro pra eles também. Foi sim! (...)”</p>
<p>Os pais se preocupam com os filhos, mas devido à distância, não há o que fazer. Os filhos não reconhecem seu sacrifício.</p>	<p>“Eu acho que eles (pais) se preocupam mas não podem fazer nada, está longe! E outra que os meninos hoje em dia o pai está longe, está com saudade do pai, deve estar, mas não obedece os pais não viu, os pais ta longe, eles ta aqui, pai ta mandando dinheiro tudo assim, mas podia entendê os pais não é, que o dinheiro e tudo que o pai ta mandando mas eu acho que eles não entendem muito não!”</p>
<p>Presença dos pais preserva o respeito à hierarquia.</p>	<p>“Agora olha, tudo isso é por causa que não tem o pai e a mãe aqui, porque lá na casa da Olga é único filho e o pai é rigoroso e a mãe também é brava, os sistema deles é diferente e obedece muito o pai e a mãe aquele menino lá.”</p>

Os netos sentem a **separação** provocada pela emigração dos pais e referem-se às dificuldades iniciais para adaptar-se à nova situação e perda vividas. A presença da avó marca a possibilidade do cuidado, pois ela é a substituta materna, oferecendo **cuidado e confiança** para os netos.

Os cuidados oferecidos pela avó puderam garantir a continuidade do sistema, oferecendo estabilidade e o sentimento de pertencimento aos netos.

No entanto, a sra. Sakura ficou enfraquecida não somente pela sua doença mas também pela desautorização que sofreu do filho ao passar o controle do dinheiro para o neto.

7. Afetividade: perda dos vínculos ocasionada pela emigração.

<p>Hi</p> <p>Saudade e falta dos pais</p> <p>A avó tornou-se a figura do cuidado e proteção.</p>	<p>“Nos primeiros, é no primeiro ano assim, né, sente falta, mas depois vai acostumando! “</p> <p>“Ai, tipo, minha mãe eu sempre andava atrás da minha mãe, quando minha mãe vinha para cá eu ficava sempre com ela, agora não!”</p> <p>“(…) minha avó é como uma mãe agora, a gente trata ela como se fosse segunda mãe!”</p>
<p>Yamá</p> <p>Saudade e falta dos pais</p> <p>A avó é a figura de confiança.</p>	<p>“Ah, no começo foi difícil!”</p> <p>“Era bom perguntar, não é? Sentar, conversar.”</p> <p>“Nós já morávamos aqui, na casa do lado! (...) a minha avó fazia a mesma coisa que meu pai e minha mãe fazia por nós, tratava do mesmo jeito.”</p>

Com relação às **crenças familiares**, existe a valorização de que os netos estudem e possam permanecer no Brasil, sem a necessidade de dirigir-se para o Japão, considerado um local de vida sofrida e excesso de trabalho. Os pais não projetam isso para os filhos, que por sua vez preferem o Brasil e têm uma visão do Japão como um local de sofrimento. Esse dado demonstra uma reversão do mito do Japão considerado como paraíso presente no imaginário dos descendentes da 1^a. geração de nipônicos. O forte desejo de retorno que prevalecia entre os imigrantes japoneses tornou possível a construção desse mito no qual o Japão era considerado o paraíso perdido.

Com a ida dos *dekasseguis* ao Japão essa imagem se desfaz diante do duro regime de trabalho e sofrimento vivido pelos brasileiros durante sua estadia naquele país.

8. Crença: Japão é um local de sofrimento.

<p>Sra. Sakura Netos não querem ir para o Japão. Pais não projetam a ida dos filhos para o Japão.</p>	<p>“Não quer, o pequeno é desde pequenininho fala: eu não vou para o Japão! Mas o grande, do tempo que o pai foi pra lá queria ir, mas o pai e a mãe falava que não é para ir lá não porque lá sofre muito.”</p>
<p>Hi Japão: apenas para turismo.</p>	<p>“Só para conhecer! Trabalhar não!”</p>
<p>Yamá A vida no Japão é difícil, sem perspectivas. Japão apenas para turismo.</p>	<p>“Não é fácil lá não, é muito difícil. Já falou já: não vem pra cá, aqui vocês não vem não! (...) Fazer de tudo para passar de ano e se formar.” “Achei melhor (não ter ido ao Japão) do que fica lá, não ia estudar, ia ficar parado. (...) É, o futuro ia ser lá também, porque aqui sem o colegial sem nada.” “Ah, vontade de conhecer eu tenho, mas vai que meu pai fala: fica aí um pouquinho, eu volto lá (...) É, eu prefiro ficar aqui.”</p>

Percebemos também a presença de mito, como o da **prosperidade da família**, presente na decisão de emigrar, considerado uma repetição pois reproduz-se na história desse grupo : os bisavós também emigraram em busca de prosperidade e riqueza.

9. Mitos: prosperidade

<p>Sra. Sakura Motivo da emigração: mito da prosperidade</p>	<p>“Olha, os filhos estão crescendo, né, e precisa juntar o dinheiro, e aqui o ordenado é curto, só dava pra viver. Então, eles foram pra lá juntar dinheiro. (risos).”</p>
--	---

Yamá	
Motivo da emigração: mito da prosperidade	“Ah, é dinheiro, e pensava na faculdade, no estudo dos filhos e decidiram ir.”

A presença da **lealdade** dos filhos nesse sistema familiar só ocorreu após a briga, quando o pai passou a responsabilidade da administração do dinheiro para o filho. Parece que esse momento os filhos passaram a economizar e preocupar-se com o sofrimento dos pais que trabalham no Japão.

10. Lealdade: reconhecimento.

Hi	
Reconhecimento pelo esforço dos pais.	“A gente sente mais seguro com o pai do lado, mas tem que entender, tão lá pra sustentar eu e meu irmão!”
Yamá	
Reconhecimento pelo esforço dos pais.	“Porque se fosse para eles trabalhar, juntar dinheiro e nós gastar aqui, aí não compensa ficar lá. Aí, nós estamos economizando.”
Sentimento pelo esforço dos pais	“Por eles (pais)? Ah, amor, né? Eles estão trabalhando lá, dando a vida lá para dar de tudo para nós aqui. (...) Agradecer, tudo que eles estão fazendo por nós aqui, e tudo que nós puder fazer por eles lá!”

Além disso, com a saída dos pais, a avó assumiu a missão de se encarregar do cuidado dos netos, como uma **missão delegada** e assumida pela sra. Sakura. Nesse sentido, a briga ocorrida com o filho, provocou nela o **sentimento de não-reconhecimento** por todos os esforços realizados pelo filho e netos, porque ela é idosa e seu filho deve-lhe lealdade no sentido de ter sido cuidado por ela. Atualmente, ele a sobrecarrega com a

atribuição dos cuidados de seus filhos e não reconhece todo o seu esforço até o momento, afinal, ele a desautorizou com a briga citada anteriormente.

11. Quebra da lealdade do filho em relação à mãe: missão e falta de reconhecimento.

<p>Sra. Sakura Lealdade: missão delegada.</p>	<p>“Olha, quando foi a decisão foi assim, com três anos eu falei assim, eu já estava com setenta anos, então, eu falava assim: eu já tenho setenta anos, e acho que não dou conta de ficar com eles. Mas como eles não tinham ninguém para deixar, aí pediu, então, eu fiquei com eles. “</p>
<p>Sra. Sakura Falta de reconhecimento pelos seus esforços.</p>	<p>“Tanto que nós fez para esses meninos, tanto, tanto que olha, só deus que sabe! Mas ele (Luís) não entende isso daí, então, foi difícil para mim e para ela (filha) também.”</p>

Outra **quebra da lealdade** refere-se ao **mandato** desenvolvido na família de que os pais devem cuidar e se responsabilizar pelos seus filhos. Seu pai emigrou com as filhas, sem a mãe e sempre cuidou, até o casamento. A sra. Sakura, viúva há mais de 30 anos sempre cuidou dos filhos, apesar de todas as dificuldades financeiras. O filho que emigrou deixou os netos aos seus cuidados e a avó não percebe nenhuma vantagem nesse funcionamento, principalmente agora que o filho não consegue mais atingir o objetivo proposto, de guardar dinheiro.

12. Rompimento do mandato: os pais são responsáveis pelo cuidado dos filhos.

<p>Sra. Sakura Os pais são responsáveis pelo cuidado dos filhos.</p>	<p>“(…) eu costurava! Ficava em casa mais costurei trinta, quarenta anos, costurei roupa. (...) Meu marido ele trabalhava de caminhão, ele trabalhou muitos anos aqui no (nome da empresa), de viajar para São Paulo, depois ele deu infarto e morreu. (...) É, então, quando ele faleceu ainda o Luís estava em casa, a Olga estava em casa, eles foi</p>
--	--

<p>O filho no Japão não cuida dos seus netos.</p>	<p>casando e só ficou a Luiza comigo.”</p> <p>“Que foi bom? Acho que nada bom, viu, porque...foi bom por causa que ele foi logo daqui já...o que trabalhava só dava pra comer, então eles optou ir para o Japão juntá um pouco de dinheiro, mas...ele comprou essa casa no tempo, aquele tempo que ele chegou lá é aquela que estava custando caro, não sei se você lembra, e conseguiu juntá bastante e um pouco daqui um ano, um pouco já consegui compra essa casa. Depois eles sempre falam que não dá mais para juntar dinheiro, não dá, eles falam! Então, se não dá pra juntar dinheiro, o que eles estão fazendo lá? Deixa filho aqui!”</p> <p>“É, ah, vixe! Eu acho que tem, a pessoa que tem filho tem que carregá, carregá sempre junto! (...) Eu acho, nem que filho precisa estudá e tal, mas se eles foram os dois lá, podiam ter levado os filhos.”</p>
---	--

Com o rompimento desse mandato, existe uma **sobrecarga nas preocupações referentes ao subsistema constituído pela avó/netos**, que no momento preocupa-se com a educação de Yamá e Hi como se desempenhasse o papel de mãe e não o de avó e principalmente, com relação ao futuro dos netos. Inicialmente existe o temor de que, devido à distância e o tempo de separação, pais e filhos não se reconheçam e a sra. Sakura percebe as dificuldades desse futuro encontro. Uma outra preocupação refere-se à percepção de sua idade e seu problema de saúde, o que desencadeia o temor de que possa falecer e os netos fiquem sozinhos, sem rumo.

Talvez essa preocupação da avó com relação à quebra do mandato de que os pais devem cuidar de seus filhos esteja relacionada com o fato de que ela e sua irmã emigraram

para o Brasil apenas com o pai, foi a mãe quem decidiu permanecer no Japão. Elas ficaram com o pai que casou-se novamente e foram cuidadas por essa esposa, a quem refere-se como “mãe”. Apesar da separação da família, seu pai “carregou” as filhas e sempre educou-as da melhor forma possível, ensinando os modos, valores, a língua japonesa e o trabalho.

A origem de sua preocupação relaciona-se ao fato de que, ao contrário de sua história, seus netos não são cuidados e educados pelos seus pais e ela está idosa e doente, temendo pelo futuro dos netos e desautorizada pelo seu filho.

13. Rompimento de mandato: futuro dos netos é temido

<p>Sra. Sakura Pais e filhos não se conhecem</p>	<p>“Não vai combinar! (...)Porque o pai deles já é meio brabão, sabe, e eles (netos) também! Um mês que ficou aqui, eles nem que não vem um mês que não ficasse, eu sei que eles não combina com o pai! (...) Não vai obedecer o pai e o pai não vai aceitar que o filho pensa e faz, porque eles brigam! (...) Já falei pra Márcia (nora) quando eles foram, daí a pouco eu digo: olha, você está, não sabe a adolescência do seu filho você não viu, não tá vendo! (...) Ah, não conhece não! Não sabe o adolescente como ele precisa do pai. Eles podem pensar que precisa, mas no fundo, no fundo eles não sabem nada porque não ficou junto. (...) Eles falam que conhecem, mas não conhecem não, sete anos assim fora, não, não!”</p>
<p>Sra. Sakura Preocupação com os netos: como se fosse mãe.</p>	<p>“ No meu pensar, no meu pensar não vale (a pena ir para o Japão), mas acho que pra eles vale, mas no meu pensar não vale não, valia se levasse os filhos tudo! (...) É, porque é neto! Neto é igual filho, é mais que filho, viu! Então eu acho que vale a pena ter levado os filhos para lá, agora, deixou aqui...(...) Agora, num ponto tem que estudar, fazer faculdade que depois fica difícil pra eles, mas num ponto...pra eles ficar sozinho...não é?”</p>

Temor com o futuro dos netos.	<p>“Olha, eu não posso fazer nada, eu não faço nada porque não posso, mas só que o que eu estou aqui na casa vale muito prá eles como pros pais também!”</p> <p>“Ah, eu acho que eles (filho e nora) vão demorar! Agora, eu já estou nessa idade, o que acontece se eu falece? Aí eles ficam doido, não quer ir pra lá e os pais não quer que vai pra lá sem fazer faculdade, eles querem que estude.”</p>
-------------------------------	--

Notamos que nesse sistema, a emigração dos filhos foi responsável pelo desencadeamento de outra **quebra de mandato** relacionado ao cuidado da mãe (sra. Sakura). A filha solteira, que morava e cuidava da mãe também emigrou e a sra. Sakura não vislumbra possibilidade de seu retorno devido às condições financeiras. A relação com seu filho Luís é marcada pela briga, e apesar de residir na casa de propriedade do filho, não se sente pertencente a tal espaço, principalmente após a briga. Com relação à filha Olga, sente que esta possui seu marido, filho e sua casa e não deseja sobrecarregá-la. O futuro que percebe no momento seria o retorno à sua casa para morar sozinha.

14. Quebra de lealdade: solidão.

Sra. Sakura Briga com o filho: quebra de lealdade e solidão.	<p>“Então, no tempo que o Luís falou, falou, eu falei que eu vou embora daqui, só que eu estava operada, então só quando eu sara bem saradinho eu vou embora daqui, se você está pensando assim. Então ele falou: não, eu nunca pensei, nunca reclamei pra mamãe ir embora daí, pra mim é para ficar a vida inteira aí! Mas os meninos tem dia que fala assim, hoje em dia, que Yamá talvez fica com terceiro, quarto ano assim, tem que morar lá (na cidade na qual estuda) porque tem que estudar à noite, tem estágio, não sei, uma coisa assim. E o Hi quer estudar lá para o Paraná,</p>
---	---

	<p>não sei, um estudo lá que tem, e assim, eu vou ficar sozinha? Não vou, não é? Aí, eu tenho que ir embora daqui! Eu penso isso e dá certo assim porque do jeito que ele está pensando é, não é? Que eu vou ficar sozinha aqui! (...) Eu tenho a minha casa lá, né? (...) Então, se precisar sair daqui eu vou!”</p>
<p>Sra. Sakura Preocupação: quem irá cuidar de mim? Dilema.</p>	<p>“Preocupo. Eu sempre fiquei com a Luiza que está lá no Japão, ela é solteira, ela trabalhava no hospital. Trabalhou vinte e dois anos lá e depois ela achou que lá não dava futuro e optou para ir para o Japão, e aí deixou eu, ela sempre morava sempre comigo, então ela fala assim: eu vou voltar pra cuidar de mamãe, pra ficar junto com a mãe! Mas ela vindo aqui o ordenado que ela vai ganhar aqui, se ela arruma serviço aqui, porque está difícil, e ela não tem muito estudo, só tem enfermagem e é enfermagem de antigo, então eu acho que não dá para sustentar, ela também acha: se eu vou aí, o dinheiro que eu vou ganhar não dá! Então, é melhor ficar lá para poder mandar um pouco de dinheiro para mim, aí eu fico sozinha e para uma pessoa para cuidar.”</p> <p>“Olha...sente falta mas eles não podem voltar, se voltar não dá para trabalhar para sustentar. Então tem que ficar lá, então, eu já conformo, já conformo. E ela até fala assim: a mãe operou eu vou aí pra ver. Não, não faça isso não, eu falo. Fica aí trabalhando e se poder mandar um pouco de dinheiro manda, em vez de você gastar dinheiro pra vir pra cá, ir e voltar e pedir para a firma segurar o serviço, lá também disse que é assim, se não segurar não tem, se eles deixam ou não deixam então, dá um trabalho...e é melhor você fazer isso do que você vir embora, eu falo isso para eles.”</p>

<p>Sra. Sakura</p> <p>Não deve sobrecarregar a filha casada.</p>	<p>“Aí, o meu genro, o marido da Olga fala que não tem que se preocupar com isso não: eu vejo tudo isso, nós se vira, ele fala assim para mim. Então, mas ele também tem a casa dele, tem o filho dele, então no meu pensar, eu acho que tenho que voltar para minha casa.”</p>
--	---

Com tal quebra do mandato do cuidado intergeracional, os netos também se sentem **sobrecarregados** tanto em relação às preocupações e cuidados com relação aos pais, que encontram-se no Japão como em relação à avó. Percebem o problema de saúde que ela vive (cirurgia de quebra de fêmur e osteoporose) e as mudanças apresentadas após a cirurgia.

15. Sobrecarga para o subsistema dos netos.

<p>Yamá</p> <p>Percebe o cansaço dos pais no Japão.</p>	<p>“Cansados (os pais) porque vira e mexe vai falar com eles e eles falam: tô cansado! Manda remédio! (...) É, e quando ela (mãe) veio pra cá na última vez ela fez cirurgia das varizes, aí não tratou direito e já foi embora, aí no avião a perna incha, parece, aí começou a dar problema lá. Agora que está melhorando. (...) Meu pai é o joelho, o joelho dele tem problema. (...) Por causa do trabalho, fica muito tempo de pé, né? Aqui ele trabalhava sentadinho e lá fica de pé.”</p>
<p>Yamá</p> <p>Preocupa-se com a saúde e tristeza da avó</p>	<p>“Agora ela (avó) ta bem, mas no começo ela estava ruim, porque ela quebrou, aí operou, tornou a quebrar de novo. Aí ela ficou triste, ficou ruim, e os meus tios resolveram contratar as enfermeiras. (...) Pra nós é difícil, prá mim e pro meu irmão, nós estuda, a gente quase não para aqui, só vem à noite. (...) Agora não pode (avó está acamada)! Ela ia andar, ia na rua. Tem dia que ela tá meio triste, porque ela fazia muita coisa. É! Fazia natação...(…) Vamos ver se ela volta a andar de novo.”</p>

Talvez o maior conflito presente nesse sistema familiar seja vivido em relação à lealdade, porque há um dilema: ao mesmo tempo em que os filhos pensam que os pais devam retornar, sabem que só com a sua permanência no Japão podem pagar os seus estudos, e ambos querem terminar o ensino superior.

Por outro lado, têm uma preocupação com a avó mas parece que não se sentem obrigados em relação ao cuidado a ela. Como resultado desse conflito, podemos perceber que os netos vivem muito mais por conta própria com o controle do pai realizado à distância e principalmente através do dinheiro.

7.3. Família da sra. Kiku. Neto: Sorá.

Resumo da História de Vida

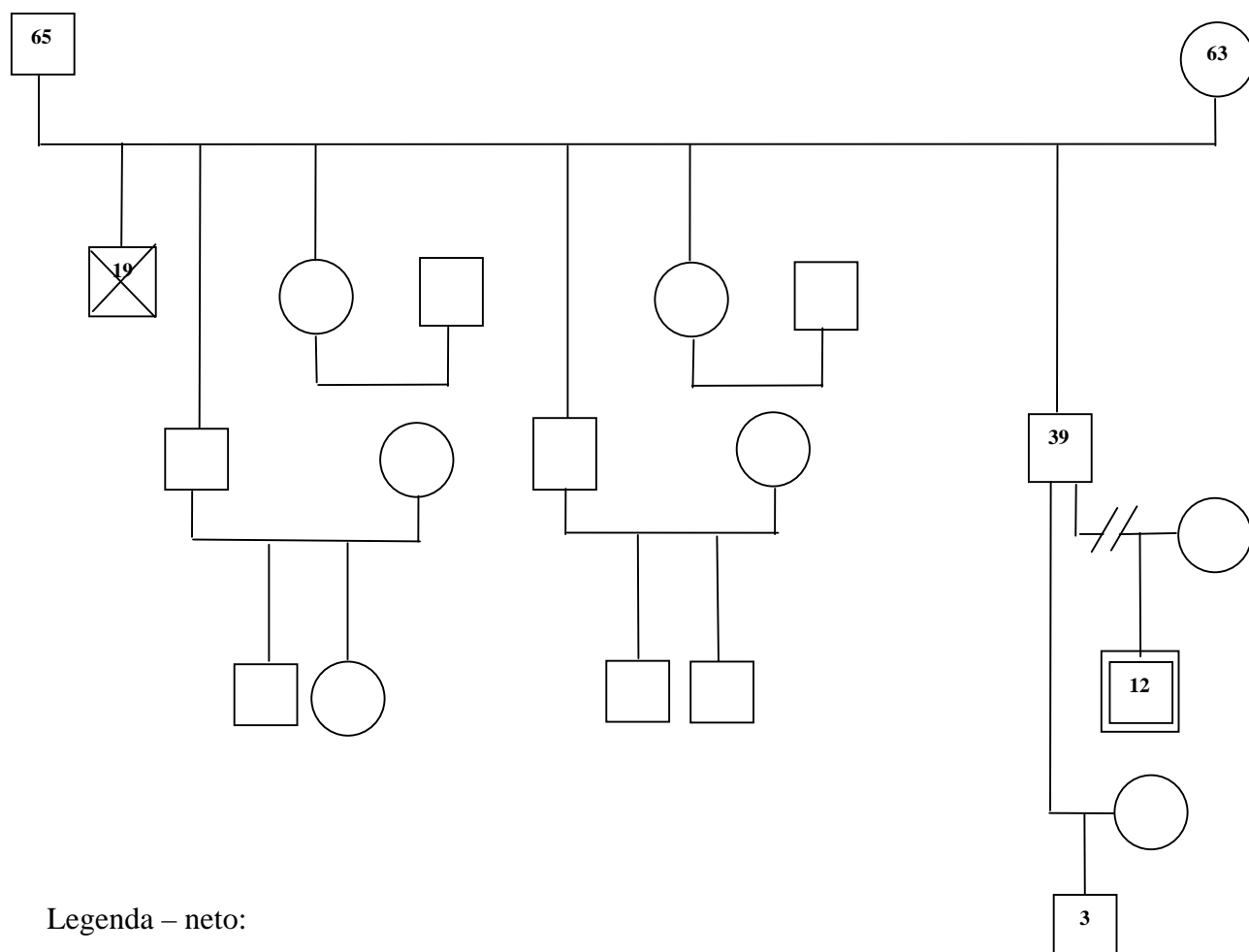
Sra. Kiku

Idade: 73 anos

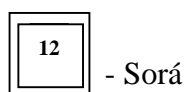
Naturalidade: Guaimbé/Brasil

Estado civil: viúva.

Genograma:



Legenda – neto:



A família da sra. Kiku emigrou para o Brasil no ano de 1913. Vieram seus pais recém-casados e um sobrinho de 8 anos para atender à exigência de compor uma família de no mínimo, 3 pessoas, imposta pela imigração.

Segundo a sra. Kiku, no Japão seu pai trabalhava com a família na lavoura e como cantava muito bem, recebeu uma proposta para ser cantor no Brasil. Decidiu emigrar diante da notícia de que no Brasil ganharia muito dinheiro. Seu avô foi contra a vinda do filho, “não queria filho cantor.” (*sic*). Mesmo assim, seu pai veio ao Brasil e como contrariou a vontade de seu pai, foi expulso de casa. Ficou muito revoltado com isso e nunca mais teve contato com o pai. Deixou 7 irmãos no Japão e 4 deles morreram lutando na II Guerra Mundial. A sra. Kiku acha que foi melhor seu pai ter vindo para o Brasil, pois do contrário, acha que também teria morrido na guerra.

Após a chegada ao Brasil, a família residiu numa fazenda de café na região Mogiana. O sobrinho faleceu 15 dias após a chegada ao Brasil, de febre. Vinte dias após a morte do sobrinho, a esposa de seu pai faleceu, e a sra. Kiku não sabe precisar o motivo da morte.

Seu pai tinha 23 anos, e como ficou sozinho, mudou-se para a colônia de Uetsuka (colonizador do atual município de Promissão) sozinho. Foi o próprio sr. Uetsuka quem arranhou uma outra esposa para o seu pai. Como naquela época, quase não haviam japonesas jovens no Brasil, uma família que residia na colônia ofereceu a mão da filha para o seu pai, desde que ele trabalhasse gratuitamente para a família, durante 3 anos. O seu pai aceitou, trabalhou os 3 anos para a família e casou-se. Após 2 anos de casamento, seu pai trabalhava como meeiro e tinha um filho, que estava engatinhando. O sogro tomou a filha de volta e foram embora para o Paraná. A ex-mulher deixou o filho com o seu pai. A sra. Kiku não sabe dizer o motivo pelo qual isso ocorreu, mas diz que seu pai sofreu muito e

que trabalhou tanto tempo gratuitamente e foi enganado. Seis meses após abandonar seu pai, essa esposa faleceu de tuberculose.

Após um ano, seu pai casou-se novamente, com a sua mãe, com quem teve 4 filhos. A sra. Kiku diz que seu pai sofreu muito até casar-se com sua mãe, mas que nunca o ouviu reclamar de nada, agüentava tudo calado.

Sua mãe emigrou no ano de 1928, com o marido e 4 filhos. Na viagem, perdeu o filho caçula, com 1 ano e 6 meses. No mesmo mês que chegaram ao Brasil (dezembro), faleceu outro filho e em janeiro, seu marido faleceu. Com o falecimento de seu marido, sua sogra, que havia ficado no Japão, ofereceu dinheiro para que sua mãe retornasse, mas sua mãe não quis e permaneceu no Brasil, casando-se com seu pai.

Relata que sua mãe sofreu menos do que o pai, pois migrou com a família (seus pais, tio, tia, sobrinhos) e não ficou sozinha como seu pai. A família materna também era de agricultores no Japão.

Com relação aos seus pais, a sra. Kiku relata que seu pai era muito bravo, por isso, tinha muito medo dele. Tinha tanto medo, que nem conseguia chamá-lo para o jantar, quando a mãe lhe pedia que avisasse o pai. Com relação à mãe, diz que era muito boazinha, e que ela puxou a mãe.

A sra. Kiku freqüentou a escola durante 3 meses; só trabalhava e o pai não deixava estudar, pois tinha que ajudar a cuidar dos irmãos. Era muito esforçada na escola e gostava muito de estudar e quando deixou a escola, a professora veio até a sua casa para saber o motivo pelo qual parou de freqüentar as aulas. Mesmo assim, seu pai não permitiu que continuasse seus estudos. Relata que chegou a chorar,afinal, queria muito estudar. Gostaria de ter aprendido sanfona também, mas o pai não deixou.

Como o seu pai havia comprado um sítio, precisava derrubar a mata e ficava fora muito tempo, ela precisou largar os estudos para cuidar dos irmãos e da casa.

A família sempre teve uma baixa condição financeira, mas depois que os filhos cresceram, a situação melhorou um pouco devido ao trabalho de todos. Conta que um dia, seu pai teve um sonho com números, acreditou no sonho e jogou no bicho, ganhando o jogo. Com o prêmio, comprou um sítio de 10 alqueires em Quintana, mas mesmo assim, sempre trabalharam muito.

Relata que trabalha desde os 9 anos, trabalhou durante 46 anos na lavoura. Diz que sua vida era só de trabalho, sempre foi assim, mesmo depois do casamento.

A sra. Kiku casou-se com 20 anos e o casamento foi realizado no sistema de *miai*, seu pai escolheu o marido com quem casou-se. Seu marido migrou com 5 anos, no ano de 1926, com a família inteira. Sua família era grande, composta por 18 pessoas e inicialmente moravam em Guaraciaba. Toda a família morava na mesma casa, e quando ela casou-se morou com eles também. Mas diz que não tem do que reclamar, pois a sua sogra e as suas cunhadas eram muito boas e a tratavam muito bem. Dois anos após o casamento, houve uma geada que destruiu a plantação da família e o casal separou-se da família e mudou-se para Dracena com o sogro e um cunhado. Compraram um sítio onde plantaram verduras e café. A família residiu nessa propriedade até o seu filho comprar uma casa para que os pais morassem com seu neto.

Com relação à educação de seus filhos, a sra. Kiku diz que educou-os no sistema japonês, que sempre falou japonês com eles, mas eles respondiam em português, apesar de compreenderem o japonês. Diz que isso foi bom para os filhos, pois facilitou a vida enquanto trabalham no Japão. Todos os filhos estudaram até o 2º. grau. Relata que sempre só trabalhou, nem sabe dizer como educou os filhos, diz que ficaram “tudo largado, nem

sabe como se criou.” (*sic*). Seu marido era muito bravo e exigente, pensa que era mais severo do que o seu pai, era muito nervoso e batia nos filhos; ela sempre foi boazinha e não batia. Seus filhos sempre respeitaram os pais.

Refere que o neto (Sorá) também é assim, como foram seus filhos: quietinho e bonzinho. Diz que ele conta que na escola, gosta das meninas mas não tem coragem de conversar e aproximar-se delas. Preocupa-se muito com o neto, pois é muito quieto, preferia que fosse “mais arteiro” (*sic*), pois sente que é muito parecido com seu filho mais velho, que suicidou-se.

Existem relatos de 2 suicídios na família, uma da irmã da sra. Kiku e do seu filho primogênito. Diz que sua irmã suicidou-se porque sua cunhada era muito ruim e a tratava muito mal, “ela não agüentou”.(*sic*) Relata que seu filho mais velho nasceu no mesmo dia e no mesmo horário de nascimento de sua irmã e acredita que foi ela quem o levou. Segundo sua crença, essa irmã chegou a dizer que “voltaria e nasceria homem, não queria mais nascer mulher” (*sic*).

A sra. Kiku tem apenas um irmão vivo, pois todos já faleceram. Esse irmão reside na cidade de Presidente Prudente e é o filho do 1º. casamento de seu pai. Com relação aos parentes, diz nunca ter tido contato com nenhum parente do Japão nem mesmo com a família da mãe no Brasil.

A história da família é marcada por separações, perdas e solidão através das gerações. Esse padrão interacional parece marcar a vida familiar desde a emigração do pai da sra. Kiku, cuja saída do Japão se fez após um rompimento com o seu pai que não aceitava sua vinda ao Brasil. Ao chegar ao Brasil, outras perdas ocorreram, como o falecimento da esposa e do sobrinho, o que o levou à busca da reconstrução de redes afetivas apesar da solidão que viveu durante seus primeiros anos de vida no Brasil. Nesse

sistema, a luta pelo enriquecimento e prosperidade é marcado por separações e rupturas, o que pode ser observado também na geração dos filhos da sra. Kiku.

O pai de Sorá emigrou inicialmente sozinho. Após o nascimento do filho, o pai retornou ao Brasil, sofreu um acidente automobilístico e perdeu todo o dinheiro investido nesse carro e retornou sozinho ao Japão.

Sorá, aos 6 meses, apresentava convulsões com atraso no desenvolvimento neuropsicomotor e ficou no Brasil com a mãe e os avós. Quando seu neto completou 14 meses a avó tenta manter a união conjugal do filho enviando a nora e ficando responsável pelo cuidado do neto. Porém, uma outra **separação** marca esse subsistema familiar: os pais de Sorá separam-se após 3 meses da chegada da mãe ao Japão.

Outra perda que marcou esse sistema familiar diz respeito à morte do avô paterno, que faleceu no ano de 2000.

1. Rompimentos e separações.

<p>Sra. Kiku Separação pai/filho</p>	<p>“Tava (filho) no Japão direto, quando ele (Sorá) nasceu voltou, depois, acho que fevereiro, abril foi para o Japão. Aí aconteceu o acidente, depois que melhorou ele foi no mês de março para o Japão.”</p>
<p>Separação conjugal</p>	<p>“É, depois no outro ano eu mandei a Patrícia (nora) para lá (Japão). (...) Aí foram e depois separou lá.”</p>
<p>Separação mãe/filho</p>	<p>“Meu filho foi, depois com quatorze meses a Patrícia foi, eu que mandei. (...) Ela (nora) não volta, até hoje está! (...) Voltou, mas só fica duas semanas, 20 dias e já vai embora.”</p>
<p>Sorá Separação mãe/filho</p>	<p>“(…) É que minha mãe foi para o Japão e deixou eu aqui com minha avó e ela que cuidou de mim.”</p>

Com relação ao modelo de relação comunicacional nessa família, notamos que Patrícia, a mãe de Sorá mantém contato irregular com o filho, as ligações telefônicas não têm uma frequência, normalmente demora cerca de meses para falar com o filho. O pai mantém contato com mais frequência, através de ligações telefônicas.

Apesar de Sorá ter acesso a informações que dizem respeito à emigração dos pais, percebemos também um **padrão comunicacional** no qual não se fala a respeito das decisões, dos motivos relacionados aos fatos, ou seja, prevalece o não-dito nas relações do sistema familiar.

2. Comunicação entre pais/filhos e o não-dito

<p>Sra. Kiku Comunicação entre pais/filho (neto) Não-dito: motivo da separação dos pais e o sentimento filho/mãe</p>	<p>“Ixi, gosta, nossa! Ele (pai) toda semana liga, a mãe dele é mais difícil. (...) (Mãe) Liga, mas, dois meses, um mês! Meu filho não, toda semana liga pra ele.” “Não sei...casou por interesse, ne? (...) Não sei porque, muito ciumento, ela (mãe) falou.” “Acho que sente falta, mas nunca...ele (neto) fala, eu nunca falo mal da mãe dele, nunca falei, eu nunca falei mal, não pode, né?”</p>
<p>Sorá Comunicação com os pais Não-dito: informações sobre os pais</p>	<p>“(Ligações da mãe) Não (liga), só às vezes. (...) Liga, ele (pai) liga de segunda, terça e quarta.” “Minha mãe mexe com câmera. (...) De colocar em carro. (...) O meu pai eu não sei.”arta.”</p>

O **padrão relacional** desenvolvida nesse sistema familiar é permeado por perdas e separações sucessivas no qual a manutenção e reconstrução desses laços dificilmente ocorrem. A separação precoce dos pais em relação ao filho foi seguida pela separação conjugal dos pais. Após a ida da mãe ao Japão, em onze anos, houve apenas um só retorno

Sorá tem apresentado uma **reação afetiva de tristeza**, de dúvidas a respeito do sentimento que os pais têm por ele. A avó o descreve como uma criança triste e quieta, preocupa-se com ele, gostaria que fosse mais ‘arteiro’. Existe uma dificuldade de relacionamento afetivo com a madrasta, a 2^a. esposa do pai, com quem tem um filho de três anos. A sra. Kiku refere que a madrasta trata o neto muito mal, nega o dinheiro que o pai envia através dela. Essa relação também tem resultado em tristeza para Sorá.

4. Afetividade: tristeza e abandono.

<p>Sra. Kiku Neto: tristeza, choro, solidão.</p>	<p>“Ele (neto) triste, hein! O pai ta no Japão, madrasta não trata bem.”</p> <p>“(…) Ixi, ele é muito quieto, triste, então nós cantando, o primo da Patrícia (mãe) tava indo dá aula de <i>karaokê</i>, então Sandro fala assim: Sorá, vamos cantar assim. Agora, nessa idade, né? Não pode deixar assim, tem que fazer força para ele, Sandro fala, então eu: Sorá, vai lá cantar, Sandro vai ensinar! Será que eu vou conseguir?, ele fica.”</p> <p>“(…) E ele (neto) crescido, ele ficava pensando assim: <i>batian</i> (avó), quando eu nasceu, mamãe nunca cuidou de mim? Não, quatorze meses mamãe ficou com você, né, eu falei. Eu nunca vi mamãe e papai ficar junto, nunca vi! Vai crescendo acho que pensa, né?”</p> <p>“Depressão, fica com medo disso, não é? Quietinho! Se é arteiro, ainda vai! (...) É, a gente fala, ele não responde, ele guarda tudo chorando. Não é bom assim!”</p>
--	---

Sorá não fala diretamente a respeito da falta que sente dos pais relatada por sua avó, porém, demonstra que diante das separações a **referência afetiva** que possui é a avó, pois mesmo com o retorno dos pais, continuaria morando com ela, iria apenas visitar os pais.O

avô também representou uma figura de referência para Sora, que descreve sua relação com o avô baseada na mutualidade afetiva, assim como a relação com a avó. Os avós cuidam e ele, por sua vez, retribui esse cuidado através de ajuda. Pelas falas de Sorá, temos a sensação de que o avô participava de atividades lúdicas com o neto e nessas situações, fica clara a existência de momentos de alegria e diversão. Isso fica evidente, pois são as únicas situações desse tipo que aparecem na entrevista e que foram perdidas com a morte do avô.

Com relação aos pais, parece que a forma encontrada por Sorá de solicitar cuidado e atenção surge através da solicitação de presentes, afinal, o cuidado e a proteção são desempenhados pelos avós e não pelos pais.

Somando-se a tal padrão afetivo existente na relação entre com Sorá, o tipo de relação comunicacional instável da mãe, fica evidente que a referência afetiva de Sorá sejam as figuras dos avós que constituem-se nas figuras estáveis, cuidadoras e afetivas permanentes da sua história. A relação com o pai é à distância e quando o pai está no Brasil, sofre interferência da madrasta. E como a mãe parece inexistente pela pouca atenção que dispensa ao filho, Kazê apresenta a opção de preservar o vínculo com a avó mesmo na presença dos pais.

5. Avós: referência afetiva.

<p>Sorá</p> <p>Vínculo afetivo com a avó</p>	<p>“É, dá vontade (de morar com os pais), mais eu tenho que estudar. (...) Eu ia visitar o meu pai e depois minha mãe. (...)”</p> <p>“Prefere (morar com a <i>batian</i>)! Porque dá pra sair, brincar, se divertir. (Ela) Cuida! Eu ajudo ela também. (...) Eu ajudo, limpo a casa, lavo banheiro...(..) dá pra ajudar ela (avó) limpar a casa...Mas com o meu pai não.”</p> <p>“Eu ajudava (o avô), eu regava o morango (...). Eu ajudava, porque ele levava eu para pescar e eu gosto.”</p>
--	--

Vínculo com o avô	“Ele (avô) dava comida, dava as coisas. Eu fazia arte, assustava ele...(…) É, eu ia lá no galinheiro e pegava os ovos assim na camiseta e tacava nas galinhas. (...) Até eu roubava os morangos dele lá em cima da horta. (...) Brincava (...) É, de carrinho, ficava lá embaixo da árvores de jabuticaba, aí brincava de caminhãozinho, pegava goiaba, ele descascava, comia...
Pais: solicitação de bens materiais	“Todas as vezes que ela liga, eu falo, eu peço as coisas que mandam, quando eles ligam”

Parece que a avó e o neto formam um **subsistema familiar**, e o pai, com a 2ª. esposa e o outro filho (João) constituem outro subsistema, cujas **fronteiras encontram-se rígidas** e com poucas possibilidades de estabelecer uma boa interação. O cuidado material oferecido pelo pai é enviado através da esposa atual que muitas vezes não o repassa para o subsistema avó/neto. Como Sorá tem informações a esse respeito e apresenta sofrimento, raiva e tristeza na relação com a madrasta. Nessa situação, mesmo solicitado pela sua mãe, o pai de Sorá não toma nenhuma atitude, mantendo o funcionamento dos subsistemas dessa forma.

É possível que diante de tantas perdas, Sorá ainda não tenha elaborado alguns lutos referentes sobretudo ao afastamento e negligência de sua mãe e morte de seu avô, além da rejeição da madrasta.

6. Subsistemas: fronteiras rígidas.

Sra. Kiku Fronteiras entre os subsistemas	“É, manda (dinheiro) para a Tânia, e a Tânia não me deu. Um dia ela veio e falou para mim: ele mandou trezentos reais e eu estava devendo na farmácia, o remédio do João, e não dá para a senhora! (...) Não tráz prá mim pagar assim. E eu estou devendo na farmácia, diz que não dá
---	---

<p>Relação da madrasta/Sorá</p>	<p>para mandar para senhora. Outro dia ele mandou trezentos e cinquenta reais, diz que falou para o meu filho: mamãe não tava! Levou o dinheiro para a sua mãe e ela não estava! Tava sim, eu falei. É muito mentirosa ela.”</p> <p>“(…) Ele fala quando madrasta dele falou, disse: tranqueira. Seu pai não gosta de você! Diz que ela falava assim. (...) É, e começou a chorar.”</p> <p>“aí, nossa, coitado, a minha tava com ele, o Sorá tinha acho oito anos, ele tem oito, ele escrevia direitinho, a letra era bonita, aí eu achou um papel dobrado e estava escrito: eu não gosto da Tânia, esse nova mulher, né? Eu não gosto da Tânia, estava escrito, estava tudo escrito. Quando eu 18, 19 anos, crescê eu vou no Japão sozinho, eu vou morrer lá sozinho, tava escrito.”</p>
<p>Relação do pai entre os subsistemas</p>	<p>“Eu sempre ligava, mas meu filho confia nela, meu filho confia no Tânia, e ela mente, não tem jeito.”</p>

Devido à tal dificuldade de relação entre os subsistemas citada acima, a sra. Kiku teme pelo futuro do neto, o que nos aponta para um rompimento dos vínculos de lealdade nessa família. O pai, pertencendo ao subsistema formado pela 2ª. união, deixa de cumprir com a sua missão de cuidado de Sorá, inclusive no nível financeiro. A mesma característica é percebida com relação à Patrícia (mãe), que envia presentes mas não efetiva um cuidado materno, nem através do contato nem de ajuda financeira.

Dessa forma, os avós são os responsáveis pelo neto. Porém, com a morte do avô, essa responsabilidade ficou a cargo da avó, que percebe-se sozinha no cuidado dele, já que não pode contar com os pais. Recebe a ajuda financeira de outros filhos para a

sobrevivência, principalmente nesse momento no qual a ajuda financeira oferecida pelo pai de Sorá que está no Japão, não chega até ela.

7.Lealdade: rompimento

Sra. Kiku Rompimento na missão do cuidado do neto Ajuda financeira dos filhos	“Preocupa também com Sorá, eu já estou velha, penso se acontecer alguma coisa no Sorá...ele é desse jeito, quem vai cuidar...” “(...) meus filhos tudo ajuda, meus filhos.”
---	--

Existe uma forte lealdade e devoção de Sorá em relação à avó, expressa através da companhia que faz a ela, da ajuda nos afazeres domésticos e na preferência em continuar morando com a avó, como foi apontado anteriormente.

8.Lealdade: fidelidade e devoção.

Sra. Kiku Neto ajuda, faz companhia.	“(Neto) Bonzinho, vixe! Ele quando eu arrumava a cozinha ele ia guardando, direitinho. (...) Ele deixa escorrer, tudo assim” “ Desde pequeno eu levava (Sorá) tudo. (...) É, vixe, bom! É companhia! Eu plantei mandioca, ele raspa mandioca.(...) Vixe, é ele que arranca (mandioca)! Eu não consegue mais! “
Sorá Lealdade: devoção	“Ah, eu ajudo! (...) Eu ajudo, limpo a casa, lavo banheiro...(…) Até eu planto! (...) Uma vez já plantei rabanete, aqueles todo rosinha...”

Com relação à **transmissão de valores culturais**, notamos que a influência nipônica se faz presente nesse sistema familiar. Na comunicação entre os avós, filhos e netos predomina a língua japonesa, na qual os avós foram educados. Outro aspecto cultural

diz respeito à alimentação, que embora já apresente uma miscigenação, ainda é marcada pela culinária japonesa.

9. Valores e cultura

<p>Sra. Kiku</p> <p>Valores: língua, alimentação</p>	<p>“Não, eu falo (japonês) e ele (neto) entende mas não fala. Fala português, todos os meus filhos são assim: eu falava japonês para não esquecer.”</p> <p>“Não, eu faz de vez em quando, eu faço arroz temperado com feijão, ele gosta...Lasanha. (É) misturado.”</p>
<p>Sorá</p> <p>Valores: língua, alimentação</p>	<p>“(…) eu escuto ela falá e eu aprende. (língua japonesa)”</p> <p>“Arroz, feijão, <i>yakissoba</i>. (...) Não, eu gosto mais coisa japonesa. (...) <i>Sushi, sashimi...</i>”</p>

Existe também o mito da prosperidade e do estudo presentes na família. Com relação ao mito da prosperidade, os bisavós (materno e paterno) migraram em busca de enriquecimento. Essa busca teve um peso na história da família da sra. Kiku, pois seu pai escolheu romper com os vínculos no Japão em busca da riqueza no Brasil. Da mesma forma seu filho (Satoru) vive rompimentos de vínculos constantes em função da busca pelo dinheiro.

O estudo aparece de forma marcante na vida da sra. Kiku, que na infância desejava prosseguir os estudos, mas foi impedida para cuidar do trabalho e da família. Continua, entretanto, perseguindo esse objetivo e incentivando esse valor ao neto. Atualmente frequenta aulas de Educação de Jovens e Adultos e tenta aprender a língua japonesa sozinha, em casa, através de jornais e revista. Acha importante o neto terminar o colegial para depois decidir se fica no Brasil ou emigra para o Japão.

10. Crença: prosperidade e estudos.

<p>Sra. Sakura</p>	<p>“Ixi, nós tem chácara, aí plantou (filho) tomate e ficou</p>
--------------------	---

Mito da prosperidade	bunito, nossa! (...) aí, começou chover e aí o tomate cresceu, mais ficou bonito! Carregou muito! Nossa! Todo mundo se assustou, Satoru (filho) conseguiu tomate, nossa senhora! Mas não ganhou nada, ai foi embora. (...) Não ganha nada, só comê, não é? “
Valor do estudo	“Estuda, eu quando tinha nove anos fui noventa dias, três meses foi na escola. (...) só, aí tem que cuidar da minha irmã e parei de estudar.(...) Ah, eu gostava, vixe, (de estudar), de japonês, o dicionário eu estudo sozinha. (...) vixe, eu estudava, até hoje eu tô estudando.”
Estudo dos filhos	“(Filhos) É, só colegial! Só a filha que fez a faculdade para trabalhar no banco, só ela que estudou.”
Estudo do neto	“(Neto) Gosta, está estudando, tira boas notas. (...) Ah, melhor que o Japão, não é? Estudar, tem que estudar.” “Eu vou estudar, tirar o colegial! Ele (neto) fala, né?”
Sorá Estudos	“Eu quero (ir para o Japão), mais precisa fazer estudar, tirar o colegial, aí eu vou.”

Com relação à identidade, no que diz respeito à questão cultural, Sorá demonstra um sentimento de identidade brasileira, apesar de referir um desejo de ir trabalhar no Japão para depois retornar, no que se identifica aos seus pais. Com relação à identidade pessoal, nota-se que Sorá utiliza o tio que reside numa fazenda no estado do Mato Grosso como referência para projetar o seu futuro. Refere que gostaria de ter uma fazenda como o tio, uma figura que aparece como um modelo para Sorá, que segundo a avó, ajudou a cuidar do sobrinho desde pequeno. Além disso, existe uma repetição nessa referência identitária de Sorá que demonstra a perspectiva de morar na zona rural, afinal, viveu na chácara até o ano da morte do avô, em 2000, época na qual refere mais alegria e felicidade na convivência com o avô.

11. Identidade: sentimento brasileiro.

Sra. Kiku Neto não quer morar no Japão Tio e a vida rural: referência identitária	“Ele não vai, porque não gosta do Japão.” “(Sorá) Diz que quer morar com o tio lá no Mato Grosso, Primavera. (...) (Tio) Está tomando conta da fazenda. (...) Aí ele vai na fazenda, e lá a tia Rô, Rosana, desde pequeno ela cuidava também, que nem filho ele era.”
Sorá Identidade: brasileiro, mas quer morar temporariamente no Japão. Referência identitária: vida rural	“Ah, eu sou brasileiro. (...) (Quer) Ficar um tempo lá (Japão) mas depois voltar. (...) “Comprar uma fazenda. (...) Inda vou, é que eu gosto de mexer com gados. (...) Em Mato Grosso onde o meu tio trabalha, eu tinha nove, dez anos, eu estava lá, andei de cavalos, já tratei galinha, já peguei galinha pra matar...(…)” Gosto (do sítio).”

7.4. Família do sr. Momiji e sra Tsutsuji. Netos: Ohissamá e Otskissamá.

Resumo da História de Vida

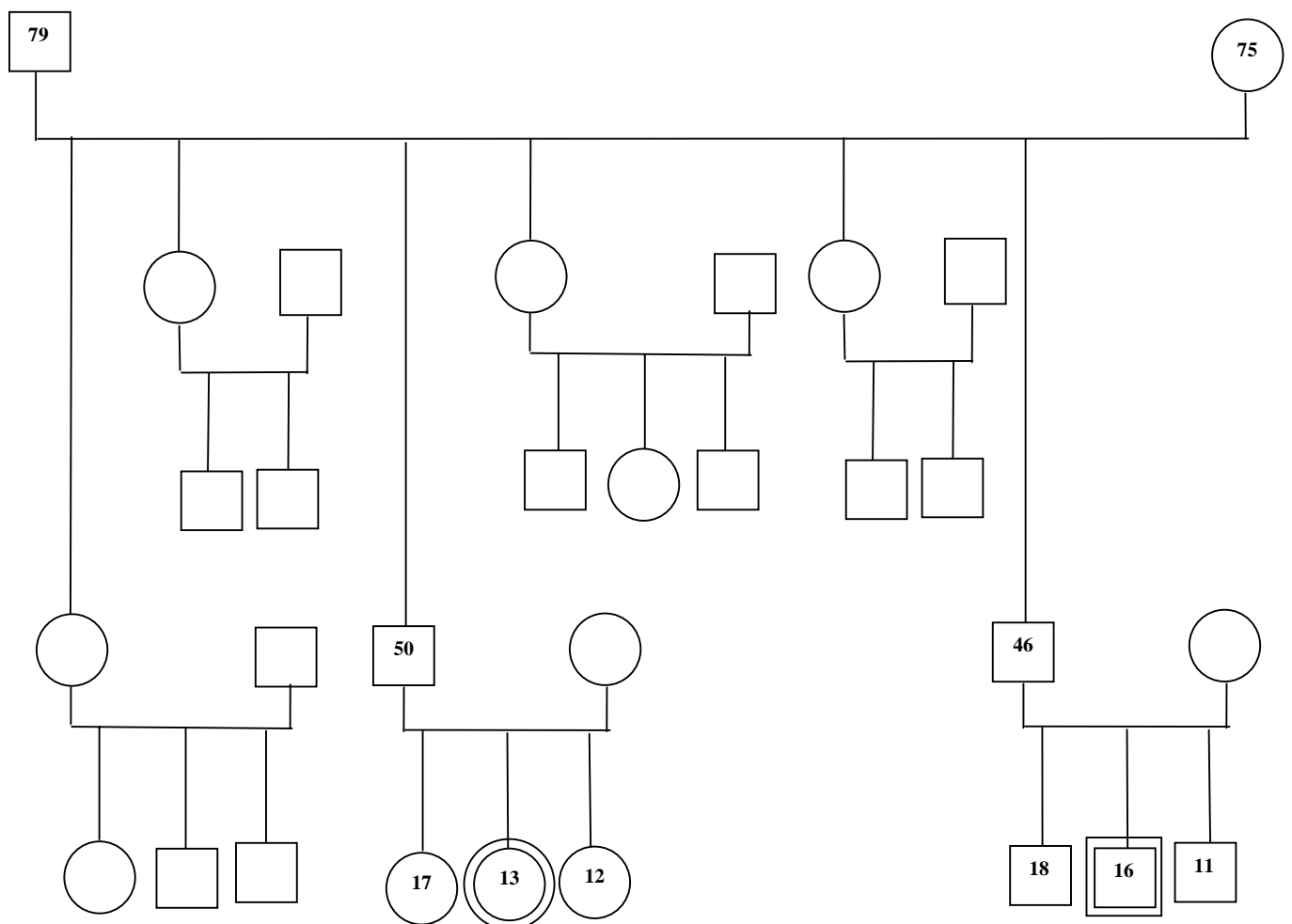
Sr. Momiji e sra. Tsutsuji

Idade: 79 e 75 anos

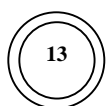
Naturalidade: O sr. Momiji é natural de Kanagawa –Ken, cidade de Toichi e a sra. Tsutsuji é natural de Marília/SP.

Estado civil: casados.

Genograma:



Legenda – netos:



- Ohissamá



- Otsukissamá

A família do senhor Momiji emigrou para o Brasil no ano de 1932, chegando ao Brasil no ano de 1933, devido ao longo período de viagem. A família veio composta pelos seus pais, ele , duas irmãs e um tio de 16 anos. O sr. Momiji tinha 4 anos na época, uma irmã com 6 anos e outra que era bebê ainda. O tio veio para compor a família com três pessoas em idade para o trabalho. Depois que a família instalou-se no Brasil, nasceram mais 5 filhos, sendo 3 irmãos e 2 irmãs. Segundo o seu relato, sua família resolveu emigrar pois no Japão era divulgado que no Brasil ganhava-se muito dinheiro, e como seu pai era pedreiro, resolveu tentar a sorte no país.

Ao chegar, a família foi enviada para uma fazenda na região Mogiana e o sr. Momiji diz que começou a trabalhar com 12 anos, para “ajudar papai na lavoura de arroz e algodão.”

Com relação aos estudos, relata que estudou apenas a língua japonesa, apesar de ter frequentado a 1^a. série por três vezes. Relata que no início do ano, chegava uma professora na escola, mas como só haviam alunos japoneses, a professora “não agüentava e ia embora”. Por isso, começou a 1^a. série três vezes mas nunca concluiu pois faltavam professores. Mesmo o aprendizado da língua japonesa foi praticamente em casa, pois

freqüentou o nihon-gakkô (escola de língua japonesa) durante uns dois anos, quando a família residia em Garça.

Relata que a família mudou-se várias vezes para tentar melhorar de vida, assim, da região mudaram-se para a região noroeste, paulista e, finalmente, a cidade de Tupã, relatando que “enraizou”em Tupã.

O sr. Momiji foi esportista durante a juventude, era jogador de beisebol, fazia atletismo e sumô. Relata que seu pai sempre deixou praticar esportes, nunca proibiu, participou de vários campeonatos, inclusive de Campeonatos Brasileiros. Por isso, sempre viajava, conheceu muitas pessoas. Jogou beisebol até o ano de 1965, e foi juiz de sumô, embora não lutasse.

Seu pai permitia que praticasse esportes, porém, não permitia brincar, ir a bailes, cinema, pois tinham que trabalhar até domingo. O pai era muito exigente e todos em casa respeitavam-no.

A família sempre trabalhou unida, davam muito duro para juntar dinheiro. Mas seus pais nunca quiseram voltar para o Japão, pois gostavam de morar no Brasil e como tinham filhos, achavam que seria melhor para os filhos ficar no Brasil.

Relata que em casa, sempre conversavam apenas em japonês e a alimentação era apenas a japonesa. Sua mãe nunca conversou em português, seu pai conversava mais. Sempre respeitavam os mais velhos e trabalhavam muito.

Seu pais faleceu há 35 anos de câncer e sua mãe faleceu em 1994, de infarto. O sr. Momiji, por ser o primogênito, sempre morou com os pais, desde que casou-se. O seu irmão mais velho faleceu e ele sempre assumiu a família. Seu irmão faleceu de infarto. Tem dois irmãos casados que moram em Bastos, e tem mais contato com eles, apesar de alguns sobrinhos sempre virem visitar a sua família.

Como gosta muito de pescar, às vezes seus sobrinhos vem de São Paulo para passar uns dias no seu rancho para pescar.

Há 4 anos foi ao Japão, em viagem turística que ganhou da filha e do genro. Gostou muito de rever o país, diz que ainda se lembrava de algumas coisas que continuam iguais: o *oterá* (templo religioso) e o córrego próximo de sua casa. Porém, prefere morar no Brasil, pois é mais “sossegado”, no Japão, os idosos ainda têm que trabalhar, é diferente do Brasil.

A sra. Tsutsuji é natural de Marília/SP. Sua mãe emigrou com 14 anos, com os pais, irmãos e um cunhado. Seu pai veio depois, com 25 anos, com o casamento combinado através do *miai* (casamento combinado entre as famílias). Ele trabalhava como desenhista de tecidos na indústria têxtil. Seus pais tiveram 7 filhos e a sra. Tsutsuji é a mais velha. Seus pais vieram para o Brasil para ganhar dinheiro, mas ela diz que nem chegaram a ganhar tanto dinheiro, por isso não voltaram para o Japão.

Porém, imagina que os pais gostassem do Brasil e não gostariam de ter retornado para o Japão.

Relata que sempre trabalhou, desde criança, pois ajudava sua mãe em casa, para fazer marmitta e levar para os empregados na roça. Diz que aprendeu a falar o português pois convivia com os camaradas (empregados brasileiros).

Nunca estudou, pois durante a Guerra, as escolas nos núcleos japoneses foram fechadas e ela nunca chegou a frequentar a escola. Também não chegou frequentar o *nihon-gakkô* (escola de japônês), pois aprendeu a língua em casa. A educação que recebeu em casa era totalmente japonesa, desde a língua até os modos, a alimentação. Por isso, ensina os netos a cumprimentar, a comportarem-se como japoneses, pois pensa que isso é importante.

Seu pai era autoritário e bravo, exigia que as coisas fossem sempre corretas, e os filhos tinham medo do pai. A mãe, ao contrário, era “boazinha”, não era brava com os filhos.

A sra. Tsutsuji sempre morou no sítio e diz que gosta pois sempre quis sua família unida e por isso prefere morar no sítio. O casal relata que sempre gostaram da “família junto”, e até hoje é assim.

O filho mais novo do casal casou-se com brasileira e eles aceitaram pois “se fazer contra fica ruim, porque depois tem o neto”, e como eles gostam muito dos netos, não podem ser contra a mãe. A sra. Tsutsuji relata que a nora é como se fosse filha, é muito boazinha.

Relatam com orgulho que dois netos já estão formados, apesar de não conseguirem relatar qual foi o curso que realizaram. Atualmente, cuidam de 6 netos (os dois mais novos daqueles identificados com idade no genograma)

Podemos verificar nessa família a existência de seqüências que demonstram a repetição de padrões de interação familiar intergeracional. Tais repetições podem ser observadas na existência de **regras familiares** claras que são obedecidas e respeitadas pelos netos, assim como ocorreu com os avós enquanto filhos.

1. Regras familiares

Sr. Momiji Regras familiares	Seu pai permitia a prática de esportes, não permitia brincar, ir a bailes, cinema, pois trabalhavam até domingo.
Sra. Tsutsuji Regras familiares na educação dos netos	“Quando é que tem...menina dá pra ajudar, eu pide, né! Manda ajuda para mim um pouco. (...)Ajuda! E eu manda mais é...recolher roupa, assim, né.” “Eu fala sempre pra criança: vocês, quando hora de acorda, né, tem que dobrar o futon (coberta). Essas coisa também

	eu fala, né?”
Otsukissamá Regras familiares	“O meu pai, não é que ele é ao bravo, é que só não pode fazer a coisa errada, ele fica bravo. (...) Ah, a gente procura não dar (trabalho). (...) Ah, porque se eu começo a dar trabalho não tem uma vantagem pra mim e não vai ter vantagem pra eles também.”

Nessa família, a repetição de padrões de regras e normas está relacionada à existência de uma **hierarquia** clara e bem definida que se repete através das gerações. Esses padrões estão relacionados ao tipo de educação da família japonesa, alicerçado no respeito aos mais velhos, sobretudo pais e avós e na obediência dos membros mais jovens da família.

2. Hierarquia

Sra. Tsutsuji Autoridade de seu pai	Seu pai era autoritário, bravo, exigia que as coisas fossem sempre corretas, e os filhos tinham medo do pai.
Otsukissamá Respeito à hierarquia	“Ah, tem muitos que faltam respeito com o professor, e já eu não tenho essa coragem de faltar com o respeito com o professor. (...) em casa também, em casa chega visita, assim, eu não falo essas coisas. (..) Todo mundo ensina, não é?”

Temos a repetição de padrões de **costumes, língua (japonesa) e de valores** pertencentes à cultura nipônica. Assim como os avós foram educados nesse sistema de valores, educaram seus filhos e atualmente, educam os netos.

3. Costumes, comunicação e valores.

Sra. Tsutsuji Costumes	“Por isso, ensina os netos a cumprimentar, a comportarem-se como japoneses, pois pensa que isso é importante.”
---------------------------	--

Alimentação	<p>“ Coisa que faz, coisa, né? Olhando, tudo jeito japonês. Jeito que faz as coisa, tudo jeito japonês, aí eu fica contente, né? (risos)”.</p> <p>“É dos dois tipos, né. (...)Misturado! Feijão, arroz, <i>aburá gohan</i> (arroz com óleo)..”</p>
Língua	<p>“(Filhos) Fala (japonês). Conversar sabe bem <i>nihongô</i> (japonês), agora, escrever, não sabe.”</p> <p>(Netos) “ Não, mais é brasileiro, né! (risos)..Não tem jeito, né? (...) Acho quem mais ou menos entendem. Só que conversar é duro, né! (..) Criança, que né? Agora, <i>ditian</i> (avô) e <i>batian</i> (avó) conversa japonês bastante, né? Sabe, mas...se criança não sabe, não dá pra conversar, né? Tem que misturar..(risos) (...) (Netos) Ta na escola de <i>nihongô</i> (japonês).”</p>
Otsukissamá Costumes	<p>“É, eu sou mestiço, mas pensam que eu sou japonês (...). O fato de <i>ditian</i> e <i>batian</i> ser japonês, então eles sabem os costumes japonês, essas coisas (...). É o respeito...Mais quieto...Não faz muita bagunça...Essas coisas.”</p>

Os avós são responsáveis pela preservação desses valores, e uma das formas como isso ocorre é através da presença de **rituais**, que nos remetem à existência de mitos familiares.

4. Rituais.

Sra. Tsutsuji	<p>“ Ah, obedece...Nossa! ...Tudo bonzinho...É...hora de dormir eles fala: <i>oyassumi nasai</i> (boa noite), né...De manhã cedo, fala: <i>ohayô</i> (bom dia).”</p>
---------------	--

Um aspecto que ficou evidente nessa família foi a existência de **crenças** que atravessam as gerações. Desde a geração dos pais do Sr. Momiji e sra. Tsutsuji até a geração dos netos. Talvez a crença da união da família seja responsável pelo forte sentimento de pertencimento existente, sendo compartilhado pelos membros de todas as gerações e aglutinador de outras crenças, como a da prosperidade e do trabalho.

5. Crença: união e prosperidade da família.

Sr. Momiji e sra. Tsutsuji União da família	“(.) Sempre quis sua família unida e por isso prefere morar no sítio. O casal relata que sempre gostou da “família junto”, e até hoje é assim.
Sra. Tsutsuji União da família	“Volta sítio sim, sempre morou aqui mesmo, né! Isso, eles voltam pra cá, sim. É, quer morar junto, né? ”
Sr. Momiji União da família	“Volta aqui, sítio. Tem casa também, outro filho, tem casa.“
Otsukissamá União da família	“Ah, continua! A família nunca desuniu!”
Sr. Momiji e sra. Tsutsuji Motivo da emigração dos seus pais: prosperidade da família.	A família de ambos emigrou para o Brasil com a crença de que aqui ganhariam muito dinheiro.
Sr. Momiji Motivo da emigração dos filhos: prosperidade da família.	“É, bom...trabalhando aqui, mas é...não deu certo, né? É, plantou amendoim, plantou milho, aí, mas o preço ta muito baixo, né? Por isso que...trabalha, trabalha até ficar no dívida. (...) Manda, tudo mês manda dinheiro e cuidando criança, né?”
Otsukissamá Motivo da emigração dos pais: prosperidade da família.	“Ah, eu acho, porque ele estava aqui, ele viu que não dava futuro aí ele pensou em um futuro melhor pra família indo pra lá. (...)Ah, pra ganhar dinheiro e pagar a dívida, e depois queria juntar um pouco ainda.
Ohissamá Motivo da emigração dos pais:	“Pra juntar dinheiro também.”

prosperidade da família.	
--------------------------	--

Percebemos também a presença do **mito do trabalho em união**, ou seja, na geração dos avós e dos filhos, a família trabalhava unida pela prosperidade do grupo. Essa é uma característica cultural, presente nas famílias japonesas anterior às mudanças ocorridas na Revolução *Meiji*. As famílias japonesas que migraram para o Brasil trouxeram essa característica que foi transmitida aos seus filhos.

6. Mitos: união no trabalho para a prosperidade familiar

Sr. Momiji Prosperidade e trabalho em união.	A família sempre trabalhou unida, davam muito duro para juntar dinheiro. “É, mais ou menos 15, 16 (refere-se à idade na qual os filhos começaram a trabalhar). (...) é, bicho de seda, né? Aqui tava criando bicho de seda então, família trabalhando, tinha dois empregado, maioria ta trabaiano com família. (...) É, filho ajudava.”
Sra. Tsutsuji Prosperidade e trabalho em união	“Relata que sempre trabalhou, desde criança, pois ajudava sua mãe em casa, para fazer marmitta e levar para os empregados na roça.” “Filho, filha, né, tudo! (...) É. Não tinha empregado, é! Só família trabalhava...Sempre na roça também, limpinho...Pessoal trabaioava bem, né?”

Os netos nunca trabalharam, mas estudam. Apesar de nunca terem trabalhado, existe presente o **valor do desempenho, do esforço escolar**. Esforçam-se para tirar boas notas e a família, por sua vez, esforça-se para que os netos avancem nos estudos, indo além do nível de escolaridade de seus pais. O estudo surge como importante para que permaneçam no

Brasil, sem a necessidade de trabalhar no Japão. Porém, o mito da prosperidade e do trabalho é preponderante, pois entre o estudo e o trabalho rentável, no momento, a segunda seria a escolhida para o neto.

7. Valor: desempenho e esforço.

Sra. Tsutsuji Estudo dos netos	“ Tá estudando bem! Eles, se não tira aquele nota A, eles chora! (...) Gosta de estudar, nossa! Se ganha nota ruim eles faz cara feia e chorando...Porque...na fim, tem que ficar aqui memo, né! Então, acho que...é bom estudar aqui. (...) Agora, neto, agora ta indo escola bastante, né!”
Sr. Momiji Estudo dos filhos	“É, só estudou primário, só. (...) Primário. Aquele tempo era 4º ano, né?”
Ohissamá Notas escolares	“Vou bem, eu não tive nenhuma nota vermelha. (...) Estudo.”
Otsukissamá Esforço no estudo e a busca de prosperidade	“Ah, se der pra arrumar um emprego bom que dê prá viver no Brasil sim, mas se levar a vida no aperto, eu prefiro ir para o Japão.(...) Ah, eu me esforço o máximo, mas sempre tem aquela matéria que você não vai bem.”

Tais crenças e valores repetem-se ao longo das gerações e se relacionam às **lealdades**. Tanto os avós como os netos reconhecem o esforço dos pais em trabalhar para o bem comum da família. Por isso, existe uma forte lealdade expressa através da gratidão, preocupação e devoção pelos pais: percebem que os pais fazem o sacrifício pelo bem da família, por isso não pedem a compra de bens materiais. Tentam também colaborar para a realização do mito do trabalho e da união em prol da prosperidade da família.

Os filhos (*dekasseguis*) também demonstram essa **devoção** e preocupam-se com o cuidado dos pais e filhos, mesmo distantes, no Japão. Cumprem esse cuidado através de ligações telefônicas e envio de presentes.

8. Lealdades: reconhecimento, gratidão, devoção.

<p>Sr. Momiji</p> <p>Reconhecimento ao esforço dos filhos.</p>	<p>“Filho também não quer trabalhar no Japão. Queria morar aqui, né! (...) Vai trabalhar mais um ano assim e volta. Disse que queriam trabalhar aqui no Brasil, né?”</p> <p>"Família daqui? É...tá mandando, dois filhos que manda dinheiro aqui pra cuidá."</p>
<p>Sra. Tsutsuji</p> <p>Reconhecimento à valorização de seu papel pelos netos.</p> <p>Reconhecimento ao esforço dos filhos.</p> <p>Devoção dos filhos (<i>dekasseguis</i>)</p>	<p>“Mago (neto) também tudo bonzinho, então ditian (avô), batian (avó) não precisa sofrê pra trata eles. ”</p> <p>“(Saudade) Ah, tem! (...) Mas telefona tudo semana! (risos). (...) é, um pouquinho mata, né! (risos).Eles também, tá...fazendo o bem, né? Então, só fica contente, né? (risos).“</p> <p>“É, toda vida..faz <i>chimpai</i> (preocupação), né? Ah, como é que tá...Não tem perigo, ainda não morreu, hein! (risos). (...) É, ta doido, só pensando de casa, né? Eu falo, não precisa fazer <i>chimpai</i> (preocupação) não, ta tudo bem. (...) Aí eles fala: o que que tem coisas gostosas, coisas do Japão, fala, aí eu mando, né? Aí manda uma caixa grande! Sempre manda!”</p>
<p>Otsukissamá</p> <p>Reconhecimento pelo esforço dos pais</p> <p>Devoção aos pais</p>	<p>“Ah, eu não costumo pedir não. (...) Ah, porque eu acho assim, eles foram pra lá não era pra ficar comprando, gastando o dinheiro pra gente aqui. (...) É, eu também não exijo muito não.”</p> <p>“Ah, eu fico (preocupado com os pais) porque meu pai mesmo, ele sempre falava que não gostava de lá porque trabalhava muito, minha mãe também. Aí, a gente fica</p>

Fidelidade dos pais (<i>dekasseguis</i>) em relação aos filhos	nessa: 'será que eles estão bem?' Porque é lógico se você pergunta pra eles vão falar que estão, não é? Porque senão eles vão deixar a gente preocupados. Aí, isso que deixa também encabulado. (...) Não, eles não reclamam!" "Ligam (os pais), todo fim de semana. (...) Ah, conversa, pergunta se ta tudo bem...O que aconteceu...Aí, a gente fala; se está precisando de alguma coisa...(...) É, aí ela liga e por telefone ela fala: 'olha, comprei isso e isso e vou mandar."
Ohissamá Reconhecimento pelo esforço dos pais	"Só que eu não tenho coragem de chegar e falar pra ela, eu peço coisas pequenas, canetas...Essas coisas."

Quanto ao padrão de **afetividade** desenvolvido na família, percebe-se a relação desse aspecto com o mito da união e do trabalho. Quando os avós são questionados a respeito do cuidado oferecido aos netos, percebe-se que eles apontam que nesse momento da vida, quando estão despreocupados com o trabalho, podem se dedicar e cuidar dos netos de uma forma diferente daquela oferecida aos seus filhos.

Os avós preocupam-se e educam os netos, através de **cuidados, proteção**. E os netos sentem os avós como substitutos dos seus pais, sentem-se cuidados e protegidos, promovendo o sentimento de segurança e pertencimento.

9. Afetividade: apego, amor, cuidados e proteção.

Sr. Momiji Apego aos netos	“(Netos) Mais <i>kawai</i> (mimoso, encantador), né? (...) Hora de filho, filha, eu tá trabaiano, né? Por isso que..não dá para cuidar muito,né? Mas agora, ... quando fica neto, neta, aí já...dá pra ter mais amizade.”
Sra. Tsutsuji	“Talvez...quando...filho de nós, aquela hora gritava, mas

<p>Apego aos netos</p>	<p>agora.....neto, não precisa nem gritar...Tudo bonzinho! (...) Parece que é (risos)...Parece...aquele tempo, mamãe e papai era, trabalhava, né? Por isso que fica nervoso, né? Agora não...”</p>
<p>Cuidados e proteção oferecidos aos netos.</p>	<p>“Agora, dia de chuva, assim, <i>ditian</i> (avô) leva até na estrada, estrada fica longe, né...é, aí ônibus pega, <i>ditian</i> (avô) volta em casa. (...) Mas só que, de manhã cedo eu acorda cinco e meia, né, pra essas coisas de comer, café, chá, pra fazer pra comer, né?”</p> <p>“Huum...É, sabe, quando fica doente, assim, tem que meia-noite assim, tem que acordar, olhar...que nem filho da gente, né? Alguma hora põe <i>futon</i> (coberta), né? Assim, ta frio, né?...Precisa cuidar, né? ...Mas igual filho de nós. Nós cuida bem (...) É, cuida mais. Hora de fio minha cresce, não cuidava assim, não Neto, neta mais <i>kawai</i> (mimoso, encantador).”</p> <p>“<i>Ditian</i> (avô) vai, alguma hora criança chama na escola, né, dor de barriga, ou sei lá, né? ... Aí, <i>ditian</i> passa em algum lugar e compra coisa de comer pra eles, passa na farmácia, né? (risos).</p>
<p>Otsukissamá O cuidado recebido pelos avós.</p>	<p>“Ah, sei lá, acho que eu vivi mais tempo com <i>batian</i> (avó) e <i>ditian</i> (avô) do que com meu pai e com minha mãe.”</p> <p>“ Ah, bem melhor, não é ruim, não! (...) Ah, de vantagem assim é que tem muita gente que os pais não está nem aí, e por eles serem avós... (...) Ah, não sei, <i>batian</i> e <i>ditian</i> não tem igual. (...) É como se fosse segundo pai e mãe. (...) Cuidam...Se preocupam...O que precisar pode pedir pra eles.”</p>

Diante da **separação** dos pais vivida pela emigração, os avós e o neto levam em consideração a saudade, porém, a presença dos avós é responsável pelo sentimento de segurança e o neto prefere morar no Brasil com os avós a mudar-se para o Japão com os pais. A neta refere mais saudades dos pais em comparação ao primo.

10. Afetividade: separação.

Sra. Tsutsuji Saudade dos netos em relação aos pais.	“É, saudade, mas... (...) Saudade, mas...eles já acostumado, né? Não estranhou (netos) muito não...É a mesma coisa que pai e mãe, né? (risos).”
Otsukissamá Saudade em relação aos pais Escolha entre o Brasil e o Japão (no momento) Ohissamá Saudade em relação aos pais e a forma de enfrentamento.	“(Saudade) pra mim nos três primeiros meses mas depois, acostuma. “ “Ah, sempre senti seguro de eles está aqui, porque eles são muito bons. (...) <i>Batian</i> (avó) eu nunca vi brava! É sempre isso aí, a mesma pessoa com todo mundo! “Prefiro ficar por aqui por enquanto.” “ Eu sinto (saudade). (...) Ah, sei lá! Quase todo dia. (...) Ah, procuro alguma coisa pra fazer.”

Apesar da **família** viver uma situação de *estresse* mobilizada pela experiência migratória, os dados indicam que as **fronteiras** do sistema têm oferecido flexibilidade e estabilidade para que os avós possam desempenhar o papel dos pais, responsáveis pelo desenvolvimento do sentimento de pertencimento e identidade. Um aspecto relevante com relação à identidade diz respeito ao aspecto cultural. Como pudemos notar, alguns padrões interacionais da família, como língua, valores, crenças, regras e hierarquia são baseadas na cultura nipônica, contexto no qual os avós foram educados. Por esse fator, essa identidade possui uma face dupla: a influência nipônica e a brasileira. Porém, através da análise dos

relatos, pudemos perceber que a identidade dos netos baseia-se, principalmente, na brasileira, apesar da evidência de algumas características nipônicas. Preferem estudar e permanecer no Brasil, apesar das dificuldades vividas. O Japão surge como um local de sofrimentos. Esse significado é compartilhado pelos seus pais e os avós.

11. Identidade.

<p>Ohissamá Opção pelo Brasil. Visão negativa do Japão como local para viver.</p>	<p>“Ficar no Brasil. (...) Ir passear lá (Japão) eu sempre queria, agora, trabalhar não.(...) Minha irmã fala que é ruim. (...) Fala que fica trabalhando toda hora.”</p>
<p>Otsukissamá Opção pelo Brasil.</p>	<p>“Não, eu também, primeiro eu pensava aqui, porque aqui tem meus colegas e muitos lugares pra ir, já lá, não. Lá eu não conheço ninguém, eu conheço poucas pessoas. Então acho que ficar trabalhando muito lá, não deve ser bom não.”</p>

CAPÍTULO 8: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao entrar em contato com as famílias entrevistadas nesse trabalho, tivemos acesso às histórias que marcaram a vida dessas pessoas, e isso nos levou a conhecer o seu contexto e as suas particularidades. Num primeiro momento, pudemos constatar a importância do impacto causado pela imigração na história de vida dessas famílias, que iniciou-se com a vinda dos imigrantes japoneses para o Brasil.

Partindo desse ponto, buscamos nesse momento, apontar as comunalidades e as singularidades percebidas na análise das histórias de vida das famílias de imigrantes, responsáveis, de certa forma, pelas características apresentadas na estrutura familiar e pela maneira como cada família vive e enfrenta a emigração atual, isto é, dos *dekasseguis*.

Podemos dizer que a emigração e a crença da prosperidade familiar através do trabalho constitui uma característica encontrada em todas as famílias entrevistadas.

Com a imigração do Japão, todas as famílias entrevistadas deixaram parte de suas histórias e de seus vínculos e construíram na nova terra, o Brasil, o futuro marcado pelo ideal que serviu como o ponto central da sua partida: a busca por melhores condições de vida e de enriquecimento. Com exceção de uma família, da sra. Kiku, as demais emigraram em busca da promessa de enriquecimento em curto período de tempo com o projeto de retorno, com sucesso, ao Japão.

Com relação ao objetivo da emigração ao Brasil, a família da sra. Kiku apresentou um caráter diferente das demais, embora o objetivo de enriquecimento estivesse presente, seu pai emigrou ao Brasil mesmo contra a vontade de seu avô, o que marcou esse processo migratório pelo rompimento definitivo com a família de origem e tal fato caracterizou a

emigração dessa família com um caráter definitivo, seu pai não tinha o objetivo de retorno ao Japão.

Na história da família da sra. Sakura, seu pai migra sozinho com as filhas e a mãe decide permanecer no Japão, com a promessa de emigrar posteriormente. Notamos a existência de um rompimento definitivo quando a mãe não migra para o Brasil e dessa forma, não cumpre a promessa feita.

Com relação à estrutura das famílias entrevistadas, notamos que o objetivo inicial da emigração dessas famílias ao Brasil marcou sua constituição de crenças e valores, na qual encontramos a presença marcante da crença da prosperidade familiar principalmente através do trabalho. Compreendemos esse fato como resultado da busca pelo enriquecimento e prosperidade presente desde a 1^a. geração das famílias nipônicas, a geração dos imigrantes japoneses e que se repete até a geração dos *dekasseguis*, afinal, estes emigraram para o Japão com um objetivo semelhante ao da geração anterior, ou seja, a busca pelo enriquecimento rápido e pela prosperidade familiar.

A crença na prosperidade familiar marcou a vida das pessoas nessas famílias, sendo que todos os avós entrevistados trabalham desde a infância e acreditam na possibilidade de enriquecimento através do esforço e do trabalho. Essa crença marcou a vida familiar durante todas as gerações, característica que pode ser percebida através de todo o esforço dedicado ao trabalho.

Na busca pela riqueza, a separação familiar tem sido uma outra característica presente tanto na 1^a. geração como na dos *dekasseguis* (3^a. geração), afinal, uma das conseqüências dessa busca consiste na emigração e a conseqüente ruptura de vínculos. A importância da prosperidade familiar assume uma importância fundamental nessas famílias, sendo que todos devem suportar o sofrimento causado pela emigração, como a

saudade e a distância em prol do projeto de enriquecimento familiar. Ou seja, a separação e o distanciamento familiar parecem secundários se comparados ao objetivo de prosperidade da família.

O valor do estudo surge como outra característica presente em todas as famílias que o valorizam como possibilidade de futuro para os netos. Todas as famílias referem-se ao estudo como a oportunidade de permanecer no país de origem (no caso atual, o Brasil), ter uma profissão e um futuro promissor. Porém, notamos que apesar dessa valorização, nem todos os avós possuem a crença de que seus netos atingirão o nível superior. Todas as famílias apresentam alguma dúvida com relação a tal possibilidade e o trabalho no Japão surge como alternativa, caso os netos não consigam um emprego satisfatório no Brasil. Portanto, apesar de todas as famílias valorizarem o estudo, a única certeza é a de que os netos concluam o ensino médio.

Com relação aos estudos, os *dekasseguis* atingiram o grau de escolaridade médio e apenas em uma das famílias entrevistadas, da sra. Tsubaki, o filho atingiu o nível de ensino superior. Apesar disso, todos eles atingiram um grau de estudo superior ao de seus pais, que praticamente não frequentou a escola, apenas a sra. Tsubaki terminou o ensino primário.

Nesse sentido, é interessante notar que os netos entrevistados valorizam sua permanência e o futuro no Brasil em detrimento à crença do Japão como um local de felicidade. Segundo o depoimento de seus pais, o Japão é um lugar de sofrimento que pode ser evitado através do desempenho nos estudos. Isso leva-nos a refletir numa possível mudança no significado atribuído ao Japão, que na geração dos imigrantes japoneses e de seus filhos era visto como ideal, um modelo de país e que atualmente, entre os *yonseis* (4ª geração - netos), apareceu com o significado de sofrimento e excesso de trabalho e

sacrifício. Retornaremos a essa discussão mais adiante, a respeito da constituição da identidade dos netos que participaram dessa pesquisa.

Uma outra comunalidade encontrada nas famílias entrevistadas refere-se aos valores e costumes pertencentes à cultura nipônica. A presença dessa cultura ainda manifesta-se de forma clara na geração atual, porém, também notamos a presença da cultura brasileira mesclada na educação oferecida pelas famílias. Enquanto os avós foram educados sob uma forte influência da cultura japonesa no que diz respeito aos costumes, comportamentos, alimentação e língua, seus filhos, os *dekasseguis*, receberam uma educação cuja influência da cultura local se fez mais presente, através da escolarização e maior contato social com os brasileiros, o que aumentou significativamente na geração dos netos.

Os avós, residentes nas zonas rurais e muitas vezes em núcleos de colonização nipônica, praticamente não freqüentaram a escola e quando o fizeram foi durante um curto período de tempo, no qual tiveram pouco contato com a sociedade local, e por isso, a assimilação da cultura nipônica foi mais efetiva do que da cultura local. Por outro lado, seus filhos, nascidos no Brasil num período de vida no qual o sonho do retorno ao Japão estava praticamente inviabilizado, puderam manter maior contato com a população local principalmente na escola, portanto, desenvolveram comportamentos, hábitos e língua mais integrados à cultura local.

Os netos, por sua vez, ainda recebem uma educação baseada na cultura nipônica, considerada por todos os avós como uma “educação misturada”, porém, encontram-se mais assimilados e aculturados. Diante disso, notamos que essa geração expressa uma identidade brasileira e um sentimento de pertencimento ao Brasil. Porém, levando-se em consideração a presença dessa interculturalidade na educação dos nipo-brasileiros presente em todas as gerações, um outro dado nos chama a atenção: apesar das falas expressarem um sentimento

de identidade brasileira, ainda percebemos a presença da cultura nipônica no que se refere à alimentação e alguns valores como o respeito à hierarquia presentes na geração dos netos dos imigrantes japoneses.

Tal fato nos leva a refletir que a identidade dos *nikkeys* ainda apresenta características de biculturalidade, o que aponta para um dado significativo de uma identidade ainda não estabelecida. Esses descendentes ainda sentem-se japoneses e são reconhecidos como tal no Brasil, ou seja, de alguma forma ainda não são reconhecidos e também não se reconhecem como totalmente brasileiros. Por outro lado, no Japão não são vistos como japoneses o que reforça o seu pertencimento ao Brasil. No entanto, apesar dos netos e avós apontarem o desejo de um futuro promissor no Brasil, não descartam a possibilidade de trabalho no Japão caso tal objetivo não seja alcançado. Esse dado nos mostra a existência de uma identidade ainda bicultural apresentada pelos nipo-brasileiros.

A presença da cultura nipônica também se faz presente através do estabelecimento de uma hierarquia familiar baseada no respeito aos mais velhos, sobretudo pais e avós. Esse padrão hierárquico é característico da educação japonesa e embora todos os avós valorizem a hierarquia, nem sempre conseguem estabelecer com os netos, os mesmos padrões vividos na sua educação e na de seus filhos. Atribuímos esse fato à assimilação e integração à cultura local existente na geração dos netos, diversa daquela vivida pelos avós que demonstraram em suas falas o respeito inquestionável aos seus pais e às ordens dadas em várias circunstâncias de vida. Seus filhos, os *dekasseguis*, foram educados nesse sistema e, segundo os relatos, sempre foram obedientes e respeitaram a autoridade de seus pais. Essas diferenças percebidas na forma como os netos reagem à hierarquia causa estranheza e preocupação nos avós.

Encontramos diferença na forma como os netos enfrentam a hierarquia familiar. Em duas famílias (sr. Sr. Momiji: e sra. Tsutsuji e sra. Kiku), fica evidente o respeito dos netos em relação à figuras de autoridade exercida pelos avós e pais, ao contrário das famílias da sra. Sakura e sra. Tsubaki, nas quais as avós encontram dificuldades para exercer esse papel e os netos não respeitam a autoridade dos mais velhos no sistema familiar.

Pensamos que essa diferença possa relacionar-se às fronteiras familiares que se apresentam de forma diversa entre essas famílias. Na família da sra. Tsubaki, percebemos que, se por um lado o neto não demonstra respeito a hierarquia familiar, por outro, a fronteira entre o subsistema pais/filhos é emaranhada, e a sra. Tsubaki expressa em suas falas o incômodo devido ao fato de que os pais compram tudo o que é solicitado pelo filho e a existência de regras não fica clara entre os subsistemas. Como resultado disso, percebemos que o subsistema avós-neto também resulta em fronteiras difusas e o exercício dos papéis encontra-se confuso e com pouca diferenciação.

A sra. Sakura também queixa-se dos netos em relação ao respeito hierárquico e notamos a dificuldade vivida pela avó em ocupar o lugar de autoridade na relação com os netos. Nesse sentido, a avó percebe que seu filho não exercia a função de autoridade de uma forma nítida e não houve a delegação desse papel à avó, por isso ela não podia desempenhá-lo da maneira considerada correta. Após uma briga na família, os pais que estão no Japão passaram a assumir e desempenhar o papel de autoridade sobre seus filhos através de contatos telefônicos e internet. Com isso, a avó percebeu-se sem um papel definido na educação dos netos, chegando a questionar a possibilidade de voltar a morar sozinha devido ao sentimento de não-valorização por todo o esforço e sacrifício realizado durante todos os anos que tem cuidando de seus netos.

Em ambas as famílias, não fica clara a existência de delegação da autoridade familiar dos pais para as avós, o que tem dificultado o desempenho desse papel pelas avós que não contam com o apoio de seus filhos para exercer esse papel na educação dos netos. No modelo de educação recebida por essas avós, a autoridade constituía uma das funções exercidas pelos pais, e na ausência desse papel, a sra. Tsubaki e a sra. Sakura demonstram dúvidas e o sentimento de esvaziamento de funções proporcionado por essa diferença no modelo de educação vivido com os netos. Expressam dúvidas em como conduzir normas e regras com seus netos além do receio de cometer erros diante das diferenças percebidas na educação oferecida atualmente.

Na família do sr. Sr. Momiji: e da sra. Kiku, nas quais a delegação da autoridade parece realizar-se de forma mais nítida, a condução e as funções exercidas pelos avós na educação dos netos têm sido vividas de forma mais clara e gerado menos dúvidas e preocupações com relação a esse aspecto.

A comunicação que pôde ser percebida nas famílias entrevistadas apresentou-se principalmente pela existência do não-dito, outra característica presente na cultura nipônica. Nessa cultura que valoriza o respeito à hierarquia, dito anteriormente, os indivíduos ocupam um lugar de respeito e submissão à autoridade e dificilmente questionam e/ou discutem as questões de forma aberta e clara, mesmo diante de conflitos. Essa situação fica evidente em algumas famílias, nas quais a decisão para emigrar não foi discutida da mesma forma como não se fala a respeito de decisões, escolhas e experiências emocionais vividas no sistema familiar. Notamos que os netos não expressam e não falam a respeito de sentimentos como tristeza, saudade e choro que surgem diante da ausência dos pais. Nas entrevistas percebemos que tais sentimentos são vividos de forma solitária.

Com relação ao padrão de afetividade desenvolvido nessas famílias, pudemos notar que a experiência da separação conseqüente à emigração e o modo de enfrentamento familiar diante de tal rompimento, produz diferenças importantes quanto ao significado e conseqüências produzidas nas vidas das pessoas envolvidas nesse processo, particularmente na geração dos netos.

Podemos afirmar que o principal impacto causado pela emigração refere-se à separação do sistema familiar, nesse caso, dos subsistemas pais e filhos. Essa separação pode ser considerada uma característica compartilhada e verificada entre todas as famílias entrevistadas, e os netos expressaram tal vivência através dos relatos de saudade, tristeza e choro devido à ausência e o tempo de separação com os pais, demonstrando a falta causada pela ausência e afrouxamento dos vínculos.

Diante dessa experiência de sofrimento vividos pelos netos, os avós procuram compensação, assumindo um papel de suma importância na vida desses jovens. Constituem figuras de referência estáveis, comprometidas com o papel de cuidadores e proporcionando afeto e apoio, além de uma base segura para que os netos possam desenvolver o sentimento de pertencimento.

Como cada sistema familiar apresenta um padrão de afetividade particular, os modos como viveram e enfrentaram a emigração, como expressam o afeto e o fortalecimento do vínculo apresentados diferem entre os sistemas estudados. Tal padrão não diz respeito apenas à relação estabelecida entre avós e netos, mas também entre os *dekasseguis* (pais) e seus filhos. Os dados encontrados apontaram que a manutenção do vínculo afetivo seguro através dos contatos que os pais (*dekasseguis*) estabelecem com seus pais e familiares que permanecem no Brasil é um importante fator para a existência do sentimento de pertencimento existente nos seus filhos, sua forte ligação afetiva com os pais

e a confiança de que não serão abandonados, ou seja, os pais retornarão ou ele irão encontrá-los no Japão.

Na família da sra. Tsubaki, o padrão de afetividade estabelecido entre pais e filhos caracteriza-se pela aquisição material, que pode ser compreendida como uma tentativa de compensação afetiva dos pais devido à sua ausência. Como consequência, a avó preocupa-se particularmente com o estabelecimento de valores, normas, hábitos e obediência em detrimento de outras possibilidades afetivas como o apoio e o carinho por exemplo. Na sua opinião, pais e filhos poderiam manter um contato mais afetivo e menos material, já que a avó acredita que o neto sente muitas saudades dos pais. O neto, Kazê, refere em suas falas a falta que sente pelos seus pais, evidenciando que escolheria morar com os pais independente do país em que isso se desse.

A separação e ausência dos pais encontra-se mais evidente na família da sra. Kiku, na qual a mãe de Sorá (neto) estabelece contatos telefônicos esporádicos e encontrou-se apenas uma vez com o filho após a emigração que já dura anos. O pai, casou-se novamente e demonstra maior vinculação ao novo sistema familiar, a quem dirige o envio de remessa de dinheiro, privando, muitas vezes, seu filho (Sorá) e sua mãe (avó). Devido a essa distância, Sorá apresenta tristeza, choro, sensação de abandono e solidão, o que causa preocupação para a avó, que teme pelo seu futuro, afinal, existe o relato de suicídio em 2 gerações consecutivas. Para o neto, a avó representa a figura de referência afetiva, relatando que mesmo com o retorno dos pais, continuaria a morar com a sra. Kiku.

O processo imigratório tem marcado a vida desse sistema familiar através de profundos rompimentos e separações presentes desde a 1^a. geração, fato que parece repetir-se na geração atual.

Com relação à família da sra. Sakura, os netos demonstram um certo reconhecimento pelos cuidados recebidos da avó, retribuindo sua atenção nesse momento no qual a avós encontra-se limitada devido a um problema de saúde (fêmur). Talvez tal fato só tenha ocorrido devido à ordem paterna de que devem passar a administrar o dinheiro enviado pelos seus pais do Japão.

Porém, os pais mantêm contatos freqüentes através de telefonemas e internet, o que facilita a manutenção dos padrões afetivos e contribui para o sentimento de pertencimento e cuidado nos filhos.

Por outro lado, a avó vive um conflito de quebra de lealdade de seu filho em relação a ela, vivida pela desautorização da administração do dinheiro enviado do Japão. A sra. Sakura tem vivido um sentimento de sobrecarga e solidão decorrentes dessa quebra de lealdade, questionando o seu futuro e a sua importância na educação dos netos.

A família do sr. Sr. Momiji: apresentou um padrão afetivo diferenciado dos demais sistemas apresentados, e pudemos encontrar nessa família, um padrão afetivo baseado no apego e amor que pode ser demonstrado em todos os subsistemas. Ficou evidente a forte crença na união familiar permeando as relações afetivas e tanto os avós como os netos têm a certeza do retorno dos *dekasseguis*, o que contribui para que essa experiência de separação seja marcada pelo reconhecimento aos pais devido a todo sacrifício realizado em prol do objetivo de prosperidade familiar. A união familiar também pode ser percebida através do contato dos pais que mesmo no Japão, demonstram preocupação e cuidado com a família que permanece no Brasil, através de contatos freqüentes e envio de presentes. Os netos demonstram a certeza de que a família não se desuniu, apesar da separação temporária, além do sentimento de pertencimento, apoio, reconhecimento e gratidão aos avós e aos pais.

Notamos a relação entre o padrão de afetividade e a lealdade desenvolvida nos sistemas familiares estudados. Nas famílias da sra. Kiku e Tsubaki, a ausência dos pais é marcante devido ao distanciamento afetivo existente e apesar dos cuidados oferecidos pelas avós os netos sentem solidão, tristeza e abandono. Nas falas dos netos, não constatamos a existência de reconhecimento e gratidão pelos esforços dos pais no trabalho desempenhado no Japão, principalmente pela falta da manutenção dos contatos e ausência que enfraquece os vínculos afetivos. Para estes, a experiência imigratória é a marca da perda e da insegurança com relação ao retorno dos pais.

Além disso, é importante pontuar que os dados indicaram que as experiências de separação e luto vivenciadas por essas famílias desde a 1^a. geração de imigrantes têm influência na experiência atual. Notamos que nas famílias da sra. Sakura e da sra. Kiku, marcadas por perdas e separações importantes desde a chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil, o estabelecimento e manutenção dos vínculos é uma dificuldade percebida na experiência dos netos.

Seus pais, os *dekasseguis*, não mantêm a lealdade, a reciprocidade e o reconhecimento dos cuidados oferecidos pelas avós (suas mães), estabelecendo um vínculo distanciado e afrouxado com seus filhos e com a família que permanece no Brasil. Estes, por sua vez, não têm certeza do retorno de seus pais e nem mesmo quando isso poderá ocorrer. Notamos a presença de sinais de insegurança e contatos afetivos distanciados nos membros de tais famílias marcadas por fortes desligamentos ocasionados pela imigração.

Ao contrário, na família principalmente do sr. Sr. Momiji:, nas quais existe a manutenção e a certeza dos vínculos afetivos dos pais (*dekasseguis*), o cuidado proporcionado pelos avós pode assegurar o sentimento de reconhecimento e gratidão aos

pais. Nesses casos, os filhos podem reconhecer a emigração dos pais como sacrifício, além da certeza e segurança em relação ao seu retorno.

CAPÍTULO 9: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados encontrados na análise das entrevistas realizadas nesse trabalho, pudemos constatar a estrutura e alguns padrões de interação familiar presentes nas famílias *nikkeys*. Além desse aspecto que diz respeito ao funcionamento do sistema familiar, os dados apontaram também algumas características passíveis de uma análise das condições históricas a respeito de alguns processos envolvendo as famílias nipo-brasileiras nesse processo migratório.

Iniciaremos nossas considerações com algumas reflexões do ponto de vista histórico, finalizando com as constatações a respeito da estrutura e funcionamento das famílias entrevistadas, partindo de uma ótica na qual compreendemos que as características e influências culturais e étnicas fornecem símbolos, narrativas e modelos de realidade que influenciam na constituição familiar e pessoal, num processo de co-construção da realidade, através de lentes com as quais podemos significar e interpretar a realidade. (Laird, 2003 e McGoldrick, 2003).

Constatamos que as características étnicas e culturais são pontos relevantes para a compreensão das famílias nipo-brasileiras, pois pudemos encontrar diversas características da família tradicional japonesa desenvolvidas no capítulo 3 desse trabalho.

Inicialmente, os dados apontaram que a emigração dos japoneses rumo ao Brasil teve um objetivo temporário, em busca de enriquecimento rápido. Esse dado corrobora as informações da literatura pesquisada, como nos demonstra Cardoso (1998), Handa (1987) e Hashimoto (1995).

Esse caráter temporário que caracterizou a imigração japonesa pode ser considerado um dos fatores responsáveis pelos contatos sociais limitados que encontramos na colônia

nipo-brasileira, que restringiam-se às associações culturais e principalmente entre os descendentes, como nos aponta Sluzki (1997, 2003). De acordo com o autor, devido ao caráter provisório não existe um esforço em reconstruir a rede social e o retorno é vivido de forma mítica, mais próximo do que realmente seria.

Pudemos observar essa característica nas famílias entrevistadas, principalmente pelo fato de que em seu percurso de vida, todas seguiram um caminho semelhante ao apontado por Handa (1987): inicialmente foram enviadas para a lavoura cafeeira no interior do estado de São Paulo, habitaram núcleos de colonização japonesa e colaboraram para a expansão do interior do estado, principalmente nas regiões Noroeste, Sorocabana e da Alta Paulista. A vida dessas famílias tanto nos núcleos de colonização como na zona rural foram marcadas pela forte influência nipônica, pelo trabalho da família em prol do ganho financeiro e raros momentos de lazer e diversão.

Esse isolamento aliado ao caráter provisório da imigração japonesa favoreceu um modelo de educação baseado exclusivamente no modelo de educação nipônica, afinal, os imigrantes possuíam a perspectiva do retorno, e para isso, necessitavam educar e preparar seus filhos para a volta ao Japão.

A educação oferecida aos *nisseis* (filhos dos imigrantes japoneses) manteve a língua, costumes, valores e crenças da cultura nipônica conforme demonstram as falas dos avós entrevistados nesse trabalho. No cotidiano dessas famílias, a língua utilizada era exclusivamente a japonesa assim como os hábitos alimentares e tais informações confirmam os dados apresentados por Cardoso (1998), Handa (1987) e Vieira (1973).

Um outro aspecto da cultura nipônica preservada na educação aos *nikkeys* diz respeito à obediência e respeito à hierarquia, características essenciais da educação japonesa, levando em consideração as contribuições de Benedict (1972), Beillevaire (1998)

e Cardoso (1998). Encontramos nessas famílias o papel de autoridade exercido pelos pais e a postura de aceitação dessa posição assumida pela esposa e pelos filhos nessa hierarquia. Nesse sentido, constatamos que em todas as famílias entrevistadas, os pais eram figuras incontestáveis e os avós entrevistados demonstraram que, enquanto filhos, não contestavam nem questionavam as decisões de seus pais, demonstrando uma certa naturalidade diante dessas situações. Isso pode ser verificado através dos casamentos, caracterizados pelo sistema de *miai*, respeitando a escolha realizada pelo pai. Todos os entrevistados casaram-se nesse sistema e não apresentaram nenhum tipo de questionamento a esse respeito.

Com relação ao trabalho, esse era realizado pela família inteira e o grupo funcionava como uma célula produtiva conforme o modelo familiar japonês. Cardoso (1998) aponta que essa característica do trabalho no grupo familiar foi muito importante para que essas famílias atingissem um desenvolvimento econômico num curto espaço de tempo, principalmente se comparado aos outros grupos imigrantes. Isso ocorreu devido às características de empenho no trabalho com a colaboração de toda a família aliado ao hábito de manter-se com um baixo custo de vida. Todos os avós entrevistados relataram que iniciaram a vida no trabalho durante a infância, buscando colaborar com a família e sua perpetuação enquanto um grupo corporativo, trabalhando todos os dias, inclusive nos finais de semana.

Como o empenho no trabalho era o principal objetivo das famílias, a análise do material pesquisado aponta que os avós entrevistados não apresentam um alto grau de escolaridade. Ao contrário, com exceção da sra. Tsubaki que concluiu a 4ª. série, os demais avós nem chegaram a atingir esse nível de escolaridade. Todas as famílias entrevistadas têm origem rural, o que dificultava o acesso à escola, porém, o principal motivo que justifica

esse nível escolar refere-se ao trabalho e ao auxílio nas tarefas domésticas, principalmente no caso das mulheres. Com base nesses dados, podemos afirmar que o principal objetivo dessas famílias era o acúmulo financeiro para o retorno ao seu país de origem. Para isso, seus filhos foram educados na língua japonesa e a educação brasileira não era considerada prioritária.

Essa decisão em abandonar os estudos sempre foi feita pela figura paterna, e apesar de não verificarmos o questionamento dos avós em relação a essa decisão de seus pais, verificamos que todos apresentaram preocupação com relação aos estudos dos filhos e atualmente, dos netos, e isso pode ser claramente observado no fato de que todos os seus filhos atingiram um grau de escolaridade mais elevado do que o de seus pais, e esses avós demonstram o mesmo para os seus netos. Constatamos que segundo Cardoso (1998), essa geração de *nisseis* valorizava o estudo dos filhos para que houvesse uma maior mobilidade social.

De acordo com os dados colhidos nessa pesquisa, concordamos com Handa (1987) e Saito (1985) no que diz respeito à assimilação e aculturação da colônia japonesa no Brasil, considerada a mais demorada, se comparada aos demais grupos migratórios como os italianos e espanhóis. Isso ocorreu principalmente pelo isolamento dessa população aos núcleos de colonização étnicos e principalmente pelo caráter provisório da imigração japonesa. Pudemos perceber no contato com essas famílias que ainda hoje os avós apresentam fortes traços étnicos, como a língua, os costumes, os hábitos alimentares e o pequeno acesso a lazer e outras atividades sociais.

Esses avós, considerados *nisseis*, educaram seu filhos, que atualmente trabalham no Japão como *dekasseguis*, seguindo esse modelo de educação japonesa acrescido de algumas modificações resultantes do maior contato dos filhos com a sociedade local. A

assimilação da cultura brasileira proporcionou algumas reatualizações no sistema familiar, como por exemplo, com relação aos hábitos alimentares e da língua. Embora os avós tenham sido educados no sistema japonês e tenham transmitido esse mesmo sistema aos seus filhos, incorporaram hábitos da alimentação brasileira como o arroz e o feijão e utilizam termos da língua portuguesa mesclados a um forte sotaque japonês, dificultando a compreensão em alguns casos.

Com isso, a questão da identidade dos *nikkeys* se faz presente. Concordamos com a posição adotada por Sasaki (1998 e 1999) na qual o nipo-brasileiro ainda é considerado, no Brasil, como um japonês, tanto que os termos utilizados para referir-se aos indivíduos descendentes ainda não é o “brasileiro”. Apesar de avós e netos expressarem em suas falas o sentimento de pertencimento ao Brasil, esse processo de assimilação e aculturação ainda não parecer ter sido finalizado e o *nikkey* ainda é considerado “japonês” na sociedade brasileira.

O processo migratório pode ser compreendido como uma situação de *estresse* que afeta todo o sistema familiar e exige a alteração de funções devido à crise acarretada pela migração que provoca sofrimentos, perdas e o desenraizamento que diz respeito a perdas do *status* social, bens culturais e etnia, aspectos responsáveis pela constituição da identidade. (Mock, 2003)

Concordamos com essa posição e o material analisado nesse trabalho demonstra que esse processo de *estresse* familiar tem sido vivido desde a 1^a. geração das famílias entrevistadas, isto é, desde a chegada dos imigrantes japoneses ao Brasil que viveram a perda dos referenciais identitários japoneses e construíram suas famílias no Brasil através de reorganizações do sistema familiar, necessários para uma reordenação do sistema, em busca de adaptação e equilíbrio.

Portanto, através do resumo da história de vida dessas famílias, tivemos acesso ao material que nos apontou para o contexto pré-migratório da emigração do Japão, e nesse contexto, alguns dados apontam que naquelas famílias nas quais a saída do Japão ocasionou um elevado grau de ruptura e sofrimento, todo o sistema familiar viveu o risco da perda de referenciais que dificultou o processo de reorganização e adaptação familiar.

Além disso, percebemos que na situação de emigração atual, na qual os netos permanecem no Brasil aos cuidados dos avós, o sistema familiar tem vivido um processo de alterações de funções devido à perda das figuras parentais. Segundo Minuchin (1982), a reorganização necessária ao sistema nesse contexto tem ocorrido de maneira mais tranqüila quando as fronteiras do sistema familiar apresentam-se firmes mas flexíveis, facilitando a readaptação sem colocar o sistema em risco. Portanto, naquelas famílias onde os avós puderam ocupar o lugar esvaziado deixado pelos pais esse processo de reorganização envolveu um nível mais tolerável de *estresse* e sofrimento possibilitando que o sistema possa cumprir seu papel de socialização e proteção de seus membros de uma maneira menos traumática.

Com relação aos padrões de interação familiar aos quais tivemos acesso nesse trabalho, pudemos perceber a importância do passado na configuração familiar atual. A transmissão e a repetição de padrões interacionais nessas famílias nos levaram a perceber a importância dos débitos passados nas pautas de interação atuais que nos remetem aos padrões interacionais desenvolvidos pelas gerações anteriores.(Bozormenyi-Nagi e Spark, 1973)

Nesse sentido, concordamos com as contribuições de Cerveny (2000) relacionadas a importância dos padrões comunicacionais no sistema familiar, responsável pelo código comunicacional existente no sistema familiar compartilhado pelos seus membros e

transmitidos intergeracionalmente. Nesse padrão interacional percebemos a transmissão e a repetição dos códigos, significados e modelos interacionais presentes na família e fortemente influenciado pelos padrões de cultura japonesa do não-dito. Além disso, consideramos esse padrão interacional responsável pela transmissão e manutenção de outros aspectos da vida familiar, como a crença e a expressão da afetividade.

Um outro aspecto do modelo interacional que surgiu nas famílias entrevistadas diz respeito às crenças familiares nesse contexto estudado. Ficou clara a existência de um sistema de crenças e expectativas sistematizado e compartilhado pelo grupo familiar que, transmitido intergeracionalmente, tem desempenhado o papel de fortalecimento dos vínculos familiares fragilizados devido à experiência migratória. Portanto, a crença na prosperidade familiar e no trabalho tem sido compartilhada, transmitida e repetida desde a geração dos imigrantes japoneses até a atual geração dos *dekasseguis*, que partiu para o Japão compartilhando da mesma crença com a qual seus avós chegaram ao Brasil, apesar da diversidade do contexto atual.

Além disso, notamos a presença dessas mesmas crenças na geração dos filhos dos *dekasseguis*, que revelaram através de suas falas a importância assumida pela prosperidade em suas vidas, a ponto de expressarem a expectativa abandonar seu país de origem e estudos rumo ao Japão caso não encontrem no Brasil condições financeiras satisfatórias.

Com relação ao padrão de afetividade apresentado pelas famílias apresentadas, notamos a forte influência cultural nesse padrão desenvolvido. Na cultura nipônica, o padrão de afetividade não é centralizado em expressões afetivas como carinho, acolhimento e verbalizações, por exemplo. Embora esse padrão também seja considerado uma transmissão intergeracional, notamos um descompasso entre o modelo afetivo presente nas avós e nos netos que parecem demonstrar uma necessidade em estabelecer um tipo de

afetividade mais próximo ao padrão brasileiro. Apenas a família do sr. Sr. Momiji: apresentou um modelo de expressão afetiva mais próximo desse citado anteriormente e notamos a importância dessa afetividade no que diz respeito à constituição da segurança, do pertencimento e na existência de projetos de futuro mais nítidos nos netos, principalmente quando existe a expressão afetiva e de cuidado também dos pais através de contatos periódicos com a família no Brasil.

O modelo de hierarquia presente nessas famílias é outro aspecto da vida familiar relacionado à cultura japonesa e encontramos a forte presença do modelo de família hierarquizada e organizada em torno da autoridade dos mais velhos. Talvez devido a esse aspecto cultural de hierarquia e respeito às posições ocupadas na família não existe por parte dos netos uma maior exigência por afeto tanto para os pais como para os avós. Notamos que nesse aspecto ainda prevalece o modelo hierárquico japonês (Beillevaire, 1998 e Benedict, 1973) e mesmo nos netos, não verificamos a existência de expressões afetivas mais consistentes do ponto de vista dos padrões brasileiros. Parece que a obediência e o respeito à hierarquia ainda prevalece mesmo na geração dos filhos dos *dekaseguis*.

Por fim, temos a presença das lealdades nas famílias entrevistadas que surgiram como um importante aspecto nesse padrão interacional verificado nas famílias nipo-brasileiras. (Bozormenyi-Nagi e Spark, 1973 e Cerveny, 2000). A presença dos mandatos familiares ficou evidente nas famílias entrevistadas e esse fato surgiu relacionado às crenças familiares, que entendemos como mandatos que, transmitidos intergeracionalmente, vem sendo cumprido pelos *dekasseguis* que buscam cumprir através do trabalho no Japão, o mandato de prosperidade familiar delegado pelo sistema familiar como forma de lealdade ao seu passado.

Pensamos na emigração ao Japão como uma forma de mandato devido ao seu caráter de reciprocidade familiar encontrada em todas as entrevistas realizadas. Todo o sistema vem vivendo o sacrifício imposto pela emigração (separação, rompimentos e sofrimentos) num movimento de reciprocidade, no qual não percebemos formas claras de boicote ou mesmo de revolta diante de todo o sofrimento ocasionado pela emigração de parte da família. Ao contrário, temos a sensação de que toda a família tem se empenhado nesse sacrifício e isso só ocorre devido à sua carga de benefícios em forma do saldo dessa dívida com a geração passada, que a despeito de todo o sofrimento vivido em função da imigração, pôde realizar parte de seus objetivos: o de enriquecimento no Brasil.

Ficou evidente que naquelas famílias nas quais avós e netos reconhecem o sacrifício realizado pelos pais no Japão, o abandono e o sofrimento causado pela separação podem ser relativizados diante da gratidão pelo cumprimento do mandato familiar de prosperidade. Dessa forma, a crença na lealdade pode fortalecer o sistema familiar através do estabelecimento de alianças e reciprocidade para que esse mandato seja cumprido.

Do contrário, quando não existe a presença desse reconhecimento, notamos que a emigração é vivida de maneira mais sofrida, centralizando-se na perda e como uma sobrecarga no sistema familiar, sendo percebido como um peso maior para os avós se comparado com a situação anteriormente descrita.

Além disso, o tipo de experiência migratória experienciada pela família desde a chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil também demonstrou sua importância na experiência atual. As famílias marcadas por processos de fortes separações e lutos apreciam apresentar maiores dificuldades no estabelecimento e na manutenção dos vínculos entre pais, filhos e avós. Ou seja, esse dado nos aponta a importância do caráter intergeracional

nas famílias que vivem a imigração, principalmente nessas famílias pesquisadas, nas quais a imigração surgiu há pelo menos 2 gerações.

Pensamos ser importante apontar uma outra peculiaridade encontrada nesse estudo com relação ao desenvolvimento das entrevistas. Num primeiro momento, essa pesquisa foi projetada com entrevistas em todas as gerações, incluindo os pais que residem atualmente no Japão. Porém, quando tentamos viabilizar esse contato, nos deparamos com algumas dificuldades que impossibilitaram esse acesso. Inicialmente, o projeto consistia numa viagem da pesquisadora ao Japão para realizar as entrevistas com os pais (os *dekasseguis*). Porém, através de contatos prévios com pessoas conhecidas que trabalham atualmente no Japão, nos deparamos com o cotidiano desses trabalhadores no que cumprem pesadas cargas de horário no trabalho, restando um tempo muito limitado para dedicar-se às demais tarefas cotidianas e deparei-me com falas nas quais percebemos que os pais poderiam não atender à solicitação de uma entrevista devido ao tempo que a mesma demandaria.

Como tínhamos um tempo relativamente curto para a realização dessas entrevistas, pensamos na viabilidade dessas entrevistas através de contato através da internet. Porém, nesse sentido, deparamos-nos com outra dificuldade que diz respeito ao contato estabelecido entre a família que permanece no Brasil e os pais no Japão. Uma das famílias não possuía o endereço virtual do pai e outras duas deixaram-nos em dúvida quanto à não autorização dos pais em fornecer o seu endereço virtual ou à falta de disponibilidade do filho para o mesmo, afinal, apenas eles têm acesso ao contato via internet com os pais. Diante dessa situação realizamos as entrevistas com os avós e com os netos e a impossibilidade de contato com os pais nos deixa questões em aberto, principalmente com relação à sua experiência no que tange a essas questões familiares pesquisadas.

Além disso, no contato inicial com famílias no município de Bastos/SP, encontramos dificuldades na aceitação das mesmas em participar da pesquisa e essa negação do pedido foi justificada pela realização de outras pesquisas e/ou reportagens na imprensa falada e escrita que gerou uma sensação de desconforto e talvez de invasão nessas famílias.

Dessa forma, realizamos a pesquisa de forma a preservar ao máximo possível a identidade dessas famílias, explicitando meus agradecimentos àquelas que disponibilizaram-se a participar das entrevistas apesar das características de privacidade e discrição tão característicos na cultura nipônica.

Para finalizar, gostaríamos de apontar a importância e a necessidade de um trabalho voltado a essas famílias de *dekaseguis*, principalmente naquelas nas quais percebemos a existência de filhos. Talvez as associações nipo-brasileiras pudessem perceber o sofrimento experienciado por tais famílias e seus netos, que vivem durante anos distantes de seus pais, muitas vezes sem uma segurança de seu retorno e, portanto, de suas perspectivas de futuro. Possivelmente uma atenção voltada a tais famílias poderia minimizar a dor vivida isoladamente por cada uma delas, afinal, muitas são as famílias que compartilham do mesmo sofrimento.

10. REFERÊNCIAS

BEILLEVAIRE, Patrick. O Japão, uma sociedade do lar. In: BURGUIÈRE, André, KLAPISCH-ZUBER, Christiane, SEGALEN, Martine e ZONABEND, Françoise. (orgs.) *História da família*.v. 2 Lisboa, Terramar, 1997.

BEILLEVAIRE, Patrick. A família, instrumento e modelo da nação japonesa. In: BURGUIÈRE, André, KLAPISCH-ZUBER, Christiane, SEGALEN, Martine e ZONABEND, Françoise. (orgs.) *História da família*.v. 3 Lisboa, Terramar, 1998.

BENEDICT, Ruth. *O crisântemo e a espada*. SP: Perspectiva, 1972.

BOWLBY, John. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOSZORMENYI-NAGY, Ivan y SPARK, Geraldine M. Spark. *Lealtades invisibles*. Buenos Aires: Amorrortu, 1983.

BURGUIÈRE, André, KLAPISCH-ZUBER, Christiane, SEGALEN, Martine e ZONABEND, Françoise. (orgs.) *História da família*.v. 2 Lisboa, Terramar, 1997.

_____ *História da família*. v. 3. Lisboa, Terramar, 1998.

CARDOSO, Ruth. Corrêa Leite. *Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo: Kaleidos – Primus Consultoria e Comunicação Integrada S/C, 1998.

CARIGNATO, T.T., ROSA, M.D. e PACHECO FILHO, Raul Albino. (orgs.) *Psicanálise, cultura e migração*. São Paulo: YM Editora, 2002.

CARTER, Betty e McGOLDRICK, Mônica. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. *A família como modelo – desconstruindo a patologia*. Campinas: Editora Livro Pleno, 2000.

_____ Lealdade familiar: um modelo transmitido? In: PAIVA, Luiz Miller et al. *Séculos XX e XXI: o que permanece e o que se transforma*. São Paulo: Editora Lemos, 1996.

DENZIN, N. K. & LINCOLN, Y. S. Entering the field of Qualitative Reserch. In: *Handbook of Qualitative Research*. California: Sage Pubications, 1994.

FONTANA, A. & FREY J. H. Interviewing: the art of science. In: *Handbook of Qualitative Research*. Callifornia: Sage Publications, 1994.

GALIMBERTTI, Percy. *O caminho que o dekassegui sonhou: cultura e subjetividade no movimento dekassegui*. São Paulo: EDUC/FAPESP, Londrina: Ed. UEL, 2002.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo Brasileiros, 1987.

HASHIMOTO, Francisco. *Sol nascente no Brasil: cultura e mentalidade*. São Paulo: HVF Arte e Cultura, 1995.

_____ *Ventos de outono: uma fenomenologia da maturidade*. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

JORNAL NIPO-BRASIL. *A terceira maior comunidade*. International Press. Edição de 6 a 12 de junho de 2007.

KAWAMURA, Lili. *Para onde vão os brasileiros? – imigrantes brasileiros no Japão*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

KVALE, S.. *InterViews: an introduction to qualitative research interviewing*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1996.

KITAGAWA, Kiyoe. Palestra proferida no Simpósio Comemorativo do 5º. aniversário do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior – CIATE. In: “*Dekassegui*”- 10 anos de história e suas perspectivas futuras. São Paulo: CIATE e Centro de Estabilização de Emprego nas Indústrias, 1998.

KROM, Marilene. *Família e mitos: prevenção e terapia: resgatando histórias*. São Paulo: Summus, 2000.

LAIRD, Joan. Teorizando a cultura: idéias narrativas e princípios da prática clínica. In: MCGOLDRICK, Mônica (ed.). *Novas abordagens em terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca, 2003.

MCGOLDRICK, Mônica (ed.). *Novas abordagens em terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca, 2003.

MIZUKAMI, Mário. Palestra proferida no Simpósio Comemorativo do 5º. aniversário do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior – CIATE. In: “*Dekassegui*”- 10 anos de história e suas perspectivas futuras. São Paulo: CIATE e Centro de Estabilização de Emprego nas Indústrias, 1998.

MIURA, Irene Kazumi. *Dekasseguis: relatos de identidade a partir da experiência de trabalho no Japão*. Dissertação de Mestrado. Área de Concentração em Psicologia Social. Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, 1997.

MINUCHIN, Salvador. *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MOCK, Matthew R. Reflexões clínicas sobre famílias refugiadas: transformando crises em oportunidades. In: McGOLDRICK, Mônica (ed.). *Novas abordagens em terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca, 2003.

MORAES, Fernando. *Corações sujos*. SP: Companhia das Letras, 2000.

MORIYA, Renato Mikio. *Fenômeno de kassegui: um olhar sobre os adolescentes que ficaram*. Londrina: CEFIL, 2000.

NAKAGAWA, Décio. Palestra proferida no Simpósio Comemorativo do 5º. aniversário do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior – CIATE. In: “*Dekassegui*”- 10 anos de história e suas perspectivas futuras. São Paulo: CIATE e Centro de Estabilização de Emprego nas Indústrias, 1998.

NAKAGAWA, Kyoko Yanagida. *Crianças envolvidas no movimento de kassegui*. Dissertação de Mestrado. Área de Concentração em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2001

NINOMIYA, Masato. (org.) *Dekassegui: palestras e exposições sobre o fenômeno chamado de kassegui*. São Paulo: Estação Liberdade: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992
_____ *O futuro da comunidade nikkey*. São Paulo: Mania de Livro, 1996.

_____ “*Dekassegui*”- 10 anos de história e suas perspectivas futuras. Simpósio Comemorativo do 5º. aniversário do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior – CIATE. São Paulo: CIATE e Centro de Estabilização de Emprego nas Indústrias, 1998.

NOGUEIRA, Arlindo Rocha. *Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil*. SP: Centro de Estudos Nipo Brasileiros: Massao Ohno Editor, 1984.

NOVAIS, Fernando A.(coord.) *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. vol. 3.

_____. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. vol. 4.

OKAMOTO, Mary Yoko. *Imigração: vivências de rupturas e reconstrução de redes na experiência japonesa*. Dissertação de Mestrado. Área de Concentração em Psicologia e Sociedade. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2001.

OLIVEIRA, Adriana Capuano. Repensando a identidade dentro da emigração. In: *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

PACCOLA, Marilene Krom. *Leitura e diferenciação do mito*. São Paulo: Summus, 1994.

PAIVA, Luiz Miller et al. *Séculos XX e XXI: o que permanece e o que se transforma*. São Paulo: Editora Lemos, 1996.

REIS, Rossana Rocha e SALES, Teresa. (orgs). *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

SAITO, Hiroshi. *A corrente imigratória japonesa para o Brasil*. *Jornal do Imigrante*, maio, 1982.

SAITO, Júlia Kubo. *Fatores de proteção e de risco no processo de adaptação dos trabalhadores nipo-brasileiros ao Japão*. Dissertação de Mestrado. Área de Concentração em Psicologia Clínica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

SAKURAI, Célia. *Imigração tutelada: os japoneses no Brasil*. Tese de doutorado, Área de Concentração em Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2000.

SASAKI, Elisa Massae. *O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento dekassegui*. Dissertação de Mestrado. Área de Concentração em Sociologia. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 1998.

_____. Movimento *dekassegui*: a experiência migratória e identitária dos brasileiros descendentes de japoneses no Japão. In: *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

SETOGUTI, R. *A escolarização entre descendentes de japoneses no Brasil: pontos para uma reflexão*. Marília, 1999. 217 p. Tese. (Doutorado em Educação, Área de concentração: Ensino da Educação Brasileira.) Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista.

SHIRAI, Shintaro. Palestra proferida no Simpósio Comemorativo do 5º. aniversário do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior – CIATE. In: “*Dekassegui*”- 10 anos de história e suas perspectivas futuras. São Paulo: CIATE e Centro de Estabilização de Emprego nas Indústrias, 1998.

SLUZKI, Carlos E. *A rede social na prática sistêmica: alternativas terapêuticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

_____. A migração e o rompimento da rede social. In: MCGOLDRICK, Mônica (ed.). *Novas abordagens em terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca, 2003.

VIEIRA, Francisca Isabel Schurig. *O japonês na frente de expansão paulista: o processo de absorção do japonês em Marília*. São Paulo: Pioneira: Ed. da USP, 1973.

YAMAMOTO, Noriko. O futuro do sistema organizacional de emprego entre o Japão e o Brasil. In: “*Dekassegui*”- 10 anos de história e suas perspectivas futuras. Simpósio Comemorativo do 5º. aniversário do Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior – CIATE. São Paulo: CIATE e Centro de Estabilização de Emprego nas Indústrias, 1998.

YOSHIOKA, Reimei. *Por que imigramos do e para o Japão*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1995.

_____ e SAM, Silvio. *Dekassegui: com os pés no chão...no Japão*. São Paulo: Ysayama Editora, 1999.

WATZLAWICK, P., WEAKLAND, J. & JACKSON, D. *Pragmática da comunicação humana*. São Paulo: Cultrix, 1973.

ANEXOS

ANEXO I

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do estudo: *Dekassegui* e família: encontros e desencontros.

Declaro que os objetivos e detalhes desse estudo foram-me completamente explicados, conforme seu texto descritivo. Entendo que não sou obrigado a participar do estudo e que posso descontinuar minha participação, a qualquer momento, sem ser em nada prejudicado. Meu nome não será utilizado nos documentos pertencentes a este estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida. Desse modo, concordo em participar do estudo e cooperar com o pesquisador.

Nome do pesquisado:

Nome:

RG:

Data: ___/___/20__.

Assinatura:

Testemunha:

Nome:

RG:

Data: ___/___/20__.

Assinatura:

Pesquisador:

Nome:

RG:

Data: ___/___/20__.

Assinatura:

ANEXO II

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Para o avós.

- Quais os motivos que levaram o casal a decidir-se migrar para o Japão?
- Como essa decisão foi tomada?
- Quais eram as expectativas que a família possuía na época?
- O que pensam, hoje, sobre essa escolha?
- Como vocês vêem a possibilidade de retorno?
- E com relação aos filhos, como analisam essa decisão tomada pela família?
- Será que valeu a pena?

2. Para os netos.

- O que você pensa sobre a viagem (emigração) de seus pais?
- Como mantém contato com seus pais?
- Como é para você, viver com seus avós?
- Quais são as atividades que realiza, fora a escola?
- O que deseja para o seu futuro?
- Você sente falta de algo? O quê?

ANEXO III

Entrevista 1 – Sra. Tsubaki.

Pergunto a respeito do neto e a sra. Tsubaki inicia a fala descrevendo a família da nora, mãe de Kazê.

Sra. Tsubaki: O pai dela (da nora) é mestiço, a mãe japonesa com pai baiano, né.

Mary: E a senhora tem quantos filhos?

Sra. Tsubaki: Eu, tinha 4 né, o ano passado perdi a filha mais velha de acidente.

Mary: De carro, aqui no Brasil?

Sra. Tsubaki: É, ela tava trabalhando no Japão, mas viu que era melhor trabalhar aqui para depois aposentar receber aposentadoria porque lá não sei, mas acho que não dá para receber então ela voltou do Japão. Morava em São Paulo e trabalha no banco do Mogi, mais para lá do Mogi, trabalhava no banco, tava feito transferência pra centro de São Paulo, era para ser transferida daqui a pouco, mas antes de ser transferida... ela ia de ônibus, esse dia tinha carona, então já que eu vou até Mogi vamos juntos.. mas pegou essa carona e aí bateu o carro, eu não fui ver né, não dá porque marido já morreu aí não dá né, então eu fiquei aqui né pedi para trazer o corpo aqui e enterrou aqui.

Mary: Enterrou aqui?

Sra. Tsubaki: Sim

Mary: Quantos anos ela tinha?

Sra. Tsubaki: 41. Tinha 4 filhos, né, 2 filhas e 2 filhos, mas perdi um, agora ta com três. Uma filha tá no Japão com 2 filhos, então um aqui e três netos.

Mary: A senhora tem três netos?

Sra. Tsubaki: É.

Mary: Um está aqui com a senhora e dois estão no Japão?

Sra. Tsubaki: É da filha né, a filha foi lá, falou que ia só um ano trabalhar, e voltava para cuidar daqui, mas foi e ficou sem voltar e nunca voltou.

Mary: Há quanto tempo ela tá lá?

Sra. Tsubaki: Já tá com 17 anos, tem filha de doze anos e só fala japonês

Mary: Só fala japonês, os dois filhos dela?

Sra. Tsubaki: É um filho e uma filha né

Mary: Então os dois só falam japonês?

Sra. Tsubaki: Só fala japonês né, estuda lá no Japão. Disse que vai na aula português uma vez por semana mas disse que não aprende né, na casa e na escola só japonês né, manda na escola de português mas disse que quase não fala...

Mary: Eles nasceram no Japão?

Sra. Tsubaki: Sim

Mary: A senhora conhece?

S: Não, depois que eu voltei que se conheceram e casaram, quando meu marido ficou daquele jeito não dá para ir mais...

Mary: Que ele teve, o marido da senhora...

Sra. Tsubaki: Então ele tava podando árvore caiu, quando fica velha não pode mais subir né, eu falei tem que ser algum profissional para podar né, mas ele teimoso, né, não quer ouvir o que fala, não sei como caiu porque eu não tava perto né, caiu e bateu aqui e o que o médico fala, é.. tomou pancada aqui então o nervo que manda para cá arrebentou e não manda mais para cá, a direita que...bom anda, anda mas aqui não mexe bem, bom primeiro não mexia nem um pouco aqui para cá, né, aí eu pensei: a vida inteira assim na cama, que triste, mas com fisioterapia começou a andar, hoje tá na fisioterapia , hoje é dia de fisioterapia.Uma vez por semana vem buscar ele e depois trás.

Mary: Então esses dois netos da senhora moram no Japão, só falam japonês, os dois...

Sra. Tsubaki: Só falam japonês os dois, tenho que ver, mas ela também com dois filhos vir aqui tá difícil...

Mary: O marido dela, a senhora conhece?

Sra. Tsubaki: Não, também não.

Mary: Ele é brasileiro?

Sra. Tsubaki: É de São Paulo, nasceu no Brasil, mas o pai é dupla nacionalidade. Eu nunca vi né?

Mary: Esse neto que mora com a senhora como é o nome dele?

Sra. Tsubaki: Kazê

Mary: Quanto tempo ele mora com a senhora?

Sra. Tsubaki: Seis anos já, hoje ele foi lá no na avó da parte da mãe, lá no Esmeralda, perto, da parte da mãe. É sempre bom né, eu também sempre ia à casa da mãe né. Agora, eu sou

mais brava, né, eu falo para o bem dele porque ficar do jeito que ele tava não pode né, olha faz tarefa, lá era largado né?

Mary: Ele obedece à senhora?

Sra. Tsubaki: Bom, nasceu aqui, mas cresceu com os pais lá no Japão. Eu falei para mandar na creche, e é bom, mas não quis mandar ficou com o pai, a mãe trabalha de dia, aí a mãe volta, o meu filho vai à noite. Então é assim, deixou muito mimado, deixa fazer tudo o que ele quer, quando voltou era difícil viu.

Mary: Ele tinha seis anos quando voltou?

Sra. Tsubaki: Sete anos

Mary: Ele nasceu no Japão?

Sra. Tsubaki: Nasceu aqui, deixou a mulher e foi, né? Depois que nasceu, depois de um ano levou o neném, ela também foi. Nesse tempo ficou sem trabalhar né, tinha que cuidar, depois arrumou emprego a mãe trabalha de dia, meu filho volta, fica com ele, deixa muito mimado.

Mary: E como foi para a senhora ter que cuidar do neto aqui sem os pais?

Sra. Tsubaki: No começo ficou lá sempre na casa da outra avó, faltava muito na aula. Então, fiz questão dele voltar aqui, sua casa é aqui tem que vir aqui, eu falei. No fim ele voltou aqui, primeiro morava em Iacri, se ficar aqui perto, dá para ir a pé não precisa gastar gasolina, meu pai manda dinheiro, era assim né? O tio dele que trazia ele, levava para Iacri de vez em quando posava aqui, eu também tenho que trabalhar e você morando aqui e não precisava gastar gasolina. Meu pai manda dinheiro ele falava assim. Seu pai manda dinheiro não só para você e gasolina. Nem tinha acabado aqui e já vim morar aqui, ainda tem que acabar essa casa, tem que gastar ainda, tinta, não acabou de pintar tem que pagar pintor, seu pai tem que trabalhar para mandar isso, não para comprar gasolina para você ir para... igual, ele gosta de Iacri, no fim ele entendeu e veio morar aqui e no final de semana volta para Iacri. Agora mudou para Bastos né, e agora pode ir de bicicleta, agora eu nem tenho mais carro.

Mary: E por que o filho da senhora decidiu ir para o Japão?

Sra. Tsubaki: Trabalha no granja, no escritório, mas ele ganhava bem, mas, mas acho que era melhor ir para o Japão, comprar carro né, não carro ele já tinha, só que não era carro bom, então decidiu ir e foi quando era solteiro, ainda naquele tempo, eu fui de primeiro.

Mary: A senhora foi também para o Japão?

Sra. Tsubaki: É, eu fui, aí veio minha filha, a caçula e filha mais velha, nós quatro no Japão, nesse tempo tinha soja, meu marido ficou com soja. Tem filho que mora em São Paulo, ele também queria ir, mas largar emprego aqui e depois voltar fica ruim, aí não teve coragem de largar o emprego daqui no banco, aí não foi e ainda continua sem ir.

Mary: E por que a senhora foi?

Sra. Tsubaki: Eu fui porque era bicho-da-seda né, era muito trabalho puxado né? Primeiro, marido queria ir, mas se marido ir eu não sei como tocar roça sozinha, aí eu vou primeiro para pagar dívida e depois vamos junto, combinou assim para ir junto e largar o sitio. Mas ele não teve coragem de ir, fiquei dois anos e meio lá e depois voltei porque..largado lá, né com soja velha, voltei para buscar o marido, mas ele não quis ir, não teve coragem

Mary: Ele não teve coragem de largar o sitio?

Sra. Tsubaki: É, aí ficou sem ir...

Mary: E a senhora ficou aqui então, voltou e ficou...

Sra. Tsubaki: Voltei e fiquei no sitio né, continuando bicho-da-seda né? Eu falei vamos, mas ele não teve coragem depois, a soja apareceu e ele tava podando ele sempre trepava em lugar alto...

Mary: A senhora teve que ficar para cuidar dele também..

Sra. Tsubaki: Pedi para filho voltar, filho casou levou o nenê, já tava para voltar, faltava pouco para voltar pra deixar o filho né, mas antes de acontecer isso eu liguei pra ele pedindo que ele voltasse para ver como ia fazer.

Mary: Ele já ia voltar para trazer o filho?

Sra. Tsubaki: Só para trazer o filho para ir para a escola, já era para voltar em dezembro, mas como aconteceu em agosto queria que ele voltasse logo, fim de outubro ele voltou.

Mary: A senhora queria que o filho da senhora voltasse?

Sra. Tsubaki: Voltasse para ver como é que fazer né?

Mary: Para ajudar a pensar?

Sra. Tsubaki: Aí voltou né, tinha casa aqui né, eu tenho um irmão. Aí, fiquei na casa do meu irmão, ficou internado 20 dias depois voltou.

Mary: Por que a senhora morava no sítio?

Sra. Tsubaki: Morava no sítio, mas ficando no sitio sozinha, não dá né? E fiquei na casa do meu irmão, aí filho gostou, e aqui tava alugado, alugou a casa e foi para o Japão, e queria reformar e começou a reformar né? Ainda não acabou, ainda não terminou, aí eu vim morar, pintou nosso quarto, e eu vim morar aqui tava pintando ainda.

Mary: Aí o neto ficou aqui com a senhora?

Sra. Tsubaki: É, ficou.

Mary: E por que eles resolveram trazer o filho para o Brasil, de volta?

Sra. Tsubaki: Porque ele não gosta de morar no Japão, além de ganhar bem ele gosta mais do Brasil e quer morar no Brasil, então para morar no Brasil, filho tem que educar no Brasil.

Mary: O filho da senhora quer voltar para o Brasil?

Sra. Tsubaki: Quer voltar esse ano. No fim do ano passado ele voltou, ficou até esse ano até abril, e se conseguisse algum trabalho aqui, ia ficar, mas como viu que não tem nada de bom para fazer e dinheiro cada vez vai acabando né, aí ele foi de novo. Não queria ir né, isso é natural né, que ficar com o filho né, é claro! Bom, consegui emprego lá e ta trabalhando né, mas ele quer morar no Brasil e filho tem que ser educado aqui, agora filha já desde começo ta mandando na escola de japonês.

Mary: Será que ela pretende voltar também?

Sra. Tsubaki: Não dá para voltar né, os filhos já não sabem português, também não tem nada de emprego também, o marido é lá de São Paulo e o pai tem oficina né, trabalho de oficina.

Mary: E como foi quando o Kazê voltou, ele aceitou voltar para o Brasil?

Sra. Tsubaki: Ele gostou.

Mary: Então ele gostou?

Sra. Tsubaki: Bom o pai tem que voltar para o Japão de novo, pode ir, pode ir, eu fico aqui, tava assim, mas quando voltou ficou muito triste e faltou muito na aula né, não tava comigo e eu não sabia direito, falou não, é não mesmo. Agora também é assim, mas melhorou um pouco...

Mary: Ele ficou muito triste quando o pai foi embora?

Sra. Tsubaki: Ah, ficou, né? Depois começou a vir amigos aqui, agora já, não tem nada ainda, não compra nada ainda, joga aqui suja as paredes, então sai fora, joga aí, mas eu

deixo brincar aqui né, porque senão deixar ninguém, os colega não vem né, o filho sai, os amigos dele vêm aqui. Agora ele sai na rua, não sei com quem brinca e eu não posso ir atrás dele, então, é melhor os amigos dele vir aqui. Sai na rua, né, começar a fumar, drogas, né? Prefiro que fica aqui, né, tem que voltar cedo, eu sempre falo.

Mary: Agora ele vai para a escola direitinho...

Sra. Tsubaki: Porque a mãe foi educada assim, os pais dela não davam muito valor na escola né. Quando voltou queria faltar, então mãe deixava. Eu dou bronca para minha filha, né? Só quando dá febre, aí não tem jeito, mas não tem nada e deixa faltar assim, acostuma e falta sempre, agora lá tem primo do Kazê né, falta sempre né.

Mary: A senhora fala o filho do tio que falta sempre?

Sra. Tsubaki: Filho da irmã, que também ta no Japão, tia do Kazê né.

MARY: A avó que cuida?

Sra. Tsubaki: É, já é grandão, não sei se formou, mas faltava muito, faltava e vinha aqui. Aí, um dia eu dei bronca, eu não tenho nada a ver com ele, mas por causa do Kazê né? Eu dei bronca se você não gosta de estudar, sai da escola, não precisa estudar sai da escola, só que a avó ainda morava no sitio, se você não gosta de estudar, sai da escola só que vai lá no sitio e ajuda a avó.

Mary: Então, a senhora tá falando do primo do Kazê?

Sra. Tsubaki: É, na escola. Aí eu dei bronca por causa que ele vendo os primos assim, ele também volta não é? Aí ele começou a falar que queria ir no estadual, porque aqui é muito puxado, e eu falo que não pode pagar, e eles estudando no estadual eles sempre ta faltando, então: ah, estadual pode faltar. Ele pensa assim, então ele queria mudar para estadual e começou a falar, não é? Mais eu ouvi dizer que na estadual os alunos na frente do professor tá trocando drogas, diz que é assim, mas um dia talvez aqui também vai ser assim não é? É perigoso!

Mary: A senhora fica muito preocupada com o Kazê?

Sra. Tsubaki: Ah, fica! Eu fico preocupada, esses dias teve festa, teve que fazer o aniversário do primo, aí ele saiu com um amigo mas... Volta logo! Eu falei, mas ficô até o fim e a noite inteira eu não posso mais esperar não é? Algum bandido pegar ele... Assim a gente pensa não é? Tá cheio de bandidos na rua assim, então eu disse: “volta cedo hein!”, ele ia voltar mais diz que encontrou com o primo lá e ficou até o fim.

Mary: Com o que a senhora fica preocupada?

Sra. Tsubaki: Preocupada com os bandidos pegarem ele, assaltar, levarem ele e depois pedir resgate. Aqui ainda não acontece isso, mais lá em São Paulo acontece isso muito não é?

Mary: A senhora fica muito preocupada...

Sra. Tsubaki: Fico sim!

Mary: Com a educação do Kazê?

Sra. Tsubaki: Porque... O meu filho tratou ele muito mimado assim, e eu tô brecando sempre agora.

Mary: Ta difícil?

Sra. Tsubaki: Não sei se tá certo isso, mais no meu tempo mudou, não foi igual no meu tempo. Mas então, morando aqui assim, não tem o que fazer além de estudar, no meu tempo eu mandava eles na roça quando voltava da escola, depois de fazer a tarefa ia ajudar na roça ou senão no rancho, eu mandava eles ajudar. Mas aqui na cidade não tem como trabalhar, já ta grandão assim, sem fazer nada... Acorda assim... pelo menos o seu quarto você limpa, eu falei. Eu falei pra ele e ele limpou o armário, falei: passa esse aqui, óleo de peroba. Mandei fazer isso, pelo menos nas férias você tem que limpar seu quarto!

Mary: E ele obedece?

Sra. Tsubaki: Sempre, de vez em quando ele passa pano aqui também, mas vem colega aí fica brincando com colega depois tem professor pra dar aula, assim inteira também não adianta, depois de ser assim. Meninos de hoje a maioria tem faxineira na casa, então não tem como ajudar mais eu acho, aqui não tem faxineira, por enquanto eu que faço, então eu queria que ajudasse pelo menos varrer a área assim não é? Mas ele não faz não, as coisas tão assim.

Mary: A senhora fica preocupada por que ta diferente criar filhos não é? Ta muito diferente da época da senhora não é?

Sra. Tsubaki: Então, ajudar a gente sempre acha que pode ajudar, mas não tem muito não é? Outro dia eu mesmo falei por causa que a mãe é professora, vai de manhã dar aula, a noite também dá aula, então: “Você limpa todo, passa a roupa, faz tudo!”. Eles ajudam você. Mas aí ele não quer passar!

Mary: Não quer nem saber!

Sra. Tsubaki: Mas, na verdade não tem muito tempo não é? Porque depois da aula tem aula de informática, mas agora não está estudando... é isso que eu to falando.

Mary: Ele não estuda muito?

Sra. Tsubaki: Mas não gosta!

Mary: E as notas dele como estão na escola?

Sra. Tsubaki: Então, ta na média, né... Mas...

Mary: Não é muito alta?

Sra. Tsubaki: Não! Então, estudar já ta bom, que nem, o primo dele já não estuda, nunca, vem aqui, mas traz o caderno, mas nunca foi... Vem aqui mais largou até...

Mary: Ta difícil não é? Por que as crianças estão diferentes não é?

Sra. Tsubaki: Se dá bronca, fala não dá, agora se deixar também não dá, então fica difícil não é? Mas o meu filho pede pra dar, mas não pode, eu falo para os meus filhos breçar um pouco, não pode deixar assim, não pode fazer assim...

Mary: E como é que ele, ele conversa com os pais? Tem contato com os pais? Como é que é?

Sra. Tsubaki: Sempre vem telefone de lá, aí ele fala um pouco.

Mary: Ele conversa pelo telefone com os pais?

Sra. Tsubaki: É! Outro dia leu carta da mãe, mas a gente perguntar, muitas coisas não conta tudo.

Mary: Por telefone ele conversa?

Sra. Tsubaki: Conversa! Por telefone. A mãe sempre liga, porque lá é barato não e? Será que não?

Mary: Não sei, porque eu nunca morei lá. E a senhora acha que ele sente falta do pai?

Sra. Tsubaki: Acho que sente viu.

Mary: Ele fala alguma coisa?

Sra. Tsubaki: Não, não fala nada, mas no coração acho que ele ta sentindo.

Mary: É? A senhora acha?

Sra. Tsubaki: É! Ih, meu pai não liga, ele fica falando. Mais seu pai ta trabalhando, a noite ta cansado não é, eu falo. Mas se liga ele tá conversando coisa de futebol, da copa, não sei o que... Tem que conversar de outras coisas.

Mary: Os pais ligam toda semana? Como é que é?

Sra. Tsubaki: Quase toda semana a mãe liga.

Mary: A mãe que liga mais!

Sra. Tsubaki: Liga mais! É o horário que ele volta da escola aí liga mais, tem vez que ele fica jogando bola e não ta na hora que ela liga, tem vez que é assim.

Mary: E o que a senhora pensa dos pais estarem lá e o filho aqui? O que a senhora pensa disso?

Sra. Tsubaki: Ah, eu acho que a melhor coisa é a família morar junto não é? Só que levar ele também não é bom, porque fica trabalhando e não fica com o filho não é? Tem que deixar largado lá, então porque a mãe e o pai ficam trabalhando e tem que ficar, fica largado mesmo. Ele ficando aqui ele tem colega bom, lá ele também tem colega, sempre vai ter colega, mas não tem quem cuida não é? Então, é melhor eu que não estou trabalhando ficar aqui e cuidar dele. Mas a melhor coisa é ficar junto, então eu sempre falo pros meus filhos: Trabalha, economiza bastante pra voltar logo, definitivo! Se não, vem aqui e gasta, vai pra lá denovo, volta, vai denovo, então nunca dá certo.

Mary: Ele ta conseguindo a senhora acha? Ele ta conseguindo juntar dinheiro? O filho?

Sra. Tsubaki: Como?

Mary: Ele tá conseguindo juntar dinheiro para voltar?

Sra. Tsubaki: Ah, não sei não! Porque a mãe do Kazê gasta demais!

Mary: Gasta bastante, tem que trabalhar mais não é?

Sra. Tsubaki: Gasta bastante, ela compra umas roupas que não precisa! Bom, pra ela fala que precisa, mais pra mim acho que não precisa, compra muita roupa, gasta muito.

Mary: E eles mandam o dinheiro pra senhora, pro Kazê?

Sra. Tsubaki: Manda na minha conta e eu pago...

Mary: A escola...

Sra. Tsubaki: É! A escola, as compras... E eu recebo a aposentadoria mais com isso pra mim falta não é? Sempre tem que ter ajuda dos filhos. O outro filho também manda.

Mary: E ai ele manda e a senhora então paga as coisas do Kazê não é?

Sra. Tsubaki: É! Quando ele tava aqui ele comprô muito roupa pra ele e eu não preciso gastar, na roupa não precisa, mas o sapato usa todo dia, estraga não é? Aí precisa comprar! Mas ele manda pra eu comprar! E como a mãe também trabalhava lá e tava com dinheiro abundante, comprou muito brinquedo assim que... ele não faz valor nos brinquedos, a

maioria faz. Muito brinquedo demais quando era pequeno! Agora compra caderno, rasga, joga fora, caneta também joga por aí...

Mary: Não cuida?

Sra. Tsubaki: Não usa com cuidado até o fim. Caderno também compra, usa um pouquinho, larga e já compra outro, daqueles de capa mais bonita assim, não liga e já quer comprar outro. Estoujo também, já veio lá do São José (ela refere-se à escola na qual o neto estuda) estojo, mais nunca quer esse.

Mary: Quer outro não é?

Sra. Tsubaki: Quer outro, é assim, muito gastador não é? Não usa com cuidado, bolsa também, comprou não gostou, joga e quer outra. É assim porque quando a mãe foi pro Japão comprou muito brinquedo pra ele, comprou demais aí ele não faz muito valor das coisas não é? Carrinho assim de controle, ele tem de todo tipo, e ele já jogou tudo.

Mary: É?

Sra. Tsubaki: É! Eu mandei ele...também, tem demais, eles pagam tudo, aí eu mandei ele dar um pouco.

Mary: Ele não dá valor a senhora acha?

Sra. Tsubaki: Não dá valor não, quando ela voltou e traz alguma coisa assim, em vez de agradecer a mãe que trouxe não é, do Japão? Em vez de agradecer, já ta cheio então não acha valor, então ficou bravo. Em vez de agradecer a mãe que trouxe o brinquedo tudo, ficou bravo com a mãe: eu não sou mais criança! Então, a mãe acha que o filho sempre foi criança, mas já ta crescendo assim, então trouxe alguma coisa de infância assim...

Mary: Ele não gostou?

Sra. Tsubaki: Eu não sou mais criança, ele falou. Em vez de agradecer não é? É assim porque muito cheio de brinquedo, brinquedos demais, caneta assim ela também mandava tudo demais não é? Então usa e já joga fora! E tem outras do Brasil que os colegas tinham...

Mary: Igual dos colegas...

Sra. Tsubaki: Tudo igual, do Japão tem mais valor mais ele não quer usar, não deu valor, quebra...

Mary: Ele prefere as coisas daqui igual dos colegas?

Sra. Tsubaki: Não sempre, mas tem demais então o que a mãe mandou já usa de qualquer jeito, derruba aí, quer outro.

Mary: E com isso assim a senhora fica preocupada também?

Sra. Tsubaki: É com isso assim eu fico preocupada também! “Isso aqui você guarda, que a mãe mandou, usa primeiro esse aqui, depois que acaba começa a usar!” Eu falo. Mas não, ele esparrama no meio tudo e o que a mãe mandou também logo quebra, porque não anda com cuidado e ele gasta muito, gastava, mas eu fiquei falando e hoje ele já melhorou, mais ainda...

Mary: A senhora acha que é por que ele sabe que o pai está trabalhando no Japão e ele acha que pode gastar bastante?

Sra. Tsubaki: É, ele acha que pode gastar. Outro dia também o que que ele falou? Ah, então, ele vai ficar na casa do outro avô, mais o avô tá desempregado agora e não recebe aposentadoria também, porque ele não tava pagando e não tava recebendo, então você não vai muito lá se não vai pesar no bolso do vô. “Aqui o meu pai manda não é?” Manda porque aqui você come, mais se você vai lá no vô, tomar chuveiro, a conta de água vai um pouco a mais, então não é bom ir sempre e ficar posando lá, pode ir, mais sua casa é aqui, tem que vir aqui. Vai, mais no passeio você vai. Ele falou que ela não reclama que ele vai. Claro que ela não reclama, ela gosta não é, de ver o neto lá! Mas acho que vai pesar no bolso porque tá desempregado, porque acho que a filha também mandava pra lá, só que acho que brigou.

Mary: Aí parou de mandar lá?

Sra. Tsubaki: Eu falei pra filho, é mãe e filha, né, não pode brigar assim..mas ele não quis saber...Coitada mãe, né? Então, quando Kazê vai lá, mando trazer a roupa que eu lavo, num deixa pra avó não, eu lavo aqui, né?Aí a nora não foi despedir quando foi embora pro Japão, por causa que brigou. Eu falei pra ir lá ver porque tem que se entender não é? Tem que se despedir antes de ir, eu falei, mas não quis! Porque, coitada da Dona Rosinha não é? E por causa disso ela já não manda mais pra outra, então eu não falei pra ele não ir, mais por causa que tá desempregada não pode assim... Roupa enfia na sacola e traz aqui que eu lavo, não deixa lá pra vó lavar, porque aí gasta mais sabão, gasta mais água. Porque já tem três lá, os netos da filha, então não pode então. Falei pra ele que a roupa dele traz aqui que eu mesmo lavo e passo, num deixa pra outra vó, porque assim gasta mais sabão. “Mas ela fala que não tem nada!” ele falou. Ela fala porque não é ela que compra não é? Quem compra é o vó que compra!

Mary: E a vida da senhora mudou muito com o Kazê aqui?

Sra. Tsubaki: Pra mim é bom, porque sem fazer nada, também não dá não é? Agora cuidar do Kazê dá mais vontade de viver mais, pra cuidar dele, do futuro dele, pra pensar no futuro dele não é? Eu não sei se vai até à faculdade, mais vamos ver...Se ele também não vai para o Japão trabalhar.

Mary: A senhora acha que isso pode acontecer? Ele ir para o Japão trabalhar?

Sra. Tsubaki: Dele ir para o Japão? Acho que vai acontecer porque, agora troca, não é? Os pais fica aqui e o filho vai! A gente pensa assim, agora se dá faculdade entra, em alguma coisa que paga bem aí não precisa talvez, não é? Mas do jeito que ele num gosta de estudar, num sei não....

Mary: A senhora não sabe não se vai conseguir.

Sra. Tsubaki: Ah, não sei se dá pra fazer não. Então, a gente já ta falando : Você tem que aprendê um pouco de japonês! Tem aula de japonês aqui, tem que ir! Pra isso eu pago! Mas o Kazê acha que já sabendo inglês já não precisa, será que é assim?

Mary: Acho que não, tem que fazer japonês também não é?

Sra. Tsubaki: Porque quando tava faltando, quem não sabia falar nenhum pouco japonês a firma também pegava, mas agora apareceu e quem não sabe conversar não ta empregado, porque já ta sobrando trabalhador lá não é? Tem que pelo menos saber falar, não muito complicado, mais pelo menos a conversa do dia assim...

Mary: O que a senhora acha que era melhor, ele fazer faculdade e morar aqui ou ele ir para o Japão trabalhar?

Sra. Tsubaki: Melhor ele fazer faculdade e morar aqui não é?

Mary: Por que a senhora acha que é melhor?

Sra. Tsubaki: Porque ele é brasileiro, os pais também gostam de morar aqui, trabalhar aqui e morar junto aqui! Se ele gostar do Japão, tudo bem, mas...

Mary: Ele fala do Japão? Ele lembra do Japão?

Sra. Tsubaki: Lembra!

Mary: E ele gostava de lá?

Sra. Tsubaki: Eu acho que gostava. Quando teve terremoto, começou a balançar, diz que ele: “Que legal!”. Não sabe o que é terremoto não é? Porque japonês mesmo na escola ensina que quando começa é pra carregar a mochila toda e sair da casa não é? Mas como

ele não está na escola, não sabe disso, não sabe o que é terremoto então começou e ele falou: Que legal!

Mary: Bom, então a senhora morou no Japão dois anos e meio, que a senhora falou.

Sra. Tsubaki: É!

Mary: O que a senhora acha melhor, o Japão ou o Brasil?

Sra. Tsubaki: Ah, eu gostei do Japão!

Mary: Gostou?

Sra. Tsubaki: Gostei do Japão!

Mary: É? Por quê?

Sra. Tsubaki: Eu gostei do Japão...A gente sempre ia no supermercado, de bicicleta assim, né, quando volta, bicicleta ta lá. Aqui, vai procurar, num tem mais, né? (risos) Mas desde o fim de ano que eu fui lá, mudou muito também, já tem muito ladrão também, mas diz que a bicicleta fica largada na firma, tem bicicleta pra voltar, ninguém pega, era assim, eu gostei do Japão. Agora pra nós, não quer muito o Japão porque não sabe falar japonês, é por causa disso, agora eu não tinha muito quem conversar, na casa sempre conversava de Japão, japonês, e aqui em baixo sempre fazia compras em japonês, comprava não é? E eu não sabia fala português, fui no Japão e comecei a trabalhar com quem não sabe falar japonês e eu era obrigado a falar português, aí eu...

Mary: A senhora aprendeu a falar português?

Sra. Tsubaki: Aí eu aprendi falar português no Japão! Porque tinha muitas que sabe falar, o jovens, porque a gente trabalhava junto com os jovens brasileiro, ela sabe falar, mas não sabe falar bem então não quer falar não é? E eles sabem que eu entendo português, então não falam japonês, falam em português pra mim, aí eu também respondo em português, eu também não sabia falar mais foi aprendendo a falar português.

Mary: E a senhora ensinou japonês para os filhos da senhora?

Sra. Tsubaki: É, eles sabem ler e escrever, eu ensinava muito, minha filha também fala e sabe ler, então.. como é que é, pra traduzir, como é que fala?

Mary: Ah, sei!

Sra. Tsubaki: É então, assim, pras pessoas que não sabem falar japonês, a filha falava em japonês pra poder traduzir pra brasileiro, falava com a gente. Não falava bem a filha,

porque na escola usava português, então falar não sabia, mas sabe ler e escrever, meu filho também sabe ler, então traduzia.

Mary: E a senhora acha que foi bom ter ido pro Japão, pra senhora, pros filhos da senhora?

Sra. Tsubaki: Ah, foi bom!

Mary: Por que a senhora acha que foi bom?

Sra. Tsubaki: Porque japonês de lá é... Onde eu morei, eram pessoas boa, tem uns que dá bronca, tem japonês que não é bom, mas pra mim foi bom. Bom, eu sempre trabalhei na roça, eu não sabe como que é trabalhar no banco, como que é trabalhar na firma, não sei do Brasil, e primeira vez que foi lá no Japão foi trabalhar na firma, então eu cheguei assim... eu errava mais nunca a japonesa fazia assim e assim, eu errava de novo, mas assim e assim e explicava com calma, eu falava: "Mas como japonês tem paciência!". Era assim, não sei se pra todos era assim.

Mary: Pro filho a senhora acha que também está sendo bom?

Sra. Tsubaki: É, bom! O meu filho trabalha há dez anos numa firma, ele tem abono tem tudo essas coisas. Faz assim, peça de celular, fazia peça de celular. A nora que tem dificuldade acho que é porque a japonesa não sabe fala muito pra ela, e ela entende japonês, por causa disso assim que sai briga não é? Sempre sai briga com a nora, agora o filho não, meu filho entende, patrão gosta dele, é assim.

Mary: E a senhora acha que, quando o filho da senhora voltar, como é que vai ser o Kazê morar com os pais denovo?

Sra. Tsubaki: É, já tá meio crescido, acho que vai ser bom, mais o meu filho tem que aprender educar, quando é pequeno ainda é criança, isso é que não pode, mas quando é criança que tem que dar tapinha, senão, não tem medo do pai, não pode não é? Mais é que já ta bem crescido, já sabe o que é bom e o que não pode não é?

Mary: E a senhora acha que vai ser fácil morar junto denovo? Porque eles estão há bastante tempo separados não é?

Sra. Tsubaki: É!

Mary: A senhora acha que quando for morar junto, vai ser fácil morar junto?

Sra. Tsubaki: O pai e o filho? Eu acho que vai porque separado não é...porque ta sempre, ta sempre conversando com o telefone não é? Então não ta muito assim, mas acho que é bom morar junto logo não é? Por isso que eu falo sempre, você tem que economizar para voltar

definitivo porque se não volta aqui e gasta tudo e vai denovo e nunca dá pra morar junto. Mais assim não da pra morar junto, se vai pra faculdade e o pai ta aqui não dá, tem que separá do pai pra ir na faculdade em algum lugar não é? Se for Tupã da pra ir daqui.

Mary: Da pra viajar todo dia não é?

Sra. Tsubaki: É, mas... Não sei como vai ser mais...

Mary: A senhora acha que o Kazê vai querer estudar na faculdade?

Sra. Tsubaki: Bom, quando era pequeno na segunda terceira série a professora pediu pra desenhar “quando eu crescer”, o tema. Então quando eu crescer o que vai fazer, aí ele desenhou uma casa assim, colocou um martelo de pedreiro, falando que quando crescer ia ser pedreiro. Aqui tinha concurso de desenho mas ele não foi classificado, ele foi até São Paulo. Então, ele desenhou casa assim, e em cima tinha gente, ele fez um cavalete assim e ele disse que era pedreiro, disse: “eu vou ser pedreiro!”. Aí a dona Rosinha, a avó, porque ela não gosta de pedreiro, porque dá barulho, e sempre cai, é perigoso, diz que pedreiro é uma profissão perigosa, então não quer que o neto seja pedreiro, ela fez cara feia, falou assim: Não vai ser pedreiro não! Mas nem tá indo na faculdade por enquanto!

Mary: É, não tá?

Sra. Tsubaki: A tia falou: nessas férias tem que estudar um pouco pra quando chega em agosto já aprende! Ele falou: Que, férias não é pra estudar! Ele não...

Mary: Não gosta!

Sra. Tsubaki: Quem gosta já vai adiantando, outra semana o menino adiantou e ele fez, mas é quando ele tava lá, nas férias não. Mas depois vai apertar no fim do ano, você adiantando folheando, já tem a apostila já, pega pra estudar.

Mary: A senhora fica bastante em duvida do que é melhor fazer não é?

Sra. Tsubaki: Já mudou bastante do meu tempo, dos meus estudos, eu não posso obrigar mais, mas será que é assim?

Mary: E o pai dele fala o que?

Sra. Tsubaki: Ele não é de falar muito não, ele não fala nada pra mim. Mas eu falo pra ele sempre as coisas não é? Primeiro ele quis pôr no escola particular. Nem sabe se gosta de estudar ou não e já vai pôr num lugar que precisa de mensalidade, bota na estadual que não precisa de mensalidade, eu falei, e ele: Não, desde o começo tem que mandar na boa escola pra... senão depois lá não é igual!. Bom, é você que paga não é? eu falei. Lá a mensalidade

todo mês, todo mês, não é barato. E ele acha que gosta muito, que vai na primeira série e segunda acha que gosta de estudos e quer ir pra escola superior, aí manda pra particular. No começo é estadual porque não tem mensalidade, eu falei pra ele. Não, desde o começo tem que ir na boa escola se não depois não dá prá entrar na faculdade! Bom, é você que paga não é? Eu não sei, mas desde o comecinho, não sabe se ele gosta de estudar, não é jogar fora o dinheiro? Falei isso, mais depois eu ouvi dizer que a estadual tá bem ruim, porque no meu tempo e no tempo do meu filho ainda era bom ele falou, mais agora diz que tá muito ruim, ouvi dizer, diz que na frente da professora vai distribuindo droga, isso é, ouvi dizer. Aí eu achava melhor mandar em uma estadual do que particular, mas não é!

Mary: E o pai fica preocupado se ele tá indo na escola, se ele gosta de estudar? Ele pergunta isso pra senhora?

Sra. Tsubaki: Não!

Mary: Não?

Sra. Tsubaki: De vez enquanto ele pergunta se tirô nota, mas não tirou nota boa não hein! Ele detesta ciências, detesta ciências! Ele fala assim, não gosta de ciências, não sei porque, mas matemática também não é bom, tava indo um pouco no Kumon, tava indo mas logo que os pais voltaram começou a falar que não queria mais ir no Kumon, aí a mãe falou que se não queria não vai. Não podia falar isso! Fala que não queria ir mais tinha que mandar, mas a mãe aqui falou pára, então parou.

Mary: Ele tira vermelha?

Sra. Tsubaki: Não, de vez em quando ele tira baixa, mas a professora faz recuperação e ele vai mais ou menos, mas se ele estudar ele tem cabeça pra poder tirar nota boa, mas...

Mary: É que ele não gosta mesmo de estudar não é?

Sra. Tsubaki: Então eu falei pra diretora lá: O meu filho nunca faltou a aula, nunca faltou, nem que tiver com febre, nem que tiver machucado, nunca faltou! Ai a diretora falou olha, mais faltou já, não é igual filho não. Então, meu filho minha filha nunca faltava a aula, nem que tivesse febre não queria faltar, mas quando ta gripado tem que faltar a aula: Não, eu vou! Todos os quatro era assim, agora neto já é bem diferente, só quer faltar. Aí eu falei pra diretora, meus filhos nunca faltou a aula, mais o neto, esse sempre quer faltar!

Mary: E a senhora concorda com isso? A senhora acha que tem que ir e que não pode faltar?

Sra. Tsubaki: É, tem que faltar quando a gente não pode ir! Mas na estadual parece que não tem reprova, mas aqui tem viu, tem porque o colega dele reprovou.

Mary: É?

Sra. Tsubaki: É! Tava na sexta série e ficô matéria prá traz e reprovou. Ele também, a mãe ta no Japão.

Mary: E ele mora com os avós!

Sra. Tsubaki: Mora com a vó! Mora com a vó da parte da mãe, a vó mãe da mãe.

Mary: Tem bastante gente assim não é?

Sra. Tsubaki: Tem! E tem alguns que tá com a mãe e o pai tá no Japão, e tem um que tá os dois e mora com a vó ou com a tia, então tem bastante gente. Então, os pais estavam uns quatro meses aqui, eles veio moraram um tempo e ele ficou com os pais passeando, foi pra São Paulo, foi até Prudente, aqueles que nunca foi, ficou direto passeando, depois não pareceu muito triste não quando foi, parece não é? Mas acho que no coração ta triste não é? Deve ser, pra fora ele...

Mary: Ele não mostra muito!

Sra. Tsubaki: É, ele não mostra muito, mais no coração acho que ta fazendo falta.

Mary: Certo! Muito obrigada, sra. Tsubaki.

Entrevista 1 – Kazê (neto da sra. Tsubaki)

Mary: Eu conversei com sua avó ontem e ela me falou que você morou no Japão...

Kazê: Quem eu?

Mary: É.

Kazê: Morei durante 5 anos.

Mary: Você veio para cá, com...

Kazê: 6 anos

Mary: Você lembra como que era vida lá no Japão?

Kazê: De noite eu dormia com minha mãe porque meu pai trabalhava de noite, aí de manhã minha mãe ia trabalhar e eu ficava sozinho em casa, ou, às vezes, ficava com a vizinha. Assim né, aí meu pai chegava de manhã depois de tarde minha mãe voltava, aí de noite meu pai voltava trabalhar de novo.

Mary: E como que foi morar no Japão?

Kazê: Mais ou menos...

Mary: Você gostava ou não?

Kazê: É, até que era bom.

Mary: O que você fazia ?

Kazê: Passeava de vez em quando, ficava o dia inteiro dentro de casa, lá.

Mary: Você não chegou a ir para escola no Japão?

Kazê: Não.

Mary: Bom, escola mesmo só quando voce veio para cá?

Kazê: Sim.

Mary: E só falava português lá também?

Kazê: É.

Mary: Você tinha amigos, crianças...

Kazê: Ah, eu brincava com os filhos da vizinha.

Mary: Que era quem ajudava a cuidar de você?

Kazê: É.

Mary: E quando os seus pais resolveram vir para o Brasil?

Kazê: Quando?

Mary: Quando eles resolveram vir para o Brasil você veio junto com eles?

Kazê: Foi

Mary: E aí, o que você acha que é melhor ...

Kazê: Não sei não, já que eu tô muito tempo aqui, faz tempo que não vou para o Japão, faz uns 6 anos já.

Mary: E você gosta daqui do Brasil?

Kazê: Ah, eu gosto!

Mary: Se fosse para comparar entre morar no Brasil e morar no Japão, o que você preferiria hoje?

Kazê: ah, acho que preferia morar aqui

Mary: É? Por quê?

Kazê: Porque foi onde eu nasci, sei lá...

Mary: E me fala uma coisa: você preferiria ficar aqui mesmo que fosse com seus avós?

Kazê: Sim.

Mary: Bom, e aí como é que foi...porque pelo que sua avó me contou, seus pais vieram aqui com você e você ficou e eles foram para o Japão. Foi isso?

Kazê: É.

Mary: E como foi ter ficado aqui sem seus pais?

Kazê: Ah, sei lá, às vezes me sentia sozinho

Mary: E sentia falta deles?

Kazê: Sim

Mary: E o que você fazia quando sentia falta deles?

Kazê: Ficava relembando deles, ainda sinto.

Mary: Se fosse para você escolher, o que você preferiria escolher para acontecer na sua vida.

Kazê: Difícil, hein! Acho que preferia morar com meus pais aqui

Mary: Aqui no Brasil?

Kazê: É

Mary: Você acha que eles voltam, como é que você vê isso?

Kazê: Ele (pai) falou que ia vim me buscar em dezembro para me levar para passear lá no Japão.

Mary: Para passar férias?

Kazê: Sim

Mary: E você tem vontade?

Kazê: Tenho.

Mary: Você gostava de algumas coisas de lá?

Kazê: Não sei, não lembro muito não.

Mary: E a sua vida aqui no Brasil, como é? .

Kazê: Bom, de manhã eu vou para a escola, fico lá até meio-dia, aí eu brinco com os amigos e fico um pouco no computador.

Mary: Você gosta de computador?

Kazê: Gosto

Mary: E a escola como está?

Kazê: Tudo bem.

Mary: Você gosta de estudar?

Kazê: Não muito.

Mary: Não?

Kazê: Não muito, mas eu tô começando a me interessar, a gostar assim.

Mary: Por que você não gostava de estudar?

Kazê: Eu achava chato, três dias eram por semana.

Mary: E agora, você está em que série?

Kazê: Na sexta série...

Mary: Tá se interessando agora?

Kazê: É.

Mary: E pelo que você se interessa mais?

Kazê: Tô interessado em estudar.

Mary: E que matéria você gosta mais?

Kazê: História.

Mary: E como estão as notas?

Kazê: Não estão muito bem não...

Mary: E o que aconteceu, ? Falta de estudo, para a prova?

Kazê: É.(Silêncio)

Mary: E me fala uma coisa: seus pais vieram para cá, agora no começo do ano?

Kazê: Vieram.

Mary: Passaram um tempo aqui?

Kazê: Passaram.

Mary: Como é quando eles vêm para cá? Muda muito a sua vida?

Kazê: Ah, muda!

Mary: O que acontece? Conta para mim, o que é diferente...

Kazê: É, eu passeio um pouco(...) sei lá fico mais alegre, mais contente.

Mary: Você se entende com eles, porque você tá morando sem eles faz tempo né, dá para se entender bem?

Kazê: Dá

Mary: E você conversa com eles sempre?

Kazê: Sempre.

Mary: E como é que você conversa com eles, por telefone, por e-mail?

Kazê: Por e-mail.

Mary: E você manda e-mail para eles?

Kazê: Mando.

Mary: E como que é falar por telefone com eles?

Kazê: Conversando por telefone com voz, né?

Mary: Você conversa mais ou menos quantas vezes na semana com eles assim?

Kazê: Só umas duas vezes.

Mary: Você que liga ou eles que ligam?

Kazê: Eles que ligam.

Mary: Eles ligam sempre?

Kazê: É.

Mary: O que eles fazem lá, você sabe?

Kazê: Não, não sei não.

Mary: Nenhum dos dois?

Kazê: Não.

Mary: Tem curiosidade, ou não?

Kazê: Do que?

Mary: De saber o que eles fazem lá, como é a vida deles?

Kazê: Às vezes tenho, né?

Mary: E aqui, no Brasil você este bem acostumado, eu sei que você não lembra de muita coisa, mas assim, você acha que a vida aqui é mais fácil ou lá é mais fácil?

Kazê: Isso eu não sei não...

Mary: Se você tivesse que estudar numa escola lá, por exemplo.

Kazê: Não sei né, talvez teria que aprender japonês.

Mary: Você tem vontade aprender japonês?

Kazê: Acho que não

Mary: Não? Por quê?

Kazê: Acho que é meio complicado.

Mary: Você aprendeu outras línguas fora o português?

Kazê: Eu estudei um pouco de inglês.

Mary: E aí, foi fácil ou complicado

Kazê: Ah, não gostei não, muito não.

Mary: Você gosta de história então, você falou para mim, o que você acha de interessante na história?

Kazê: O que ocorreu no passado, saber o que foi que aconteceu.

Mary: E as outras matérias?

Kazê: Português tá melhor do que o ano passado.

Mary: E o que você pretende fazer depois que terminar a escola?

Kazê: Ir para a faculdade.

Mary: É, você quer você quer ir para a faculdade?

Kazê: Fazer medicina.

Mary: Medicina?

Mary: E trabalhar lá no Japão?

Kazê: Aí não sei não.

Mary: Você pensa nisso ou não?

Kazê: Bom, nunca pensei.

Mary: Você pensa em ficar por aqui?

Kazê: É.

Mary: E me diz uma coisa: e se seus pais chamassem você para morar no Japão de novo?

Kazê: Bom, eu acho que eu iria.

Mary: Mesmo que você achando melhor aqui? E por que você iria?

Kazê: Ah, ficar um pouco com meus pais.

Mary: Faz muita falta seus pais por perto?

Kazê: Se faz... muita falta!!

Mary: É, ter os pais por perto....

Kazê: Meio difícil hein...Deve ser que é... pai e mãe fica o dia inteiro em casa, eu saio mais...

Mary: O que vocês fizeram quando eles estavam aqui...

Kazê: Ir ao shopping de Marília

Mary: Foi passear com eles? E vocês conversam bastante quando vocês estão juntos?

Kazê: Sim.

Mary: Você acha que fica muito dentro de casa, é isso?

Kazê: Sim.

Mary: O que você gostaria de fazer?

Kazê: Sei lá, ir um pouco para a cidade.

Mary: E amigos como é que é, você tem bastante amigos?

Kazê: Tenho

Mary: Isso ajuda?

Kazê: Os amigos?

Mary: É.

Kazê: Bom, não muito.

Mary: Por que não?

Kazê: Porque uns são chatos, outros são legais.

Mary: Tem de tudo né? E você tem mais chatos ou mais legais?

Kazê: Mais legais.

Mary: E você gosta daqui da cidade?

Kazê: Ah gosto!

Mary: Você tem com vontade de sair?

Kazê: Acho que sim.

Mary: Seus amigos fazem isso já, de sair?

Kazê: Às vezes a gente combina né, de sair.

Mary: Durante o dia também?

Kazê: Durante o dia não.

Mary: Será que você se sente às vezes meio sozinho, é isso? Quando você fala de ficar muito em casa.

Kazê: Sim...

Mary: Se sente de vez em quando triste?

Kazê: Sim

Mary: E você comenta isso com alguém?

Kazê: Não.

Mary: E o que você faz, você fica quieto?

Kazê: Fico.

Mary: Como que é porque assim, você mora com seus avós e eles são bem mais velhos ... dá para se entender, eles te entendem?

Kazê: Sim.

Mary: Você acha que eles conseguem perceber como é que você tá, ou você não demonstra?

Kazê: Não.

Mary: Por quê?

Kazê: Não sei

Mary: É vergonha , medo...

Kazê: Acho que é vergonha.

Mary: E o que você acha...seus pais voltam para morar aqui de novo?

Kazê: Não sei não

Mary: Tem alguma promessa de voltar?

Kazê: Ah, eles falaram que iam voltar né?

Mary: Falaram mais ou menos quando?

Kazê: Falou que ia voltar em dezembro.

Mary: Mas você não falou que ia passear lá?

Kazê: Ah, acho que é em abril.

Mary: E você acha que eles voltam?

Kazê: Acho que sim

Mary: E me fala uma coisa: por que você acha que você ficou aqui e não foi para o Japão?

Kazê: Por que eu não voltei para o Japão?

Mary: É.

Kazê: Acho que eu tenho que estudar.

Mary: Mas você aceita que é melhor ficar aqui?

Kazê: Sim.

Mary: E de final de semana, o que você faz?

Kazê: Eu fico lá na casa da minha avó, lá no Esmeralda.

Mary: Ah, você tem outra avó, né? É muito diferente?

Kazê: É sim.

Mary: O que é diferente?

Kazê: Porque lá eu tenho primo para brincar.

Mary: Da sua idade?

Kazê: Não.

Mary: É mais velho ou mais novo?

Kazê: Ah, tem um que é mais velho e um pequeno, e tem um que é mais velho já que tem dezoito anos.

Mary: Então lá é mais agitado?

Kazê: É.

Mary: E as coisas lá são diferentes?

Kazê: Ah, um pouco.

Mary: O que é diferente?

Kazê: Ah, sei lá, lá pelo menos eu brinco, aqui eu não brinco.

Mary: Por que você não brinca aqui?

Kazê: Ah, não tem ninguém prá brincar.

Mary: E aqui, o que você faz?

Kazê: Ah, fico só no quarto.

Mary: Você pensa no seu futuro?

Kazê: Sim

Mary: O que você pensa?

Kazê: Hum sei lá, penso em ser médico, mas tem que estudar bastante...

Mary: E porque você quer ser médico?

Kazê: ...Ah, sei lá, ser herói, salvar as pessoas.

Entrevista 2 – Sra. Sakura

Mary:A senhora está cuidando de quantos netos?

Sra. Sakura: É, dois.

Mary:Dois netos?

Sra. Sakura: É!

Mary:Faz tempo que a senhora esta cuidando deles?

Sra. Sakura: Vai fazer sete anos!

Mary:Sete anos?

Sra. Sakura: Vai fazer sete anos em..junho, julho por ai.

Mary:Desse ano?

Sra. Sakura: É desse ano!

Mary:Como é o nome deles e quantos anos eles têm, batian ?

Sra. Sakura: Eles é Luís e Márcia.

Mary:Quantos anos eles tem?

Sra. Sakura: Olha o ano..., eu acho que tem..se não me engano olha, ele tem...ele deve ter quarenta e nove ou cinqüenta.

Mary:Não, eu estou falando dos netos da senhora!

Sra. Sakura: Ah, pensei que era do....filho. O neto é... o mais velho chama Yamá, ele fez dezenove em setembro e o outro mais novo vai fazer esse mês dezessete.

Mary:E como é que ele chama?

Sra. Sakura: Hi!

Mary:Vai fazer dezessete?

Sra. Sakura: É!

Mary: Então quando a senhora começou a cuidar deles eles já tinham doze anos?

Sra. Sakura: É, o Hi acho que tinha dez anos, e o Yamá acho que tinha treze para quatorze por aí!

Mary: A senhora é mãe de quem?

Sra. Sakura: Do Luís!

Mary: A senhora é casada?

Sra. Sakura: Eu já sou viúva!

Mary:Faz tempo que a senhora é viúva?

Sra. Sakura: Faz! Vinte e dois anos.

Mary:Então a senhora mora sozinha?

Sra. Sakura: Agora?

Mary:É!

Sra. Sakura: Com eles dois!

Mary:Só com eles dois?

Sra. Sakura: É! E tem a pessoa que cuida de mim, porque ainda não posso andar direito.

Mary:O que aconteceu com a senhora?

Sra. Sakura: Quebrou o fêmur, quebrou o fêmur e quando foi oito meses, aí quebrou de novo no mesmo lugar, agora na segunda operação eu estou com cinco meses, vai fazer seis.

Mary:Então a senhora fica mais deitada?

Sra. Sakura: É, anda um pouco assim e fica deitada também, não posso fazer nada. (risos)

Mary:Então mora a senhora com os netos da senhora?

Sra. Sakura: Isso!

Mary:Desde que eles vieram morar com a senhora a senhora está só com eles?

Sra. Sakura: É! Quando eles foram embora nos morávamos pra lá, daí um ano e meio... dois anos mais ou menos, porque ele precisava estudar nessa escola e ficava muito longe então comprou essa aqui.

Mary:E quem comprou a casa foi o filho da senhora?

Sra. Sakura: Foi o Luís!

Mary:Por que o Luís e a mulher dele resolveram ir para o Japão?

Sra. Sakura: Olha, os filhos estão crescendo, né, e precisa juntar o dinheiro, e aqui ordenado é curto, só dava pra viver. Então eles foram pra lá para juntar dinheiro. (risos)

Mary:Eles foram para juntar um dinheiro e depois voltar? Como foi essa decisão?

Sra. Sakura: Olha, quando foi a decisão foi assim, com três anos eu falei assim ,eu já estava com setenta anos então, eu falava assim: “eu já tenho setenta anos, e acho que eu não do conta de ficar com eles”. Mas como eles não tinham ninguém para deixar, ai pediu, então eu fiquei com eles. É...como é que estava fHido?

Mary:Eles foram pra ficar quanto tempo?

Sra. Sakura: Ah! Falou assim que ia ficar três anos, mas com três anos não veio e... não sei se com quatro anos o Yamá se acidentou.

Mary:O que aconteceu?

Sra. Sakura: Tava no carro com amigo, esse carro capotou e ele machucou a coluna, né? Então ficou doente e ele veio ver só uma semana só. Ele ficou muito mal, ficou três meses na cama e agora graças a Deus sarou!

Mary:Eles vieram e ficaram uma semana?

Sra. Sakura: Uma semana pra ver ele, ai foram embora e está com... eu acho que já fez um ano que ele veio outra vez porque a firma deu um mês é... para ela operar das varizes, ele se tratar também, a firma deu um mês, ficou um mês. Olha, acho que foi em junho? Acho que foi em junho.

Mary:Eles vieram para cá e ficaram um mês?

Sra. Sakura: Ficou um mês e foi embora pra lá!

Mary:E a senhora sabe se eles pretendem voltar? Quando eles voltam?

Sra. Sakura: Então, agora eu não sei quando que volta, eles não falaram nada disso e nós também não pergunta quando que volta, mas...e o Yamá está fazendo faculdade, faculdade pago porque não conseguiu do Estado, então precisa muito dinheiro não é?

Mary:Onde ele está fazendo faculdade?

Sra. Sakura: É no Adamantina!

Mary:Então ele viaja todas às noites?

Sra. Sakura: É de dia. então acho que ele não tem previsão de vir embora porque o Hi também já esse ano termina o colegial e ano que vem acho que já vai...

Mary:Vai prestar alguma faculdade?

Sra. Sakura: É, então, né, mais dinheiro! Então eu acho que ele não tem previsão de voltar.

Mary:A senhora está com quantos anos agora?

Sra. Sakura: Eu estou com setenta e sete!

Mary:Bom, e como é que foi pra senhora quando os netos vieram morar aqui com a senhora? Como é que foi pra cuidar deles?

Sra. Sakura: Cuidar deles? É... você fala se tava ruim? Como?

Mary:É, como foi...

Sra. Sakura: Ah! Foi, foi muito difícil porque é uma idade que precisa da mãe e do pai naquela idade. A gente falava, explicava mais é batian, né, então não é como pai e mãe fHido, eles não entendiam direito não.

Mary:Não obedeciam?

Sra. Sakura: Obedecer, obedece! Ainda bem que esses dois meninos não são ruins. Agora também, eles não são de bagunça na rua não, né? Eles vão na rua mas só sábado e domingo e vem embora logo, eu nunca vi fala que eles fizeram alguma coisa, então eles não são daqueles meninos ruim. Mas foi duro mesmo, agora que parece que eles entendeu que batian está doente assim, que os pais não dá pra vir embora mesmo então já, então eles estão adaptando agora.

Mary:O que foi mais difícil?

Sra. Sakura: Foi difícil é... foi que nem eu falei, foi duro deles entender o que a gente fala o que a gente explica, não pnhava na idéia, e assim foi indo até chegou até aqui.

Mary:E por que a senhora acha que foi difícil para eles? O que a senhora acha?

Sra. Sakura: Porque eles é.... porque precisa do pai a mãe ali e não tinha, acho que foi duro pra eles também. Foi sim!

Mary:A senhora acha que eles também sentiram falta?

Sra. Sakura: Foi, foi duro e agora acho que já cresceu, já sabe que o pai e a mãe não vem do Japão então não é tão duro agora já, né?

Mary:Agora a senhora acha que eles entendem mais?

Sra. Sakura: Entende! Então o começo foi duro sim.

Mary:Eles ajudavam a senhora ? Eles ajudam a senhora?

Sra. Sakura: Como? Ajudar como?

Mary:Porque a senhora agora está com esse problema.

Sra. Sakura: Ah! Tem atenção sim, por isso que eu falo que eles entendem agora.

Mary:Antes não entendia?

Sra. Sakura: Antes era mais rebelde assim sabe?

Mary:E a senhora achou que foi muito difícil educar?

Sra. Sakura: Ah, foi sim educar, mais não foi bem educado como o pai e a mãe educou não, porque não é só eu que peguei pra cuida deles foi a minha filha também, a Olga, ela e o marido. Mas como nesse tempo eles discutiram com o Luís, então ela já entregou tudo e

agora quem está tomando conta é o Yamá e o pai controlando de lá. Eu acho que está sendo muito duro eu acho, porque Yamá ainda é muito... está com dezenove anos, assim, não tem muita noção de fazer as coisas.

Mary:A senhora fala do dinheiro?

Sra. Sakura: É o dinheiro, dinheiro também está difícil, o pai manda dinheiro. Eu falo tudo, pode?

Mary:Aham!

Sra. Sakura: O pai manda dinheiro para as despesas, também só manda para as despesas, aí eu falo: ô, Yamá, pega dinheiro que precisa do dinheiro para pagar tal coisa tal coisa. Ele fala: Tá eu vou.. eu vou! E não vai. Hoje mesmo: ontem ele não foi na faculdade então podia ter tirado o dinheiro, não sei se ele tirou o dinheiro, ele não me deu ainda!(risos) Esse ponto aí é difícil! quando minha filha tomava conta chegava ao dinheiro e a primeira coisa tirava o dinheiro para as despesas e pagar as coisas que ele deve, fazia isso mas agora ela não faz porque está na conta do Yamá, está difícil esses pontos, ainda ele não adaptou ou ele é assim mesmo, não sei. Eu já falei para o pai dele que esta sendo assim e assim, ele fala que eu tenho que falar, eu falo mais o Yamá já é uma pessoa meio lerda, tranqüilo, muito calma então não tem assim...

Mary:E agora então ele que está tentando administrar?

Sra. Sakura: É!

Mary:E está mais difícil agora então?

Sra. Sakura: Ixi, tem que fazer faculdade, tem trabalho para fazer, e levanta cinco horas da manhã pra pegar o ônibus para ir lá e só chega às seis horas da tarde aqui.

Mary:Ele fica o dia todo lá?

Sra. Sakura: Dia todo!

Mary:O que ele está fazendo ?

Sra. Sakura: É...odontologia que fala não é? Está fazendo isso!

Mary:Como é que a senhora tentou educar os netos da senhora?

Sra. Sakura: Que jeito?

Mary:É!

Sra. Sakura: É, como eu posso, quem educou mais é a filha porque eu não mexia com dinheiro nada e ela que trazia as coisas, aqui na despesa dentro da casa das despesas eu que

comandava, mas assim, fora assim, foi minha filha, e minha filha foi olha, de tanto cuidar eles dois aqui, minha filha, às vezes faltava de cuidar do filho dela porque ela tem um, e o filho tem vez falava assim: ô, mãe, eu sou filho seu, o Hi não é seu filho!”Porque o Hi tava apegado muito à tia, qualquer coisa era a tia, e o filho achava que estava largando ele, e largou sim viu!

Mary:Largou?

Sra. Sakura: De tanto cuidar esses aqui, e faltou pra cuidar também, deixou de lado um pouco pra cuidar. Mas depois ele fala que não ta bom e tal, eles brigaram.

Mary:Quem falou que não estava bom?

Sra. Sakura: O Luís!

Mary:Por isso que eles brigaram então?

Sra. Sakura: Aí discutiram!

Mary:E o filho dela e o Hi tem idades parecidas?

Sra. Sakura: É, o Hi com o filho dela é dez meses de diferença, e sempre no pré até aqui é tudo na mesma classe, não é que pede, mais desde pequeno foi sempre na mesma classe mesma classe até aqui, desde o pré! Então, aí ficou, ela teve que cuidar do filho dela e cuidou aqui.

Mary:A senhora para educar os filhos da senhora, usou mais o sistema japonês pra educar os filhos, como é que foi?

Sra. Sakura: É um pouco japonês e um pouco brasileiro porque eles também gostam de japonês, as comidas assim gostam de japonês, de gohan (arroz japonês), assim eles gostam, mas como que tem as pessoas que faz a comida agora, no tempo que eu estava boa eu que fazia a comida mas agora não posso então as mulher que faz elas fazem comidas algumas coisas fritada, mas tem dia que eles falam:ah, eu não queria tanto fritada, fritada! (risos)

Mary:Então da comida eles gostam?

Sra. Sakura: Gosta de japonês!

Mary:E assim, com moral, com valor, a senhora educou mais os filhos da senhora no sistema japonês?

Sra. Sakura: Sistema mais brasileiro!

Mary:Como é que foi então? O que a senhora mais ensinava?

Sra. Sakura: Ensinava assim, pedia quando eles saia, só sai no sábado e sexta à noite, sábado não é? Aí pedia pra eles não fazer coisa errada e chegou a hora vem embora, não pode bebe bebida alcoólica e nem fumar, e sempre pedia isso na hora que saia até hoje eu peço, não faz coisa errada e eles falam que não faz coisa errada, mas eu não vou junto eu não sei não é? (risos) Mas eu sempre ensinei assim!

Mary: E a senhora sente diferença neles quando os pais foram pro Japão e eles vieram morar com a senhora, a senhora eles sentiram falta, eles mudaram alguma coisa?

Sra. Sakura: Ah, senti falta sim, e quando o pai e a tia discutiu ele sentiu tanto que ficou uns dois meses três meses, dois meses, mais ou menos calado, não falava quase comigo também, eles ficaram os dois. Mais agora voltou, agora quando sai: batian, eu vou em tal lugar! Batian, cheguei! Sempre falava isso, mais isso ai tinha deixado de falar.

Mary: Depois que brigou?

Sra. Sakura: É, acho que ficou um dois, três meses assim! Nossa, mais tão difícil, e eu perguntava uma coisa e ele só falava aquilo e não falava mais nada, vai comer gohan (ela refere-se aos momentos de refeição), assim tudo caladinho. Mas agora voltou, agora voltou!

Mary: E eles contam as coisas para a senhora, eles conversam?

Sra. Sakura: Olha, eles falam sempre no computador com o pai, mais eu acho que eles não contam tudo para mim não!

Mary: Para os pais a senhora acha que eles contam?

Sra. Sakura: Ah, para o pai eles contam porque o pai está sabendo tudo, para o pai eles contam tudo que deu ,que passa.

Mary: Para a senhora a senhora acha que eles não contam tudo?

Sra. Sakura: Não conta não, conta não! Eu pergunto às vezes mas fala só um pouquinho, e agora eu não sei por que, mas eu também não interesse saber muita coisa não, se está bem, tá bom!

Mary: Eles conversam com os pais pela Internet?

Sra. Sakura: Conversa!

Mary: Eles conversam na semana, como é que é, quantos dias?

Sra. Sakura: É conversa no... lá tem que ser sábado e aqui é domingo, não, é?

Mary: Não, é o contrario!

Sra. Sakura: Aqui é sábado e lá é domingo, então nesses dias, dez e meia, onze horas, onze e meia ta conversando.

Mary: Da manhã ou da noite?

Sra. Sakura: Da manhã!

Mary: Eles conversam toda semana?

Sra. Sakura: Toda semana! Tem semana que não da certo, que ele sai naquela hora assim e não da certo, mas quando está dá, conversa.

Mary: A senhora conversa com o filho da senhora, a senhora pede ajuda, como é que é?

Sra. Sakura: É, no começo que discuti com a filha, lá eu pedia sempre ajuda porque tá assim, assim, eu falava. Mas agora já não falo mais nada não porque o meu filho ofendeu bastante comigo e com ela então... Tanto que nós fez para esses meninos. Tanto, tanto que olha só deus que sabe. Mas ele não entende isso daí, então foi difícil para mim e para ela também.

Mary: É porque ele achou que não estava bom?

Sra. Sakura: Não estava bom! Mas ele não via as coisas que a gente faz, eles pensa de um jeito e aqui é outro, nós fala daqui pra eles pra eles e eles não entende aquilo lá.

Mary: E o que será que aconteceu? O que eles não gostaram?

Sra. Sakura: Não gostaram que... eu acho que eles, é... porque Yamá começou a estudá e o dinheiro, despesa dele, despesa daqui tem que economizar que não dá, e eles, os meninos aqui pedem as coisas boas, marcas boas, camiseta calça tudo bom, eles não usam esses comuns não, tudo é caro. Mas eles acham que não podia ter comprado, gastado, mas agora ele está vendo, o tanto que ele mandava ele achava que, ele achava que dava pra passar comendo, o dinheiro acho. Mas agora estou vendo, agora ele está vendo.

Mary: Pó rque agora ele está mandando direto pro filho não é?

Sra. Sakura: É ele está!

Mary: E a senhora acha que os netos da senhora gastam muito?

Sra. Sakura: Bom, agora parou porque o pai falou que não é para gastar então agora parou, mas no começo gastava sim.

Mary: Gastava muito porque será que os pais estavam no Japão e eles pensam que tem dinheiro?

Sra. Sakura: Eles pensavam, e falavam para os amigos também: meu pai está no Japão, meu pai tem dinheiro! Bom, o Yamá não, mas o menor falava, mas agora ele entende também.

Mary: E os pais mandam muitos presentes pra eles?

Sra. Sakura: Não, primeiro mandava mas agora não, agora só no aniversário assim que mandam dinheiro para comprar umas camiseta, calça.

Mary: E a senhora achou muito diferente educar os netos da senhora de quando a senhora educou os filhos?

Sra. Sakura: Ah, é completamente diferente hoje, a opinião deles com os meus filhos! Meus filhos, olha, eu sempre fui pobrinha trabalhando e vivendo, mas meus filhos não deram trabalho não, deu não, trabalharam desde pequeno e estudou a noite e... não deu trabalho não.

Mary: Eles não reclamavam?

Sra. Sakura: Não reclamavam, o que tem estava bom!

Mary: Os netos não são assim?

Sra. Sakura: Ah, os netos agora que eles sabem, mas quando os pais foram embora, nossa!

Mary: Eles reclamavam?

Sra. Sakura: Reclamavam que queriam, isso que já fica um pouco velho e não quer usar aquele lá e encosta tudo, o guarda roupa está cheio de roupa e quer comprar mais. Foi assim, mas agora não! E nós ensinava isso viu, falava que não pode estragar o dinheiro, se a calça está boa ainda, não precisa comprar. Ah, tá veia, já ficou veia, e não sei o quê!

Mary: A senhora acha que eles não respeitava muito a senhora porque a senhora é mais velha também e não é igual o pai e a mãe?

Sra. Sakura: Eles respeita sim, respeitava e até hoje respeita sim, só que mudou naquele tempo que eu falei que quando discuti, eu achei que estava muito diferente que como é que vai fazer se continuar desse jeito? Mas agora volto tudo!

Mary: A senhora ficou bastante preocupada?

Sra. Sakura: Vixi, fiquei muito preocupada, e eu falava para o pai: olha os meninos está assim, assim, que está quieto, que pede as coisas e não faz. Mas agora voltou!

Mary: E os pais se preocupam com eles?

Sra. Sakura: ... Eu acho que eles se preocupam mas não podem fazer nada, está longe! E outra que os meninos hoje em dia o pai está longe, está com saudade do pai deve estar, mas

não obedece os pais não viu, os pais tá longe, eles tá aqui, pai tá mandando dinheiro tudo assim, mas podia mais entendê os pais não é, que o dinheiro e tudo que o pai ta mandando mas eu acho que eles não entendem muito não! Eles é... eu acho que é opinião desses meninos ai acho que é do mundo, o mundo é todo assim, não é só eles não, eu acho.

Mary: Que o jeito deles pensar é assim!

Sra. Sakura: É! Agora olha, tudo isso é por causa que não tem o pai e a mãe aqui, porque lá na casa da Olga é único filho e o pai é rigoroso a mãe também é brava, o sistema deles é diferente e obedece muito o pai e a mãe aquele menino lá.

Mary: A senhora acha que é porque os pais estão em casa ?

Sra. Sakura: Está em casa, é isso!

Mary: A senhora acha que faz falta então?

Sra. Sakura: Faz! Faz sim! E os filhos que cria assim, embora que o pai e a mãe, parente está cuidando tudo, mas que não tem o pai e a mãe, eles criam um... assim sempre faltando alguma coisa neles eu acho, crescendo assim sempre faltando alguma coisa.

Mary: E a senhora fica preocupada com os netos por causa disso?

Sra. Sakura: Eu fico preocupada, mas não adianta preocupar porque... como que vai fazer? Eles estão lá longe, não tem previsão de voltar. Eu fico preocupada então até hoje quando o Yamá não vem logo e já esta anoitecendo assim eu já ligo pra ele: onde você está? Que horas que vem embora? Preocupa.

Mary: A senhora nem consegue dormir direito?

Sra. Sakura: Não! Enquanto ele não chega lá fala: batian, já cheguei!

Mary: E o que a senhora acha que fica faltando porque não está com o pai e com a mãe?

Sra. Sakura: É que não da pra dizer o que é que esta faltando, mas eu acho que no dentro deles falta sim, falta alguma coisa crescendo.

Mary: E a senhora acha que isso pode atrapalha mais pra frente?

Sra. Sakura: Ah, vai, assim, já está prejudicando eu acho, estando o pai e a mãe aqui acho que já é outra coisa.

Mary: A senhora acha que eles seriam diferentes com o pai e a mãe aqui?

Sra. Sakura: Ah, eu acho que sim!

Mary: A senhora acha que os pais estarem lá no Japão trabalhando, o que a senhora acha que foi bom?

Sra. Sakura: Que foi bom? Eu não acho nada bom viu, porque... foi bom por causa que ele foi logo daqui já... o que trabalhava só dava pra comer, então eles optou ir para o Japão juntá um pouco de dinheiro, mas... ele comprou essa casa no tempo, aquele tempo que ele chegou lá é aquela que estava custando caro, não sei se você lembra, e conseguiu juntá bastante e um pouco daqui um ano, um pouco já conseguiu compra essa casa. Depois eles sempre falam que não da mais para juntar dinheiro, não da , eles falam! Então, se não da pra juntar dinheiro, o que eles estão fazendo lá? Deixá filho aqui!

Mary: Então a senhora acha que não é bom porque separa dos filhos?

Sra. Sakura: É, ah, vixe! Eu acho que tem, a pessoa que tem filho tem que carrega, carrega sempre está junto!

Mary:A senhora acha que seria melhor ter ido com os filhos pra lá ou não?

Sra. Sakura: Eu acho, nem que o filho precisava estuda e tal mas se eles foram os dois lá, podiam ter levado os filhos.

Mary:A senhora acha que para os filhos seria melhor?

Sra. Sakura: Para os filhos!

Mary:A senhora acha que eles sentem falta e que esta faltando alguma coisa?

Sra. Sakura: Falta sim!

Mary:A senhora acha que agora, porque eles estão longe dos pais sete anos, a senhora acha que se eles voltarem a viver junto como é que vai ser?

Sra. Sakura: Não vai combinar!

Mary:Não vai?

Sra. Sakura: Não vai combinar!

Mary:Por que?

Sra. Sakura: Porque o pai deles já é meio “brabão” sabe, e eles é também! Um mês que ficou aqui, eles nem que não vem um mês que não ficasse, eu já sei que eles não combina com o pai!

Mary:Porque as idéias não vão bater?

Sra. Sakura: Não vão bater!

Mary:A senhora acha que eles não vão obedecer, não vão aceitar?

Sra. Sakura: Não vai obedecer o pai e o pai não vai aceitar o que o filho pensa e faz, porque eles brigam!

Mary:Porque eles não conhecem os filhos não é?

Sra. Sakura: Não! Já falei para a Márcia quando eles foram, daí a pouco eu digo: olha você está, não sabe a adolescência do seu filho você não viu, não está vendo! Eu falava isso para ela.

Mary:Porque eles não conhecem os filhos a senhora acha!

Sra. Sakura: Ah, não conhece não! Não sabe o adolescente como que precisa do pai. Eles podem pensa que precisa, mas no fundo no fundo eles não sabem nada porque não ficou junto.

Mary:E os filhos conhecem os pais? A senhora acha ou não?

Sra. Sakura: Eles falam que conhecem, mas não conhecem não, sete anos assim fora, não não!

Mary:Eles voltaram uma vez só?

Sra. Sakura: É duas, uma vez que o Yamá acidentou e outra vez que teve um mês aqui. E eu acho que... acho não, não combina tenho certeza.

Mary:Que vai ser difícil?

Sra. Sakura: Que vai ser difícil!

Mary:E a senhora acha que eles voltam logo ou a senhora acha que vai demora pra eles voltarem?

Sra. Sakura: Ah, eu acho que eles vão demorar! Agora, eu já estou nessa idade, o que acontece se eu falece? Aí eles ficam doido, não quer ir pra lá e os pais não quer que vai pra lá sem fazer faculdade, eles querem que estude.

Mary:E eles querem ir para lá? A senhora acha ou não?

Sra. Sakura: Não quer, o pequeno é desde pequenino fala: eu não vou para o Japão, mas o grande do tempo que o pai foi para lá queria ir, mas o pai e a mãe falava que não é para ir lá não porque lá sofre muito.

Mary:E a senhora acha que eles não querem ir então?

Sra. Sakura: Não quer não!

Mary:Os pais também não querem que eles vão?

Sra. Sakura: Não querem!

Mary:E a senhora fica preocupada não é? Porque a senhora já tem essa idade!

Sra. Sakura: É!

Mary: E o que vai acontecer não é?

Sra. Sakura: É! Mais, aí é Deus que sabe.

Mary: Porque a senhora deve estar cansada já, não está?

Sra. Sakura: Vixi, to cansada!

Mary: Porque nessa idade é difícil ter que tomar conta dessas coisas não é?

Sra. Sakura: Então, no tempo que o Luís falou, falou, eu falei que eu vou embora daqui, só que eu estava operada, então só quando eu sara bem saradinho eu vou embora daqui, se você está pensando assim. Então, ele falou: não eu nunca pensei nunca reclamei pra mamãe ir embora daí, pra mim é para ficar vida inteira aí. Mas os meninos têm dia que fala assim, hoje em dia, que Yamá talvez fica com terceiro, quarto ano assim, tem que morar lá porque tem que estudar a noite, tem estágio, não sei, uma coisa assim. E o Hi quer estudar lá para o Paraná, não sei, um estudo lá que tem, e assim, eu vou ficar sozinha? Não vou não é? Aí eu tenho que ir embora daqui! Eu penso isso, e dá certo assim porque do jeito que ele está pensando é não é? Que eu vou ficar sozinha aqui!

Mary: O filho da senhora a senhora acha que pensa que é melhor a senhora ficar sozinha aqui?

Sra. Sakura: Sozinha, não sei, ainda não sei, bom, comigo ainda não falou sobre isso mais com o filho deve ter falado, né? E no meu pensamento, vem o pensamento disso, desse jeito!

Mary: E a senhora pensa em ir embora pra onde?

Sra. Sakura: Eu tenho a minha casa lá, né?

Mary: Está alugada?

Sra. Sakura: Tá! Então se precisar sai daqui eu vou!

Mary: Porque aqui não é a casa da senhora?

Sra. Sakura: Não é! Não é!

Mary: E a senhora só tem os dois filhos, o Luís e a Olga!

Sra. Sakura: Não, eu tenho o Luís e a Olga e o Osvaldo que mora lá em Nhandeara e tem o Edson que mora aqui, e tem a Luiza que está no Japão, a filha.

Mary: Então a senhora tem dois filhos no Japão?

Sra. Sakura: Tem, uma filha e um filho.

Mary: A filha da senhora tem filhos também ou não?

Sra. Sakura: A que está lá?

M:É!

Sra. Sakura: Não, ela é solteira!

Mary: E o que a senhora acha do futuro dos seus netos? A senhora acha que eles vão fazer faculdade? O que a senhora acha que acontecer com eles?

Sra. Sakura: No meu pensamento, eu não sei se o Yamá vai conseguir tirar esse estudo, porque está sendo duro pra ele, ele nunca foi de estudar sabe? Ele não gosta de estudar! Mas ele falou, esse ano é segundo ano, ele falou que tem DP, carrega DP, monte de depê, tem que fazer dentro de seis meses, como é que é? não sei! Mas acho que ele não vai conseguir fazer tudo isso, então eu acho, no meu pensamento, não sei se ele vai conseguir continuar.

Mary: E aí se ele não conseguir o que a senhora acha que ele vai fazer?

Sra. Sakura: Eu acho que ele tem que ir para o Japão com o pai, eu acho, ou ele vai começar a estudar outra coisa, mais...no meu pensamento eu acho que ele quer ou não quer tem que trabalhar porque aqui não acha serviço para menino assim, e anda de bicicleta ele não quer, de entregar aviso assim ele não quer, já tentô mas ele não quer, então se não da pra continuar esse estudo eu acho que tem que ir pro Japão. Ai esse menino vai ficar sozinho? Eu penso!

Mary: A senhora deve ficar muito preocupada então!

Sra. Sakura: É! E esse menino não vai ficar sozinho também, não sei!

Mary: Ele gosta de estudar o Hi?

Sra. Sakura: O Hi gosta, e esse ano, até o ano passado estudou aqui, e esse ano mudou aqui, pago, então o estudo é tão rigoroso aqui, e ele tá estudando.

Mary: Tá estudando?

Sra. Sakura: Tá estudando! Ele quer passar na do estado pra não pagar, ele está falando mas ele também não é muito bom para estudo também não sei se vai passar.

Mary: Eles são responsáveis batian?

Sra. Sakura: Por eles?

Mary: Se eles são responsáveis com as coisas!

Sra. Sakura: Com as coisas? É! Cada um cuida da suas coisas!

Mary: Isso eles fazem?

Sra. Sakura: Eles faz! (risos)

Mary: A senhora acha que valeu a pena os filhos da senhora terem ido para o Japão?

Sra. Sakura: No meu pensar, no meu pensar não vale, mas acho que pra eles vale, mas no meu pensar não vale não, valia se levasse os filhos tudo!

Mary: A senhora fica mais preocupada por causa dos filhos, não é?

Sra. Sakura: É, porque é neto! Neto é igual filho, é mais do que filho viu! Então eu acho que vale a pena ter levado os filhos para lá, agora, deixou aqui...

Mary: E a senhora acha que para os netos da senhora é melhor eles ficarem aqui ou ir para o Japão agora?

Sra. Sakura: Agora, num ponto tem que estudar, fazer faculdade que depois fica difícil pra eles, mas num ponto... prá eles ficar sozinho.. não é?

Mary: A senhora fica preocupada com a família?

Sra. Sakura: Com a família! Olha, eu não posso fazer nada, eu não faço nada porque não posso, mas só que o que eu estou aqui na casa vale muito pra eles como pros pais também!

Mary: É por que se não eles estariam sozinhos não é batian?

Sra. Sakura: Então! Eu não posso fazer nada, como não pode então paga dois, duas empregadas, de vinte e quatro e vinte e quatro, mais um ele paga e outro é Olga que paga, pra ele não ficar muito pesado, então está assim.

Mary: E a senhora não se preocupa com quem que vai cuidar da senhora mais pra frente?

Sra. Sakura: Preocupo. Eu sempre fiquei com a Luiza que está lá no Japão, ela é solteira, ela trabalhava no hospital, trabalhou vinte e dois anos lá e depois ela achou que lá não dava futuro e optou para ir para o Japão, e ai deixou eu, ela sempre morava sempre comigo, então ela fala assim: eu vou voltar pra cuidar de mamãe, pra ficar junto com a mãe! Mas ela vindo aqui o ordenado que ela vai ganhar aqui, se ele arruma serviço aqui, porque está difícil, e ela não tem muito estudo, só tem enfermagem e é enfermagem é de antigo, então eu acho que não dá para sustentar, ela também acha: se eu vou aí, o dinheiro que eu vou ganhar não dá, então é melhor ficar lá para poder mandar um pouco de dinheiro para mim, aí eu fico sozinha e paga uma pessoa para cuidar.

Mary: De qualquer jeito fica difícil mesmo!

Sra. Sakura: Aí, o meu genro, o marido da Olga fala que não tem que se preocupar com isso não: eu vejo tudo isso nós, se vira, ele fala assim para mim. Então, mas ele também

tem a casa dele, tem o filho dele, então no meu pensar, eu acho que tenho que voltar para minha casa.

Mary:Entendi! Mesmo que for para ficar sozinha!

Sra. Sakura: É! Eu penso assim!

Mary:E a filha da senhora está lá há quanto tempo?

Sra. Sakura: Olha ela já vai fazer sete anos e meio, seis meses mais do que o Luís.

Mary:Ah, ela foi antes que o Luís!

Sra. Sakura: Antes!

Mary:E a senhora sente falta deles?

Sra. Sakura: Olha...sente falta mas eles não podem voltar, se voltar não dá para trabalhar para sustentar. Então tem que ficar lá, então eu já conformo, já conformo. E ela até fala assim: a mãe operou, eu vou aí prá ver. Não, não faça isso não, eu falo.Fica aí trabalhando e se poder mandar um pouco de dinheiro manda, em vez de você gastar o dinheiro pra vir pra cá, ir e voltar e pedir para a firma segurar o serviço, lá também disse que é assim, se não segurar não tem, se eles deixam ou não deixam, então dá um trabalho... e é melhor você fazer isso do que você vir embora, eu falo isso para eles.

Mary:A senhora nasceu aqui no Brasil?

Sra. Sakura: Não!

Mary:A senhora é do Japão?

Sra. Sakura: Do Japão!

Mary:A senhora veio para cá criança? Como é que foi?

Sra. Sakura: Veio com quatro anos!

Mary:Aí, foi morar no sítio?

Sra. Sakura: Aí, quando chegou no Santos foi morar no Mojiana, de Mojiana veio andando por essas cidades, aí meu pai começou a arrendar, arrendava três anos e ficava lá acabava despejando arrendava outro lugar e veio fazendo assim, já morei tudo por aqui tudo.

Mary:E a senhora sempre morou no sítio?

Sra. Sakura: Sempre morei no sítio!

Mary:Trabalhava?

Sra. Sakura: Trabalhou, depois que casei, cinqüenta anos que mora aqui no Dracena.

Mary:E a senhora estudou batian?

Sra. Sakura: Eu estudei muito pouco, *nihongako* (escola de língua japonesa) também estudei pouquinho e brasileiro também estudou pouquinho, só mal tirou o primeiro ano.

Mary: Ah, estudou só o primeiro ano?

Sra. Sakura: É! Então só sabe assinar e lê também lê mal escreve mal também. (risos)

Mary: A senhora sempre ficou em casa cuidando dos filhos?

Sra. Sakura: Não, eu costurava! Ficava em casa mais costurei trinta ,quarenta anos costurei roupa.

Mary: E o marido da senhora?

Sra. Sakura: Meu marido ele trabalhava de caminhão, ele trabalhou muitos anos aqui no... (nome da empresa) , de viajar para São Paulo, depois ele deu enfarto e faleceu.

Mary: Depois que ele faleceu a senhora ficou com os filhos só?

Sra. Sakura: É!

Mary: Quase vinte anos já não é?

Sra. Sakura: É, então, quando ele faleceu ainda o Luís estava em casa, a Olga estava em casa, eles foi casando e só ficou a Luiza comigo.

Mary: Ai o Luís casou e teve os filhos e quando os filhos eram criança foram para o Japão?

Sra. Sakura: É!

Mary: A senhora acha que se os netos da senhora tivessem vindo morar com a senhora quando era menor, era pior ou era melhor?

Sra. Sakura: Mais pequeno?

Mary: É!

Sra. Sakura: Era pior! Ela criou até dez anos o Hi, porque Hi era menino muito difícil, era bravo, era muito bravo, e ele brigava com Yamá também tudo, mas agora parou, agora eles dois conversam bastante, nunca vi discutir.

Mary: O Yamá sempre foi mais calmo?

Sra. Sakura: Vixi, até hoje, ele é calmo, calmo, calmo!

Mary: E o Hi está mais calmo também?

Sra. Sakura: Tá calmo, tá calmo!

Mary: E a senhora acha que seria pior se tivesse pequenininho?

Sra. Sakura: Ah, se ficasse desde pequeno comigo acho que eu não agüentava não, porque quando eu morava lá, o Luís morava numa lote feito duas casas, uma para mim e outra para

ele, ficou lá. Então dez anos o Hi ficou ali perto de mim, sempre quintal igual por isso que eu sei como é que ele é.

Mary:Ele não obedecia, era nervoso?

Sra. Sakura: Era muito nervoso! Mas sempre, nunca foi de assim, ele é bravo mais ficar na rua com as molecada, nunca era assim, sempre em casa.

Mary:Amizades eles tem batian? Eles têm amigos?

Sra. Sakura: Tem, os amigos deles é tudo bom, o Hi tem bastantes amigos, sempre vem aqui ele vai também, os amigos tudo bom.

Mary:E o Yamá?

Sra. Sakura: O Yamá também tem amigos bom, ele não tem muitos que nem Hi, mas esses amigos tudo vai embora, uma vai embora para Itália e outro vai embora pro Japão também, então ele fica sem, quase sem amigos hein, não sei como vai ficar.

Mary:Ele tem menos amigos?

Sra. Sakura: Tem menos!

Mary:Por que ele é mais quieto não é?

Sra. Sakura: Mais quieto! E ele tem namorada, agora vai ficar só com a namorada não é?
(risos)

Mary:E a senhora conhece a namorada dele?

Sra. Sakura: Conhece, ela vem aqui!

Mary:Ela é japonesa ou brasileira?

Sra. Sakura: Brasileira!

Mary:O que a senhora acha da namorada dele?

Sra. Sakura: Namorada dele é uma família muito boa, muito bom!

Mary:Quer dizer que a senhora nessa idade ainda com setenta e sete anos tem muita preocupação, não é batian?

Sra. Sakura: Tem, tem muita preocupação porque está comigo aqui, e as mulheres que faz comida que toma conta aqui: não precisa preocupar batian, eles ta grande, já sabe se virar, se não vem já tá, se oito horas, oito e meia e não vem, não precisa preocupar, mas eu preocupo! Se vai, diz que foi no pesqueiro fica oito e meia e não vem, se vai fazer festa na chácara aniversário e fica tarde eu tenho que ligar pra ele.

Mary:Porque não adianta, a senhora está cuidando deles não é?

Sra. Sakura: É então!

Mary:Não tem como não se preocupar não é?

Sra. Sakura: Não tem!

Mary:Se a senhora fosse só avó, morasse separado seria diferente não é?

Sra. Sakura: Diferente, é vixi!

Mary:Mas como os pais não estão a senhora que tem que fazer isso não é?

Sra. Sakura:É!

Mary:E a senhora esta sentindo muita dor como é que é?

Sra. Sakura: Eu não tenho a dor na operação aqui já está bom, mas é que eu fico muito tempo deitada e os nervos doem.

Mary:A senhora não esta fazendo fisioterapia?

Sra. Sakura: Já fiz fisioterapia bastante, agora amanhã que está marcado pra eu voltar no medico, vamos ver o que ele vai falar. Mas eu vou demorar ainda pra poder andar, eu espero que eu possa andar. (risos)

Mary:É, a senhora vai ter que andar de pouquinho em pouquinho não é?

Sra. Sakura: É!

Mary:A senhora tem osteoporose?

Sra. Sakura: Tenho, por isso que não cola, cola mais é devagar!

Mary:Então tem que cuidar mesmo não é?

Sra. Sakura: É!

Entrevista 2 – Yamá e Hi (Netos da sra. Sakura)

Mary: Pelo o que eu conversei com a avó de vocês ontem, vocês estão morando com ela há sete anos, é isso?

Yamá: Não, não é isso não, uns seis anos não é?

Hi: Vai fazer seis!

Mary: Vai fazer seis esse ano?

Yamá: Foi em junho!

Mary: Foi em Junho? Você tinha quantos anos então Yamá?

Yamá: Quando meu pai foi embora? Eu tinha acho que treze!

Mary: Tinha treze anos?

Hi: Não, tinha quatorze e eu tinha onze!

Mary: Você tinha onze e você tinha quatorze?

Yamá: É!

Mary: Vocês moravam aqui mesmo antes?

Yamá: Não, nós morávamos em outra casa ali embaixo!

Mary: Mas aqui na mesma cidade?

Yamá: Mesma cidade!

Mary: Como é que foi que seus pais decidiram ir para o Japão? Por que eles decidiram ir para o Japão?

Yamá: Ah é o dinheiro, e pensava na faculdade, no estudo dos filhos e decidiram ir.

Mary: A preocupação foi por conta do dinheiro mesmo?

Yamá: É! E por causa do estudo dos filhos.

Mary: Você lembra disso Hi? Você era mais novo não é?

Hi: Lembro!

Mary: E como é que foi? Eles tomaram a decisão juntos... vocês participaram... eles tomaram a decisão sozinhos... como é que foi?

Hi: Eu e meu irmão ia junto para lá!

Mary: Ah! Vocês iam juntos?

Hi: Ia morar lá mais aí...

Yamá: A firma não pegava casal com filhos e foi só eles dois.

Mary:Mas no começo então a primeira idéia que eles tiveram foi de vocês irem juntos?

Yamá: É, todo mundo!

Mary:E vocês tinham topado ir?

Hi: Ah, tinha não tinha, nós era novo e não sabia o que era ainda.

Mary:Mas vocês iriam?

Yamá: A gente ia!

Mary:Então vocês só não foram por conta da firma mesmo?

Yamá: É!

Mary:E como é que é? Assim, se fosse para vocês escolher, talvez hoje, vamos supor, se eles viessem propor para vocês, vocês preferiam ir ou preferiam ficar aqui?

Hi: Ah, ficar hein!

Yamá: Ficar!

Mary:Por que Hi?

Hi: Ah, porque lá não tem estudo igual aqui tem!

Mary:E aí então eles foram sozinhos, e como é que foi para vocês? Porque ai teve uma separação da família!

Yamá: É!

Mary:Como é que foi no começo? Você tinha, você falou, quatorze e ele tinha onze anos, vocês vieram morar já direto com a avó, com a batian?

Yamá: É!

Mary:E como é que foi isso? Foi complicado no começo? Sentiram falta?

Yamá: Ah, no começo foi difícil!

Hi: Nos primeiros, é no primeiro ano assim, né, sente falta, mais depois vai acostumando!

Mary:Acostuma depois? E como é que foi morar com a batian? Porque a batian tem outra idade tem outra cabeça, como é que é?

Hi: Ah, é estranho também no começo, mas...

Yamá: Nos já morávamos aqui, na casa do lado!

Hi: Convivia bastante, e não teve tanto problema.

Mary:Mas e assim os costumes? Porque vocês eram novinhos e ela já tinha uma certa idade, agora já tem setenta anos?

Yamá:É!

Mary: Como é que foi para vocês a adaptação? Foi muito difícil?

Hi: Ah, não foi muito difícil não!

Mary: Não? Foi tranquilo?

Yamá: Foi porque a minha avó fazia a mesma coisa que meu pai e minha mãe fazia por nós, tratava do mesmo jeito!

Mary: Ela tratava do mesmo jeito? Vocês estavam acostumados com ela já?

Yamá: Isso!

Mary: E vocês acham que foi melhor ter ficado aqui com a batian do que ter ido para o Japão?

Yamá: É!

Mary: Vocês não têm vontade de ir para lá?

Hi: Só para conhecer!

Yamá: Pra trabalhar não!

Hi: Trabalhar não!

Mary: Não? Preferem ficar aqui?

Yamá: Fazer faculdade aqui!

Mary: Você está pensando em fazer faculdade? O que você pretende fazer?

Hi: Comercio exterior!

Mary: Você vai presta rquando? Esse ano?

Hi: É! Final do ano!

Mary: Você está no terceiro colegial?

Hi: É!

Mary: Você já está fazendo já?

Yamá: Tô fazendo!

Mary: É odonto... primeiro ano?

Yamá: Segundo!

Mary: E agora como é que estão as coisas? Seus pais continuam trabalhando lá, vocês sabem se tem uma previsão de volta, alguma coisa assim, ou não? Porque pelo que sua avó falou eles iam para ficar um tempo!

Yamá: Meu pai foi pra volta só quando ele ver eu terminar, eu terminar a faculdade e só ficar meu irmão.

Mary: Ai eles pretendem voltar? Então vai demora um tempo ainda!

Yamá: Ah, um tempo não é? até terminar!

Mary: O curso são quantos anos? Quatro?

Yamá: Cinco!

Mary: Cinco? E ai ele entrando ele comentou que voltaria só com ele na faculdade é isso?

Yamá: É, a gente acho mais o curso é caro...

Mary: O seu curso é caro?

Yamá: Meu curso é!

Mary: E lá os dois trabalham?

Hi: Os dois trabalham!

Mary: Você sabe o que eles fazem?

Hi: Escapamento!

Mary: Os dois juntos no mesmo lugar?

Yamá: Dois juntos!

Mary: Bom, quando é que vocês viram eles depois desse tempo?

Hi: Eu vi uma vez depois que meu irmão se acidentou de carro, faz uns dois anos não é?

Yamá: Dois anos!

Hi: Tava em 2004!

Yamá: Dois anos!

Hi: Ano passado eles vieram no meio do ano e ficaram um mês com a gente. Ah, eles vieram de férias?

Hi: Ficaram um mês!

Mary: E como é que foi para adapta? Porque agora vocês acho que também devem sentir diferença!

Hi: Ah, primeira semana é ruim!

Yamá: E na hora que está acostumando eles já têm que ir embora, porque eles pegam...

Mary: Pegaram férias, foi isso?

Yamá: Pegaram!

Mary: Mas de verdade, assim, como é que é, é melhor com eles aqui ou não?

Hi: A gente sente mais seguro com o pai do lado, mas tem que entender, tão lá para sustentar eu e meu irmão!

Mary:Na verdade vocês entendem porque eles estão fazendo isso para o bem de vocês também?

Yamá: É!

Mary:E demora um pouco, não demora pra se adaptar no começo?

Yamá: Demora, hum, hum!

M:Porque querendo ou não é estranho não é? Vocês lembram dele! Eles mudaram muito vocês acham ?

Yamá: Ah, não mudou tanto porque agente conversa pela câmera assim, porque agente se vê e não parece tão mudado!

Mary:E vocês, mudaram muito?

Yamá: Ih, mudamos, nossa!

Mary:Acho que vocês mudaram mais não é não?

Yamá: A gente ta bem grande!

Mary:Vocês conversam com eles toda semana? Como é que é a frequência que vocês conversam?

Yamá: Antes era, mas agora não bate os horários!

Hi: Conversa mais nos finais de semana.

Mary:Por que? O que aconteceu com os horários?

Hi: Ah, por causa da escola! Meu irmão estuda o dia inteiro, e eu agora também estudo, tenho aula à tarde.

Mary:Certo! Então não está batendo os horários deles!

Yamá: Não bate os horários, é mais de fim de semana!

Mary:Eles trabalham o dia todo?

Yamá: É!

Mary:E quando vocês conversam com eles vocês conseguem, assim, contar o que está acontecendo, contando as coisas de vocês?

Hi: Consegue!

Mary:Dá pra fazer isso?

Hi: Dá!

Mary:E com a batian, dá pra fazer isso ou não dá?

Hi: Ah, dá também! Conversa!

Mary: Mas é diferente ou não?

Hi: É um pouco, porque se fala pra minha avó ela fica mais preocupada, e minha avó pela idade dela não tinha, não pode ficar muito preocupada com as coisas.

Yamá: Tem certas coisas que a gente não fala pra ela.

Mary: Ela fica muito preocupada com vocês?

Yamá: Ah fica, se agente fala as coisas, ela fica...

Mary: Apesar da idade, apesar de tudo ela ainda se preocupa muito com vocês! E vocês, como é que é de vocês com ela?

Hi: Preocupação também, minha avó é como uma mãe minha agora, a gente trata ela como se fosse segunda mãe!

Mary: Pra você também é assim Yamá?

Yamá: Hum, hum!

Mary: E vocês sentem assim que ela tem esse cuidado com vocês, que ela tem toda essa parte, assim, apesar de ela estar sozinha com vocês?

Yamá: Hum, hum!

Mary: Porque na verdade pelo que ela me falou essa casa é do pai de vocês, e ela que está morando aqui com vocês?

Hi: É!

Mary: Bom, e o que vocês pensam em termos de projeto? Vocês pensam em terminar a faculdade...

Hi: Ah, eu penso em prestar, passar, estudar e ir embora, ir embora e estudar mais um pouco no exterior, porque não quero só estudar aqui não.

Mary: Não quer? Mas você pensa em ir para o Japão?

Hi: Não eu penso ir para os EUA assim.

Mary: É, inclusive o curso que você quer fazer...

Hi: É, o curso que eu quero tem que ir pra fora, aqui não tem nada!

Mary: E você, Yamá?

Yamá: Ah, o meu é mais aqui, terminar, montar a clinica e ficar tranqüilo.

Mary: Mas vocês não têm planos de ir pra lá?

Yamá: Não!

Hi: Não! Só se precisar mesmo!

Mary: Só em último caso?

Hi: É, só se for em último caso!

Mary: Porque? Vocês acham que lá não é legal? O que vocês têm contra?

Hi: Muita gente novo, assim meus primos que era novo e foi pra lá, falou que esse povo sofre muito lá, trabalham demais e não dá tempo de sair. E aqui não, aqui é quando agente quer!

Mary: Vocês sentem brasileiros ou meio japoneses?

Hi: Brasileiro, de coração, mas é meio japonês

Yamá: Japonês!

Mary: Meio a meio? Você se sente meio a meio? Por quê? O que você acha que tem de japonês?

Yamá: Ah, sei lá!

Mary: A batian deu educação para vocês o quê? Brasileira ou japonesa?

Hi: Mais brasileira, a minha outra avó que deu japonês, minha avó que fala mais japonês, minha avó aqui...

Mary: Ele conversa bem português! A comida como é que é?

Hi: A comida, às vezes a gente pede e ela acaba fazendo, mas como agora ela está operada ela não tem como.

Mary: Mas vocês gostam do que mais?

Yamá: Eu gosto mais de japonesa!

Hi: Eu gosto mais de comida de japonês!

Mary: De japonês? E você também?

Yamá: Hum, hum!

Mary: E falar ela fala bem, não é?

Hi: É, minha avó é de lá! Ela não é daqui!

Mary: É, mas ela fala bem português apesar de ser de lá!

Yamá: Ela fala!

Hi: Ela só não sabe escrever muito!

Mary: E com vocês ela conversa bem, assim português?

Yamá: Conversa!

Hi: Se fala japonês ninguém entende.

Mary: E vocês nunca fizeram japonês nada?

Hi: Não!

Yamá: Não! Eu já fiz inglês, mas japonês...

Mary: E seus pais eles sabiam falar japonês quando foram para lá?

Hi: Minha mãe entendia um pouco, meu pai já era mais radical.

Mary: E agora? Eles falam japonês?

Yamá: Não, acho que só minha mãe!

Mary: Não! Continua falando...?

Hi: Minha mãe que sabe falar mais, e meu pai ele não, continua igual.

Mary: Eles continuam falando português?

Yamá: Hum, hum

M.: Vocês sentiram se eles mudaram depois que foram para o Japão, assim, do jeito deles, se eles ficaram mais japonês, se eles ficaram, assim, diferente em algumas coisas?

Hi: Ah, o meu pai deu pra sentir um pouco que aqui no Brasil ele não era... lá ele limpa banheiro essas coisas, aqui não, ele não fazia essas coisas doméstica, assim coisas de casa. Agora ele faz!

Mary: Ele está ajudando a sua mãe lá?

Hi: É, ele ajuda minha mãe, e aqui não, era só minha mãe que fazia.

Mary: Então isso mudou?

Hi: Mudou!

Mary: Mas no jeito deles vocês percebem que eles mudaram em alguma coisa?

Yamá: Sei lá, acho que mudou...

Hi: Parece outro!

Mary: Como assim?

Yamá: Quando ele veio pra cá, sei lá, ele voltou com cara de japonês.

Mary: Você acha que ele voltou com cara de japonês?

Yamá: Voltou!

Mary: Porque tem muita gente que fica lá muito tempo e quando volta para cá tem dificuldade para acostumar, porque as coisas aqui mudaram muito. Vocês sentiram isso dele?

Yamá: Foi!

Mary:Ele ficou meio perdido aqui com as coisas? Por exemplo, dinheiro...

Yamá: Não, dinheiro nem tanto!

Mary:No que você acha que ele ficou mais perdido?

Yamá: Mais a rua assim, ele andava, reclamava.

Mary:O que ele reclamava?

Yamá: Cheia de buraco, lá não tem!

Hi: Era sujo, aqui é sujo!

Mary:Entendi, essas coisas eles sentiram muita diferença!E eles ficam muito preocupados com vocês ?

Hi: Ah fica!

Yamá: Bastante!

Mary:Fica?

Hi: Pai é pai não é? Do outro lado do mundo ainda, fica mais ainda! Tudo que agente faz aqui.

Mary:Se dá muito trabalho pra batian.

Hi: É, isso ai!

Mary:E me fala uma coisa, vocês obedecem bastante ela ou não?

Yamá: Obedece!

Mary:Obedece?

Yamá: Hum, hum!

Mary:E os seus pais? Eles dão ordens para vocês de lá ou eles deixam tudo por conta da sua avó?

Hi: É, meu pai manda de lá, se ele der lá, minha avó não fala nada assim. Meu pai mandando ele fala: “é seu pai não é?”.

Mary:Ela aceita?

Hi: Aceita!

Mary:E sua mãe?

Hi: A minha mãe também! Tem que pedi para os dois, se for sair alguma coisa assim, pra viajar, tem que pedir para os dois.

Mary:Ai vocês tem que pedir pra eles e pra batian?

Hi: Ai se eles deixar tem que ver se minha avó vai deixar, porque se minha avó não deixar não vai.

Mary:Então na verdade vocês têm gente a mais para perguntar não é?

Hi: É, só três!

Yamá: É três!

Mary:Aqui são três não é? E a outra batian que você falou, mora aqui também?

Yamá: Mora, só que mora lá no Japão!

Mary:E ela é mais japonesa?

Hi: Não, ela é brasileira só que ela fala mais japonês que minha avó.

Yamá: Ela foi criada por pais japonês também, só fala japonês!

Mary:Entendi! Então a sua avó é mais adaptada?

Yamá: É!

Hi: É!

Mary:A que está com vocês, ela que está mais adaptada e tudo!Bom, se fosse pra vocês escolherem entre ter os pais de vocês aqui e vocês irem para o Japão ficar com eles, o que vocês escolheriam?

Hi: O pai e a mãe aqui!

Yamá: Com o pai e a mãe é diferente! É mais gostoso!

Hi: Se sente mais seguro com os dois juntos!

Mary:Você sente muita diferença quando eles estão juntos?

Hi: Hum,hum!

Mary:No que você sente mais diferença Hi?

Hi: Ai tipo, minha mãe eu sempre andava atrás da minha mãe, quando minha mãe vinha pra cá eu ficava sempre com ela, agora não!

Mary:Vocês tiveram que ficar mais independentes ?

Hi: É, tivemos que ser mais responsável.

Yamá: Ah, mais isso foi bom por um lado, ajudou muito isso.

Mary:Mas na verdade deve sentir muita falta também não é? Talvez as com coisas estão bem, nem tanto, mas às vezes tem momentos que tem duvidas, que vem algumas coisas assim...

Yamá: Era bom perguntar não é? Sentar, conversar.

Mary:É o que vocês falaram, que com a batian, não é que ela não pode ajudar, mas vocês tem medo de preocupá-la também não é?

Hi: É!

Mary:Se bem que ela deve estar quebrando um galhão para vocês não é?

Yamá: Tá!

Hi: Bastante!

Mary:Porque se não tivesse ela vocês tinham que ter ido para lá não é?

Hi: É!

Mary:Vocês conhecem mais pessoas assim que, amigos de vocês que foram para lá, ou que ficaram?

Yamá: Pai e mãe?

Mary:É!

Yamá: Conheço!

Mary:Conhece? E como é que é para eles? Vocês conversam sobre isso ou não?

Yamá: Ah, de vez enquanto! Que a melhor coisa que os pais fez foi fica com avó também, aí eles não foi, inclusive hoje tá indo um amigo meu para lá.

Mary:Está indo para lá? É da sua idade Yamá?

Yamá: É da minha idade! E a irmã dele tem quase 16.

Hi: 18!

Yamá: 18!

Mary:E ele esta indo sozinho?

Yamá: Não, ele e a irmã!

Mary:Ah, os dois estão indo?

Yamá: O pai e a mãe estão lá também.

Mary:Mas isso não passa pela cabeça de vocês, a não ser que realmente aconteça um furo dos planos ai.

Hi: É só se acontecer alguma coisa mesmo!

Yamá: Melhor fica aqui!

Mary:Então na verdade vocês se sentem brasileiros mesmo e gostam daqui!

Yamá: É!

Hi: É!

Mary: Vocês tem amigos aqui?

Hi: Tem!

Mary: A vida de vocês continua...

Yamá: Isso!

Mary: E como é que é assim para sair essas coisas, como é que vocês negociam isso com a batian, como é que é isso?

Hi: Antes quando era só nós três, um ficava e o outro saía, agora quando tem enfermeira pode sair que minha avó deixa nós sair juntos.

Mary: Ah! Vocês ficavam para revezar!

Yamá: Agora não volta mais cedo!

Mary: Ela se preocupa muito com o horário de vocês?

Hi: Não! Antes preocupava quando era mais novo ainda, agora sendo mais velho aí não.

Mary: Aí ela confia mais em vocês agora?

Hi: Aí ela confia!

Mary: E da para confiar mesmo? Vocês não fazem muita loucura?

Yamá: Dá!

Hi: Da pra confiar!

Mary: Você não dirige ainda?

Hi: Não ainda não!

Mary: Só você Yamá!

Yamá: Só eu !

Mary: E você tem carro? Como é que é?

Yamá: Tenho, ele deu um carro para mim.

Mary: E quem que está administrando as coisas da família? Como seu pai está trabalhado, como é que é?

Yamá: Eu!

Mary: Você? E o que você tem feito? Como é que é isso? O seu pai manda o dinheiro?

Yamá: É, ele manda o dinheiro, eu pago as coisas.

Mary: As contas da casa?

Yamá: É! Da casa, tudo! Faculdade, escola do meu irmão.

Mary: Você que paga tudo?

Yamá: É, eu que pago!

Mary:Agora você ficou o responsável pela família daqui! Você sente muito peso disso, como é que é?

Yamá: Um pouco hein! Porque antes tava minha tia, só que não dá certo fica com parente assim e meu pai falou: “não, você vai agora tomar conta!”. Ele vem de uma vez, veio de uma vez e eu : “não vou agüentar não!”. Aí está dando tudo certo agora!

Mary:Ta, está conseguindo?

Yamá: Agora eu estou!

Mary:Faz pouco tempo então que você está fazendo isso?

Hi: Vai fazer... vai fazer um ano.

Mary:Aí você que faz as contas do que precisa?

Yamá: É!

Mary:Me fala uma coisa, pelo fato de seus pais estarem lá no Japão, eles ganham mais do que se eles estivessem aqui. Vocês gastam mais dinheiro por isso?

Hi: Eu não!

Yamá: Não!

Mary:Não? Como é que é?

Yamá: Porque se fosse para eles trabalhar, juntar dinheiro e nós gastar aqui, aí não compensa ficar lá. Aí, nós estamos economizando

Mary:Vocês estão fazendo isso?

Yamá: Hum,hum!

Mary:E aí assim, os gastos da casa você que também vai administrando tudo com a batian? Porque tem supermercado, essas coisas todas, você que está fazendo isso?

Yamá: Eu pego, passo para ela, as continhas dela, ela vai lá e paga.

Mary:E seus pais não reclamaram muito dos gastos ou não?

Yamá: Não!

Mary:Não porque agora dizem que está mais difícil de ganhar dinheiro lá não é?

Yamá: Agora está! Hora-extra está baixando lá.

Mary:Então ele não está fazendo a hora-extra mais?

Yamá: Hora extra não!

Hi: Por isso que falta, não é que tá difícil é que falta.

Mary:As horas extras você fala?

Yamá: Uhum!

Mary:E eles? O que você sente deles? Você acha que eles estão cansados ou que eles estão gostando de ficar lá? O que vocês pensam da parte deles?

Hi: Ah, eles estão cansados!

Yamá: Cansados, porque vira e mexe vai falar com eles e eles falam: “tô cansado!Manda remédio!”.

Mary:Por que? Eles estão com problemas de saúde ou não?

Yamá: É que quando ela veio pra cá na ultima vez ela fez cirurgia das varizes, aí não tratou direito e já foi embora, aí no avião a perna incha parece, aí começou a dar problema lá, agora que está melhorando.

Mary:Aí vocês mandam remédio também para lá?

Yamá: Meu pai é o joelho, o joelho dele tem problema.

Mary:Na é por causa do trabalho também será?

Hi: Desculpa, mas é que eu tenho que ir para a escola!

Mary:Pode ir! Obrigada viu Hi!

Hi: Tchau!

Mary:Tchau, tudo de bom!

E seu pai está com problema?

Yamá: Meu pai é o joelho!

Mary:E você acha que isso é por causa do trabalho dele?

Yamá: Por causa do trabalho, fica muito tempo em pé, né? Aqui ele trabalhava sentadinho e lá fica em pé.

Mary:O que ele fazia aqui antes?

Yamá: Ele mexia com contabilidade.

Mary:Os dois?

Yamá: Não, só meu pai!

Mary:E sua mãe?

Yamá: Minha mãe ficava em casa.

Mary:Ah, ela não trabalhava! Ela deve ter estranhado muito não é?

Yamá: É! Chegar lá e ainda trabalhar assim!

Mary: E você acha que eles, assim, se fosse pela vontade deles, eles preferiam voltar ou ficariam mais tempo lá?

Yamá: Voltaria! Não é fácil lá não, é muito difícil. Já falou já: “não vem pra cá, aqui vocês não vem não!”.

Mary: A é? Eles falaram isso pra vocês?

Yamá: Falaram!

Mary: Para vocês se esforçarem aqui pra..

Yamá: fazer de tudo para passar de ano e se formar.

Mary: E o que você acha desse esforço que seus pais estão fazendo por vocês? Que sentimento que isso dá em vocês?

Yamá: (*silencio*)

Mary: Porque assim, eles estão se esforçando, assim para garantir um futuro para vocês.

Yamá: É, para nós!

Mary: O que você sente em relação a eles por causa disso?

Yamá: Eles? Como assim?

Mary: Assim, porque eles estão fazendo esse esforço tudo pra vocês. O que você sente assim, por eles?

Yamá: Por eles? Ah, amor né? Eles estão trabalhando lá, dando a vida lá para dar de tudo para nós aqui.

Mary: E por exemplo, a sua avó já esta nessa idade.

Yamá: Ela já quebrou a perna já.

Mary: Exato! Então, assim, por exemplo, quem que, como fica para cuidar dela? Se acontecer alguma coisa com ela, quem que você acha que cuidaria dela, se precisasse?

Yamá: Cuidar como assim?

Mary: Vamos supor que ela ficasse mais doente, que ela não possa andar.

Yamá: Ah, nós!

Mary: E dos seus pais, vocês cuidariam dos seus pais como você ta falando?

Yamá: Ah sim, tem que cuidar não é?

Mary: E me fala uma coisa, você esta gostando da faculdade, ta gostando do seu curso? Como é que você está vendo seu futuro assim?

Yamá: Ah, da faculdade eu to, é gostoso, só é muita coisa para mim, eu não achava que era assim, tem um monte de matéria.

Mary: Você fica o dia inteiro lá?

Yamá: O dia inteiro!

Mary: Está sendo difícil?

Yamá: Ah, o segundo ano está! Vai começar aula à noite também, vai começar a complicar mais.

Mary: Mas você pretende levar isso até o fim?

Yamá: Até o fim!

Mary: Para não ter que, por exemplo, ter que chegar ir para lá.

Yamá: É!

Mary: E não é o que seus pais querem para vocês também? Vocês irem para lá!

Yamá: “Paga, estuda aí porque pra cá aqui não vem não!”

Mary: Quer dizer, eles fazem qualquer sacrifício para vocês não terem que ir para lá!

Yamá: É!

Mary: É isso que você sente deles?

Yamá: Hum, hum!

M.: Se fosse pra você dizer alguma coisa para os seus pais, é claro que você não vai estar dizendo para eles porque eles não estão ouvindo, mas se você dizer alguma coisa para os seus pais o que você diria para eles de tudo que eles tem feito para você?

Yamá: (silencio)

Mary: Qual que o maior sentimento?

Yamá: Agradecer, tudo que eles estão fazendo por nós aqui, e tudo que nos puder fazer por eles lá!

Mary: Tudo que eles pedem. Eles pedem muitas coisas para vocês?

Yamá: Pede, e sempre a gente vai atrás, e se não vai eles ficam falando que estão fazendo de tudo e a gente não faz nada.

Mary: Eles cobram também?

Yamá: Cobram.

Mary: O seu irmão te ajuda?

Yamá: Ajuda! Agora ele está ajudando!

Mary: Por que? Ele não ajudava antes? Ele era mais irresponsável como é que é?

Yamá: É moleque! Agora ele está mais velho e está botando as coisas na cabeça!

Mary: Então ele te ajuda também, ajuda aqui em casa com a batian?

Yamá: Ajuda!

Mary: Os seus pais mandam o dinheiro, assim, só para o que precisa? Eles mandam dinheiro a mais, manda muito presente, como é que é essa coisa do...

Yamá: Manda só o que precisa, faz a relação e mandam tanto e tanto.

Mary: Então eles estão controlando de lá também?

Yamá: Controlando de lá também!

Mary: Eles estão falando se está muito difícil ganhar dinheiro?

Yamá: Está difícil!

Mary: Ta difícil?

Yamá: Ta!

Mary: Está todo mundo reclamando disso agora.

Yamá: É! Inda mais que eles estão velho lá, agora.

Mary: Quantos anos eles tem?

Yamá: Meu pai tem 50 e minha mãe uns 48.

Mary: Fica mais pesado agora para trabalhar não é?.

Yamá: É! Se perde o emprego não arranja outro.

Mary: Eles estão no mesmo emprego desde que eles foram?

Yamá: Estão! Lá eles moram em cima da fabrica, eles trabalham embaixo e moram em cima.

Mary: E você acha que foi melhor os seus pais terem ido juntos para o Japão do que ter ido um e ficado aqui outro?

Yamá: Ah, é melhor ter ido junto.

Mary: Por que?

Yamá: Os dois trabalham. Se meu pai fosse sozinho ele não ia.

Mary: Ah é?

Yamá: É, ele falou, senão ele não ia não!

Mary: Ele só foi porque sua mãe foi junto! E para eles você acha que foi muito difícil deixar vocês aqui?

Yamá: Ah foi! No começo minha mãe chorava, falava que queria voltar. Nós falava: “agora que foi segura um pouco, agüenta mais uns dias”.

Mary: Vocês deram força para ela?

Yamá: Tem que dar, né?

Mary: Mas para vocês também deve ter sido difícil ficar aqui separado!

Yamá: É!

Mary: Deve ter passado por momentos tristes também, ou não?

Yamá: Hum, hum. Ah fica não é? Primeiro é o dia inteiro junto, aí chega uma hora e fala: “a mãe vai embora”, e vai e deixa você aí.

Mary: Foi muito rápida a decisão?

Yamá: Foi uns dois meses, meu pai pediu as contas no serviço, estavam mexendo as coisas mas não tinha falado, e depois eles falou: “Ó, nós ta indo!”.

Mary: Ah é! Ele não falou?

Yamá: Ele falou assim, mais ou menos.

Mary: Mais encima da ultima hora!

Yamá: Falou que nos ia tirar passaporte e visto. Ainda então a gente ia tudo junto, mas aí veio de lá que eles não podiam levar nós.

Mary: E você preferiu assim?

Yamá: Achei melhor, do que fica lá, não ia estudá, ia fica parado.

Mary: Na verdade aí seria um problema com o futuro talvez não é?

Yamá: É, o futuro ia ser lá também, porque aqui sem o colegial e sem nada...

Mary: É difícil! Esses seus amigos que estão indo para lá eles terminaram o colegial já?

Yamá: Terminaram!

Mary: E por que eles estão indo?

Yamá: Porque meu colega ele não quer estudar, a irmã dele está indo só passear, vai passear e vir embora. E como ele não quer estudar eles falaram: “vem pra cá se você gostar você fica, senão você vai embora!”. Ele vai lá ver como é que é.

Mary: E o que você acha disso?

Yamá: Eu acho que ele volta.

Mary: Você acha que ele volta, por que?

Yamá: Trabalhar não é com ele não!

Mary: Você gosta de estudar ou está estudando porque tem que estudar?

Yamá: Ah, gostar de estudar eu não gosto não, mas eu estou tentando.

Mary: Você que escolheu fazer odonto? Como é que foi que você escolheu? Você escolheu sozinho? Alguém te ajudou? Como é que foi?

Yamá: Eu escolhi sozinho, eu sempre gostei, assim, aí me chamou pra estudar e eu falei: “eu vou fazer odonto”.

Mary: E os seus pais, o que eles acharam da escolha?

Yamá: Sei lá, eles acharam que eu ia fazer outra coisa.

Mary: Ah é? O que eles achavam?

Yamá: Eles achavam que eu ia fazer um curso mais fácil, porque eu não gostava de estudar, aí eu cheguei assim: “passei em odonto!”. Eles ficaram contente, mesmo que é particular eles falaram: “não, vai fazer!”.

Mary: E é muito cara a faculdade?

Yamá: Faculdade lá é... R\$ 960,00 fora ônibus, comida, material.

Mary: É, material que é caro! Mas eles gostaram da sua escolha?

Yamá: Gostaram!

Mary: Na verdade você escolheu sozinho, porque eles não estavam aqui não é?

Yamá: Não! Eu só avisei quando eu passei, nem tinha falado que ia fazer, só falei: “Passei em odonto lá!”.

Mary: Você tem mais parentes lá no Japão? Como é que é?

Yamá: Tem!

Mary: Primos! Como é que é?

Yamá: Tem três primos meu, da parte da minha mãe tem dois, três, quatro, são cinco irmãos dela.

Mary: Irmãos dela? Seus tios?

Yamá: É, tio tia, tudo lá! Agora da parte do meu pai só tem um, uma irmã.

Mary: A é, sua avó falou, que tem uma tia sua lá não é?

Yamá: Hum, hum!

Mary: Então tem bastante gente lá?

Yamá: Tem!

Mary: Você não tem nem vontade de ir lá para conhecer?

Yamá: Ah, vontade de conhecer eu tenho, mas vai que meu pai fala: “fica ai um pouquinho, eu volto lá!”.

Mary: Você prefere não arriscar então?

Yamá: É, eu prefiro ficar aqui.

Mary: Mas queria fazer igual essa sua amiga, ir lá passear..

Yamá: É, ir passear..

Mary: Curiosidade pra conhecer você tem? Mas não quer arriscar?

Yamá: Conhecer todo mundo quer, não sei, vamos ver, quem sabe?

Mary: Onde eles moram lá Yamá?

Yamá: Moram perto de Nagóia, e é bom porque tem bastante brasileiro, fica fácil.

Mary: Eles têm amigos lá? Você sabe como é a vida deles?

Yamá: Tem bastante, porque a firma tem só brasileiro também, fizeram amizade com o pessoal de lá.

Mary: Bom, você tem namorada... alguma coisa assim?

Yamá: Namorada!

Mary: Ela é brasileira ou é japonesa?

Yamá: É brasileira!

Mary: É.. e ai assim, com a sua avó tem alguma preocupação? Você fica preocupado com sua avó em alguma coisa, como é que é?

Yamá: Ah, preocupação tem, depois que ela quebrou a perna agente fica mais preocupado, mas vamos ver agora.

Mary: Como é que você acha que ela está?

Yamá: Agora ela está bem, mas no começo ela estava ruim., porque ela quebrou, aí operou, tornou quebrar de novo. Aí ela ficou triste, ficou ruim, e os meus tios resolveram contratar as enfermeiras.

Mary: Vocês que contrataram como é que foi isso? Ou foi sua tia?

Yamá: Foi minha tia. Para nos é difícil, pra mim e pro meu irmão, nos estuda, a gente quase não para aqui, só vem à noite.

Mary: E ela aceitou?

Yamá: Aceitou! Porque eu saio daqui cinco horas, cinco e meia, eu volto as seis.

Mary: O seu irmão também sai de manha não é?

Yamá: Sai sete, e volta só à tarde.

Mary:É para vocês inclusive é mais confortável que tem alguém cuidando dela não é?

Yamá: É!

Mary:Porque ficam melhor em saber.

Bom, vocês sentem falta dela mais quando ela estava melhor? Ela fazia bastante coisa em casa? Ela fazia tudo? Como que é?

Yamá: Ah, tinha empregada aqui só para limpar a casa, cozinhar ela cozinava.

Mary:E agora ela não pode fazer nada não é?

Yamá: Agora não pode! Ela ia andar, ia na rua. Tem dia que ela tá meio triste, porque ela fazia muita coisa.

Mary:A é? Ela era bem dinâmica?

Yamá: É! Fazia natação...

Mary:Agora teve que parar tudo?

Yamá: Vamos ver se ela volta a andar de novo.

Entrevista 3 - Sra. Kiku.

Mary: Bom, então a senhora está morando com o neto da senhora, com o Sorá. Desde quantos anos de idade que a senhora está morando com ele, dona Kiku?

Sra. Kiku: Quando nasceu... aí, seis meses, aí deu convulsão, então levou no médico pediatra daqui de Dracena, e não descobria, né?. Seis meses deu uma vez convulsão, depois sete meses cada dez dia, quinze dia, ficou perto, dava convulsão direto, né?. Aí, deixou assim, levou no médico aqui, deu remédio e não adiantou nada. Depois nós foi... meu filho morava no Socorro, perto do Água de Lindóia...

Mary: Certo! O pai dele, a senhora fala?

Sra. Kiku: Aí, nós foi visitar ele, estava chovendo, antes de uma semana caminhão óleo tombou, aquele óleo diesel, camionete capotou, aí, Sorá não machucou nada não, pai dele também não machucou, machucou só o outro filho o segundo, porque protegeu, pegou o Sorá no colo, caminhonete estava assim, rodando no asfalto. Então, ele protegeu o Sorá assim, então ele não machucou. Aí a amiga dele ligou para nós, minha nora foi andando, longe, aí o fusquinha chegou, aí foi no hospital. Ai caiu nessa largura, num riozinho da cidade, aí, caminhonete entrou assim, só que a água tinha só um palmo.

Mary: Caiu no rio, a caminhonete?

Sra. Kiku: Rio, com o tempo de chuva enche a água lá, não é? Sorte, né? Se tivesse água tava todo mundo morto.

Mary: A senhora estava junto?

Sra. Kiku: Não, eu não fui!

Mary: Quem que estava no carro?

Sra. Kiku: A nora, o Sorá, outro filho e o pai dele, ele que estava dirigindo, aí ele saiu, com ele não aconteceu nada, aí ele foi no hospital, o Sorá ficou mole.

Mary: Como assim ficou mole?

Sra. Kiku: No corpo, ficou mole assim.

Mary: Ah, tá!

Sra. Kiku: Pegou sete mês ele começou a levantar, começou a falar também, pouco, japonês fala butá, butá, (porco), (risos) aí, ele falava, aí já começou falar e depois não parava mais, parou de falar. Começou a engatinhar assim, não dá assim, não dá passo, ele também

ficava... Levanta assim, aqui e segura, não dá passo. Esquisito não é? Aí, a cabeça a frente começou a crescer aqui, depois o médico aqui não descobria. Depois que deu acidente lá no Socorro, ai hospital de Socorro, cidade pequena sabe? Aí, levamos para Bragança naquele hospital de faculdade. Aí, os estudante, tanta gente estudando lá, não descobria. Aí, o médico e o professor chegou e descobriu, né? Era água na cabeça. Aí, médico abriu aqui assim, colocou uma mangueirinha assim, tirou assim na hora. Depois no outro dia começou a engatinhar já, tirou a água que tava saindo. Ele começou a andar, começou a dar passo.

Mary: Foi rápido?

Sra. Kiku: É...Ele ficou três meses internado de graça.

Mary: Ele ficou três meses internado, o Sorá?

Sra. Kiku: É, ai ele nossa!... depois ficou bom!

Mary: Aí ele começou a andar, começou a engatinhar?

Sra. Kiku: É!

Mary: Falar também o batian?

Sra. Kiku: Não, não falava até os cinco anos, só por gestos assim. Quer leite, assim, dava metade, nós não ensinava, ele quer cheio, né?... falava assim. Tudo, nós fazia assim, não ensinava, médico fala que não pode, aí acostuma...

Mary: Fazia com a mão!

Sra. Kiku: Aí o médico daqui, o Ricardo tem que falar, né? Deu Gardenal, 54 gotas, aí dona Ivone, ela deu o endereço mandou levar para Marília. O medico de Marília fez exame tudo, o eletro assim, não tem nada de mancha, e o Ricardo disse que tinha mancha. Nós levou em Marília e não tem nada de mancha, quanto dava gotas de Gardenal?, ela perguntou o médico de Marília. Aí, nos falamos: 54. Nossa senhora, tá judiando, não precisa nenhuma gota, não precisa dar, corta esse remédio, não pode nem dar nada!. Aí chegou em casa no outro dia o papai estava trazendo banana madura, assim, com carriola.

Mary: Papai quem é? O marido da senhora?

Sra. Kiku: É, ditian. Aí começou a falar, veio o feirante tudo, coitado, todo mundo pegava o Sorá no colo e não parava.

Mary: A senhora fazia feira?

Sra. Kiku: É, feira desde que nasceu eu levava, ai a turma de feirante...Nossa, o Sorá começou a abacaxi, aí todo mundo bateu palma: Parabéns Sorá!. Ai começou a falar.(risos)

Mary: Quantos anos ele tinha batian?

Sra. Kiku: Cinco anos!

Mary: Cinco anos. Porque o remédio que estava atrapalhando?

Sra. Kiku: É atrapalhou, esse Ricardo não valeu nada, só judiou ele.

Mary: Aí ele começou a falar normal?

Sra. Kiku: Aí ele começou a falar, ná assim, rápido. Ai seis anos nós colocamos ele na creche quando começou a falar, ele não falava só falava muito pouco, depois com sete anos colocamos na escola, atrasou um ano, não é?

Mary: Atrasou um ano?

Sra. Kiku: Atrasou um ano, depois nunca repetiu, inteligente ele.

Mary: E agora ele está falando bem?

Sra. Kiku: Ta, não sei acho que alguma coisa tem, ele não fala português direitinho.

Mary: Ah, não ?

Sra. Kiku: Atrapalha um pouco assim. Ai foi...

Mary: Foi na fonoaudióloga?

Sra. Kiku: Quatro anos foi no fonoaudióloga.

Mary: E não melhorou nem assim?

Sra. Kiku: Melhorou bastante!

Mary: E por que ele teve convulsão com seis meses?

Sra. Kiku: Tinha água na cabeça.

Mary: Ah, tá. Então foi por causa disso? Então não teve febre não teve nada?

Sra. Kiku: Não, não teve nada, só tinha água, então dava convulsão.

Mary: E os pais dele foram para o Japão quanto tempo..

Sra. Kiku: Tava no Japão direto, quando ele nasceu voltou, depois, acho que fevereiro abril foi para o Japão, ai aconteceu o acidente, depois que melhorou ele foi no mês de março para o Japão.

Mary: O filho da senhora?

Sra. Kiku: É, depois no outro ano eu mandei a Patrícia para lá.

Mary: Patrícia quem que é? A outra filha?

Sra. Kiku: Não, a nora, a mãe do Sorá.

Mary: Deixa eu perguntar. Os pais do Sorá casaram, e aí os dois foram para o Japão ou não?

Sra. Kiku: Não, eu depois que mandei.

Mary: Como? Primeiro foi o filho da senhora?

Sra. Kiku: Meu filho foi, depois com quatorze meses a Patrícia foi, eu que mandei.

Mary: A senhora que mandou ir?

Sra. Kiku: Hum!

Mary: Porque que a senhora mandou?

Sra. Kiku: É casal não é? Papai tá forte, então nós cuida do Sorá. Aí foram e depois separou lá.

Mary: Separou lá no Japão?

Sra. Kiku: É, separou e até hoje tá no Japão. Essa semana, ele foi na outra batian, a mãe dele ligou lá, “eu falei pra mamãe voltar logo, saudade não é? Agora não dá pra voltar, porque a noite a mamãe está trabalhando”, falou assim.

Mary: Ele pediu para a mãe dele voltar?

Sra. Kiku: É! Ele triste, hein! O pai tá no Japão, madrasta não trata bem.

Mary: A mãe também está no Japão!

Sra. Kiku: Ela não volta, até hoje está!

Mary: Ah ta, ela nunca mais voltou?

Sra. Kiku: Voltou, mais só fica duas semanas , 20 dias e já vai embora.

Mary: Então o Sorá não vê quase a mãe?

Sra. Kiku: Acho que, papai quando faleceu , Sorá tinha seis anos, aí eu fui fazer o inventario eu falei com a mãe dele e aí, uma semana ela chegou.

Mary: Para fazer o inventario?

Sra. Kiku: Hum, hum.

Mary: Quando o marido da senhora morreu!

Sra. Kiku: Hum!

Mary: Sorá tinha seis anos?

Sra. Kiku: Sorá tinha seis anos.

Mary: Então faz o que? Sei s anos?

Sra. Kiku: É! Depois, não sei, duas semanas foi embora.

Mary: Ela nem ficou com o Sorá? Como é que foi quando ele veio?

Sra. Kiku: Ficou, mas depois ele chorava!

Mary: Ah é? quando a mãe foi embora, ele sentiu muita falta?

Sra. Kiku: Aí, nossa coitado, a minha filha tava com ele, o Sorá tinha acho oito anos, ele tem oito, ele escrevia direitinho, a letra era bonita, aí eu achou um papel dobrado e estava escrito: Eu não gosto da Tânia, esse nova mulher, né? Eu não gosto da Tânia, estava escrito estava tudo escrito, quando eu 18, 19 anos, cresce eu vou no Japão sozinho, eu vou morrer lá sozinho, tava escrito.

Mary: Por que a mãe foi embora ele escreveu isso?

Sra. Kiku: Hum?

Mary: Quando a mãe foi embora ele escreveu isso?

Sra. Kiku: Madrasta tratou mal!

Mary: A madrasta mora lá no Japão também?

Sra. Kiku: Não ela está aqui!

Mary: Está aqui? E a madrasta não cuida bem dele, não gosta dele?

Sra. Kiku: Não, não gostou! Até hoje tá guardado...

Mary: Tá guardado?

Sra. Kiku: Hum...pra mostrar prá pai dele...

Mary: E a mãe desde que ele nasceu, então quanto tempo ele tinha quando a mãe foi para o Japão? Seis meses?

Sra. Kiku: Não, quando tinha quatorze meses.

Mary: Quatorze meses, tinha um ano?

Sra. Kiku: É, quando começou a andar.

Mary: Ele já tinha melhorado então desses problemas de convulsão e tudo não é?

Sra. Kiku: É!

Mary: Estava andando, estava falando já ?

Sra. Kiku: Depois de ter levado todos esses meses para o Ricardo que não valeu nada, aí a dona Ivone mandou e levou ele para Marília.

Mary: Então em Marília a senhora levou, ele tinha quantos anos?

Sra. Kiku: Tinha cinco anos!

Mary: Aí a senhora que pediu para a nora ir morar lá no Japão?

Sra. Kiku: É!

Mary: A senhora achou melhor ela ir para o Japão por quê?

Sra. Kiku: Ah, era casal, é bom deixar ir junto não é?

Mary: Uhum!

Sra. Kiku: Depois já separou!

Mary: É? Não deu certo batian?

Sra. Kiku: Não sei.. casou por interesse, né?.

Mary: A senhora acha que ela casou por interesse?

Sra. Kiku: Pai dela bebia..

Mary: Ela é *gaijin* ou é japonesa?

Sra. Kiku: É nihonjin.

Mary: Ela é ? E quanto tempo depois ele separaram?

Sra. Kiku: Acho que três meses que estavam juntos no Japão e separou.

Mary: Ah, foi pouco tempo!

Sra. Kiku: Aí eu quando chegou aqui: não vai separar não, tem filho! Meu filho não queria separar não mas ela quis.

Mary: Aí separou?

Sra. Kiku: É!

Mary: Aí ele casou de novo então?

Sra. Kiku: Não sei casou, acho que casou que foi junto em Japão, brasileiro agora está junto. A mãe da Patrícia fala assim, que separou, muito ciumento, diz que separou, não sei não é?

Mary: A senhora não sabe por que separou?

Sra. Kiku: Não sei porque, muito ciumento, ela falou.

Mary: Aí ele casou de novo lá no Japão batian? Essa mulher que ele tem, a madrasta do Sorá.

Sra. Kiku: Casou!

Mary: Casou lá no Japão ou aqui?

Sra. Kiku: Não, aqui.

Mary: Aqui, então quando ele veio para cá...

Sra. Kiku: Já tem outro filho, três ano já!

Mary: Ah tá, tem o irmãozinho do Sorá. E o Sorá não vê o irmãozinho?

Sra. Kiku: Ixi, gosta do irmãozinho, nossa! Agarra no Sorá, ixi vai na escola, ele corre atrás do Sorá até lá na escola, aí...a professora fecha a porta e ele chora, quer entrar também.

(risos)

Mary: Ele está na escola já?

Sra. Kiku: Non, ele ainda não. Ele não fala bem também, não sei por quê.

Mary: Ah é?

Sra. Kiku: Hum!

Mary: Então ela mora aqui no Brasil agora?

Sra. Kiku: Ta aí!

Mary: Voltou por causa da criança?

Sra. Kiku: Não, não, ela nunca foi no Japão!

Mary: Ah, ela nunca foi, ela mora aqui.

Sra. Kiku: Meu filho que está lá!

Mary: E como é que ele conheceu? Quando que ele ficou...

Sra. Kiku: Não, primeira namorada quando tinha quinze anos.

Mary: Foi ela?

Sra. Kiku: É! Ela estudava faculdade e agora está trabalhando no hospital de enfermeira.

Mary: E quando que ele ficou com ela? Ele casou com ela quando ele voltou para cá?

Sra. Kiku: É, dois anos, três anos já.

Mary: Ele também só voltou para férias, ele nunca voltou para ficar?

Sra. Kiku: Meu filho?

Mary: É!

Sra. Kiku: O filho sempre ficou com o Sorá, dois anos.

Mary: Ah, ele voltou aqui e ficou dois anos?

Sra. Kiku: Ele sempre voltava para ficar com ele e depois vai.

Mary: Qual foi a ultima vez que ele voltou?

Sra. Kiku: Último... antes dele casar com esse Tânia, voltou casou e agora foi embora.

Mary: Aí não voltou mais?

Sra. Kiku: Não, dois anos já. Esse ano vai voltar.

Mary: Ah, esse ano vai volta? Mas ele volta definitivo ou ele volta?

Sra. Kiku: Não volta já, vamos ver, acho que não, não sei não.

Mary: Senhora acha que não fica?

Sra. Kiku: Aqui é difícil não é?

Mary: É!

Sra. Kiku: Lá ganha bem, não é?

Mary: Uhum.

Sra. Kiku: Coitado do Sorá, ele tem dó do Sorá.

Mary: A senhora fica preocupada com ele?

Sra. Kiku: Ixi, ele é muito quieto, triste, então nós cantando, a prima da Patrícia tava indo dá aula de karaokê, então Sandro fala assim: Sorá, vamos cantar, assim. Agora nessa idade, né? Não pode deixar assim, tem que fazer força para ele, Sandro fala, então eu: Sorá vai lá cantar, Sandro vai ensinar.Será que eu vou conseguir?, ele fica.

Mary: Ele fica muito quieto? Muito triste o batian? Ele é muito quieto?

Sra. Kiku: Acho que sente falta, mas nunca... ele fala, eu nunca falo mal da mãe dele, nunca falei, eu nunca falei mal, não pode não é? E ele crescido ele ficava pensando assim: batian, quando eu nasceu, mamãe nunca cuidou de mim? Não, quatorze meses mamãe ficou com você, né, eu falei.Eu nunca vi mamãe e papai ficar junto, nunca vi! Vai crescendo acho que pensa né?

Mary: Deve pensar não é? Se os pais gostam dele! E com o pai? Ele se da bem? Como é que é?

Sra. Kiku: Ixi, gosta nossa, ele toda semana liga, a mãe dele é difícil.

Mary: Ah, A mãe dele quase não liga obasan?

Sra. Kiku: Liga mas, dois meses, um mês! Meu filho não, toda semana ele liga pra ele.

Mary: E ele conversa com o pai dele?

Sra. Kiku: Conversa!

Mary: E como é que é? O filho da senhora que manda o dinheiro para a senhora cuidar do Sorá?

Sra. Kiku:...É, manda para a Tânia, e a Tânia não me deu. Um dia ela veio e falou pra mim: ele mandou R\$ 300,00 reais e eu estava devendo na farmácia o remédio do João e não dá para a senhora!

Mary: A Tânia é a outra mulher dele?

Sra. Kiku: É!

Mary: Então ela não dá o dinheiro para a senhora?

Sra. Kiku: Não traz pra mim pagar assim. E eu estou devendo na farmácia diz que não dá para mandar para a senhora. Outro dia ele mandou R\$ 350,00 , diz que falou para o meu filho: mamãe não tava! Levou o dinheiro para a sua mãe e ela não estava! Tava sim, eu falei. É muito mentirosa ela.

Mary: E não deu o dinheiro para senhora?

Sra. Kiku: Não! Só deu uma vez R\$ 100,00.

Mary: E como é que a senhora está fazendo para sustentar o Sorá?

Sra. Kiku: Non, meus filhos tudo ajuda, meus filhos.

Mary: A senhora não reclama para o filho da senhora?

Sra. Kiku: Eu sempre ligava, mas meu filho confia nela, meu filho confia no Tânia, e ela mente, não tem jeito.

Mary: E o Sorá sabe dessas coisas ou não?

Sra. Kiku: Sabe!

Mary: Aí ele deve ficar com mais raiva dela ainda não é?

Sra. Kiku: É!

Mary: E me fala uma coisa, bom, o filho da senhora então está o que? Há mais de.. quanto tempo ele está no Japão? Faz tempo já?

Sra. Kiku: Meu filho?

Mary: É!

Sra. Kiku: Meu filho ficou dois anos com ele, depois casou com a Tânia, depois nasceu João e foi embora, dois anos.

Mary: Ele ficou aqui com a senhora no Brasil?

Sra. Kiku: É!

Mary: Mas ele foi para o Japão antes do Sorá nascer primeiro?

Sra. Kiku: Não! É! Ficou grávida e ele foi sozinho, depois nasceu e voltou.

Mary: Aí voltou e ele ficou um tempo aqui?

Sra. Kiku: É!

Mary: Aí depois voltou de novo?

Sra. Kiku: É depois voltou de novo...

Mary: Aí veio de novo depois?

Sra. Kiku: É, de novo, comprou caminhonete e aconteceu o acidente.

Mary: E por que ele foi para o Japão, o filho da senhora?

Sra. Kiku: Ah, gastou tudo o dinheiro, caminhonete perdeu, ficou tudo, amasso tudo.

Mary: Ele trabalhava aqui no Brasil obasan?

Sra. Kiku: Ixi, nós tem chácara, aí plantou tomate e ficou bunito, nossa! Todo mundo foi ver lá, Satoru nunca trabalhou na lavoura, vamos ver se vai conseguir plantar tomate, todo mundo tava rindo.(risos) Naquele tempo tinha sorte, diz que fazer canteiro fazia alto, então ele fez alto e todo mundo estava rindo, quando ver tomate não dá, né? Ai não, começou chover e ai o tomate cresceu, mais ficou bonito! Carregou muito! Nossa! Todo mundo se assustou, Satoru conseguiu tomate, nossa senhora! Mas não ganhou nada, aí foi embora.

Mary: Satoru, quem é? É o marido da senhora?

Sra. Kiku: Não, é o pai do Sorá.

Mary: O pai do Sorá! E aí não deu nada e ele foi embora para o Japão?

Sra. Kiku: Não ganha nada, só comê não é?

Mary: Ele trabalhava com a senhora na chácara?

Sra. Kiku: Ah, trabalhava, quando criança trabalhou, depois...

Mary: Depois foi para o Japão?

Sra. Kiku: É!

Mary: Com quantos anos ele foi par ao Japão?

Sra. Kiku: 19 anos, foi no Tiro de guerra e depois foi.

Mary: E quantos anos ele tem agora?

Sra. Kiku: 37 já quase, Sorá tem... esse ano vai fazer treze não é?

Mary: Então ele trabalhava no sítio com a senhora e ajudava? É isso?

Sra. Kiku: Ajudava!

Mary: Ele não trabalhava na cidade?

Sra. Kiku: Não, ele trabalhou aqui sim!

Mary: Trabalhou?

Sra. Kiku: É!

Mary: Também não dava nada! Então ele foi para o Japão para ganhar dinheiro?

Sra. Kiku: Foi todo mundo que começo no Japão, filho mais velho foi primeiro, aí eles chamaram: vem logo, vô aproveitar agora, aí ele foi.

Mary: Quantos filhos a senhora tem?

Sra. Kiku: Tenho cinco, duas meninas e três homens.

Mary: Quantos dos filhos da senhora estão no Japão?

Sra. Kiku: Agora, o Satoru, dois netos, que foi e voltou.

Mary: Então os dois filhos da senhora estão no Japão?

Sra. Kiku: Não, uma filha e o filho, pai do Sorá.

Mary: Ah, o outro filho já voltou?

Sra. Kiku: Já voltou, está aqui, voltou e foi para o Mato Grosso.

Mary: Ta, entendi! Então a senhora tem dois filhos lá, o pai do Sorá e outra filha?

Sra. Kiku: É!

Mary: E essa filha da senhora trabalhava aqui no Brasil?

Sra. Kiku: Hum, hum.

Mary: O que ela fazia o batian?

Sra. Kiku: Filha?

Mary: Uhum!

Sra. Kiku: Cabeleireira, trabalhou em São Paulo.

Mary: Faz tempo que ela está no Japão?

Sra. Kiku: Já, três anos!

Mary: E a senhora não fica com saudades dos filhos?

Sra. Kiku: Saudades, não é? Mas..ela liga sempre!

Mary: E o pai do Sorá a senhora acha que está conseguindo guarda para voltar?

Sra. Kiku: Ah, ele sempre guarda, só que vem aqui e gasta, perde negócio.

Mary: Ah, entendi! Não da certo os negócios que ele faz!

Sra. Kiku: É, não sabe não é? Ele fala, fala , não tem jeito. Agora maturou mais!

Mary: A senhora já foi para o Japão?

Sra. Kiku: Eu não, não tenho parentes lá, não ligo!

Mary: A senhora nasceu aqui no Brasil?

Sra. Kiku: É!

Mary: Os pais da senhora vieram do Japão?]

Sra. Kiku: É!

Mary: A senhora é nissei?

Sra. Kiku: É!

Mary: E a senhora tem vontade de conhecer o Japão?

Sra. Kiku: Eu não! Ah, se conhecer é o Brasil!

Mary: É? Não tem vontade de conhecer o Japão?

Sra. Kiku: Ah, não!

Mary: E o marido da senhora?

Sra. Kiku: Não, sempre a filha fala vai, todo mundo fala. Eu não, eu não, eu fico no Brasil!

Mary: Por que a senhora não tem vontade de ir para o Japão?

Sra. Kiku: Não tenho parente nada, é tudo do Brasil!

Mary: Ah, ta, não conhece ninguém lá!

Sra. Kiku: Não tem! Meu primo foi na guerra e morreu tudo, só tem um, mais ele acho que já morreu.

Mary: E o marido da senhora também era nissei?

Sra. Kiku: Não, papai era japonês!

Mary: Ah, ele era japonês! E ele foi para o Japão de novo ou não voltou?

Sra. Kiku: Não, não quis também!

Mary: Também não quis?

Sra. Kiku: Naquele tempo estava todos no Japão, três filhos tava no Japão. “Papai, vem aqui passear!”, mas ele não quer.

Mary: A é? Por que ele não quis ir obasan?

Sra. Kiku: Brasil é melhor, ele falava!

Mary: E o que a senhora acha? A senhora acha que os filhos da senhora, terem ido para o Japão, foi bom ou não foi?

Sra. Kiku: Ah, casal acho que separar assim não é bom não é? Solteiro era melhor,

Mary: Então a senhora acha que seria bom se continuasse casado?

Sra. Kiku: É!

Mary: Separar assim a senhora acha que não foi bom?

Sra. Kiku:...É duro não é? No Brasil não acha serviço! Lavoura também não ganha.

Mary: E a senhora tem a chácara ainda?

Sra. Kiku: Tem!

Mary: E a senhora planta alguma coisa lá? Quem que está cuidando?

Sra. Kiku: Nos tem um rapaz que está morando lá.

Mary: A senhora sempre morou no sitio?

Sra. Kiku: Eu sempre!

Mary: Sempre? Desde pequena?

Sra. Kiku: É! Essa casa aqui minha filha que fez, né?

Mary: Essa casa aqui?

Sra. Kiku: É! Aí mamãe e papai agora só passeando, já chega de trabalhar, aí papai mora na cidade e a chácara é perto! Então fez aqui, depois morou mês de abril e dia 5 e ele morreu no outro ano dia 8, só morou um ano!

Mary: Ah, morou um ano só! O quê que foi ? Ele morreu...

Sra. Kiku: Derrame cerebral, tava trabalhando e caiu.

Mary: Ah, ele estava trabalhando? Ele ainda cuidava do sítio quando estava vivo?

Sra. Kiku: É, ele que plantava. Eu também estava indo!

Mary: A senhora ajudava ele?

Sra. Kiku: Sempre fui trabalhar.

Mary: E assim, vocês faziam feira até aquela época então?

Sra. Kiku: É!

Mary: Agora não faz mais?

Sra. Kiku: 40 anos trabalhando em feira.

Mary: A senhora chegou a estudar aqui no Brasil? A senhora foi para a escola?

Sra. Kiku: Estudá, eu quando tinha nove anos fui noventa dias, três meses foi na escola.

Mary: Só?

Sra. Kiku: Só, aí tem que cuidar da minha irmã e parei de estudar.

Mary: E japonês a senhora aprendeu fazendo *nihongakko* (escola de língua japonesa) ou não?

Sra. Kiku: Não, não, foi não, aprendeu sozinha.

Mary: E a senhora cuidou dos irmãos da senhora?

Sra. Kiku: É cuidei, aí eu gostava de estudar, levava e carregava os irmãos atrás, até a porta da escola, entrava lá, todo mundo estranhava eles, eu até chorei.

Mary: Hum, hum, porque a senhora queria continuar indo para a escola!

Sra. Kiku: É!

Mary: Mas aí não deu mais para estudar depois?

Sra. Kiku: Não dá! Depois comprou dois alqueires, sítio, morou naquele mato, não tem nem escola não é? Ixi!

Mary: Aí não deu para ir para a escola! A senhora era a mais velha?

Sra. Kiku: Não, eu tinha irmã, esse ano faleceu dia 8, tem irmão em Prudente, só.

Mary: Então a senhora ficava em casa cuidado da casa e papai e mamãe ia trabalhar?

Sra. Kiku: É!

Mary: A senhora queria ter estudado?

Sra. Kiku: Ah, eu gostava vixe, de japonês, o dicionário eu estudo sozinha.

Mary: Em casa que a senhora estudava japonês?

Sra. Kiku: Vixi eu estudava, até hoje eu to estudando.

Mary: A é? O que a senhora está estudando agora?

Sra. Kiku: Eu escrevo assim, quer ver...Sorá,ele ensina para mim.

Mary: Ele ensina? Deixa eu ver? (Foi buscar o caderno dela para me mostrar).

Mary: Nossa a senhora está escrevendo bem! Nossa, quanto a senhora escreveu aqui obasan! A senhora foi no Mobral o ano passado então?

Sra. Kiku: É, foi esse aqui.

Mary: E aprendeu a escrever?

Sra. Kiku: É!

Mary: Deu para escrever bastante?

Sra. Kiku: Vixe, nossa!

Mary: Já da pra ler já?

Sra. Kiku: Vai ser quarto ano de escrito.

Mary: Ah, entendi!

Sra. Kiku: E eu já sei ler!

Mary: E a senhora consegue ler já?

Sra. Kiku: Uhum! Aí a professora dá matemática, né? Eu não quero aprender matemática não, eu falei!

Mary: Por que o batian?

Sra. Kiku: Ah, eu sei tudo, aprendi sozinha também!

Mary: E o marido da senhora também não tinha ido para a escola aqui no Brasil?

Sra. Kiku: Não, ele estudou!

Mary: Ele estudou?

Sra. Kiku: Uhum, agora eu to...

Mary: Entendi! A senhora está escrevendo aí agora sozinha!

Sra. Kiku: Tá em casa eu fico escrevendo!

Mary: A senhora fica escrevendo! Que bom!

Sra. Kiku: Ah, parada fica caduca não é?

Mary: É ruim não é? Ficar parada! Porque a senhora fica sozinha o dia inteiro também não é o batian?

Sra. Kiku: Então, sozinha então eu escrevo.

Mary: Por que o Sorá vai para a escola?

Sra. Kiku: Então, ele só chega 4h 20 min.

Mary: Ah ele fica o dia inteiro na escola?

Sra. Kiku: É, só que não tem tarefa.

Mary: E fala uma coisa para mim, o Sorá na verdade a senhora é a mãe do Sorá não é?

Sra. Kiku: É, a outra avó fala assim: a obasan (senhora) que é a mãe verdadeira!

Mary: Porque a senhora que cuidou dele sempre não é?

Sra. Kiku: É!

Mary: Ele vai ver a outra batian?

Sra. Kiku: Foi lá esses dias, quando foi páscoa fui junto, eu vou levar ele, né?

Mary: Ele gosta de ir na outra batian?

Sra. Kiku: Aí a outra batiam trouxe.

Mary: Ela ajuda a senhora ou não, só visita assim?

Sra. Kiku: Visita, é difícil vir.

Mary: E me fala uma coisa, a senhora acha, como é que é educar o Sorá? Como é que é?

Sra. Kiku: Sorá não fala nada.

Mary: Ele é bonzinho obasan?

Sra. Kiku: Bonzinho, vixe! Ele quando eu arrumava a cozinha ele ia guardando, direitinho.

Mary: Ele ajuda a senhora?

Sra. Kiku: Ele deixa escorrer, tudo assim...

Mary: E ele sabe falar japonês o Sorá ou não?

Sra. Kiku: Sabe!

Mary: Sabe? A senhora ensinou ele ?

Sra. Kiku: Não, eu falo e ele entende mais não fala, fala português, todo os meu filhos são assim eu falava japonês para não esquecer.

Mary: Eles entendem?

Sra. Kiku: Eles respondem em português.

Mary: Eles também nunca foram no nihongakô?

Sra. Kiku: Ah, arigatô, assim, kon ni tya, assim, sabe né?

Mary: O Sorá também nunca foi no nihongako?

Sra. Kiku: Não!

Mary: Não? Nem os filhos da senhora? Só entendem em casa assim!

Sra. Kiku: É!

Mary: E a senhora está educando o Sorá igual a senhora educou os filhos da senhora?

Sra. Kiku: É, mesma coisa, né? Eu nunca fiquei brava.

Mary: Mas ele é bonzinho não é?

Sra. Kiku: É sim,

Mary: E me fala uma coisa obasan, a senhora, em casa a senhora faz comida japonesa ou comida brasileira?

Sra. Kiku: Não, eu faz de vez enquanto eu faço arroz temperado com feijão, ele gosta...Lasanha.

Mary: Mas normalmente, mas a senhora faz mais comida japonesa ou comida brasileira?

Sra. Kiku:Não, misturado!

Mary: E o Sorá tem bastante amigos? Brinca... como é que é?

Sra. Kiku: Aqui não tem esses meninos do tamanho do Sorá, é tudo grande, eles é sem vergonha e o Sorá não quer nem saber.

Mary: Quem?

Sra. Kiku: Sorá fala, não vai atrás deles.

Mary: AH, não vai?

Sra. Kiku: Só tem amigo grande morando aqui, vizinho da chácara tem, só com ele, ele também é bem educado, aqui mesmo ele não brinca, quando fuma cigarro...

Mary: Mas aí ele não vai?

Sra. Kiku: Eu falei para ele: não rela a mão, de jeito nenhum.

Mary: E a senhora, por exemplo, a senhora falou que o filho da senhora casou agora com uma gaijin não é? A Tânia!

Sra. Kiku: É!

Mary: E a senhora aceita casamento com gaijin ou não? Como é que é?

Sra. Kiku: Eu não, nunca fiz contra, mora no Brasil não é? Só ele que quis separar, os outros ta tudo bem.

Mary: Ele é o mais novo?

Sra. Kiku: É! O caçula!

Mary: Os outros estão casados?

Sra. Kiku: É!

Mary: Os filhos da senhora fizeram faculdade ou não obasan?

Sra. Kiku: Não fez, ele estava no colegial!

Mary: Não, mas todos eles? Todos fizeram só até o colegial?

Sra. Kiku: É, só o colegial! Só a filha que fez a faculdade para trabalhar no banco, só ela que estudou.

Mary: Essa aí não é a que está no Japão? A que trabalha no banco trabalha aqui?

Sra. Kiku: Todos tirou o colegial, depois não deu para estudar, não tinha dinheiro.

Mary: Bom, e a senhora então sempre trabalhou no sítio na lavoura ?

Sra. Kiku: É sempre! Desde os 8 anos.

Mary: Os filhos da senhora ajudavam a senhora?

Sra. Kiku: Ajudou, tudo ajudou.

Mary: Desde criança eles ajudavam?

Sra. Kiku: É!

Mary: Então a senhora nunca morou na cidade, a senhora veio morar na cidade faz um ano!

E a senhora está gostando mais de morar na cidade ou preferia morar no sítio?

Sra. Kiku: Ah, eu gosto do sítio!

Mary: Ah é? A senhora gosta mais do sítio?

Sra. Kiku: Criar galinha, criava não é?

Mary: Plantava não é o batian?

Sra. Kiku: Ixi, eu gostava!

Mary: A senhora sente falta do sítio um pouco?

Sra. Kiku: Vixe! Agora minha filha, se trabalhar fica brava, já tá cansada de trabalhar, vai divertir, mamãe, agora não precisa trabalhar! Fica brava!

Mary: E o que a senhora faz para se divertir?

Sra. Kiku: Vou lá passear!

Mary: A senhora canta karaokê?

Sra. Kiku: É, karaokê, dança, agora ixi, agora tá divertindo. Quando papai morreu todo mundo ligava aqui: Ah, a Kiku não sai de casa! Vem dançar aqui, odori, né? (Dança japonesa). Aí de repente foi embora não é? Senti falta, né? Um ano tava aí em casa fazendo crochê assim, vendia bastante.

Mary: Aí depois a senhora começou a sair?

Sra. Kiku: Aí, vem Kobayashi-san (senhor Koayashi), eu vou inscrever musica no karaokê! E inscreveu pra mim e comecei cantar.

Mary: E a senhora está gostando?

Sra. Kiku: Eu gostava desde criança!

Mary: Só agora que a senhora conseguiu então fazer isso?

Sra. Kiku: É!

Mary: Então a senhora vai cantar toda semana?

Sra. Kiku: Vixi, toda!

Mary: E o Sorá vai junto com a senhora?

Sra. Kiku: Vai! Desde pequeno eu levava tudo.

Mary: O Sorá acaba sendo uma companhia pra senhora também não é obasan?

Sra. Kiku: É, vixe, bom! É companhia! Eu plantei mandioca ele raspa a mandioca.

Mary: Ah, ele ajuda a senhora também?

Sra. Kiku: Vixi, é ele que arranca! Eu não consegue mais!

Mary: A é? A senhora não consegue mais? Ele faz isso para a senhora!

Sra. Kiku: Tava assim ó, a mandioca!

Mary: A senhora plantou mandioca?

Sra. Kiku: É!

Mary: O que mais a senhora plantou?

Sra. Kiku: Mandioca, batata-doce, mamão...

Mary: Não consegue ficar sem plantar não é obasan? A senhora gosta de plantar!

Sra. Kiku: Ixe! Antes eu plantava e não dava, mandioca tudo assim, fino, por que não é? Em baixo tem pedra e tijolo, telha, e quebrava tudo. Aí eu arrancava tudo dia assim cavucando, catando pedra, monte de coisa, e agora deu.

Mary: Agora deu?

Sra. Kiku: Deu! (risos)

Mary: É que estava atrapalhando então a terra não é?

Sra. Kiku: É!

Mary: E o Sorá ajuda a senhora?

Sra. Kiku: Ajuda ixi!

Mary: E a senhora acha o que? Que o Sorá vai fazer o que quando ele ficar com 18 anos, quando ele crescer?

Sra. Kiku: Ele fala, eu vou... “O que você vai trabalhar, né?”, “eu vou... policia!” Agora não sei o que está falando.

Sra. Kiku: Ah, ele queria ser policia?

Sra. Kiku: É!

Mary: E a senhora acha que ele vai ficar aqui no Brasil ou vai para o Japão?

Sra. Kiku: Ele não vai, porque não gosta do Japão.

Mary: Não vai?

Sra. Kiku: Não!

Mary: Não quer ir?

Sra. Kiku: Diz que quer morar com o tio lá no Mato Grosso, Primavera.

Mary: Ah, o tio dele mora no Mato Grosso?

Sra. Kiku: É!

Mary: O que o tio dele faz?

Sra. Kiku: Está tomando conta da fazenda.

Mary: E ele gosta de sítio também, o Sorá?

Sra. Kiku: Ixe, Gosta!

Mary: Porque ele morou no sítio com a senhora não é?

Sra. Kiku: É! Aí ele vai na fazenda, e lá a tia Rô, Rosana, desde pequeno ela cuidava também, que nem filho ele era. Ela cuidava do Sorá também, dava amor, aquele carinho, então gosta não é? Todos meus filhos dá carinho para ele!

Mary: Talvez gosta mais da tia do que da mãe não é obasan?

Sra. Kiku: É! Gostava não é? Da minha filha também!

Mary: Todo mundo ajudou a cuidar do Sorá!

Sra. Kiku: É, todo mundo!

Mary: E aí diz que ele quer morar na fazenda com o tio?

Sra. Kiku: É, vamos ver!

Mary: Ele gosta de estudar?

Sra. Kiku: Gosta, está estudando, tira notas boas.

Mary: O que a senhora acha que era melhor para ele, a senhora acha que é melhor para ele estudar e ficar no Brasil ou ir trabalhar no Japão?

Sra. Kiku: Ah, melhor que o Japão não é? Estudar, tem que estudar.

Mary: Tem que estudar, a senhora acha que é melhor para ele!

Sra. Kiku: Mãe dele fala assim, que 16 anos vai levar para o Japão.

Mary: A mãe dele fala isso?

Sra. Kiku: Fala! Ele não quer ir!

Mary: Ah, ele fala que não quer ir?

Sra. Kiku: Eu vou estudar, tirar o colegial! Ele fala, né?

Mary: Ele vai fazer 13 anos batian?

Sra. Kiku: É, esse ano!

Mary: Ele está em que série?

Sra. Kiku: Quinta!

Mary: Quinta?

Sra. Kiku: É! Um ano atrasou. Já é da minha altura já, passou!

Mary: Está crescendo não é batian?

Sra. Kiku: Ta crescendo!

Mary: E se o pai dele voltar para o Brasil ele vai morar com a senhora aqui ou vai morar com a mulher?

Sra. Kiku: Mora aqui! Sempre mora, o pai dele mora aqui encima.

Mary: E o Sorá vai continuar com a senhora?

Sra. Kiku: É!

Mary: É, porque o ele não vai querer sair da casa da senhora, o Sorá!

Sra. Kiku: Não sei, se a mãe chegar, acho que vai, vamos ver, agora se padrasto cuidar bem acho que vai, sei lá...

Mary: Mas a mãe dele a senhora acha que volta?

Sra. Kiku: Não sei, esse dias ele estava triste, coitado...

Mary: Porque a mãe não volta não é? Nossa ele não viu a mãe mais?

Sra. Kiku: Acho que já faz três anos!

Mary: Que não vê a mãe?

Sra. Kiku: hum, hum!

Mary: A senhora fica preocupada com ele, não fica o batian?

Sra. Kiku: Preocupa não é?

Mary: O que a senhora fica mais preocupada com ele?

Sra. Kiku: Depressão, fica com medo disso não é? Quietinho! Se é arteiro ainda vai!

Mary: A senhora acha melhor ser arteiro?

Sra. Kiku: É, igual meus meninos!

Mary: Ele é muito quietinho?

Sra. Kiku: É, a gente fala, ele não responde, ele guarda tudo chorando. Não é bom assim!

Mary: Ele não fala!

Sra. Kiku: É! Ele fala quando madrasta dele falou, disse: tranqueira! Diz que ele...

Mary: Ele não gosta da madrasta mesmo?

Sra. Kiku: Seu pai não gosta de você! Diz que ela falava assim.

Mary: A madrasta falava isso?

Sra. Kiku: É, e começou a chorar. Eu falei para pai dele, Satoru: Tânia ta falando assim, eu falei para ele: Por que tá chorando? Ele não falava. Fala, tem que contar. Tânia falou que eu sou tranqueira! É nada Sorá, fala: você que é tranqueira, fala para ela! Eu falei para ele. Não precisa chorar não, você também xinga ela!

Mary: E ele não xinga?

Sra. Kiku: De jeito nenhum!

Mary: A senhora falou isso para o filho da senhora?

Sra. Kiku: Falei!

Mary: E aí?

Sra. Kiku: Disse que nem eu: Ah, o Sorá faz o gosto dela!

Mary: Então ela é mentirosa mesmo obasan?

Sra. Kiku: Mente vixe!

Mary: Aí fica difícil, não é?

Sra. Kiku: É muita mentira!

Mary: A senhora deve ficar preocupada também com isso não é?

Sra. Kiku: É! Preocupa também com Sorá, eu já estou velha, penso se acontecer alguma coisa, no Sorá...ela é desse jeito, quem vai cuidar...

Mary: E quando o filho da senhora ta querendo voltar?

Sra. Kiku: Esse ano ele vai voltar.

Mary: Ah, é?

Sra. Kiku: Acho que, vamos ver o mês que vem.

Mary: Então ele vem logo então?

Sra. Kiku: Vem!

Mary: O que ele pretende fazer aqui obasan?

Sra. Kiku: Comprar caminhão de puxar cana.

Mary: Tomara que de certo!

Sra. Kiku: É, vamos ver!

Mary: Mas assim mesmo a senhora fica preocupada porque o Sorá não gosta da madrasta.

Sra. Kiku: Ah, ele não vai!

Mary: Não vai?

Sra. Kiku: Não!

Mary: A senhora acha que só vai se for com a mãe?

Sra. Kiku: Se a mãe dele vier ele diz que vai.

Mary: Ah, se a mãe dele vier ele disse que vai?

Sra. Kiku: fala que vai.

Mary: Então ele tem vontade de ficar com a mãe?

Sra. Kiku: Se padrasto tratar mal ele volta aqui.

Mary: Ele é apegado com a senhora?

Sra. Kiku: É!

Mary: E com o ditian, ele era apegado?

Sra. Kiku: Vixe, gostava, até hoje ele não esquece!

Mary: Ah é? Ele ia para a feira com a senhora e com o ditian?

Sra. Kiku: Desde que nasceu, levava no colo.

Mary: E ele não ficou triste não quando o ditian morreu?

Sra. Kiku: Vixe, ficou triste, até hoje ele não esquece!

Mary: A é? Ele lembra do ditian ainda?

Sra. Kiku: Lembra?

Mary: E a mãe dele casou de novo?

Sra. Kiku: Acho que casou, não sei, agora se a mãe voltar disse que vai morar em Maringá.

A outra batian que está falando, não sei.

Mary: E ela tem outro filho ou não tem mais filho?

Sra. Kiku: Não!

Mary: Não, filho não tem mais, só o Sorá?

Sra. Kiku: A mãe dela falou para ela que se ela faz outro filho nem chega.

Mary: Entendi! E aí ela está querendo ir para Maringá?

Sra. Kiku: Tava falando, não sei, ela.. muita mentira a outra também! Ela morou com ele um ano e meio.

M; E aí? Como foi?

Sra. Kiku: Ele foi, ficou na casa dela um ano e meio, um ano.

Mary: E deu certo, batian?

Sra. Kiku: Vixe ela é muito bruto!

Mary: Ah é? Era bruto com o Sorá também?

Sra. Kiku: Não, tinha neto de 9 anos e 8 anos, sempre brigava.

Mary: Ah é? Ela era briguenta então?

Sra. Kiku: É!

Mary: Bom. Mas a senhora acha que o filho da senhora deveria voltar para cá?

Sra. Kiku: ...Melhor não é?

Mary: É melhor?

Sra. Kiku: É!

Entrevista 3 – Sorá (neto da sra. Kiku)

Mary: Você tem quantos anos?

Sorá: 12

Mary: 12 anos? Já fez 12?

Sorá: Já!

Mary: Que dia que você faz aniversário?

Sorá: Em Novembro.

Mary: Novembro? Então você vai fazer 13 esse ano?

Sorá: Vou!

Mary: Está estudando bastante?

Sorá: Estou!

Mary: Você repetiu algum ano na escola?

Sorá: Já!

Mary: É? Que série você repetiu?

Sorá: Segunda!

Mary: É?

Sorá: Segunda série!

Mary: O que aconteceu que você repetiu de ano?

Sorá: Eu não estudava para a prova.

Mary: Não estudava?

Sorá: Não!

Mary: Bom, me fala uma coisa, faz quanto tempo que você mora com a batian? Você lembra?

Sorá: Acho que foi com dez semanas.

Mary: Dez semanas? Então você era bebezinho?

Sorá: Era! É que minha mãe foi para o Japão e deixou eu aqui com minha avó e ela que cuidou de mim.

Mary: Desde que você era nenezinho?

Sorá: É!

Mary: Então você nunca morou com seu pai e sua mãe?

Sorá: Não!

Mary: Sempre foi com a batian?

Sorá: Foi!

Mary: E você tem irmãos?

Sorá: Tenho!

Mary: Tem? Quantos irmãos?

Sorá: Só um!

Mary: Só um? Menino também?

Sorá: É!

Mary: E onde que está seu irmão, onde ele mora?

Sorá: Ele está na casa da mãe dele.

Mary: Então o seu irmão é do seu pai!

Sorá: É!

Mary: Ele mora aqui também, na mesma cidade?

Sorá: Mora!

Mary: Mas está com a mãe dele!

Sorá: Está!

Mary: E me fala uma coisa, sua mãe e seu pai foram para o Japão e agora eles estão separados?

Sorá: Está!

Mary: Onde eles estão morando?

Sorá: Minha mãe está em outra cidade.

Mary: A sua mãe? Mais é lá no Japão que ela está?

Sorá: Está!

Mary: Seu pai também?

Sorá: É!

Mary: E você encontrou com eles de novo depois que eles foram para o Japão?

Sorá: Não! Só o meu pai!

Mary: Só o seu pai? Ele voltou para cá?

Sorá: Já, antes do meu avô falecer.

Mary: Quando que seu avô faleceu?

Sorá: Em Abril!

Mary: De quando?

Sorá: Dia 25 de Abril.

Mary: Mas faz tempo?

Sorá: faz, em 2000.

Mary: Aí ele veio?

Sorá: Aí é, ele veio.

Mary: Ele veio quando o seu avô morreu?

Sorá: É!

Mary: Então quando o seu avô morreu... Vamos fazer as contas... Você agora está com 12 anos... Você era criança ainda então!

Sorá: É!

Mary: Ai que você conheceu seu pai? foi a primeira vez que você viu seu pai?

Sorá: É!

Mary: E como é que foi encontrar seu pai?

Sorá: Não, meu pai veio aqui, eu vi ele, depois ele arranhou uma namorada.

Mary: Então ele não ficou aqui com você?

Sorá: Não! Já ficou já.

Mary: E você morava aonde quando o seu avô era vivo?

Sorá: Eu morava aqui!

Mary: Morava aqui na cidade?

Sorá: Meu avô morava lá no sítio.

Mary: Depois que o seu avô morreu que você mudou pra cá?

Sorá: É!

Mary: Então você morava no sítio com eles?

Sorá: Não, eu e minha avó morava aqui.

Mary: O seu avô morava sozinho no sítio?

Sorá: É!

Mary: Por quê?

Sorá: Aí depois ele veio trabalhar no fundo da casa, saindo da cozinha ele caiu ali.

Mary: E ele morreu sozinho?

Sorá: Morreu!

Mary: Não tinha ninguém com ele?

Sorá: Não!

Mary: E por que ele morava no sítio?

Sorá: Ele gostava de tratar, mexer com a horta.

Mary: Ele não gostava de morar na cidade?

Sorá: Não!

Mary: E a sua avó mudou para a cidade por quê? Você sabe?

Sorá: Ah...

Mary: Você sempre morou na cidade Sorá?

Sorá: Já!

Mary: Sempre? Nunca morou no sítio?

Sorá: Só quando eu era pequeno.

Mary: E você gostava de morar no sítio?

Sorá: Gostava!

Mary: O que você prefere, morar no sítio ou na cidade?

Sorá: Morar no sítio!

Mary: Você prefere morar no sítio?

Sorá: Prefiro!

Mary: Por quê?

Sorá: Porque é mais gostoso, dá para pescar.

Mary: Você gosta de pescar?

Sorá: Gosto!

Mary: O que mais você gosta no sítio?

Sorá: Gosto de andar a cavalo.

Mary: E você fazia isso no sítio?

Sorá: Eu fazia, igual na outra fazenda do meu tio no Mato Grosso.

Mary: Você faz isso quando vai lá?

Sorá: Quando eu vou, nas férias em julho e dezembro.

Mary: E o seu avô plantava no sítio?

Sorá: Plantava morango, pepino...

Mary: E você ajudava?

Sorá: Eu ajudava, eu regava o morango...

Mary: E você sentiu muita falta do seu avô?

Sorá: Já!

Mary: E por que você ajudava bastante ele?

Sorá: Eu ajudava, porque ele levava eu para pescar e eu gosto.

Mary: Ele cuidava de você então!

Sorá: Cuidava!

Mary: E como foi para você quando o seu avô morreu?

Sorá: Eu fiquei aqui, depois foi o velório aqui aí levou para o cemitério e enterrou.

Mary: Quer dizer que quando o seu avô morreu então que você conheceu o seu pai?

Sorá: É!

Mary: E como é que foi conhecer o seu pai?

Sorá: Me tratou bem. Eu ainda tinha o problema.

Mary: Que problema você tinha?

Sorá: Eu não falava nada, depois do acidente lá no Socorro, a caminhonete capotou lá no rio e fiquei entalado e não conseguia sair e a água entrô pela boca, aí levou no médico e ele descobriu, então tive que operar.

Mary: Operar o quê?

Sorá: A cabeça.

Mary: E aí?

Sorá: Aí depois eu comecei a falar.

Mary: Quando o seu pai chegou aqui você não falava ainda?

Sorá: Falava!

Mary: Já falava?

Sorá: Falava!

Mary: E você tinha vontade de conhecer o seu pai?

Sorá: Tinha!

Mary: E a sua mãe você conheceu?

Sorá: Já!

Mary: Ela veio para cá?

Sorá: Já!

Mary: Quantas vezes ela veio para cá?

Sorá: Só uma!

Mary: Ela veio antes ou depois do seu pai?

Sorá: Depois do meu pai.

Mary: E como é que foi encontrar com sua mãe?

Sorá: Ah, eu estava lá na outra minha avó e minha mãe estava lá, eu fiquei morando com ela e depois ela foi para o Japão e eu vim aqui. O meu pai estava aqui já, ele ia na casa da namorada dele, ele vinha aqui passear, ele ficava aqui cuidando da minha avó.

Mary: Mas ele ficou pouco tempo?

Sorá: Já!

Mary: Quanto tempo ele ficou?

Sorá: Umas dez semanas ele ficou.

Mary: Quanto?

Sorá: Dez!

Mary: E a sua mãe ficou pouco tempo também?

Sorá: Já!

Mary: Ela foi embora logo?

Sorá: Foi!

Mary: E ela casou-se de novo?

Sorá: Não!

Mary: Nem tem namorado?

Sorá: Tem!

Mary: E tem mais filhos ou não?

Sorá: Não!

Mary: E a namorada do seu pai você conhece?

Sorá: Conheço!

Mary: E como é que é? Você gosta dela?

Sorá: Eu gosto, ela é enfermeira.

Mary: E ela ajuda cuidar de você ou não?

Sorá: Ajuda!

Mary: A sua avó falou que parece que não gosta muito dela.

Sorá: É!

Mary: Não gosta muito?

Sorá: Não!

Mary: Por quê?

Sorá: Ah, ela fala pra ela vir aqui e ela não vinha.

Mary: Ela não vem te ver? Você tem vontade de encontrar com ela?

Sorá: Quando eu encontro ela na rua eu paro, falo oi.

Mary: O que você acha Sorá, por que os seus pais estão no Japão? Por que você acha que eles estão lá?

Sorá: Para ganhar dinheiro, trabalhar e ganhar.

Mary: E o seu pai manda dinheiro para você?

Sorá: Manda, madrasta manda.

Mary: E o que você acha disso, dele estar lá trabalhando para ganhar dinheiro, você acha isso bom ou ruim?

Sorá: É bom!

Mary: E você sente saudades deles?

Sorá: Eu fico!

Mary: Você tem mais saudades dos dois ou tem mais de um?

Sorá: Eu tenho mais saudades do meu pai e da minha mãe.

Mary: Você viu eles uma vez só?

Sorá: Já!

Mary: Então foi uma vez só que você ficou com eles?

Sorá: Já uma vez.

Mary: Você não tem vontade de encontrar mais vezes?

Sorá: Todas às vezes que ela liga eu falo, eu peço as coisas que mandam, quando eles ligam.

Mary: Então, mas ela liga toda semana?

Sorá: Não, às vezes.

Mary: Você queria que ela ligasse mais?

Sorá: Era bom.

Mary: E o seu pai liga?

Sorá: Liga, ele liga de segunda, terça e quarta ...

Mary: Ele liga mais do que ela?

Sorá: Liga.

Mary: Então, você não tem vontade de ficar com seu pai e sua mãe?

Sorá: É, da vontade, mais eu tenho que estudar.

Mary: E se a sua mãe e o seu pai voltassem agora, como é que ia fazer? Por que eles estão separados não estão?

Sorá: Tá!

Mary: Como ia fazer?

Sorá: Eu ia visitar o meu pai e depois minha mãe.

Mary: Mais você continua morando com a batian?

Sorá: Continua!

Mary: Você não ia querer morar com eles?

Sorá: Não!

Mary: Por que não?

Sorá: Eu sempre morei com ela, ela também comprou uma casa lá perto do cemitério, uma casa grande, mais eu fico lá sempre trancado, não dá pra sair.

Mary: Não dá para sair?

Sorá: Não!

Mary: Por quê?

Sorá: Uma vez eu já fiquei lá e tive acidente.

Mary: Mas você prefere morar com a batian se o seu pai e sua mãe voltarem?

Sorá: É!

Mary: Não tem vontade de morar com eles?

Sorá: Não, dá mas, eu sinto saudades da minha mãe e do meu pai.

Mary: Mas vamos fazer de conta que eles voltaram para o Brasil, mesmo com eles aqui você prefere morar com a batian?

Sorá: Prefere!

Mary: Por quê?

Sorá: Porque dá pra sair, dá para brincar e se divertir.

Mary: E como é que a batian é? Ela cuida de você?

Sorá: Cuida! Eu ajudo ela também.

Mary: Você ajuda ela? No que você ajuda ela?

Sorá: Eu ajudo ela, uma vez ela cortô de faca e tudo...

Mary: O dedo?

Sorá: É cortei com faca, e eu ajudei ela fazer comida, cortei um monte de vez.

Mary: E você acha que a batian é boazinha com você?

Sorá: É!

Mary: E como que é? Ela que cozinha?

Sorá: Cozinha.

Mary: Ela que faz tudo aqui em casa?

Sorá: É!

Mary: E você ajuda ela?

Sorá: Eu ajudo, limpo a casa, lavo banheiro...

Mary: Você ajuda fazer tudo?

Sorá: Ajudo!

Mary: E quem te ensinou a fazer isso?

Sorá: Ninguém, sempre eu olho a batian fazendo e eu aprendi.

Mary: E você ajuda então?

Sorá: Ajudo! Na casa e ali no lote.

Mary: E o que tem no lote?

Sorá: Mandioca, flor, mamão, abacaxi banana...

Mary: Então você gosta de cuidar disso também?

Sorá: Gosto!

Mary: Então você puxou para a batian e para o ditian?

Sorá: É!

Mary: Porque o ditian também era assim não era?

Sorá: É!

Mary: Você ficou parecido com eles então!

Sorá: É!

Mary: E me fala uma coisa, se você tivesse que escolher entre ficar aqui no Brasil com a batian ou ir para o Japão morar com seu pai e sua mãe, o que você prefere?

Sorá: Eu prefiro morar aqui.

Mary: Aqui?

Sorá: É!

Mary: Com a batian?

Sorá: É!

Mary: Por que você prefere a batian?

Sorá: Porque dá para ajudar ela, limpar a casa.... Mas com meu pai não.

Mary: Por que não?

Sorá: Ah, ele fala bravo... ele fala assim.

Mary: Ele fica bravo com você?

Sorá: Fica!

Mary: E a sua mãe?

Sorá: Não, a minha mãe não é tão brava.

Mary: Não é tão brava?

Sorá: Eu até ajudo ela, quando eu vou na feira eu ajudo a carregar as compras, e na volta...

Mary: Mais com a batian você ajuda mais?

Sorá: Ajudo!

Mary: E você tem vontade de conhecer o Japão?

Sorá: Eu tenho!

Mary: Tem? Você quer ir um dia pra lá?

Sorá: Precisa estudar primeiro, tirar o colegial, aí eu vou.

Mary: Você vai para lá?

Sorá: Vou!

Mary: O que você vai fazer lá?

Sorá: Eu vou lá trabalhar.

Mary: Ah! Você vai trabalhar lá! E com quem você vai morar lá?

Sorá: Ah, com a minha mãe ou senão com minha tia, ou senão, com o meu pai.

Mary: Que tia?

Sorá: A tia de São Paulo.

Mary: Irmã de quem?

Sorá: Irmã da batian.

Mary: Irmã da batian?

Sorá: É!

Mary: Ela mora lá?

Sorá: Mora!

Mary: E você conhece?

Sorá: Conheço! Eu já fiquei com ela na casa dela.

Mary: Você já ficou?

Sorá: Já, já ajudei, já dormi, já fui nas férias.

Mary: Onde ela morava?

Sorá: Em São Paulo!

Mary: E faz tempo que está no Japão?

Sorá: Já, mais de dois anos.

Mary: Então você prefere terminar o colegial e ir para o Japão! Você não quer fazer faculdade aqui no Brasil?

Sorá: Eu quero, mais precisa fazer estudar, tirar o colegial, aí eu vou.

Mary: Mais eu estou falando assim: Você prefere ir para o Japão trabalhar do que ficar aqui no Brasil e fazer faculdade!

Sorá: É!

Mary: Você não quer fazer faculdade!

Sorá: Ah, faculdade depende... Se terminar! Mais o Japão é duro!

Mary: Por que é duro?

Sorá: Ah, só fala japonês.

Mary: Você não aprendeu a falar japonês?

Sorá: Eu falei, mais não aprende.

Mary: O seu pai reclama demais?

Sorá: Não, só minha mãe, só ta gripada, mandou remédio daqui.

Mary: Mas eles trabalham bastante lá!

Sorá: Trabalha! Minha mãe mexe com câmera.

Mary: Com câmera?

Sorá: De colocar em carro.

Mary: E o seu pai?

Sorá: O meu pai eu não sei.

Mary: Não sabe? Não sabe nem onde eles moram?

Sorá: A minha mãe eu sei.

Mary: Onde ela mora?

Sorá: (não foi possível ouvir)

Mary: Ah, ela mora lá então?

Sorá: Mora!

Mary: E me fala uma coisa, você não fica preocupado se a batian fica sozinha?

Sorá: Não, ele mora com o meu tio.

Mary: O seu tio mora aqui?

Sorá: Mora, ele já voltou do Japão.

Mary: Ele voltou do Japão?

Sorá: Já!

Mary: Ele está morando aqui?

Sorá: Está!

Mary: E você acha que o seu pai volta do Japão logo ou não?

Sorá: Vai!

Mary: Vai?

Sorá: Vai!

Mary: Quando ele volta?

Sorá: Em Julho!

Mary: Ah, ele volta em julho?

Sorá: No começo da semana.

Mary: E ele vai ficar morando aqui?

Sorá: Vai e aí ele vai voltar para o Japão.

Mary: Como?

Sorá: Ele vai voltar para o Japão de novo.

Mary: Ah, ele não vai ficar morando aqui? Vai ficar só um tempinho aqui?

Sorá: Ele vai ficar até dezembro depois vai.

Mary: E ele vai levar a namorada dele será?

Sorá: Vai!

Mary: E o filhinho dele também?

Sorá: Vai!

Mary: Você não tem vontade de ir junto?

Sorá: Não!

Mary: Não? Por que não?

Sorá: Se eu ir lá eu vou fazer o quê?

Mary: E o seu irmão é pequenininho?

Sorá: Ele é assim, deste tamanho, está com três anos.

Mary: O que será que ele vai fazer lá?

Sorá: Isso eu não sei!

Mary: Então você não queria ir junto?

Sorá: Não!

Mary: Nem com a sua mãe? Se a sua mãe chamasse você mãe queria ir junto?

Sorá: Minha mãe fica chamando e eu falo que preciso estudar primeiro, aí se eu terminá tudo, a escola, aí eu vou.

Mary: Ah! A sua mãe está chamando você para ir para lá?

Sorá: Está, até a minha tia!

Mary: Que tia é essa? Irmã de quem?

Sorá: Irmã da outra tia.

Mary: Mais do seu pai?

Sorá: É!

Mary: Mais você não quer ir por enquanto.

Sorá: Não!

Mary: Até você terminar o colegial você não vai.

Sorá: Não!

Mary: Depois você vai.

Sorá: Vou!

Mary: Certeza que você vai!

Sorá: Eu tenho!

Mary: E a escola, como está, está muito difícil?

Sorá: Está!

Mary: O que você acha mais difícil na escola?

Sorá: Inglês, matemática e língua portuguesa.

Mary: Você está indo mal?

Sorá: Estou!

Mary: E que nota você tirou?

Sorá: Eu tirei oito de inglês...

Mary: Ah, mais oito é nota baixa?

Sorá: Na prova eu tirei cinco do inglês, aí eu recuperei e fiquei com oito, na língua portuguesa eu fiquei também acho que foi cinco e seis.

Mary: E me fala uma coisa, a batian fica pegando bastante no seu pé para você estudar ou não?

Sorá: Não! Toda vez eu estudo, a professora manda estudar para a prova e eu estudo.

Mary: E você é um menino obediente?

Sorá: Sou!

Mary: Você obedece a batian?

Sorá: Obedece!

Mary: Do que você gosta de brincar? Você falou que gosta de brincar!

Sorá: Eu gosto de jogar vídeo game, policia e ladrão...

Mary: Ah é? E onde você brinca de polícia e ladrão?

Sorá: Na escola, aqui nós brinca!

Mary: Você tem muito amiguinho aqui?

Sorá: Tenho!

Mary: Tem bastante? Você vai brincar bastante?

Sorá: Eu brinco!

Mary: E aqui em casa? Você chega à tarde não é? O que você faz depois que você chega?

Sorá: Eu troco roupa e toma o café, aí ajudo a minha avó, aí eu tacho água nas plantas e depois eu descanso.

Mary: Não vai brincar?

Sorá: Não!

Mary: Não dá tempo?

Sorá: Não dá!

Mary: Não dá? Você dorme cedo?

Sorá: Tem vez que eu dorme oito horas, oito e quinze...

Mary: E a batian cozinha bem?

Sorá: Cozinha!

Mary: O que ela faz para você que você mais gosta?

Sorá: Arroz, feijão, yakissoba...

Mary: Você gosta de comida japonesa?

Sorá: Gosto!

Mary: Gosta? Ou você prefere a brasileira?

Sorá: Não, eu gosto mais coisa japonesa.

Mary: Você gosta da japonesa?

Sorá: É!

Mary: Gosta mais que a comida brasileira?

Sorá: Sushi, sashimi...

Mary: Você gosta bastante? A batian faz isso?

Sorá: De vez em quando ela faz.

Mary: E ela não ensinou você falar japonês?

Sorá: Já, eu escuto, ela fala e eu aprende.

Mary: Você tem vontade de aprender japonês ou não?

Sorá: Não!

Mary: Por que não?

Sorá: Ah, se eu aprender japonês confunde com o português.

Mary: Ah confunde com o português! A sua avó disse que canta, não canta no karaokê?

Sorá: Canta!

Mary: E você?

Sorá: Ela falou pra eu ir lá cantar.

Mary: E você não canta?

Sorá: Não! Precisa aprender português e depois japonês.

Mary: Mais você tem vergonha de cantar?

Sorá: Não!

Mary: Não? Mais assim, ela só canta musica japonesa não é?

Sorá: É!

Mary: Por isso que você acha difícil?

Sorá: Ah, depois esquece.

Mary: Ah é?

Sorá: A minha avó já esqueceu já.

Mary: Já esqueceu?

Sorá: Já!

Mary: E você já esqueceu do seu avô?

Sorá: Não!

Mary: Não?

Sorá: Eu até sonho.

Mary: Você sonha com ele? O que você sonha com ele?

Sorá: Que eu estou ajudando ele a tacar água, ligando o motor, pescando...

Mary: Se você pudesse pedir alguma coisa, o que você ia pedir para o seu pai e para a sua mãe?

Sorá: Mandar as roupas... As coisas...

Mary: Você não ia pedir para eles vir morar com você?

Sorá: Eu falo quando eles vão voltar e eles fala que não sabe.

Mary: Não sabe?

Sorá: A minha mãe fala que não sabe.

Mary: Já desistiu já?

Sorá: É, ta lá já faz doze anos.

Mary: Você acha que eles voltam?

Sorá: Acho que volta.

Mary: Você acha que volta?

Sorá: Acho que a minha mãe não.

Mary: A sua mãe não? Por quê?

Sorá: Ela já ta lá... Acho que em 2002 que ela voltou, viu eu e aí janeiro ela foi embora e eu vim pra cá.

Mary: Quando ela ficou aqui você ficou com ela! É isso?

Sorá: Já! E ela foi embora e eu vim pra cá.

Mary: O que você achou melhor, ficar com ela ou ficar aqui com a batian?

Sorá: É melhor ficar aqui.

Mary: É melhor ficar aqui?

Sorá: É!

Mary: Então você acha que a sua mãe não volta mais, só de vez em quando para passear.

Sorá: É!

Mary: E o seu pai?

Sorá: Mesma coisa também.

Mary: Só para passear?

Sorá: Volta aqui, fica uns doze treze dias aqui...

Mary: E depois volta!

Sorá: Aí volta!

Mary: Então você nem queria pedir para eles voltarem para ficar, você acha que eles não vem.

Sorá: Não, acho que não vem.

Mary: E aí você ia pedir para eles mandarem o que pra você?

Sorá: Um computador, vídeo game...

Mary: Você já pediu?

Sorá: Ah, meu pai fala que prá mandar o computador tá muito cedo.

Mary: Muito cedo?

Sorá: É!

Mary: É? Por quê? Ele acha que você não sabe mexer?

Sorá: É!

Mary: E você sabe?

Sorá: Sei!

Mary: É?

Sorá: Até o do meu primo Y. eu mexi tanto.

Mary: Ah é? E eles não mandam presentes pra você?

Sorá: Já mandou controle, minha mãe mando um monte já.

Mary: Ah é?

Sorá: Mando uns três livros de *origami*... Lapiseira, grafite...

Mary: E você sabe fazer *origami*?

Sorá: Sei, um monte. (Ele busca os *origamis* que fez para me mostrar)

Mary: Olha, quanto! Você que fez?

Sorá: Foi tudu isso!

Mary: Você que fez tudo?

Sorá: E ainda tem outra caixa guardada cheia de papel de origami.

Mary: Verdade? E você sabe fazer aqueles bem difíceis?

Sorá: Ah, difícil eu não sei.

Mary: Não?

Sorá: Pavão.

Mary: Pavão é difícil não é?

Sorá: É!

Mary: E você não sabe fazer ainda?

Sorá: Ainda não.

Mary: Precisa treinar não é Sorá?

Sorá: Uma vez eu fui tentar e fiquei nervoso, joguei tudo fora.

Mary: Verdade? Você ficou nervoso e desistiu?

Sorá: É!

Mary: Você fica nervoso assim de vez em quando?

Sorá: Fica!

Mary: Ah é? Quem que é mais nervoso, seu pai ou sua mãe?

Sorá: Mais o meu pai.

Mary: E a batian?

Sorá: Não, a batian não.

Mary: Ah, a batian é calma?

Sorá: Calma!

Mary: Ela não é brava?

Sorá: Não!

Mary: Ela não dá bronca em você?

Sorá: Quando as vezes que eu faço arte aí que ela fica.

Mary: Ah, mais aí ela fica com motivo!

Sorá: É!

Mary: E a sua mãe é brasileira ou é japonesa?

Sorá: Brasileira, Patrícia.

Mary: Ah, a sua mãe é brasileira! Então você é mestiço?

Sorá: É!

Mary: E me fala uma coisa, e o ditian? Ele era bravo?

Sorá: Não, era calminho!

Mary: Ele era calminho?

Sorá: Eu ajudava...

Mary: Ele era bonzinho?

Sorá: Era!

Mary: O que ele fazia com você?

Sorá: Ele dava comida, dava as coisas. Eu fazia arte, assustava ele...

Mary: Você fazia arte?

Sorá: É, eu ia lá no galinheiro e pegava os ovos assim na camiseta e tacava nas galinhas.

Mary: Você fazia isso?

Sorá: É!

Mary: E ele?

Sorá: - “Cadê Sorá?” Ele lá naquele galinheiro pegando e tacando os ovos lá. Aí o meu avô ficou bravo!

Mary: Ficou bravo?

Sorá: Ficou bravo! Até eu roubava os morangos dele lá em cima da horta.

Mary: Você era sapequinha então!

Sorá: Eu pegava tudo os morangos, colocava assim e comia.

Mary: Comia? E ele não ficava bravo?

Sorá: “Ué, cadê morango? Quem é que pegou tudo?”

Mary: E ele brincava com você?

Sorá: Brincava.

Mary: Do que ela brincava?

Sorá: É, de carrinho, ficava lá embaixo da árvore de jabuticaba aí brincava de caminhãozinho, pegava goiaba ele descascava e comia...

Mary: Ele cuidava bastante de você!

Sorá: Cuidava!

Mary: Mas ele morava no sítio e você morava aqui?

Sorá: É!

Mary: Então você só ia para lá de final de semana?

Sorá: Não, o meu avô vem aqui e a cachorrada vem.

Mary: O que?

Sorá: Cachorrada!

Mary: Ah, tinha cachorro também?

Sorá: Tinha oito cachorro.

Mary: E vinham todos?

Sorá: É, todos juntos atrás.

Mary: Não acredito! Por que? Era perto?

Sorá: É!

Mary: Mas ele não dormia aqui?

Sorá: Depois começo a dormi e o cachorrada ficava aqui nas ruas, e o homem que passava de bicicleta tudo assusta com o cachorrada correndo.

Mary: E me fala uma coisa, ele plantava o que no sítio?

Sorá: Ah, plantava morango, nabo...

Mary: E o que ele fazia com o que ele plantava?

Sorá: Ele fazia feira.

Mary: Ah, ele fazia feira! E você também ia na feira ajudar?:

Sorá: Eu ajudava!

Mary: Ah ! Então a batian e o ditian cuidaram muito de você!

Sorá: Já!

Mary: E você gosta muito deles por causa disso?

Sorá: Gosto!

Mary: E o que você tem que fazer para agradecer a eles?

Sorá: Ah, eu ajudo!

Mary: E quando o ditian morreu você ficou muito triste?

Sorá: Eu fiquei!

Mary: Ficou? E agora, quem cuida do sítio?

Sorá: Ninguém! Inda botou um homem lá, e estava morando em Brasilândia, ele foi assaltado, foi assaltado por ladrão.

Mary: No sítio?

Sorá: Lá no Brasilândia, na casa dele.

Mary: Ah sim!

Sorá: Aí depois ele falou pra batian se ele pode morar lá, aí deixou.

Mary: Ah, ele esta morando lá?

Sorá: Está!

Mary: Ah, está morando lá e tomando conta?

Sorá: Ta!

Mary: Você não tem vontade de ir para o sítio?

Sorá: Ah, toda vez eu vou lá.

Mary: Ah! Você vai?

Sorá: Eu vou lá ver ele...

Mary: E com quem você vai?

Sorá: Sozinho!

Mary: Sozinho? A batian não vai mais?

Sorá: Ah, às vezes vai, mais agora não está indo.

Mary: Diz que a batian ficou doente uma época, sua batian? Ou não foi ela? Não teve uma época que ela ficou em São Paulo?

Sorá: Ah já! Doença de vistas.

Mary: De vistas?

Sorá: É!

Mary: E onde você ficou quando ela estava doente?

Sorá: Eu ficava lá com o meu pai, depois ela voltou, aí depois ela foi de novo, fiquei na outra minha avó, aí ela voltou, 2007.

Mary: E foi ruim?

Sorá: Ah, senti saudades!

Mary: Você sentiu saudades dela?

Sorá: Quando eu venho aqui eu olho e a casa está vazia, não tem ninguém.

Mary: É ruim?

Sorá: É!

Mary: Você fica triste?

Sorá: fica!

Mary: A batian é a pessoa que você mais tem saudades agora?

Sorá: É!

Mary: É? O que a batian faz? Ela faz o serviço de casa, sai para passear ou não?

Sorá: É, só limpa... E almoça fora, passear...

Mary: Vai cantar?

Sorá: Vai cantar...

Mary: E você vai junto?

Sorá: As vezes eu vou junto, e ela fala: Ó, Sorá, limpa a casa! E eu limpei tudo aqui.

Mary: Você limpou tudo?

Sorá: Já lavei banheiro, a área, passei pano e varri a casa.

Mary: Nossa! E você sempre ajuda então?

Sorá: Ainda lavei a janela aqui.

Mary: Lavou a janela também?

Sorá: Já! Lavei aqui e ali! Aí taquei água...

Mary: Então você cuida da batian também!

Sorá: Cuida! Até eu planto!

Mary: Você planta também?

Sorá: Uma vez eu já plantei rabanete, aqueles todo rosinha...

Mary: Sei! Você plantou? E sabe colher também?

Sorá: Sabe!

Mary: Como é que você acha que o Japão é?

Sorá: Ah, muito frio!

Mary: Você acha que é bonito lá ou não?

Sorá: Acho que é!

Mary: E você quer ganhar muito dinheiro lá no Japão?

Sorá: Ah, depende.

Mary: Você não tem vontade de ser rico?

Sorá: Ah, eu tenho, mas até vira rico, aí demora.

Mary: Demora para ficar rico?

Sorá: É!

Mary: Você acha que o seu pai esta ganhando bastante dinheiro lá ou não?

Sorá: Tá! Mais a minha mãe não.

Mary: Sua mãe não? Por quê?

Sorá: Uma vez já uma senhora já brigou lá, até minha mãe estava pensando em mudar de serviço, até eu falo: Por que não muda já? É , e fica brigando lá, discutindo...

Mary: É? E ela não mudou?

Sorá: Não, até hoje ta lá.

Mary: Ah é? E o que será que o seu pai vem fazer aqui esse ano? Só vem passear?

Sorá: É! Só vem aqui olhar eu. Eu falo pra ele ir lá olhar as vacas e ele vai. Ele também gosta de mexer com vacas.

Mary: Ele gosta também?

Sorá: Gosta! Até a noite era umas sete, oito horas e ele lá no tempo da chuva. Ele já plantou uns cinqüenta tomates.

Mary: Então o seu pai também gosta de plantar?

Sorá: Gosta!

Mary: Ditian também plantava!

Sorá: Plantava!

Mary: E ele era bom também pra plantar?

Sorá: Era!

Mary: E bom para pescar também?

Sorá: Era!

Mary: É? E me fala uma coisa, você sente que você é brasileiro ou você é japonês?

Sorá: Ah, sou brasileiro.

Mary: É brasileiro?

Sorá: É!

Mary: E tem vontade de morar no Japão!

Sorá: Tenho!

Mary: Você quer morar o resto da vida no Japão ou só quer morar um tempo e voltar?

Sorá: Ficar um tempo lá mais depois voltar.

Mary: E você pensa em casar e ter filhos?

Sorá: Não, filhos não.

Mary: Não? Por quê?

Sorá: Na verdade, dá muito trabalho.

Mary: Ah é? Não vai nem casar?

Sorá: Não!

Mary: Não?

Sorá: Eu vou casar, mais filhos eu não quero.

Mary: Não porque você acha que dá muito trabalho?

Sorá: Dá, cuidar...

Mary: É? Por quê? Você dá muito trabalho?

Sorá: Dá, tem que dar banho, dar comida, limpar lá.

Mary: Sei, então você não quer ter filhos?

Sorá: Não!

Mary: Só vai trabalhar e casar só!

Sorá: Só!

Mary: E vai ficar rico!

Sorá: Acho que vou! Comprar uma fazenda.

Mary: Ah! Você quer comprar uma fazenda?

Sorá: Inda vou, é que eu gosto de mexer com os gados.

Mary: Aí você vai poder andar de cavalo, vai poder pescar...

Sorá: É! Em Mato Grosso onde o meu tio trabalha, eu tinha nove dez anos, eu estava lá, andei de cavalo, já tratei galinha, já peguei galinha pra matar... Eu já peguei desse tamanho.

Mary: Verdade? O seu negocio então é fazenda?

Sorá: Gosto!

Mary: Você gosta mais do sítio não é?

Sorá: Gosto!

Mary: E esse seu tia trabalha na fazenda ou a fazenda é dele?

Sorá: Ele comprou de um parente.

Mary: E você quer fazer igual ele?

Sorá: É, até ele tá me chamando pra trabalhar.

Mary: Também tá chamando você?

Sorá: É, pra morar lá.

Mary: E você não vai?

Sorá: Não.

Mary: Pra Soráicar aqui então, até terminar o colegial!

Sorá: É!

Mary: Aí depois você vai pensar o que vai fazer!

Sorá: É!

Mary: Bom, então o seu pai volta pra cá. O que você tá pensando em fazer com o seu pai quando ele voltar?

Sorá: Ficar com ele.

Mary: vai Ficar com ele?

Sorá: Aí depois se ele for voltar eu vou ficar aqui.

Mary: Mais se ele For Ficar na casa da namorada dele, você vai também ou vai ficar aqui?

Sorá: Eu fico aqui, quando ele me chamar pra ir lá eu vou. Ele comprou uma casa aqui.

Mary: Onde? Aqui perto?

Sorá: É, na avenida Alemanha.

Mary: Aí a namorada dele está morando lá com o seu irmão?

Sorá: É!

Mary: E como é que chama o seu irmão?

Sorá: João.

Mary: João?

Sorá: É! Ele fez essa mesma casa.

Mary: Ah é?

Sorá: Ele fez. E o homem fez e já ficou pronto, e meu pai comprou e morou.

Mary: Agora ela está morando!

Sorá: Ta.

Mary: Com o João! Prá quando ele vier pra cá ela vai ficar lá!

Sorá: Vai!

Mary: E você tinha vontade de ter o seu pai e sua mãe morando junto com você ou não?

Sorá: É, era bom!

Mary: Porque você nunca teve isso não é? Você nunca morou com eles.

Sorá: Só quando era pequeno.

Mary: Mas agora eles se separaram. Por que eles se separaram?

Sorá: Ah, ela falou que ele era muito ciumento, e depois meu pais quis separar e separou.

Entrevista 4 – Sr. Momiji: e sra. Tsutsuji

Mary: Tem dois filhos que estão morando no Japão. E esses quatro netos são do mesmo filho?

Sra. Tsutsuji: Não, cada dois.

Mary: E como é que é? Como se chamam os netos? Quantos anos têm?

Sra. Tsutsuji: Agora... , chonan (filho mais velho), chonan, né...dá pra entender japonês, né?

Mary: Sim, sim...

Sra. Tsutsuji: Chonan no kodomô (filhos do filho mais velho) é Otsukissamá, né? Otsukissamá to (e) Márcia, sore ga, chonan no kodomô (essas são as crianças do filho mais velho), né?

Mary: Certo...E quantos anos elas têm?

Sra. Tsutsuji: Idade...nambô aru ga? (Ela pergunta para o marido: Quantos anos elas têm?)

Sr. Momiji: Treze...Otsukissamá, treze ano.

Mary: E Márcia...

Sr. Momiji: Márcia, dez ano.

Sra. Tsutsuji: Agora, dinan (2º. filho) , né...filho do dinan (2º. filho). Dinan, nome é ..

Sr. Momiji: Não, não, Ohissamá...

Sra. Tsutsuji: Hum?

Sr. Momiji: Agora, tá em casa, é Ohissamá.

Sra. Tsutsuji: E depois, o Satoru, né?

Mary: Tá...e quantos anos tem o Ohissamá e o Satoru?

Sra. Tsutsuji: Ohissamá tem....dezesseis, né?

Mary: Tá....e o outro?

Sra. Tsutsuji: Outro? Nambô (quanto?) (pergunta para o marido).

Sr. Momiji: Onze.

M – E faz quanto tempo que vocês estão cuidando dos netos? Faz quantos anos já?

Sr. Momiji:: Primeira vez era 90... Foi 90, né? Naquele ano só...o Ohissamá ficou aqui. Aquele, 90 não ficou, ninguém não...Foi, é..., é...98.. Foi. Foi ... ficou (pausa) 8, oito neto, né?

Sra. Tsutsuji: Foi.

Mary: Em 98 ficaram 8 netos?

Tustsuji e Sr. Momiji: Foi.

Sr. Momiji: Depois, voltou 2.001. Depois, ano passado, um filho foi. Ano retrasado, o outro que foi, né?

Mary: Entendi!

Sr. Momiji: Então, levou um de cada, um de cada.

Sra. Tsutsuji: Filho mais velho, né!

Mary: Certo! Então é um filho e uma filha?

Sra. Tsutsuji: É... Cada um levou um filho.

Mary: Cada um levou um filho, então. E os outros dois ficaram? Dois de cada?

Sra. Tsutsuji: É.

Mary: Então eles têm três filhos cada um?

Sra. Tsutsuji: É, isso mesmo! (risos...)

Mary: E os dois que estão no Japão, são filho?

Sra. Tsutsuji: É, filho.

Mary: Então o filho mais velho foi em 2.001, é isso?

Sr. Momiji: É... não! 2.001 voltou, né?

Mary: Voltou e levou o filho?

Sr. Momiji: Depois levou dois netos, né!

Mary: E agora, eles estão lá no Japão desde o ano passado? Não, desde 2.003?

Sr. Momiji: Um foi em 2.006, o outro em 2.005.

Mary: E desde essa época que obasan (senhora) e oisan (senhor) estão cuidando dos netos?

Sr. Momiji: Naquele tempo de 98, um filha também deixou dois filhos, neto, dois...Um casal, né?

Mary: Ah, entendi, deixou aqui.

Sr. Momiji: É, um casal, né!

Mary: E ela já voltou?

Sr. Momiji: Voltou e foi de novo.

Sra. Tsutsuji: Voltou e depois foi outra vez. Agora foi com a família toda.(risos)

Mary: Ah, foi com todos os filhos?

Sra. Tsutsuji: É....(risos)

Mary: Quantos filhos a obasan (senhora) e oisan (senhor) tem?

Sr. Momiji: Quatro filha, dois filhos...

Sra. Tsutsuji: Dois meninos...é, é...

Mary: Então, teve 6 filhos? Estão todos no Japão ou não?

Sr. Momiji: É...Agora tem dois, um tem no Marília, um tem no São Paulo. O resto tudo ta no Japão.

Mary: São 4 filhos no Japão, é isso? Então são...as duas filhas e dois filhos estão no Japão?

Sr. Momiji: É!

Sra. Tsutsuji: Isso mesmo!

Mary: E como foi, obasan e oisan (senhora e senhor), cuidar dos netos? Do mago (neto), como é que foi quando veio morar aqui?

Sra. Tsutsuji: Mago também tudo bonzinho, então ditian (avô) , batian (avó) não precisa sofrê pra trata eles.

Mary: Ah, não precisa. Por quê?

Sra. Tsutsuji: Agora, dia de chuva, assim, ditian (avô) leva até na estrada, estrada fica longe, né...é, aí ônibus pega, ditian (avô) volta em casa.

Sra. Tsutsuji: Mas só que, de manhã cedo eu acorda cinco e meia, né, prá essas coisas de comer, café, chá, pra fazer pra comer, né?

Mary: Certo. A senhora faz para todo mundo?

Sra. Tsutsuji: É (risos)

Mary: Aí, então, eles vão para a escola...

Sra. Tsutsuji:É, eles vão para a escola.Quando chovendo, ditian (avô) leva até na estrada, né, quando chove.

Mary: Depois da escola eles voltam para casa?

Sra. Tsutsuji: É. Ai, onibus traz até em cima e quando chove ditian (avô) vai buscá até na estrada.

Mary: E eles são obedientes? Eles obedecem?

Sra. Tsutsuji: Ah, obedece....Nossa!...tudo bonzinho... É...Hora de dormir eles fala: oyasumi nasai (boa noite), né...De manhã cedo fala: ohayo (bom dia)

Mary: Ah, é? Eles falam em Japonês?

Sra. Tsutsuji: É, fala!

Mary: Ah, é? Eles conversam em japonês com oisan e obasan (senhor e senhora) ? Os mago (neto)?

Sra. Tsutsuji: Não, mais é brasileiro, né! (risos)...Não tem jeito, né?

Mary: Mas eles entendem japonês quando conversam com ditian e batian?

Sra. Tsutsuji: Acho que mais ou menos entendem. Só que conversar é duro, né!

Mary: É difícil, obasan, conversar?

Sra. Tsutsuji: Criança, que né?! Agora, ditian e batian conversa japonês bastante, né? Sabe, né? Sabe, mas...se criança não sabe não dá pra conversar, né? Tem que misturar... (risos)

Mary: É verdade! E como é que é, é mais fácil cuidar dos magô mais velho ou mais novo?

Sra. Tsutsuji: Para mim é a mesma coisa em tudo. Mesma coisa filho minha, né! (risos)

Mary: E a senhora fica preocupada com eles?

Sra. Tsutsuji: Huum...É, sabe, quando fica doente, assim, tem que meia-noite assim, tem que acordar, olhar... que nem filho da gente, né? Alguma hora ponha futon (coberta), né? Assim, ta frio, né?... Precisa cuidar, né? ... Mas igual filho de nós. Nós cuida bem.

Mary: é, e ditian (avô) também cuida? Ajuda cuidar também, ditian?

Sra. Tsutsuji: Cuida, vixe! (risos)

Mary: E a senhora, está cuidando dos mago (neto) igual cuidou dos filhos ou é diferente?

Sra. Tsutsuji: (Ela traduz a pergunta em japonês para o marido) Acho que igual, hein...prá mim é igual!

Mary: E pro oisan, também é igual?

Sr. Momiji: Mais *kawai*, né? (mimoso, encantador).

Sra. Tsutsuji: Mais tem amor do que filhos...

Mary: Mais *kawai*?

Sr. Momiji: Hora de...filho, filha, eu tá trabaiano, né? Por isso que...não dá para cuidar muito, né? Mas agora,..quando fica neto, neta, aí já... dá prá dar amizade. (risos)

Mary: Entendi. O senhor não trabalha mais agora, né, oisan? Fica em casa?

Sr. Momiji: Não tá trabaiano..é... mais a maioria tá no rio, pescando. Dois neto vai junto.

Sra. Tsutsuji: Companhia, né?

Mary: Então o senhor acha que está conseguindo cuidar mais agora?

Sr. Sr. Momiji: e Sra. Tsutsuji: É.

Sra. Tsutsuji: É, cuida mais. Hora de fio minha cresce, não cuidava assim, não. Neto, neta mais *kawai*, né!

Mary: Faz mais carinho, brinca mais?

Sra. Tsutsuji: Ditian vai, alguma hora criança chama na escola, né, dor de barriga ou sei lá, né?... Aí ditian passa em algum lugar e compra coisa de comer prá eles, passa na farmácia, né? (risos)

Mary: Preocupa mais, oisan (senhor)?

Sra. Tsutsuji: Ah, preocupa! ...

Sr. Momiji: Mas, é.. antigo também tava morava tudo família, né?

Sra. Tsutsuji: Tudo morava junto, né?

Sr. Momiji: Era por isso que era mais fácil, né!

Mary: Com quem que vocês moravam?

Sra. Tsutsuji: É esses dois fios...

Mary: Ah, tá, todos os filhos moravam.

Sr. Momiji: É, tava...Primeiro morava tudo casa aqui,né? Depois separou, fez aquele casa vizinha, outro ali... Mas é, tudo dia vem em casa, vai comê junto...

Mary: Ah é, e vinham comer aqui com a senhora?

Sra. Tsutsuji: É, num é todo dia, ne? É algum dia, né! (risos)

Mary: Então, a senhora e o senhor estão sentindo falta dos filhos também, não estão?

Sra. Tsutsuji: O quê?

Mary: Agora não tem saudade dos filhos?

Sra. Tsutsuji: Ah, tem!!!!

M: Agora estão no Japão, moram longe...

Sr. Momiji: Mas toda semana tá telefonando.

Sra. Tsutsuji: Mas telefona tudo semana! (risos)

Mary: Telefona, é? Eles conversam com os filhos? Como é que é?

Sra. Tsutsuji: Hum, conversa, nossa!

Mary: E dá para matar a saudade, um pouquinho?

Sra. Tsutsuji: É, um pouquinho mata, né! (risos)

Mary: Oisan e obasan não se preocupam com os filhos lá no Nihon (Japão)?

Sra. Tsutsuji: É porque eles tá bem, né? Então...num precisa, né, acho que...

Mary: O senhor não se preocupa com os filhos lá no Nihon?

Sr. Momiji: Não.

Sra. Tsutsuji: Eles também ta... fazendo o bem, né? Então, só fica contente, né? (risos)

Mary: Por que eles foram para o Nihon?

(Y. traduz a pergunta em japonês para o marido)

Sr. Momiji: É...bom...trabalhando aqui, mas é... não deu certo, né? É, plantou amendoim, plantou milho, aí, mas o preço tá muito baixo, né? Por isso que ... trabalha, trabalha até ficar no dívida.

Sra. Tsutsuji: Não vai pra frente né?

Mary: E eles ajudavam? Os dois filhos ajudavam aqui? Trabalhavam aqui?

Sr. Momiji: É, tava junto aqui.

Mary: Entendi. Então resolveu ir para o Japão ganhar dinheiro?

Sra. Tsutsuji: É..precisa ganhar um pouco, né? (risos)

Sr. Momiji: É, primeiro ano plantou amendoim com dois filhos que...sócio, né? Plantei, depois... não deu certo, com seca, também estragou, né? Então, um filho que foi, depois mandava dinheiro, depois o outro filho que tava tocando. Aí outro ano, também deu amendoim bom, por alqueire 330 saco, milho também por alqueire 230 saco colheu, né?. Mas é... amendoim era...paga na cooperativa adubo, veneno... aí não sobra real....aí, num deu certo...

Mary: Aí não sobra nada, né oisan?

Sr. Momiji: Muito barato, né? Depois milho também era 12 real, então é... não dá conta.

Mary: Entendi.

Sr. Momiji: Por isso que ... tudo maquinário, tudo deixou aqui, depois foi trabalhar.

Sra. Tsutsuji: Maquinário ta tudo guardado.

Mary: O senhor não tá mais plantando?

Sr. Momiji: Não tá. Aqui tem só gado um pouco.

Mary: E eles (filhos), mandam dinheiro para ajudar?

Sr. Momiji: Manda, tudo mês manda dinheiro e cuidando criança, né?

Mary: A senhora e o senhor sabem quando eles querem voltar? Tem previsão de quando voltam?

Sra. Tsutsuji: Não, ainda não dá para saber, né!

Mary: Tá guardando dinheiro ainda?

Sra. Tsutsuji: É, tá fazendo economia, né! (risos)

Mary: E os mago (neto) estudam em Tupã?

Sra. Tsutsuji: Estuda em Tupã.

Mary: Em que escola eles estudam?

Sr. Momiji: Um tá no I.V., depois outro no V.A. e...três V. A. E...um é I. Um é colegial.

Mary: Ah, já tá no colegial?

Sra. Tsutsuji: Tá estudando bem! Eles, se não tira aquele nota A, eles chora!

Mary: Ah, é? Só quer tirar nota boa? É esforçado obasan?

Sra. Tsutsuji: É, mais ou menos, né! (risos)

Mary: Não é de estudar muito?

Sra. Tsutsuji: Gosta de estudar, nossa! Se ganha nota ruim eles faz cara feia e chorando...

Mary: E eles ficam com saudade do papai e da mamãe?

Sra. Tsutsuji: É, saudade, mas...

Sr. Momiji: Sempre tá sempre telefonando, né!

Sra. Tsutsuji: Saudade mas...eles já acostumado, né?

Mary: Já se acostumou, porque sempre morou com a batian e o ditian aqui, não é?

Sra. Tsutsuji: É, morou.

Mary: sempre ficaram perto da batian e do ditian...

Sra. Tsutsuji: Não estranhou muito não... É mesma coisa que pai e mãe, né? (risos)

Mary: É mesma coisa, obasan? (risos) E oisan e obasan sabem se os *magô* (neto) querem ficar no Brasil, estudar ou se querem ir para o Nihon trabalhar?

Sra. Tsutsuji: É, parece que... quem que tá aqui, não tá querendo ir no Japão né?... Tá querendo estudar.

Mary: E eles falam isso?

Sra. Tsutsuji: Hum..eles falam.

Mary: E o que obasan e oisan, acham melhor: os *magô* (neto) ficarem aqui no Brasil e estudar ou ir para o Japão trabalhar?

Sr. Momiji: Acho que é mió é aqui no Brasil, né?

Sra. Tsutsuji: Porque...na fim, tem que ficar aqui memo, né! Então, acho qu.. é bom estudar aqui. Eu acho...

Mary: A senhora acha melhor estudar aqui?

Sra. Tsutsuji: Eu acho.

Mary: E oisan também acha isso?

Sr. Momiji: É. Filho também não quer trabalhar no Japão. Queria morar aqui, né!

Sra. Tsutsuji: Eles também não queriam ir.

Mary: Não queriam. Só foram porque não tinha jeito...

Sra. Tsutsuji: É. Não tinha jeito.

Sr. Momiji: Vai trabalhar mais um ano assim e volta. Disse que queriam trabalhar aqui no Brasil, né?

Mary: Eles querem voltar então?

Sr. Momiji: É!

Mary: E quer que os filhos fiquem aqui também.

Sra. Tsutsuji: Ah, qué!

Mary: Quer que os magô fiquem aqui também?

Sr. Momiji: Ficam, qué que ficam.

Mary: E eles, voltam aqui para o sítio quando voltarem?

Sra. Tsutsuji: Volta sítio sim, sempre morou aqui mesmo, né!

Sr. Momiji: Volta aqui, sítio. Tem casa também, outro filho, tem casa.

Sra. Tsutsuji: Outro filho tem casa grande, melhor. Aquele filho segundo..

Mary: Esta outra casa que tem aqui?

Sra. Tsutsuji: Isso. Eles voltam para cá, sim. Ah, volta sim! (risos)

Mary: E a senhora e o senhor, também querem que volta?

Sra. Tsutsuji: É. Quer morar junto, né?

Mary: Quer morar junto com a família, né obasan?

Sra. Tsutsuji: Agora ainda tem o neto, neta, né! Graças a Deus!

Mary: E obasan e oisan, não ficam cansados de cuidar dos netos?

Sra. Tsutsuji: Não... Quando é que tem..menina dá pra ajudar, eu pide, né! Manda ajuda para mim um pouco.

Mary: E ajuda em casa?

Sra. Tsutsuji: Ajuda! E eu manda mais é...recolher roupa, assim né.

Mary: O resto é obasan que faz tudo? A senhora limpa, cozinha, lava roupa, tudo?

Sra. Tsutsuji: É, tudo ...

Mary: Quantos anos a senhora tem?

Sra. Tsutsuji: (risos) 75 anos.

Mary: E o senhor, tem a mesma idade?

Sr. Momiji: Eu tenho 79 anos.

Mary: E não tá cansado? Leva neto ainda e cuida?

Sr. Momiji: É.

Mary: *Oisan* e *obasan* acham que os filhos, lá no *Nihon* (Japão), foi bom para a família?

Eles estarem lá no Japão trabalhando, é bom para a família?

Sr. Momiji: É bom, é...

Mary: Por que o senhor acha que foi bom?

Sra. Tsutsuji: É porque eles gostou, né?

Mary: e os filhos que estão no Japão estão ajudando a família?

Sr. Momiji: Família daqui? É...ta mandando, dois filhos que manda dinheiro aqui prá cuidá.

Mary: Então, eles estão ajudando *oisan* e *obasan*? Tá cuidando também, né?

Sr. Momiji: É.

Sra. Tsutsuji: É, toda vida, faz *chimpai* (preocupação), né? Ah, como é que ta... Não tem perigo ainda não morreu ainda, hein! (risos).

Mary: Tá forte ainda, né *obasan*? E os filhos, ficam *chimpai* (preocupados) com *obasan* e *oisan*?

Sra. Tsutsuji: É.

Mary: Ligam sempre?

Sra. Tsutsuji: É. Tá doido, só pensando de casa, né? Eu falo, não precisa fazer *chimpai* não, tudo tá bem.

Mary: Mas eles fazem?

Sra. Tsutsuji: Fazem...

Mary: Mas é melhor assim, né *obasan*?

Sra. Tsutsuji: É! Aí eles fala: o que que tem coisas gostosas, coisas do Japão, fala, aí eu mando, né? Aí manda uma caixa grande! Sempre manda!

Mary: Sempre mandam, para *obasan*, *oisan* e os filhos?

Sra. Tsutsuji: Neto né, quatro neto tem aqui, né.! Então, pra eles também manda, né?

Mary: Tá sempre cuidando então?

Sra. Tsutsuji: É, mais ou menos assim mesmo.

Mary: Certo, entendi!

Mary: E vocês estão educando os netos igual educaram os filhos?

Sra. Tsutsuji: Talvez ..quando..filho de nós, aquela hora gritava, mas agora... neto, não precisa nem gritar...Tudo bonzinho!

Mary: Não precisa, não? Os netos são mais bonzinhos que os filhos?

Sra. Tsutsuji: Parece que é (risos)... Porque..aquele tempo, mamãe e papai era, trabalhava, né? Por isso que fica nervoso, né? Agora não...

Mary: Certo. Agora fica em casa, não fica nervoso?

Sra. Tsutsuji:É (risos)....

Mary: E os filhos, começaram a trabalhar desde cedo?

Sra. Tsutsuji: É, mais ou menos 15 anos, 16. (Traduz a pergunta em japonês para o marido)

Sr. Momiji: É, bicho de seda, né? Aqui tava criando bicho de seda, então, família trabalhando, tinha dois empregado, maioria ta trabaiano com família.

Mary: Os filhos todos ajudavam?

Sr. Momiji: É, filho ajudava.

Sra. Tsutsuji: Filho, filha, né, tudo!

Mary: Todo mundo ajudava?

Sra. Tsutsuji: É. Não tinha empregado, é! Só família trabaioava.Sempre na roça também limpinho...pessoal trabaioava bem,né?

Mary: E os filhos, estudaram? Gakkô (escola)?

Sra. Tsutsuji: Pouco, né!

Sr. Momiji: É, só estudou primário, só.

Sra. Tsutsuji: Agora, neto, agora tá indo escola bastante, né!

Mary: Eles estão estudando mais, os netos?

Sra. Tsutsuji: Tá.

Mary: Os filhos da senhora, estudaram até que ano?

Sr. Momiji: Primário.Aquele tempo era 4º ano, né?

Mary: Os filhos, ou o senhor?

Sr. Momiji: Filho.

Mary: Todos estudaram até 4º ano?

Sr. Momiji: É.

Mary: Em Tupã, também? O senhor sempre morou em Tupã?

Sr. Momiji: Sempre em Tupã.

Mary: Eles nasceram aqui, os filhos?

Sr. Momiji: É, em Tupã. Nasceu aqui.

Mary: E os *magô* (neto), como falam com mamãe e papai toda semana não perguntam?

Sra. Tsutsuji: Não pergunta, nem fala... Quando chega telefone eu fala: ah lá, papai, hein, acho que...”. Aí, às vezes não é, né? Às vezes é, né? Mamãe sempre tá ligando.

Mary: E obassam já tem neto de 16 anos. Ele não sai a noite? Fica em casa?

Sra. Tsutsuji: Olha, nunca saiu!

Mary: Nunca pediu para sair?

Sr. Momiji: Só dia de sábado à tarde, vai chutar bola.

Sra. Tsutsuji: Futebol.

Mary: Só. Para sair a noite nunca pediu?

Sra. Tsutsuji: Não.

Sr. Momiji: Depois tem ... trabalho de escola eu leva no cidade, depois vai buscar, também, né?

Mary: Então eles ficam em casa mesmo. E vai pescar?

Sra. Tsutsuji: É (risos)

Mary: E vai pescar, né?

Sr. Momiji: É.

Mary: Mas vocês vão todo fim de semana pescar?

Sra. Tsutsuji: Não, não é todo fim de semana não.

Sr. Momiji: Agora, dia 6 vou pescar depois volta 10. Tem feriado, né! Colégio não tem aula.

Sra. Tsutsuji: As crianças gostam de ir lá.

Mary: Eles gostam de ir?

Sra. Tsutsuji: Ixe! Lá tem rio grande, né!

Sr. Momiji: Então neto pegou pacu de 11 quilos.

Sra. Tsutsuji: Peixe grande!

Mary: Grande! Deu trabalho em obasan, para limpar.

Sra. Tsutsuji: Vixe, depois, tirou esse peixe , aí pegou outro, 9 quilos, né?

Mary: Nossa! Então é bom de pesca!

Sr. Momiji: É, até neto de 10 ano, ele também pega!

Mary: Pesca desde pequeno? Os netos acompanham ditian e batian desde pequeno?

Sra. Tsutsuji: Gosta, ele vai junto, né? Eu tem medo de rio, porque rio é... cai... e pronto.

Perigoso. (risos)

Mary: Mas a senhora fica lá, ajudando também?

Sra. Tsutsuji: Eu fico na casa, limpo a casa e cozinha, né?

Mary: Então obasan e oisan acham que está tudo bem com os netos?

Sr. Momiji: É a mesma família, né!

Mary: Mesma família?

Sr. Momiji: Filho também, lá no Japão também, mesma família!

Sra. Tsutsuji: Filho mais velho trabalha só de noite...

Mary: Obasan, aqui na casa da senhora, a senhora faz comida japonesa? Como é que é?

Sra. Tsutsuji: É, dos dois tipos né.

Mary: É, misturado?

Sra. Tsutsuji: Misturado! Feijão, arroz, aburá gohan (arroz com óleo)

M: E a senhora faz aburá gohan (arroz com óleo) também?

Sra. Tsutsuji: Ah, faz, porque neto gosta.

Mary: E os netos gostam de gohan (arroz tipo japonês) também?

Sra. Tsutsuji: Gosta.

Mary: Mas, oisan e obasan gostam mais de comida japonesa?

Sra. Tsutsuji: É melhor, né! Aí, eu faz dois tipos.

Mary: E os netos, gostam mais da comida brasileira?

Sr. Momiji: Um filho gosta mais comida japonesa.

Mary: Ah, é... Gosta mais comida japonesa?

Sra. Tsutsuji: É. Ele não come aburá gohan (arroz com óleo) de jeito nenhum.

Mary: Qual é o que não come?

Sra. Tsutsuji: Esse filho do segundo.

Mary: A senhora acha que os netos estão sendo educados igual japonês?

Sra. Tsutsuji: Eu acho bem educado.

Mary: É igual japonês? Ou é brasileiro?

Sr. Momiji: Acho que maioria japonês.

Sra. Tsutsuji: É, japonês parece.

Mary: O que parece mais japonês?

Sra. Tsutsuji: Coisa que faz, coisa, né? Olhando, tudo jeito de japonês. Jeito que faz as coisa, tudo jeito japonês, aí eu fica contente, né? (risos)

Mary: Oisan também acha que os magô parece japonês?

Sr. Momiji: É. Mesmo sistema.

Mary: E os filhos da senhora falam japonês?

Sra. Tsutsuji: Fala.

Mary: Entende?

Sra. Tsutsuji: Conversa na frente de gente, também.

Mary: Sabe falar também. Escrever também sabe, ou não?

Sra. Tsutsuji: Escrever muito pouco, só falar.

Mary: Mas no Japão sabem falar bem japonês?

Sr. Momiji: Falam.

Sra. Tsutsuji: Conversar sabe bem nihongô (japonês), agora escrever não sabe. É um pouco duro.

Sr. Momiji: Porque não estudou japonês, né!

Mary: Não estudou nihon-gakkô (escla de língua japonesa)? O senhor ensinou em casa?

Sr. Momiji: É, ensinou um pouco, né!

Sra. Tsutsuji: É, aquele tempo eles tinha preguiça, não queria aprender.

Mary: Não queria. E os netos aprenderam nihongô (japonês)?

Sra. Tsutsuji: Tá na escola nihongô (japonês)!

Mary: Ah, tá?

Sr. Momiji: Ohissamá, né!

Mary: Os outros não quiseram aprender nihongô (japonês)?

Sr. Momiji: Não, ainda não. (risos)

Mary: Mas entendem batian e ditian falando nohongô?

Sra. Tsutsuji: Entende. Entende mais não sabe falar.

Mary: E eles ajudam batian e ditian? São preocupados também?

Sr. Momiji: Ajuda.

Mary: Os magô, ajuda?

Sr. Momiji: Quando pidi, ajuda, né? (risos)

Mary: Ajudam? Tá certo.

Sra. Tsutsuji: Eu fala sempre pra criança: vocês, quando hora de acorda, né, tem que dobrar futon (coberta) essas coisa também eu fala, né? (risos)

Mary: É, e eles fazem obasan?

Sra. Tsutsuji: Algum faz, algum não faz (risos)

Mary: Não faz não? (risos)

Sra. Tsutsuji: Alguma hora esquece, né!

Mary: Esquece, né! Certo...

Sra. Tsutsuji: Mas tá mais ou menos.

Mary: Tá indo mais ou menos, né obasan. A senhora não está preocupada então, não?

Sra. Tsutsuji: Não.

Mary: O senhor também não está preocupado, oisan, tudo bem?

Sr. Momiji: Tudo.

Entrevista 4 – Otsukissamá e Ohissamá (netos do sr. Sr. Momiji: e da sra. Tsutsuji)

Mary: Vocês estão morando aqui com o ditian e com a batian desde quando?

Otsukissamá: Ah, pra mim faz dois anos, mais eu já morei antes.

Mary: Você morou quando antes?

Otsukissamá: Eu morei , acho que antes morei uns cinco anos e depois meus pais voltou, ficaram uns três, quatro, aí agora eu tô morando de novo.

Mary: Quantos anos você tinha da primeira vez?

Otsukissamá: Da primeira vez eu tinha acho que... Eu estava na primeira série, tinha acho que sete anos.

Mary: Aí você morou uns cinco anos?

Otsukissamá: É, morei uns cinco anos, ai depois eles voltaram e depois foram de novo e agora faz dois anos.

Mary: Dois anos?

Otsukissamá: Dois anos!

Mary: E você, Ohissamá?

Ohissamá: Acho que uns cinco anos, porque eu tinha cinco anos quando meu pai foi para o Japão pela primeira vez... Não, pela primeira vez não, eu tava aqui aí fui para a batian quando eles voltaram, aí depois eles foram de novo.

Mary: Vocês não são irmãos não, vocês são primos?

Otsukissamá: É!

Mary: Você é filho do mais velho ou do mais novo?

Otsukissamá: Do mais novo.

Mary: Do mais novo?

Otsukissamá: É!

Mary: Você que é filha do mais velho?

Ohissamá: É!

Mary: Então você ficou duas vezes também com a batian aqui?

Ohissamá: Não, eu sempre fiquei aqui

Mary: Ah! Você sempre morou aqui?

Ohissamá: É!

Mary: Tá! Mais o seu pai foi para o Japão pela primeira vez quando?

Otsukissamá: Foi na mesma vez que o meu pai foi.

Mary: Ah! Eles foram juntos!

Otsukissamá: Foram juntos!

Mary: Nas duas vezes?

Otsukissamá: Não, aí depois na segunda o pai dela foi não faz nem um ano.

Mary: Ah! Ele foi depois!

Otsukissamá: Foi depois!

Mary: Ah é, acho que o ditian e batian falaram isso mesmo. E como é que é? É muito diferente ficar com o ditian e com a batian do que ficar com o pai e a mãe ou não?

Otsukissamá: Mesma coisa.

Mary: É? Por que você acha que não é diferente?

Otsukissamá: Ah, sei lá, acho que eu vivi mais tempo com batian e ditian do que com meu pai e com a minha mãe.

Mary: É, por que você ficou cinco anos da primeira vez e mais dois anos agora não é? São sete anos não é?

Otsukissamá: São sete!

Mary: É metade do tempo mais ou menos!

Otsukissamá: É metade do tempo!

Mary: Então pra vocês é a mesma coisa?

Otsukissamá: É a mesma coisa.

Mary: E pra você Ohissamá, você sempre morou aqui também no sitio?

Ohissamá: É!

Mary: É? Mesmo quando o seu pai não estava no Japão por exemplo?

Ohissamá: Sempre fiquei aqui.

Mary: Sempre morou aqui! Então, pra você como que é, é muito diferente ou não?

Ohissamá: Não.

Mary: Não?

Ohissamá: Mesma coisa.

Mary: É? A família funciona igual?

Otsukissamá: É!

Mary: Assim, com batian é o mesmo sistema, como é que é?

Otsukissamá: É a mesma coisa.

Mary: Tem alguma diferença?

Otsukissamá: Ah, a diferença é pouca. É que antes o meu irmão morava, aí ele foi para o Japão também, agora só está nos aqui.

Mary: Certo! Ah é! Seu irmão ta no Japão também?

Ohissamá: Minha irmã.

Mary: Vocês sentem falta deles?

Otsukissamá: Ah, do meu irmão eu não sinto muito não.

Mary: Não?

Otsukissamá: Não!

Mary: Por quê?

Otsukissamá: Ah, porque eu e ele não se dá muito bem não.

Mary: Não se dá muito bem?

Otsukissamá: É! Só no último ano que ele foi que agente começou a se dar melhor.

Mary: O que tinha de diferença Otsukissamá?

Otsukissamá: Ah, não sei, eu achava que ele era meio estressado.

Mary: Ele era nervoso?

Otsukissamá: Era!

Mary: E você é calmo?

Otsukissamá: Ah, bem mais calmo.

Mary: Ah é? E você Ohissamá, você sente falta da sua irmã ou não?

Ohissamá: Ah, mais ou menos.

Mary: É? Você se dava bem com ela ou não?

Ohissamá: Não.

Mary: Não? Também não? Ela era mais velha?

Ohissamá: É!

Mary: Por que motivo que não dava muito certo?

Ohissamá: Ela era também meio nervosa.

Mary: É, também meio nervosa? Então vocês são os mais calminhos?

Otsukissamá: É, eu sou calmo.

Mary: Você é calmo? E você?

Ohissamá: Também.

Mary: Também é? Vocês são mais quietinhos ou são mais bagunceiros? Comparados com os amigos da escola, por exemplo.

Ohissamá: Mais quieto.

Otsukissamá: Ah, eu também sou mais quieto comparando com os amigos da escola.

Mary: É? Eles são muito bagunceiros?

Otsukissamá: Ah, tem muitos que são bagunceiros

Mary: É muito diferente? E vocês acham que vocês são diferentes assim por quê?

Otsukissamá: Diferentes?

Mary: É... vocês são mais quietinhos assim por quê?

Otsukissamá: Ah, tem muitos que faltam respeito com o professor, e já eu não tenho essa coragem de faltar o respeito com o professor.

Mary: Não? E você Ohissamá?

Ohissamá: Eu também não.

Mary: E vocês acham que vocês aprenderam isso onde?

Otsukissamá: Ah, em casa não é?

Mary: É?

Otsukissamá: Em casa também, em casa chega visita assim e eu não falo essas coisas.

Mary: Respeito é uma coisa que acha que todo mundo ensinou?

Otsukissamá: É! Todo mundo ensina não é?

Mary: E dos pais, vocês sentem muita saudades, muita falta? Você sente?

Ohissamá: Eu sinto.

Mary: É? Que hora que da mais saudade assim dos pais?

Ohissamá: Ah, sei lá! Quase todo dia.

Mary: É?

Ohissamá: É.

Mary: E você, Otsukissamá?

Otsukissamá: Pra mim é diferente, pra mim nos três primeiro meses, mas depois acostuma.

Mary: Acostumou?

Otsukissamá: Acostuma!

Mary: E o que você faz quando está com saudade?

Ohissamá: Ah, procura alguma coisa pra fazer.

Mary: Pra não ficar pensando muito?

Ohissamá: É!

Mary: E a sua irmã foi pra lá por que?

Ohissamá: Ah, ela foi ganhar dinheiro pra fazer faculdade eu acho.

Mary: Ah! Pra ganhar dinheiro pra isso? E o seu irmão?

Otsukissamá: Meu irmão? Meu irmão, ele foi porque ele parou de estudar.

Mary: Ele não quis estudar?

Otsukissamá: Não!

Mary: Não? Aí ele foi lá trabalhar junto com o seu pai?

Otsukissamá: É, trabalhar com o meu pai.

Mary: Por falar em estudar, vocês pensam em estudar?

Otsukissamá: Ah, eu penso mais pra frente, mas eu não sei ainda o curso que vou fazer.

Mary: Não pensou ainda?

Otsukissamá: Não!

Mary: Mais você quer fazer faculdade, como é que é?

Otsukissamá: Fazer faculdade.

Mary: É? E você, já pensou nisso?

Ohissamá: No que eu vou fazer? Ainda não!

Mary: Mas você quer fazer faculdade?

Ohissamá: Hum, hum!

Mary: Quer? Se fosse pra vocês escolheem entre ficar no Brasil, estudar e trabalhar aqui, hoje, é claro, porque a gente não sabe mais pra frente, ou ir para o Japão trabalhar, o que vocês preferem hoje?

Ohissamá: Ficar no Brasil!

Mary: É? E você Otsukissamá?

Otsukissamá: Ah, se der pra arrumar um emprego bom que dê pra viver no Brasil sim, mas se levar a vida no aperto eu prefiro ir para o Japão.

Mary: Você prefere o quê? A primeira opção é aqui?

Otsukissamá: É!

Mary: Você gosta do Brasil?

Ohissamá: Gosto!

Mary: Por que você não queria ir para o Japão? O que você acha?

Ohissamá: Ir lá passear eu sempre queria, agora trabalhar não.

Mary: Não? Por quê? O que você acha do trabalho lá?

Ohissamá: Minha irmã fica falando que é ruim.

Mary: É? Sofre muito? O que é?

Ohissamá: Fala que fica trabalhando toda hora.

Mary: É que trabalha bastante não é? E você, Otsukissamá, você já tem uma idéia diferente?

Otsukissamá: Não, eu também, primeiro eu pensava aqui, porque aqui tem meus colegas e muitos lugares pra ir, já lá não. Lá eu não conheço ninguém, eu conheço poucas pessoas. Então acho que ficar trabalhando muito lá não deve ser bom não.

Mary: Não deve ser muito fácil!

Otsukissamá: É!

Mary: Mas se for pra você ganhar pouco aqui e ganhar á, você preferi ganhar muito lá, é isso?

Otsukissamá: É! Ganhar muito lá.

Mary: E vocês se sentem brasileiros ou japoneses?

Ohissamá: Eu acho os dois.

Mary: É? Misturado? E você, Otsukissamá?

Otsukissamá: Ah, eu pra falar a verdade acho que sou mais brasileiro.

Mary: Você é mais brasileiro?

Otsukissamá: É!

Mary: Mas você falou que é meio diferente deles em alguma coisas.

Otsukissamá: Não, é só comportamento.

Mary: Só comportamento?

Otsukissamá: É!

Mary: Mas você se sente brasileiro?

Otsukissamá: Brasileiro.

Mary: Você se sente meio misturado?

Ohissamá: É!

Mary: O que você sente misturado? O que você acha que é meio japonês em você?

Ohissamá: Ah, não sei assim dizer.

Mary: O que você acha brasileiro e o que você acha que é japonês?

Ohissamá: Ah, sei lá, não sei explicar.

Otsukissamá: Na escola que eles vêem muito a gente como japonês não é?

Ohissamá: É!

Mary: Por causa da cara?

Otsukissamá: É, por causa do rosto.

Mary: Mas você é mestiço não é?

Otsukissamá: É, eu sou mestiço, mas pensam que eu sou japonês.

Mary: Todo mundo chama de japonês?

Otsukissamá: É!

Mary: Mas assim, no comportamento vocês acham que são diferentes?

Otsukissamá: É!

Mary: Você também acha, Ohissamá, isso?

Ohissamá: É!

Mary: Isso vocês acham que é japonês ou brasileiro?

Otsukissamá: Ah, é mais japonês.

Mary: É? E você Ohissamá?

Ohissamá: Eu também.

Mary: Assim, você é mais quietinha... Você acha que isso é mais japonês?

Ohissamá: É!

Mary: E a educação que vocês receberam, é mais japonesa ou é mais brasileira?

Otsukissamá: Ah, mais japonês.

Mary: É?

Otsukissamá: É!

Mary: O que você acha que é mais japonês?

Otsukissamá: O fato de ditian e batian ser japonês, então eles sabem os costumes japonês essas coisas.

Mary: E vocês fazem as coisas nos costumes japoneses?

Otsukissamá: Ah, não faz muito não hein.

Mary: Não?

Otsukissamá: Faz pouco.

Mary: Mas o jeito, você acha que pegou o jeito do japonês?

Otsukissamá: É!

Mary: É? O que, por exemplo? Você ser mais quieto... Respeitar...

Otsukissamá: É, o respeito... Mais quieto... Não faz também muita bagunça... Essas coisas.

Mary: E você Ohissamá, você acha...

Ohissamá: Também!

Mary: Você acha que é mais brasileiro ou japonês a educação aqui?

Ohissamá: Mais japonês.

Mary: Mais japonesa?

Ohissamá: É!

Mary: Por que ditian e batian são bem japoneses, então eles acabam passando isso não é?

Otsukissamá: É, acabam passando isso!

Mary: E vocês acham que isso é bom?

Ohissamá: Acho que é!

Otsukissamá: Ah, bem melhor, não é ruim não!

Mary: Não? Por quê?

Otsukissamá: É bom!

Mary: O que você acha de vantagem nisso?

Otsukissamá: Ah, de vantagem assim é que tem muita gente que os pais não está nem aí, e por eles serem avós...

Mary: O que vocês acham dos avós de vocês? Eles estão cuidando de vocês, trabalhando aqui pra vocês, o que vocês sentem por eles por causa disso?

Otsukissamá: Ah, não sei, batian e ditian não tem igual.

Mary: E você, Ohissamá?

Ohissamá: Mesma coisa.

Mary: Vocês acham assim que eles são como pai e mãe ou não?

Otsukissamá: É como se fosse segundo pai e mãe.

Mary: Porque eles cuidam... Se preocupam...

Otsukissamá: Cuidam... Se preocupam... O que precisar pode pedir pra eles...

Mary: E na escola? Como é que vocês vão na escola?

Otsukissamá: Ah, eu até que vou bem, não vou mal não.

Mary: Não? Você é esforçado, estudioso, como é que é?

Otsukissamá: Ah, eu me esforço o máximo, mas sempre tem aquela matéria que você não vai bem.

Mary: O que não vai bem?

Otsukissamá: Ah, eu acho que eu vou pior em biologia.

Mary: É? Nos outros você vai melhor?

Otsukissamá: Nas outras eu vou bem.

Mary: E você sempre gosta de tirar notas boas ou não?

Otsukissamá: Ah, nota boa não é?

Mary: É? E você Ohissamá, como é que você vai na escola? Como é que vão as suas notas?

Ohissamá: Vão bem, eu não tive nenhum nota vermelha.

Mary: Não? E você estuda bastante ou não?

Ohissamá: Estudo.

Mary: E você gosta de tudo na escola?

Ohissamá: É, algumas matérias que eu não gosto.

Mary: Não? O que você não gosta muito?

Ohissamá: Não gosto de ciências.

Mary: Não gosta de ciências? Vocês são parecidos então, ela não gosta de biologia e você não gosta de ciências!

Otsukissamá: É!

Mary: E me fala uma coisa, como é que vocês conversam com os pais de vocês?

Otsukissamá: Eu converso com meu pai e com a minha mãe pelo telefone.

Mary: Por telefone?

Otsukissamá: Uma vez por semana praticamente.

Mary: Eles ligam?

Otsukissamá: Ligam todo fim de semana.

Mary: E dá pra conversar bem, como é que é?

Otsukissamá: Ah, conversa, pergunta se está tudo bem... O que aconteceu... Aí agente fala, se está precisando de alguma coisa...

Mary: E vocês pedem muita coisa?

Ohissamá: Eu não!

Otsukissamá: Ah, não!

Mary: Não?

Otsukissamá: Eu não! Pra falar a verdade eu acho que pedi pra minha mãe acho que uma ou duas vezes só, do resto foi tudo ela que mandou.

Mary: Ah, ele manda, não precisa nem pedir?

Otsukissamá: É, aí ela liga e por telefone ela fala: “olha, comprei isso e isso e vou mandar”.

Mary: Mas vocês não costumam fazer assim, pedir coisas, pra mandar coisas, essas coisas.

Ohissamá: Não!

Otsukissamá: Ah, eu não costumo pedir não.

Mary: Não? Por que não?

Otsukissamá: Ah, porque eu acho assim, eles foram pra lá não era pra ficar comprando, gastando o dinheiro pra gente aqui.

Mary: Então você também tenta economizar prá eles, vamos dizer assim!

Otsukissamá: É!

Mary: Não fica exigindo muito...

Otsukissamá: É, eu não exijo muito.

Mary: E você conversa como com os seus pais, Ohissamá?

Ohissamá: Por telefone também.

Mary: Por telefone também? Como é que é, eles ligam, como é que é?

Ohissamá: Eles que ligam pra mim.

Mary: E você conversa com eles?

Ohissamá: Converso!

Mary: Os seus pais também são assim de mandar as coisas?

Ohissamá: É!

Mary: Mandam?

Ohissamá: É!

Mary: Mas é bom ganhar também não é?

Otsukissamá: É!

Mary: Não é ruim!

Otsukissamá: Não é ruim! Só que eu não tenho coragem de chegar e falar pra ela, eu peço coisas pequenas, canetas... Essas coisas.

Mary: É porque lá tem um monte dessas coisas não é?

Otsukissamá: É, essas coisas.

Mary: Mas você não tem coragem de fica pedindo coisas muito caras, é isso?

Otsukissamá: É!

Mary: Vocês sabem por que os pais de vocês estão lá, trabalhando?

Otsukissamá: Eu sei.

Mary: Por que é?

Otsukissamá: Ah, o meu pai fez uma divida enorme.

Mary: Então ele foi prá ganhar dinheiro?

Otsukissamá: Ah, prá ganhar dinheiro e pagar a divida, e depois queria juntar um pouco ainda.

Mary: Então você acha que ele está indo para o bem da família, é isso?

Otsukissamá: É, pro bem!

Mary: E você está tentando colaborar também!

Otsukissamá: Ah, tem que colaborar não é?

Mary: E você, seu pai, você sabe por que eles estão lá?

Ohissamá: Pra juntar dinheiro também.

Mary: Pra juntar dinheiro também?

Ohissamá: É!

Mary: E vocês ficam preocupados com os seus pais lá? De como é que eles estão...

Ohissamá: É!

Otsukissamá: Ah, fica!

Mary: Fica? O que vocês pensam?

Otsukissamá: Ah, eu fico porque meu pai mesmo, ele sempre falava que não gostava de lá porque trabalhava muito, minha mãe também. Aí agente fica nessa “será que eles estão bem?” Porque lógico, se você vai pergunta pra eles vão falara que estão não é? Porque se não eles vão deixar agente preocupados. Aí isso que deixa também encabulado.

Mary: Você fica preocupado se eles estão cansados demais, se estão bem de saúde...

Otsukissamá: É, os dois!

Mary: Mas eles não reclamam?

Otsukissamá: Não, eles não reclamam!

Mary: E os seus pais, você fica preocupada também Ohissamá?

Ohissamá: Fico.

Mary: Fica? O que te mais preocupa?

Ohissamá: Ah, as mesmas coisas: saúde, trabalhar...

Mary: Eles também reclamam de alguma coisa ou não?

Ohissamá: Não!

Mary: Não? Está tudo bem sempre! Eles falam?

Ohissamá: É!

Mary: É? E vocês tem idéia se eles vão ficar muito tempo ainda, ou se não vão ficar?

Otsukissamá: Ah, eu acredito que o meu pai não vai ficar muito tempo assim agora não! Ele vai querer vir pra cá.

Mary: Ah é? Por que você acha isso?

Otsukissamá: Porque a primeira vez que eles foram, o plano deles era ficar um ano, aí acabou passando do tempo, e meu irmão também está querendo voltar pra tirar a carta.

Mary: Ele tem 18 anos, o seu irmão?

Otsukissamá: Tem, acho que ele já ia fazer 19.

Mary: E você acha que eles voltam mais ou menos quando? Assim, sua idéia! Eles não falaram nada?

Otsukissamá: Ah, eles não fala, mais acho que vem lá pelo final do ano, mais pra frente porque eles sempre falam: “nós vamos voltar no final deste ano” , aí de repente não, prolonga mais o prazo.

Mary: Mas eles têm vontade de voltar logo?

Otsukissamá: Ah, voltá logo eles tem, só que eles mesmo pensam: “ se agente voltar agora pra ficar dois três meses parados vai que voltar de novo pra lá, é melhor ficar aqui direto...”

Mary: Guardar dinheiro.

Otsukissamá: Guardar dinheiro...

Mary: E os seus pais Ohissamá, você sabe quando eles voltam? Se eles têm previsão de volta ou não?

Ohissamá: Ah, acho que não, eles foram depois...

Mary: Eles foram depois não é? É isso?

Otsukissamá: É!

Mary: Os dela foram depois?

Otsukissamá: Foi depois, acho que faz...

Mary: Faz menos tempo não é? O seu...

Otsukissamá: Faz uns sete meses, seis...

Ohissamá: Aí vão ficar uns dois anos mais ou menos.

Mary: Uns dois anos mais ou menos?

Ohissamá: É!

Mary: E vocês acham importante isso dos seus pais estarem lá no Japão? Trabalhando pra ganhar dinheiro...

Otsukissamá: Ah, eu acho, porque ele estava aqui ele viu que não dava futuro aí ele pensou em um futuro melhor pra família indo pra lá.

Mary: E você também acha que é importante, Ohissamá?

Ohissamá: É!

Mary: É? O que você acha que é bom eles estarem lá?

Ohissamá: Ah, a mesma coisa que meu primo falou.

Mary: Mesmo sentindo saudades você acha que é melhor ele lá pra ganhar dinheiro, como é que é?

Ohissamá: É, eu acho.

Mary: É? Você acha que é melhor?

Ohissamá: É!

Mary: E eles estão indo lá vocês sabem que é por causa da família?

Otsukissamá: É!

Mary: É? Você também?

Ohissamá: É!

Mary: E vocês respeitam essa decisão?

Otsukissamá: Ah, respeita!

Mary: Acha que é importante?

Otsukissamá: Acho importante não é? Não pode falar nada, porque é o melhor não é?

Mary: E também vocês não ficaram sozinhos aqui não é? Aqui tem batian e ditian também!

Otsukissamá: É, batian e ditian tá aqui!

Mary: Se não tivesse a coisa ia complicar não é?

Otsukissamá: Aí ia ficar mais complicado.

Mary: Não é batian? E na verdade assim, vocês se sentem seguros porque eles estão aqui?

O ditian e batian!

Otsukissamá: Ah, sempre senti seguros de eles está aqui, porque eles são muito bons.

Mary: É?

Otsukissamá: Com a gente.

Mary: Eles fazem as vontades de vocês?

Otsukissamá: Hum,hum! Batiam mesmo, eu nunca vi brava! É sempre isso ai, a mesma pessoa com todo mundo!

Mary: Com ninguém ela fica brava?

Otsukissamá: Com ninguém!

Mary: É? E olha que vocês estão em quantos agora? Quatro?

Otsukissamá: Quatro! Nem quando agente tava em oito.

Mary: Oito, ela falou!

Otsukissamá: Tava em oito e ela não ficava brava também.

Mary: Mas é porque vocês também obedeciam então?

Otsukissamá: É, obedecia!

Mary: A educação que o pai e a mãe de vocês davam pra vocês é mais ou menos igual a que a batian e o ditian dão?

Otsukissamá: É!

Mary: Mais ou menos igual ou não?

Otsukissamá: Mais ou menos igual! O meu pai é um pouco mais rígido.

Mary: É mais bravo?

Otsukissamá: É um pouco mais rígido.

Mary: A batian e o ditian são mais bonzinhos? Vamos dizer assim.

Otsukissamá: É mais bonzinhos.

Mary: É? Mas mesmo assim vocês obedecem?

Otsukissamá: É! O meu pai não é que ele é tão bravo, é que só não pode fazer coisa errada, ele fica bravo.

Mary: Mais então, ele está certo?

Otsukissamá: Ele está certo!

Mary: Mas a batian falou que vocês não dão muito trabalho também.

Otsukissamá: Ah, a gente procura não dar.

Mary: Por que Otsukissamá?

Otsukissamá: Ah, porque se eu começar a dar trabalho não vai ter uma vantagem pra mim e não vai ter vantagem pra eles também.

Mary: E você é boazinha também, Ohissamá? Como é que é?

Ohissamá: Eu sou!

Mary: É? Você obedece também?

Ohissamá: Obedeço!

Mary: E os seus pais, eram diferentes da batian e do ditian ou eram mais ou menos iguais?

L; Ah, mais igual assim,

Mary: É?

Ohissamá: Tudo a mesma coisa!

Mary: O seu pai era mais rígido ou não?

Ohissamá: Ah, era um pouco.

Mary: Então a batian é sempre assim boazinha?

Otsukissamá: Batiam é!

Mary: É? E o ditian?

Otsukissamá: O ditian também.

Mary: Sorte de vocês não é?

Otsukissamá: É! Ele não é muito muito bravo.

Mary: Não? Vocês foram viajar agora no feriado?

Otsukissamá: Foi!

Mary: Vocês foram pescar?

Otsukissamá: É.

Mary: vocês gostam de ir para lá?

Otsukissamá: Ah, eu gosto.

Ohissamá: Ah, eu também, mas não tem muito o que fazer.

Mary: Não tem muito o que fazer? A cidade é pequenininha?

Ohissamá: É!

Mary: E aqui em Tupã tem?

Ohissamá: É, aqui sempre tem coisa pra fazer.

Mary: E o sítio? Vocês sempre moraram aqui no sítio?

Otsukissamá: Sempre.

Mary: Você também?

Ohissamá: Sempre.

Mary: Vocês gostam daqui?

Otsukissamá: Ah, eu gosto, é mais tranqüilo.

Ohissamá: É!

Mary: Prá ir pra escola que é um pouquinho longe não é?

Otsukissamá:É.

Mary: Mas estão acostumados já?

Otsukissamá: Já ta acostumado já.

Mary: E me fala uma coisa, se o pai de vocês chamarem vocês pra ir lá pro Japão igual e estão os irmãos de vocês, vocês iriam?

Otsukissamá: Ah, eu acho que eu não!

Mary: Você prefere ficar aqui?

Otsukissamá: Prefiro ficar aqui por enquanto.

Ohissamá: Eu também, pelo menos até fazer o terceiro.

Mary: Então vocês querem pelo menos formar o terceiro?

Otsukissamá: Pelo menos formar o terceiro.

Mary: Aí depois tem que pensar não é?

Otsukissamá: É, ano que vem!

Mary: E vocês sentem que a família continua unida ainda?

Otsukissamá: Ah, continua! A família nunca desuniu!

Mary: Não?

Otsukissamá: Não!

Mary: Mesmo esse tempo que os pais ficaram lá, quando voltam...

Otsukissamá: É tudo unida.

Mary: A sua também?

Ohissamá: É!

Mary: Vocês moram tudo aqui perto não é?

Otsukissamá: é!

Mary: Vocês acham que o pai de vocês sente muitas saudades daqui?

Otsukissamá: Ah, sente viu!

Ohissamá: Ah, eu também acho!

Mary: É?

Otsukissamá: Meu pai sente muita falta.

Mary: É? Por que você acha?

Otsukissamá: Ah, eu acho que ele sente muita, ele gostava de pescar também.

Mary: Ah, sim. Tem coisa que ela não vai poder fazer lá!

Otsukissamá: É, lá também. Só que ele vai pescar e é cada lugarzinho, não é igual aqui.

Mary: E você gosta de pescar também igual o ditian?

Otsukissamá: Ah, eu gosto!

Mary: É?

Otsukissamá: Desde pequeno!

Mary: Você não pesca Ohissamá?

Ohissamá: Só de vez enquado!

Mary: É? Também não é muito boa? É?

Ohissamá: Tem vez que eu vou la e não pego nada.

Mary: E você é bom pescador ou não?

Otsukissamá: Ah, mais ou menos. Da para “quebrar um galho”.

Mary: Dá pra quebrar um galho? E os irmãos mais novos? Vocês tem um irmão de cada, é isso?

Otsukissamá:É!

Mary: Um irmão seu e um irmão dela!

Otsukissamá: É!

Mary: Vocês ajudam a cuidar dos irmãozinhos ou não?

Otsukissamá: Ah, acho que nem precisa, porque eles não dão trabalho. Mas é lógico que quando eles fazem alguma coisa errada agente fala: “não pode fazer isso!”.

Mary: Todos eles respeitam a batian e o ditian também?

Otsukissamá: Respeitam!

Mary: E o seu? O seu irmãozinho também?

Ohissamá: É!

Mary: Vocês não fazem bagunça por ai no sítio, essas coisas? Vocês ficam sempre dentro de casa?

Otsukissamá: Ah, quando eu era pequeno eu fazia muito isso aí.

Mary: É?

Otsukissamá: Eu não parava quieto dentro de casa.

Mary: É? E agora?

Otsukissamá: Agora não, agora é mais sossegado, fica dentro de casa...

Mary: E você Ohissamá?

Ohissamá: Eu também, mesma coisa.

Mary: Fica dentro de casa?

Ohissamá: É!

Mary: E vocês ajudam (os avós) também ou não?

Otsukissamá: Ah, eu ajudo, o que batian pedi prá eu fazer eu faço.

Mary: Ah é? E você Ohissamá?

Ohissamá: Também!

Mary: Você é a única menina!

Ohissamá: É!

Mary: Eles dão muito trabalho pra você?

Ohissamá: Não!

Mary: Não? São bonzinhos?

Ohissamá: É!

Mary: E a comida da batian é melhor que a comida da mãe?

Otsukissamá: Ah, é igual.

Mary: É?

Otsukissamá: É igual!

Mary: Você já tá acostumado com a comida da batian?

Otsukissamá: Pra falar a verdade eu não sou muito chegado.

Mary: Ah não?

Otsukissamá: É! Batian faz mais comida japonesa.

Mary: E vocês, gosta mais de que tipo de comida?

Ohissamá: Eu gosto de brasileira também

Mary: Também? E vocês?

Ohissamá: Tem coisa japonês que eu não gosto.

Mary: E aí vocês vão para escola, fora escola o que vocês fazem?

Otsukissamá: Eu faço curso de japonês.

Mary: Ah! Você tá fazendo japonês?

Otsukissamá: Tá!

Mary: E tá aprendendo?

Otsukissamá: Aprende um pouco.

Mary: É difícil ou não?

Otsukissamá: Ah, é difícil!

Mary: É difícil não é?

Otsukissamá: É, tem que decora lá o alfabeto essas coisas...

Mary: O que mais? E vocês o que fazem fora a escola? Tem mais alguma atividade ou não?

Ohissamá: Ah, eu não.

Mary: E você gosta de fazer japonês?

Otsukissamá: Ah eu gosto!

Mary: Você que escolheu?

Otsukissamá: Eu que escolhi.